FURIA DE LOS LEONES MC 4

TACTO



ELISA D' SILVESTRE


Pegasus Lançamentos
Tacto
Furia de los Leones MC #4
Elisa D' Silvestre

Equipe

Tradutoras: Team PL

Revisão Inicial: Ana Lari, Leninha, Gi Vagliengo

Revisão Final: Mari

Leitura Final: Daninha DR Lima, Yaya Bretas

Verificação Final: Shya

Formatação: Shya

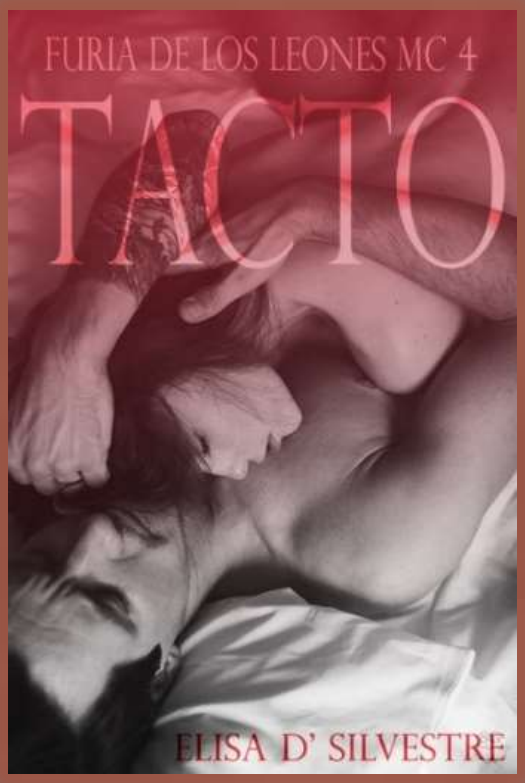


Furia de los Leones MC

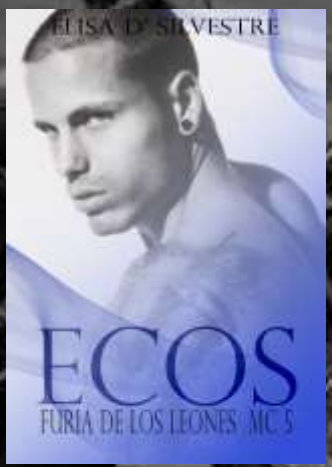








Brevemente





Todos somos perseguidos pelo passado, funciona como uma sombra. Para todo lado que vá, lá está ele. É o que nos torna o que somos, que orienta o caminho a seguir e ensina a não cometer os mesmos erros novamente. Meu passado é minha marca registrada, não importa se, cada vez que lembro, causa-me sofrimento e um forte sentimento de humilhação. Tive que passar por tudo isso, para tornar quem sou.

O cachorro.

Posso ser *Alex Castillo* para alguns, embora prefira ter um apelido, pois sinto que estou longe do que fui. Estou envergonhado, embora saiba que não deveria. Entendo que tenho que me sentir orgulhoso, mas minha alma contaminada não é favorável a isso. Queria permanecer puro, não gosto de mostrar minhas cicatrizes. No entanto, há algo que ela tem que processar com o tempo: quando você nasce desse lado desprivilegiado da vida, as cicatrizes são necessárias para sobreviver. Se não fizer o trabalho sujo, morre. E fiz isso não só por mim, mas também por aqueles que amei. Então, tenho que superar.

Tenho que fazer isso a todo custo, porque quero essa garota doce para mim, quero tanto que me consome. E vou tê-la. Custe o que custar. Porque parece ser uma das poucas coisas que faz bem para minha vida, além dos meus irmãos. Ela cura minhas feridas, quando fala comigo, suaviza minhas duras cicatrizes, quando me toca.

E não estou disposto a deixá-la ir.

A tradução em tela foi efetivada pelo grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar o leitor o acesso à obra, incentivando-o a aquisição integral da obra literária física ou em formato E-book.

O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes de qualquer forma de obtenção de lucro, direta ou indiretamente.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for vinculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que devera abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, e bem como abster-se de tornar publico ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderam individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria e coparticipação em eventual delito cometido por aquele, que por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro, direto ou indiretamente, responderão nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!
Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca
do PL ou envie por e-mail a quem pedir.
Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL! Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita? Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!
Ajude a preservar o seu grupo de romance!
A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados
e distribuídos gratuitamente!
Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo
a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.
Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!
Seja esperta (o).

Prólogo

Alex irrompe, furioso, na casinha construída com chapas de seus vizinhos, derrubando a precária porta com uma patada e levantando pó do chão, pela intensidade. Pancho se levantou do sujo colchão onde estava deitado, com um cigarro de maconha ainda sem acender, pendurado nos lábios. Seus olhos vermelhos olham-no com desconfiança.

— Onde está esse filho de puta? — Cuspiu frenético.

Pancho entrecerrou o olhar, cauteloso, ante a vara de ferro que pendurava do punho do menino.

— Não sei velho, saiu faz umas horas — respondeu.

O cigarro de maconha escapou de sua boca, quando foi para trás, esquivando-se da primeira sacudida do menino em sua direção. O extremo do ferro quase lhe dá no rosto. Alex o perseguiu ao longo do diminuto espaço, tratando de lhe pegar.

— Disse-lhes que se mantivessem longe de minha irmã! – Uivou, sua garganta sangrando. — Adverti-lhes que se a tocassem iria matá-los!

— Para homem, para — tentou acalmá-lo.

Alex o encurralou contra uma parede, respirando com dificuldade. Seus olhos cintilaram, perigosos, ansiosos de sangue. Pancho estremeceu, lançou um olhar para sua navalha, repreendendo-se por abandoná-la sobre a mesa, antes de recostar um momento. Não tinha com o que defender-se, o menino ia matá-lo.

— Sabe, quando faço uma promessa, cumpro — cuspiu Castillo, apertando os dentes.

Pancho se encolhe, o ar abandonando seus pulmões, em pânico. Alex é alguns anos mais novo, um adolescente ainda, mas é grande e está muito zangado. Ninguém joga com um Castillo, jamais.

— Qual de vocês foi? — pergunta com seu tom letal.

O tipo nega, freneticamente.

— Eu não, juro. Não tenho nada que ver com isto — assegura, suando.

Alex pisca uma vez, levanta o braço e lhe atira um certeiro golpe nas costelas com a grossa e pesada

vara. Pancho cai de joelhos a seus pés, ofegando com dor, dobrando-se sobre si mesmo.

— Resposta errada — pigarreou Castillo.

O próximo ataque é na lateral de sua cabeça e o deixa derrubado por completo, gemendo no chão poeirento, quase inconsciente. Alex caminha daqui para lá, convertido em uma poderosa massa de força e fúria. Faz dançar o ferro, passando-o de mão em mão, olhando como o pestilento tipo se retorce a seus pés. Chuta-o no estômago repetidas vezes.

— Se me matar, terá que se ver com o resto, eles não perdoarão — disse quieto no chão.

A cara de Alex é de granito, tensa e fria. Tudo indica que nada bom está por vir, de sua parte. Não teme, está cansado deles, já não é um menino atemorizado por esse bando de delinquentes drogados. Estes filhos da puta se meteram com sua família. Com a única que restava.

— Não me importa nem um pouco — sorriu e seus olhos brilham ainda mais.

Pisa-lhe na cabeça com uma bota, esmagando-a na terra e lança longe a vara de ferro, para fazer com a navalha que encontrou antes sobre a mesa desmantelada e torcida. Inclina-se e a insere da ponta ao cabo no seu pescoço, depois senta-se e observa como o tipo tenta tirá-la, enquanto se afoga com seu

próprio sangue. Não demora mais de cinco minutos para morrer. Assim, permanece esperando, consegue o cigarro de maconha que sua vítima deixou cair, quando chegou e o acende, paciente. Sem medo dos contratempos. Está acabando, quando escuta passos se aproximando, pega a vara novamente e tira a navalha do pescoço do morto. Fica alerta. Acomoda-se a um lado da abertura sem porta e se prepara para atacar.

Quem entra é Rulo, o irmão mais velho de Pancho, que se escandaliza, ao ver o morto rodeado de um atoleiro de sangue e vira, para correr e pedir ajuda, agarrando a cabeça. Não avança mais de um passo, porque se encontra com o assassino cobrindo a saída.

— Que merda, Castillo? — Fica sem ar, dando um passo atrás. – Você matou meu irmão?

— Qual de vocês foi? — Repete a pergunta que fez a Pancho.

Rulo abre os olhos, ante o sangue que goteja das mãos de Alex, quer falar, mas lhe trava a língua. Nunca acreditou que o menino fosse capaz de algo assim, via-se tranquilo e inofensivo, sempre que se cruzavam.

— Ela esteve de acordo — se defende. — Aceitou unir-se à festa, nós não a obrigamos.

Alex avança e o atira ao chão com uma varada de ferro, tão rápido que não lhe dá tempo nem de defender-se. Estava sobre ele, escarranchado, em um piscar de olhos. Mantém o pescoço imóvel, cruzando a grossa vara contra ele, Rulo começa a engasgar, sem poder respirar, seus olhos saltando das órbitas.

— Explique como uma criança de quatorze anos aceita unir-se a uma festa com três degenerados, filhos da puta — sua saliva respinga na cara vermelha do homem. — Explique as picadas e contusões, nas veias de seu braço. Explique como é que mal conseguiu caminhar.

Rulo tosse e tenta tirá-lo de cima.

— Explique-me isso! — Grita o menino, apertando mais seu pescoço, fechando-lhe mais a respiração. — Não, melhor não me explicar nada. — Coloca mais pressão, já sabe o que tem que saber. Então o atinge.

Rulo esperneia e briga para se libertar, mas a ira faz com que Alex seja mais forte do que nunca. Deixou de ser aquele pobre e desajeitado menino e se converteu em um grande e imparável guerreiro, cheio de sede de vingança. Faz tempo que cresceu e já é mais próximo a um homem adulto. Segura o tipo, até que quase perca o conhecimento, então, de novo obtém a navalha e a clava, sem olhar muito no ponto onde o coração pulsa. Pulsava. Porque acaba de atravessá-lo na metade. E já

acabou com dois dos Ferro, agora só ficou um.

Confia em que aparecerá logo, entretanto, espera por mais de uma hora, sem resultados. Então decide voltar para sua casinha, à procura de Cami, os dois já não viverão na vila, conseguirá um novo lugar um pouco mais seguro. Começarão do zero, cuidará dela melhor e lhe dará uma boa vida. Retornará à escola, acabará o secundário, como deve ser. Irá à universidade. Tudo será melhor, com este novo trabalho e conseguirá dar a ela mais oportunidades. Não importa quanto lhe desagrade.

Uma mensagem de texto interrompe seus revoltosos pensamentos, abre-o. enquanto caminha para casa.

"Não esqueça que seu próximo encontro é às 23:45hs"

Como se ele fosse esquecido e irresponsável. Bufa e guarda o celular no bolso, sem enviar resposta. Miranda sabe que com ele está segura. Não precisa lhe mandar avisos, está, realmente, dentro desta merda e não vai sair. E se fosse fazer isso, avisá-la-ia de antemão. Entra em sua casinha e encontra Camila sentada no meio da cama, os joelhos abraçados em seu peito e seus olhos, tão parecidos com os dele, vermelhos e inchados de tanto chorar. Alex respira fundo e tenta manter as emoções sob controle.

— Guardou suas coisas, Cami? — Pergunta.

Sua irmã assente, sem olhá-lo no rosto. Senta-se e tira o cabelo loiro escuro da cara suja e chorosa. Limpa a umidade das bochechas.

— Vamos, nunca mais voltaremos a pisar neste lugar. — Promete.

Ela olha para suas mãos, vendo o sangue seco em seus dedos e unhas.

— O que fez? — Pergunta, respirando com dificuldade. — Matou-os?

Alex desvia o olhar e se encolhe um pouco. Não que sinta culpa pelo que fez, é mais. Quando cruzar com o último Ferro que sobrou, ele se encarregará de dar-lhe o mesmo que os outros. Ou pior, porque sabe bem que é o mais cruel dos três, não tem dúvidas de que a ideia de levar sua irmã foi dele. Entretanto, não desejava que a irmã estivesse consciente de tudo disso, embora agora fosse muito tarde. Esquecera-se de lavar as mãos, antes de aparecer.

— Podemos ir? — Pergunta, evitando uma resposta.

Cami assente e se levanta, para pegar as mochilas, com os poucos pertences que tem. Alex faz o mesmo e partem, cruzando o escuro prédio com precaução, pois a noite caiu e nessa zona específica é melhor ter sempre olhos extras na nuca. Encontram a motocicleta que ele escondeu longe da vila e deixam

tudo para trás, sem um segundo olhar. Aquele lugar sempre foi uma maldição para a família. É hora de um novo começo.

Levanta seus olhos para o céu e pede, em silêncio, que Camila encontre a felicidade, ao vir com ele. Roga para que o coração de sua irmã sare de uma vez por todas, nada lhe faria mais feliz que vê-la sorrir de novo.

Capítulo 1

Ema

Antes que a empregada entrasse para me despertar, sinto Greta caminhar por minhas pernas, até se recostar, preguiçosa, em minhas costas, ronronando. Sorrio, com as pálpebras ainda fechadas, amo quando faz isso. A sensação de seu corpo pomposo contra mim relaxa-me, não há nada melhor do que despertar assim.

A porta abre-se de repente e ouço o som de aplausos e meu bom humor se esfumaça, rapidamente.

— Levanta, levanta senhorita! — cantarola Aída, a empregada, com sua voz estridente. — A senhora a quer pronta, para quando vier a costureira e a estilista.

Suspiro, enterrando a cara no travesseiro macio, engulo um bufo, porque alguém que merece escutá-lo, mais que





Aída, é minha mãe. Sinto o peso dela caindo junto a mim, na borda da cama larga, ricocheteia e me despenteia mais o cabelo.

— Feliz aniversário, Ema. — Sussurra, ouvindo-se uma risadinha adornando suas palavras. — Já é uma mulher feita e adulta.

Engulo, minhas mãos formam punhos sob o travesseiro. Não me sinto como uma mulher feita e adulta, embora tenha atingido a maioridade há dois anos. Para nada. Supõe-se que, aos vinte e três, já devo sê-lo e senti-lo, em todos os sentidos, mas me encontro longe disso. Aída percebe minha aversão e me esfrega as costas, incomodando Greta, que salta longe dela, mal-humorada, sentindo-se isolada.

— Vamos, melhora essa atitude. — Insiste, pondo voz doce. — Hoje vai ser um grande dia.

Não, hoje vai ser o pior dia de minha vida. Sinto-me assim, cada vez que faço aniversário e não é pelo fato de envelhecer, não temo isso, mas sim o fato de que os anos passam sem que eu viva, encerrada neste cárcere. Acima de tudo odeio as festas que meus pais teimam em organizar, porque não me agrada a atenção. Não suporto que a casa fique cheia de gente que apenas conheço e me tratem como se me vissem nascer. Não gosto de advertir a





condescendência com que me tratam, sabendo que em seus cérebros se escondem a lástima e a compaixão.

— Não vai ser um grande dia, Aída. — Digo, suspiro e me levanto da cama com cuidado. — Sabe bem. — Não quero, mas não posso fazer menos que matar seu positivismo.

Ouço-a estalar claramente a língua, enquanto se põem em marcha e retira os lençóis da cama, para lavar. Não presto mais atenção, enquanto procuro, minuciosamente, algo para vestir. Escolho o mais singelo e desanimado que encontro, sem frescuras, brilhos ou encaixe. Não me importa mamãe se zangar. Minha veia rebelde está despertando cada vez com mais força, sempre esteve ali, só que fiz meu melhor para mantê-la aplacada. Já não posso fazê-lo mais, estou me sentindo doente. Claustrofóbica.

Aída vem até minhas costas e apoia as mãos em meus ombros cansados, esfrega-me e sinto que respiro de novo. Ela não merece esta classe de indelicadezas de minha parte, faz o melhor que pode, é minha melhor amiga. A única que tive em muito tempo, não sei o que seria de mim sem ela.

— Há algo que possa fazer? — Sussurra.

Tomo uma baforada de ar, resignada.

— Só se estiver disposta a levar-me agora mesmo em seu automóvel e me tirar desta casa. — Respondo, embora já





saiba a resposta.

Percebo o movimento negativo com o qual meneia a cabeça.

— Sinto muito. — Aperta seu agarre, seu tom entristecido. — Necessito deste trabalho, se fizesse algo como isso, eu o perderia.

Assinto, entendendo perfeitamente. Sorrio, ao mesmo tempo em que engulo uma intensa onda de pranto. Não choro, na realidade, apenas recordo a última vez que o fiz, simplesmente sou dessas pessoas que guardam tudo. E não é que seja algo bom, porque chega um momento que o baú interior se enche e explode e, simplesmente, sinto como se fosse explodir em mil pedaços.

Saltos soam cada vez mais, à medida que os passos se aproximam pelo corredor. Em questão de segundos chegam à minha porta, irrompendo no quarto, o perfume da elegância e sofisticação afogando o ambiente. Aída se desprende de mim, imediatamente, seguindo seu trabalho, ignorando mamãe. Não me viro, só permaneço contra a janela, deixando que os raios do sol me aqueçam o rosto.

— Emaline. — A voz de minha mãe ressoa, dando um garboso acento francês ao meu nome. É a única que o faz, outros só o pronunciam tal como se escreve, simplesmente.





— Vamos descer para tomar o café da manhã, a massagista será a primeira a chegar, e temos que estar prontas para ela.

Não replico, viro e deixo que se aproxime mais e me toque a bochecha. Seu dedo polegar acaricia e fecho os olhos, sentindo-a. Poucas vezes faz este tipo de coisas e. apesar de que sua presença incomoda a maior parte do tempo, sinto-me bem ao receber este pequeno contato.

— Feliz aniversário, meu amor. — Penteia meu cabelo para trás. — Por favor, escove esses cachos, não lhe ficam bem, assim armados. — O encantamento de seu pequeno brilho de doçura vai tão rápido como chegou e dou um passo atrás. — E esse vestido, tão feio, fica imenso... Não importa. — Suspira. — Não há tempo, vamos.

Pega meu cotovelo e me dirige fora do quarto, descendo as escadas até a cozinha. O aroma do café me impregna e me faz ter água na boca, ansiosa por uma xícara, com um pouco de leite e um croissant. Sentamos à mesa e comemos em silêncio. Entre isso, escuto papai sair do escritório, junto à sala. Como sempre, preso ao seu celular e maquinando sobre negócios. Acredito que outra das maldições desta família são essas empresas que nos dão tantos milhões. O dinheiro não nos deixa viver.

Aída entra, cantarolando e rompendo a tensão. Sorrio, escondida entre meu cabelo armado, ela é a frescor da





casa. Deve ser por sua juventude, não nos temos muitos anos de diferença. Se não estou errada, tem perto de vinte e oito. Foi contratada faz cinco anos como minha dama de companhia, além disso, ajuda a manter minhas coisas limpas e ordenadas. Em outras palavras, é metade empregada, metade "babá". Bufo. Para mim, é minha amiga, nada mais. Se não a tivesse perto todos os dias, já estaria louca como um chapeleiro .

— Imagino que virá esta tarde, não? — Falo, dirigindo-me a ela. — É minha convidada de honra.

O silêncio se instala, ignoro mamãe, em frente a mim, que deixou de comer. Aída duvida e se afasta.

— Emaline. — Chama minha mãe. — Ela é uma empregada, do que está falando?

Anastásia Fontaine é a classe de mulher, que se escandaliza com a ideia de compartilhar uma festa com qualquer de seus empregados. A não ser que a estejam servindo, que é para isso que são qualificados, segundo ela. Mamãe não é má, muitas vezes sinto-me culpada por perder a paciência com ela. Só está amarrada aos códigos esnobes, com os quais foi educada pela maldita alta sociedade e toda essa merda, que não serve para nada. Não sei como nós, uma família que nasceu na França, acabamos no fim do mundo. Este ponto tão abaixo no mapa, dentro de um país ao que meus pais, depois de quinze





anos, não se acostumaram, por causa de seus modos tão especiais.

— Aída é minha amiga, mãe. — Falo. — Minha única amiga, se por acaso não notou. — Mexo meu café com a colher, perdendo as maneiras e tilintando com fúria.

Anastásia fica calada e isso me move. Sem perder tempo, dirijo-me a Aída.

— Insisto em que venha à festa.

— Está bem. — Diz ela, cautelosa, provavelmente esperando que minha mãe a jogue a patadas, por aceitar. — Irei um pouquinho, para te cumprimentar.

Salto em minha cadeira, como se fosse uma menina de cinco anos, meu entusiasmo tão evidente, que Aída ri baixinho, antes de ir para cozinha, continuar com seu trabalho. Agradeço que mamãe não se colocou no meio, para me negar este capricho, o único na vida. Acredito que se deu conta que estou verdadeiramente só, nesta casa.

— E, então, Consuelo e David, quem são eles? — Pergunta em voz baixa.

Parece que ficou pensando seriamente em minhas palavras anteriores, é estranho considerar algo por muito tempo. "A Consuelo e ao David pode lhes cair o teto de suas casas em cima, que nem sequer me alteraria", queria





lhe responder. Mas me contenho. Não me caem bem, em especial David, é arrogante e frio. Não poderia ser menos, óbvio, é o protegido de meu papai e herdará seus negócios, no dia que se afastar. E tem que ser uma réplica de Fabrice Fontaine. Claro, porque sua única filha não poderia fazer nada com as empresas, já que apenas pode consigo mesma. Na verdade, não me interessa nem suas produções, nem o dinheiro. Podem coloca-los onde melhor entender. Por outro lado, Consuelo é só a filha de uns amigos próximos da família, conhecidos, desde que mudamos para Argentina. A garota e eu nunca combinamos muito bem. É a típica garota rica: moda, luxos e férias no Caribe, etc... Etc. Etc. Aborrecido. É só no que pensa. Não é má garota, não me interpretem mal, mas prefiro manter-me longe de certos clichês, que me vejo obrigada a consumir dia a dia. Perto, mas nunca dentro. Esse é meu lema, faz-me sentir melhor saber que não sou como eles. Permito-me acreditar que há algo mais lá fora, que me espera e fica melhor comigo. E que não estou atada a esta classe de vida até a morte.

Preciso viver.

Só espero não ser muito iludida.

— Eles não são meus amigos, nunca nos simpatizamos. — Digo a mamãe, sendo sincera.

Não responde nada e me parece perfeito, só seguimos tomando o café da manhã, ambas nadando na





abundância da calma. Até que fica de pé e me obriga a quase correr em nossos roupões, para recebermos a massagista, que deve chegar em breve. Tento não demonstrar meu aborrecimento, o mau humor aumentando dentro do peito, como uma bola fétida rugindo, com necessidade de sair e poluir ao meu redor. Escondo-me, sei fazê-lo bem. Sobretudo porque este dia logo começa e fica pior a cada segundo que passa, não vale a pena deixar-se levar pelas moléstias. Só aguento, sabendo que, se for paciente e boa, a noite chegará e meu primeiro dia com vinte e três anos irá embora o mais rápido possível.

— Cubra bem, Mari, que não fique nenhum buraco ou sarda à vista. — ordena Anastásia à maquiadora.

Fico tensa e franzo o sobrecenho.

— Por que tem que tampar minhas sardas? — Salto, sentindo um calor abrasador subir por meu pescoço, zangada. — Não quero nada de maquiagem pesada, Mari.

Mamãe vai e vem por meu quarto, escuto-a ruminar baixinho.

— Está na moda. — Esclarece insistente.

Enrugo os lábios, cruzando os braços, chateada. Já lhes permiti prender meu cabelo em um ridículo coque, tão apertado, que parece que meu couro cabeludo vai rasgar





e coloquei o vestido rosa de renda, que a costureira de mamãe confeccionou para a ocasião. Já estou farta, aguentei a última cota de pretensões, por hoje.

— Se deixar minha cara como uma boneca de porcelana, lisa e pálida, correrei para o lavabo e tirarei tudo. — Ameaço dura.

Mamãe não diz nada e a maquiadora segue. Fecho os olhos e a percebo me retocar o justo e necessário. Isso me apazigua. Depois, a profissional se despede e uma das empregadas a acompanha até a saída. Mamãe aproxima e alisa meu vestido, entretida. Ela sempre procura a perfeição. Quer que eu seja uma cópia dela, não lhe entra na cabeça que não sou como ela e nunca serei. Não levanto todos os dias tratando de mudar minha imagem, escondendo minhas sardas e alisando meu cabelo vermelho encaracolado. Sei que também não sou capaz, mas, se pudesse, sei que não o faria. Não gosto de saltos e muito menos de rendas, o tecido pica em minha pele e me sinto incômoda. Preciso sentir-me livre, que meu cabelo voe ao redor e roce meu rosto sem máscaras, não quero ser uma prisioneira das aparências, como ela é. Anastásia, a perfeita mulher de Fabrice Fontaine. Anastásia, tão única e elegante, tão graciosa e pálida. Tão belamente falsa.

Obriga-me a ficar de pé e me rodeia, colocando-se nas minhas costas. Imediatamente sinto o peso de





um colar caro, em meu pescoço. Levanto a mão para tocá-lo, as pontas de meus dedos pressionam as grossas pérolas. Pérolas, claro, obrigatórias. O colar pesa, como se me asfixiasse, mas não faço nenhum movimento para tirar, já cansei de discutir.

— Por que você se empenha em ser do contra? — Murmura ela, sorvendo pelo nariz.

Já sei que vem um pouco de pranto, pretendendo provocar um pouco de culpa em mim, para me enfraquecer e moldar a seus desejos. Engulo, jogando com as pérolas, esquentando-as em minha palma. Mamãe põe suas mãos trementes em meus ombros e choraminga baixinho.

— Não me empenho em fazer o oposto. — Murmuro, sentindo a pressão em meu peito. — Só quero ser quem sou, não gosto que tente me mudar todo o tempo.

Rodeia-me e se posta frente a mim, envolve-me em um abraço incômodo e tenso, nada natural, esforçando-se em ser carinhosa.

— Preciso que nos conectemos querida. — Soluça.

— Podemos nos conectar sem que me controle. — Sigo, respirando com dificuldade.





— Necessita que te dirija, necessita-me. — Insiste. — Sempre necessitará de alguém.

Pisco, para eliminar a umidade que alaga meus olhos, a boca seca, meus lábios tremem. Separo-me dela, dando um passo atrás e volto a sentar na cadeira. Tento manter quietas minhas mãos, para não demonstrar que dói o que diz.

— É tão mau que não queira que seja você, mamãe? — Falo, esvaziando meu interior. — Amo-te, mas cada vez que está perto de mim, sinto-me afogar. Não quero que me pressione mais.

Sustento entre meus dedos a prega da saia, esfregando-a nervosa. Inquieta. Espero que não esteja escorrendo rímel dos olhos, não suportaria que mamãe chamasse Mari de novo. Ouço-a suspirar levemente, sigo com meu rosto abaixado e respiro pelo nariz, para controlar as emoções.

— Se não for eu, quem? — pergunta ofendida.

Tem um ponto, mas não estou disposta a aceitar um destino a seu lado e que passe os anos trancada em casa, solitária e miserável.

— Sua irmã deixaria. — Responde, rompendo meu coração. — Ela não teria problemas em me deixar entrar.





Sai e fecha a porta, suavemente, atrás dela, deixando-me sozinha por fim. Depois de um golpe baixo tão terrível.

— Eu não sou ela. — Aponto, mesmo sabendo que não me escuta.

Eve era a garota perfeita, o orgulho de qualquer pai. Simpática, preciosa, delicada. Tinha o cabelo negro como o de papai e os olhos de caramelo de mamãe. Era alta, ao contrário de mim, elegante, pele pálida e saudável. Como a Branca de neve. Tínhamos dez anos de diferença.

Morreu aos dezesseis, quando eu tinha seis.

Ela mantinha um namorado escondido de nossos pais e este sempre usava uma imensa e potente motocicleta. Gostava da velocidade. Qualquer um pode imaginar o resto, não? Uma noite, retornando para casa, em uma curva, a umidade da estrada jogou-os longe, em uma vala. Nenhum dos dois sobreviveu. A dor de perder a filha deixou minha mãe devastada, está obcecada comigo, com minha vida. Pretende me manter dentro de um casulo rosa, sem me deixar ter uma mínima prova do exterior. Deus é testemunha da quantidade de discussões que protagonizamos. Já cansei de lutar, sobretudo porque papai apenas nos presta atenção e, geralmente, faz muito mais caso à sua Anastásia. Não obtenho apoio de nenhum lado e remo, continuamente, contra a correnteza.





— Eu não sou ela. — Repito, passando meus dedos trementes por debaixo dos olhos, para limpar os restos de umidade. — Não sou ela, mas isso é o que você queria?

O ar começa a faltar e aperto os olhos com força, respiro com dificuldade. Não me sinto bem. É uma merda que minha mãe deseje ter sua outra filha, cada vez que me olha. Não sou perfeita como Eve era, meu cabelo é vermelho, encaracolado e alvoroçado e meu rosto não é mais que um mapa de sardas e pintas. Uma pequena garota desajeitada e sem estilo. E ainda por cima de tudo, a cereja do bolo, sou...

Um grunhido me escapa do mais profundo da garganta. Soa tão intenso e dilacerador, que por um momento assusto. Só sei que meu colar é puxado do pescoço e, violentamente, as pérolas saem disparadas em todas as direções, ricocheteando no chão, criando um caos ruidoso no quarto. Bloqueio as primeiras lágrimas que caem, levo as mãos à cabeça e desfaço o coque, despenteando os cachos. Meu couro cabeludo e nuca relaxam e suspiro, massageando-os, lentamente, para aliviá-los.

— Ema? — distingo uma voz doce e amável vindo da porta e salto longe de minha cadeira. — OH, garota. — Lamenta-se Aída.

Corre e alisa meu vestido, acomoda meus cachos e limpa as lágrimas, para depois buscar demaquilante e ajeitar o delineador escorrido. Deixo-a me





pôr apresentável, não falta muito para que chegue o momento de descer para a maldita festa. Posso ouvir daqui de cima todo o barulho. Ergo as mãos e toco o seu vestido e as mechas grossas de cabelo.

— Está bonita, seu cabelo está solto. — Comento, dando um sorriso triste.

Ela ri e beija minha bochecha, tomando minhas mãos nas suas, apertando-as, para me dar apoio. Depois junta as pérolas que há no piso e as guarda em uma caixinha que está em minha cômoda.

— Não queria contrastar com toda esta gente elegante. — Diz, sorrindo. — Preciso me misturar.

Uma vez que tudo está preparado, avançamos até a porta e descemos as escadas. Sua presença me anima, ajuda-me a passar por tudo isto. Ao chegar à sala, a porta do escritório de papai se abre de repente e seus sapatos retumbam até nós.

— Aída — cumprimenta em tom amável e alegre. — Deixe-me com minha filha, eu a levarei ao jardim.

— Sim, senhor. — Responde ela, dá-me outro beijo na bochecha, antes de me soltar e partir.

Em seguida, encontro-me envolta por Fabrice, que agarra minha mão e me dá um carinhoso beijo na têmpora,





tirando o cabelo de meu rosto.

— Vejo que se opôs à sua mãe, menina. — Sorri. Sabe bem que ela nunca concordaria em me deixar aparecer em público com o cabelo assim alvoroçado.

Faço o mesmo e engancho em seu braço, caminhando junto a ele. Não digo nada e gosto que não inicie uma conversação. Às vezes prefiro sentir e não falar, e agora o tenho perto, como poucas vezes ocorre, desejo me empapar com sua grandeza e calor. A música nos envolve, em cada passo que damos, cada vez mais perto do imenso jardim de inverno. A banda ao vivo toca 'All of Me' de 'John Legend', versão jazz e uma garota de agradável canta, com voz vibrante. Não podia faltar, mamãe ama o estilo vintage.

Consuelo e seus pais são os primeiros a aproximar-se, para parabenizar, agradeço e sigo, educadamente. Nunca apagando o leve sorriso em meus lábios, serena e receptiva. Não consigo precisar o tempo que passa, até que dei as boas-vindas a todos os convidados, só sei que é bastante e me esgotei. Ao fim, sento em meu lugar à mesa e pego uma taça de vinho branco. Odeio champanhe. Aída me acompanha e agradeço com a alma, que se mantenha perto. Falamos e rimos, brincando, inclusive comentando sobre alguns egocêntricos vestidos.





— É sério. — Cochicha, segurando a risada. — Não entendo os de sua classe.

Enrugo o nariz, porque se refere "aos de minha classe", mas em seguida, estou gargalhando. Até que uma voz firme aparece em nossas costas e a alegria escapa pela janela.

— Ema. — Chama David, vindo para mim e me agarrando a mão. — Dancemos.

Nem sequer chego a recusar, ele me dá um puxão e acabo em seus braços, sendo arrastada até a pista de dança. Sem esforçar em esconder minha expressão amargurada, sigo seus passos, ao ritmo da música. Isto é o que eu não gosto dele, sempre demandando, nunca pedindo permissão. Não aceita negativas, acredita que todo mundo está disposto a ceder a ele.

— Espero que esteja desfrutando de sua festa, Ema. — Murmura muito perto do meu rosto, seu fôlego mentolado chega à minha bochecha. — Seus pais se esforçaram muito para lhe dar isso.

Nem que lhes custasse muito dinheiro, o que gastaram nisto foi por eles. Soou como se eu mesma pedisse como presente ou exigisse. Pelo visto não tinha engoli o suficiente deste miserável dia, mas ele também devia afastar-se, ao insinuar que tenho que ser mais agradecida, com tudo que minha família me dá. David não tem nada que





se meter neste assunto, já que não é de sua conta. Não importa quanto se esforce em parecer da família, não é. Nunca o será. Ao menos não o considero, nem considerarei, como nenhuma classe de parente. É só o aprendiz de papai, seu protegido e maior herdeiro. Nada mais. Não tenho nada a ver com ele.

Dou giros em seus braços, rogando que a música termine e assim ter uma desculpa para me afastar, não gosto de tê-lo por perto. Um par de coros mais e a música para e alguém toma posse do microfone. Faço gesto de me soltar e afastar, para voltar para minha mesa, mas David não me solta, sustenta-me a seu lado, ferreamente agarrado a mim. Estou a ponto de dar um puxão violento, por causa de minha falta de paciência, quando a voz de papai enche o local.

— Quero agradecer a presença de todos, neste dia tão importante para nós. — Fala, sua voz grossa e imponente hipnotizando as pessoas. — Hoje, não só festejamos os doces vinte e três de minha amada filha, Emaline. A família também está ansiosa por compartilhar a imensa felicidade, ante o próximo acontecimento. Queremos fazer pública, nesta noite tão especial, a notícia de um esperado compromisso.

A intuição provoca um salto de pânico ao meu coração, que enlouquece entre minhas costelas, enchendo meus ouvidos com os tambores impulsionados por meu pulso acelerado. Minha boca seca e a tensão me invade. Não sei





como, mas sei na perfeição, o que vem. A bomba a ponto de explodir na minha cara e o aperto de David, em torno de minha cintura, provocam-me náuseas.

— Brindemos todos pelo futuro promissor. Os melhores desejos para o feliz casal, que hoje anuncia seu noivado. — Uma taça de champanhe é encaixada em minha mão, em um segundo. — Por Emaline e David! O melhor futuro para eles e que o amor os fortaleça...

Um coro de suspiros ecoa às palavras entusiastas de Fabrice Fontaine. Todos enternecidos pela notícia, ninguém imaginando a verdade, em toda esta loucura. Entretanto, não importa, estou segura que, se soubessem, não lhes importaria, absolutamente, se este "compromisso" for uma farsa. O salão está cheio de matrimônios por nome e conveniência.

— Melhore o rosto, querida. — Sussurra David ao meu ouvido, simulando estar dizendo doces palavras de amor, recebo um beijo no pescoço e apenas sou consciente dele.

Não. Não posso tirar esta expressão horrorizada, que meu semblante insiste em mostrar, o reflexo perfeito de como me sinto no interior. Intumescida, assustada, enfurecida. Justo quando acreditava que minha vida não podia piorar, zás! Piorou. Não só acabo de me inteirar de que





tenho um noivo, vá saber desde quando, mas também meus pais acabam de assinar minha sentença direto à infelicidade.

Uma passagem só de ida, sem retorno.

Capítulo 2

Alex

Bato o copo no bar e rastejo sobre ele, para buscar pela garrafa, do outro lado, Adela lança um olhar de advertência e lhe pisco um olho. Sirvo-me de uma dose de uísque e devolvo tudo em seu lugar.

— Sorte que é meu favorito neste lugar. — Brinca ela, olhando para mim, cheia de diversão. — Se não fosse, já teria te chutado a bunda, por invadir meu espaço.

Rio e tomo um gole. Geralmente não bebo muito, mas hoje, meu sistema está pedindo, cheguei à conclusão de





que me faz bem algumas doses extras, de vez em quando. Apoio-me nos cotovelos e observo o lugar, escancarado, sem muito interesse. Está bastante concorrido, comparado com outras vezes, poderia ser o contrário, Dependendo do ângulo em que olhe. É obvio, não pode faltar o grupo de meninas, que vem entre duas e três vezes por semana, para ter diversão assegurada. Evito pôr meus olhos nelas, a todo custo. Lembram-me - e isto é um pensamento bastante mesquinho - a um cão que tive, quando menino. Era carinhoso e o amávamos, mas, às vezes, não passava de um pentelho, não podia olhar em sua direção, ou me referir a ele, que o tinha saltando em cima, sujando a roupa e lambendo sua cara. Elas têm esse mecanismo de atuação, se me descobrem jogando uma simples olhada, embora de relance, acreditam que estou chamando para sexo e caem sobre mim como moscas na comida podre.

Normalmente, dá no mesmo qualquer um dos Leões, mas isso não quer dizer que não tenham seus favoritos. Por desgraça, estou entre eles e não importa quantas vezes negue, escape de suas garras e me esconda, seguem insistindo. E agora que A Máquina e Max estão comprometidos, o resto de nós vêm-se em apuros, cada vez que aparecem. Bem, não todos, a maioria as aceitam e lhes dão o que vieram buscar, acredito que sou o único filho da puta que não tem como objetivo tocá-las. Provavelmente estão pensando que sou gay, porque nunca me viram com





uma mulher. Só uma vez, em muito tempo, tentei me conectar com uma garota e acabou sendo mais amistoso, que outra coisa. Depois de tudo, Luzia estava apaixonada por outro e, quando o recuperou, não o soltou mais. E alegro por isso, a garota era miserável sem Lucas. Agora estão casados e esperando o segundo filho, amor eterno e tudo isso. Não sei o que é, nem posso imaginar o que se sente, tampouco espero que me pegue alguma vez.

— Muito usada para tomá-la? — pergunta Adela, nas minhas costas.

Giro a cabeça, vendo-a pela extremidade do olho. Não é segredo que as odeia muito. Não respondo, não penso isso delas, se gostam de ser usadas, não tenho nada que objetar. Não estariam aqui, se fosse o contrário. Não me incomodam, salvo quando teimam em acariciar. Mais de uma vez fui grosseiro a respeito.

— Não me interessa o que têm para oferecer. — Respondo, tranquilamente e acabo meu copo.

Adela não questiona nem espera ordens, enche-o até a metade de novo. Sacudi a cabeça agradecendo.

— É evidente que tenho curiosidade. — Conta, dando um olhar desconfiado e um meio sorriso bastante sexy, por sinal.





Dou de ombros, é como se causasse curiosidade em todo mundo. Em todos os sentidos. Poucos sabem de onde venho e essa classe de informação não é para o interesse de ninguém. Só vivi em uma vila, um prédio tomado, na cidade grande. E quando pude sair, fiz, sem olhar atrás. Só não estou muito orgulhoso é do processo no qual estive envolvido, para ter o dinheiro. Suspeito que, por causa disso, levo tempo e formas para conseguir mulheres. Tenho minhas necessidades, não nego, tampouco me escapa a sensação de que se faz mais pesada essa abstinência. Ultimamente, não tenho orgasmos masturbando-me e sei que logo precisarei tomar um corpo por um período, até acalmar a sede. Calculo que encontrarei alguma garota na cidade.

— Pareço interessante porque sou reservado. Mas o certo é que sou um tipo bastante aborrecido. — Indico, tomando um gole.

Adela ri e abre uma cerveja para si mesma, acomoda-se sobre os cotovelos, enquanto me olha, interessada. A garota é uma deliciosa imagem, para ficar vendo como bobo. Quando chegou, toda fogo e caráter, atraiu a vários e rompeu seus corações, quando escolheu Godoy. E não poderiam se encaixar mais, são uns loucos desalmados e se entendem, parecem viver em um mundo à parte, paralelo a este. Uma fusão interessante, sem dúvida. Iguais.





— Não me parece que aí dentro existam coisas aborrecidas. — Observa, meneando a cabeça em minha direção.

Dou-lhe um sorriso ardiloso e não falo nada, não conseguirá nada de minha parte. A porta abre e entra a irmã de Godoy, Bianca e uns quantos Leões se voltam, para olhá-la dos pés a cabeça, enquanto caminha para nós. Também a olho, não sucumbo ao sexo oposto, mas sou um homem e ela é uma beldade. Adela se dá conta da pausa no ambiente e torce sua boca vermelha, sorrindo com malícia. Pensa que desejo sua cunhada e não está equivocada, o problema é que espera que dê um passo adiante com ela e tome o touro pelos chifres. Algo que não vou fazer. Bianca me descobre estudando-a e dá um sorriso tímido, levemente demonstra interesse, é evidente, mas sutil. Gosto disso, mas não o suficiente para correr atrás. Melhor eliminar qualquer interesse que possa chegar a germinar de sua parte, assim, afasto meus olhos, ignorando-a. Um golpe de culpa oprime o peito, mas sei que estou fazendo o correto, ela superará.

Ouço-a cumprimentar Adela e pedir uma cerveja, ambas conversam por um momento, ao mesmo tempo em que termino meu último copo da noite. Giro-me para deixá-lo de lado e decido deixar de ser um filho da puta.

— Como vai? — Cumprimento Bianca.





A garota engole muita cerveja de uma vez e se engasga um pouco, mas recupera e sorri de volta. É doce, tem os mesmos olhos escuros que seu irmão, só que os seus são mais simpáticos e brilhantes. O cabelo castanho cai, ao longo das costas, em suaves ondas soltas. Além disso, estranhamente, hoje leva um vestido remerón, que fica bastante grande e a cobre por completo, por cima de uns jeans gastos. Suponho que é uma espécie de pijama ou algo do estilo.

— Bem. — Responde, observando as garotas, que se amontoam em um canto, olhando com fome aos irmãos.

— Não podia dormir? — Pergunto, tendo em conta de que acaba de aparecer às duas da madrugada.

Nega, abrindo sua garrafa.

— Não, é um pouco normal para mim. — Diz, entretida com o que faz. — Às vezes "sobe-me o morto"...

Elevo uma sobrancelha, confuso. Não sei o que, caralho, quer dizer isso. Em seguida, ruboriza-se e a risada de Adela chega de trás. Quero rir, mas como não sei a que se refere, corro o risco de ofendê-la. Bianca responde sorrindo, ante a diversão de sua cunhada.

— Perdão, é que... Soou tão má. — Engasga-se outra vez.





Bianca dá de ombros.

— Perdão, poucas vezes tenho filtro — desculpa-se, tomando um gole. — Quis dizer que sofro de paralisia do sonho. E cada vez que acontece, custa-me voltar a dormir. É uma sensação horripilante. É como se algo me subisse em cima e impedisse de mover por uns minutos, inclusive chego a pensar que estou tendo um enfarte ou algo assim. É horrível. Por isso digo que "me sobe o morto", por que... — Entrecerra os olhos, pensando. — É como se algo me sentasse no peito.

Adela tampou o nariz, para não rir às gargalhadas, sou o único que a vê e lhe dou um olhar de advertência. Não é divertido... Bom, um pouco. Não pelo que Bianca está contando, isso é sério, mas sim pela maneira em que se expressa. É... Doce? Infantil? Realmente tem o que, vinte e dois?

— Sei que está rindo de mim, cadela maldita. — Cospe Bianca, embora esteja rindo também. — Oxalá te passasse, assustaria como nunca.

Adela agora não escondia sua risada, ficamos escutando-a por um comprido momento, até que se acalmasse.

— Têm que deixar de ver tantos filmes, Bianca, é sério. — Aconselha.





A garota franze os lábios e nega.

— Isto não tem nada a ver com filmes. — Corrige, revirando olhos — Para mim, é normal e posso controlar. Agora, crianças, vou deixá-los. Irei incomodar meu irmão mais velho. — Pisca os olhos e desce da banqueta, para ir à mesa de Santiago.

Adela lança um beijo dramático a suas costas, só posso pensar que estas duas são bastante estranhas. Em especial Bianca, intensifica-se, quando sua cunhada a provoca.

— O que te parece minha cunhada? — Quer saber. — É formosa e ingênua, na mesma medida. Agrada-me, mas é um pouco estranha e não pude acostumar-me a ela ainda. — Conta. — É viciada em pochoclo e em filmes, tem certas maneiras um pouco estúpida. É tagarela, às vezes até me dá vontade de golpeá-la, desmiolada e uma distraída incurável.

Rio e nego.

— Não é meu tipo, mas é bonita. — Digo, vendo como Bianca conversa com seu irmão, este parece não escutar, mas sei que está prestando toda sua atenção.

— E não encaixa. — diz Adela, também os olhando, pensativa e séria. — Essa garota não tem nada que fazer aqui.





— Não sei. — Digo. — Talvez termine surpreendendo a todos...

Ela considera minhas palavras e assente, tomando em conta. Estiro-me, saindo do lugar e considero, seriamente, dar um mergulho na piscina. Esse lugar é um de meus favoritos e, geralmente, está vazio, poucos aproveitam a água quente. Durante os primeiros dezessete anos de minha vida, tive que me banhar com água gelada, acredito que é por isso que aprecio a água quente e adoro nadar nela.

Aceno para Adela, como despedida e dou um passo longe do bar, parando de repente, quando uma das garotas do grupo aborda-me de frente. Acredito que a chamam Gigi, Gise ou parecido. O cabelo loiro tingido muito curto parece despenteado, um quilo de maquiagem e olhos castanhos enormes.

— Já vai? — Pergunta, pondo voz de cachorrinho triste.

Observo-a com olhos entrecerrados, sem perder a maneira que ela morde o lábio inferior, seu olhar interessado medindo-me da cabeça aos pés. Balança-se em seus saltos e levanta o dedo indicador, para passeá-lo ao longo de meu peito, dentro do colete.

— Sim, já vou. — Respondo, movendo-me, para ultrapassá-la e seguir caminho, mas resiste a ser rechaçada.





Agarra-se à cintura do meu jeans, puxando-me para perto.

— Desculpe? — Cuspo, fulminando-a com o olhar.

Ela não reconhece a dureza em minha voz, ou talvez a ignore por completo.

— Poderia me levar a seu quarto. — Sorri de lado, os olhos brilhantes, com antecipação. — Podemos nos divertir um bom momento, o que te parece?

Nego com a cabeça, afastando suas mãos de mim, sentindo como a irritação se espalha por cada uma das minhas veias, levando calor por todo o corpo. Se fosse mais expressivo, quando algo me incomoda, torceria minha cara em uma careta desagradável, mas só fico sério. Ilegível. Cada ângulo de meu rosto encaixado em seu lugar, endurecido como granito.

— Não. — Respondo seco.

Seu olhar se transforma, mais decidida que nunca e sua mão volta a fazer contato comigo. Ou melhor dizendo, com a dianteira das minhas calças. Esfrega-me, tentando me envolver, teimando em me convencer de levá-la para cama. O calor se intensifica e o sangue começa a correr para o sul, direto à minha masculinidade. Posso distinguir o exato momento no qual ela pensa que ganhará, porque meu





pênis torce em sua palma e só isso basta para explodir. Aperto os dentes, sentindo como a fúria me percorre e inclino até seu ouvido.

— Tire suas mãos sujas de mim, agora mesmo. — Ordeno baixo, mas claro, rouco e afiado. — Ou vou te humilhar tanto, diante destes homens, que jamais, em sua vida, voltará a entrar por essa porta.

Ela segura o fôlego e não duvida em romper o contato. Meu pênis palpita, quando a deixa ir e com isso solto uma respiração ruidosa e carregada. Não a olho na cara, enquanto passo a seu lado, abandonando-a sem muitas cortesias, justo no meio do bar. Deslocada. Isto é o que trato de evitar sempre, que me levem direto ao limite. Não gosto de insultar ninguém, mas se buscam, encontram-me e não sou fácil, quando estou irritado. Se disser que não, é não. Caminho direto à parte posterior e deixo para trás o barulho, dispo-me, antes de chegar aos bancos, lanço os objetos enrolados e fico só em roupa interior, minha ereção avultando na frente.

Mergulho na água morna e começo a dar largas braçadas, até que meus músculos ardam e peçam clemência. Até que o inchaço em minha virilha abrande e já não me sinta sobrecarregado. Até que meus pulmões se agitem e meu coração procure uma pausa. Então relaxo e permito que meu corpo flutue, à deriva. A paz se vai, quando sou interrompido pelo som da porta abrindo-se, saltos soando,





enquanto rodeiam a piscina e se aproximam.

— Diz que não se esqueceu do trabalhinho que aceitamos esta tarde. — Fala Adela na borda, cruzando os braços, severamente.

Saio e caminho devagar até as escadas de saída. Nego, sorrindo pela metade, indo direto à prateleira das toalhas.

— Não, não me esqueci. — Digo, secando-me.

— Você se dá conta de que está me mostrando um primeiro plano de sua bunda pálida, agora mesmo? — Observa, aproximando-se.

Rio em voz alta desta vez e abro meu armário, para conseguir roupa interior seca.

— A quem ocorre nadar em uma boxer branca? — Sopra, brincando.

— A mim, é óbvio, para que pense no que está perdendo. — Pisco e entro nos reservados, para me trocar.

Ouço-a caminhar daqui para lá, enquanto espera, comentando algo sobre que mostrei meu pênis, enquanto flutuava de barriga para cima na água. Ouço-a acender um cigarro e se sentar nos bancos. Hoje temos trabalho extra a fazer, Santiago, Adela e eu nos preparamos, para enterrar o corpo do sócio que acompanhava Sandra, a mulher





que fodeu a Leon, faz uns dias. Depois que tudo se acalmou, o chefe deu-lhe um tiro na testa, estava em dúvida se fazia, mas ganhou o aborrecimento, pois queria viver em paz e decidiu que o melhor era terminar com tudo. Quanto à mulher, que antes foi sua esposa e mãe de seu filho, Adela encarregou-se dela, dando seu castigo. De mulher para mulher, já que não só fodeu Leon, mas também Francesca. Entregamos o corpo dela a seu pai, que justificou a morte como uma overdose, só para sepultá-la, legalmente, no cemitério e que seus pais tivessem um lugar onde dizer adeus. Quanto ao sócio, houve um problema com o dono do crematório a quem sempre acudimos e tivemos que desfazer dele usando outros meios. Decidimos enterrá-lo nos subúrbios, em algum lote vago ou arborizado, onde ninguém possa descobri-lo.

Termino de me secar e me visto, depois saio e enfrento Adela, que fica de pé e anda até à porta comigo. O bar está vazio, quando saímos e o deixamos para trás, indo até Santiago, já preparado, atrás do volante de uma das SUV, para nos levar ao próximo ponto. Subo ao lado dele e Adela toma o assento traseiro.

— Andando. — Murmuro solene, abro a janela e acendo um cigarro. — Quanto antes acabarmos com isto, melhor.





Capítulo 3

Ema

Quando as pessoas se dispersaram e esqueceram o assunto do falso compromisso, logo após nos dar as felicitações, saio do lado de David e corro para casa. Na corrida, vou tropeçando e me chocando com cada coisa que se interpõe no caminho, porque quero esconder, antes que perca o controle e exploda em lágrimas. Já sinto meus olhos arderem com vontade de chorar, minhas emoções estão à flor de pele. Nunca estive tão assustada, magoada e zangada em toda minha vida e isso porque tive motivos de sobra. Logo que chego à sala, David alcança e me pega pelo braço, não muito amavelmente.

— Aonde pensa que vai? — Quer saber, azedo. Tento escapar, agressivamente.

— Solte-me. — Ordeno, empurrando-o com força.





Escuto o barulho dos saltos de mamãe e seu perfume adocicado impregna meu nariz, tão repugnante, que sinto náuseas subindo pela garganta. David me solta e com o puxão, caio ao chão, batendo meus quadris com força.

— Emaline — ela ofega e corre para me ajudar a levantar. Não permito.

— Calma mamãe, não faça escândalo, estou bem.

Um soluço escapa da minha boca, não consigo reprimi-lo, por mais que queira. Cubro a boca com o dorso da mão, tremendo. Fecho meus olhos, mesmo assim, não consigo impedir as lágrimas, que aos poucos, banham meu rosto.

— Vocês querem me destruir — falo, engasgando, todo meu corpo tremendo sem parar.

Anastásia estala a língua de maneira desagradável e David se inclina, para ajudar a me levantar, ignorando meus protestos. Coloca-me em pé, seus dedos apertando meus braços com força.

— Levamos muito a sério seu futuro, filha e acreditamos que é o melhor — explica ela, confiante — Tanto para você, como para a família. Isto é uma boa decisão.

Nego e não respondo, percebo a mão de David movendo-se em minhas costas, se está tentando me acalmar, não está conseguindo. Ele é parte desta





droga de complô, está contra meus objetivos, longe de meus planos para o futuro. Minha felicidade. E eu que desejava ser diferente de todos esses hipócritas, agora, acabarei casada com este inútil, que não serve para nada. Não o quero em minha vida. E não, não penso me entregar em matrimônio de qualquer jeito, só pelo bem desta maldita família. Nenhuma destas pessoas está pensando em meu bem-estar, só são oportunistas e me tratam como mais uma peça do seu maldito tabuleiro de xadrez. Claro que convém a todos que case com ele, é uma união que satisfaz só ao David e a papai. E mamãe apoia tudo o que seu Fabrice propõe, inclusive se isso significa condenar a única filha que tem.

Viro-me, tentando me orientar, para em seguida correr escada acima e procurar refúgio. Já sabia que este dia seria um desastre infernal, simplesmente intuí e assim foi. Não sei como, mas consigo chegar a meu quarto e trancar, jogando-me sobre a cama. Enterro meu rosto nos travesseiros, afogando um grito tão forte, que quase rasga a pele da garganta. Molho o travesseiro com lágrimas, soluçando, sem poder parar. Preciso escapar desta situação, porque não poderei ter a vida livre e produtiva que sonho, já que não estão dispostos a me deixar ser feliz da maneira que quero. Não conseguirei permanecer nessa casa sendo prisioneira de meus pais e David, para deixar que me transformem em um ser sem sentimentos, uma pessoa fria, morta para a vida. Porque sei que é isso que vai acontecer se ficar aqui.





Devo lutar pelo que quero com todas minhas forças.

Batidas na porta, quase inaudível, detêm meu choro. Com extremo cuidado levanto-me e abro, sabendo que Aída está aguardando do outro lado. Em sussurros, abro a porta para que passe, voltando a rodar a chave na fechadura. De repente, encontro-me em seus braços, sua mão afagando minhas costas com suavidade, dando-me o ombro para chorar. Com minhas lagrimas, logo molho seu vestido, ela me guia até à cama e nos sentamos, sem palavras, dá o apoio que necessito. Agradeço o fato de tê-la ao meu lado, de que agora mesmo esteja aqui, para mim.

— Nem posso imaginar o que está sentindo — diz entristecida. — Não posso acreditar, isto é como uma dessas novelas que tanto se veem na televisão. Jamais acreditei que presenciaria algo assim. Não posso imaginar, mas entendo sua dor...

Afasto-me dela e enxugo o rosto, engolindo a amargura. Sorrio, embora isso me custe um esforço enorme.

— Sou como uma escrava — murmuro, aspirando pelo nariz. — Sei que pensava que exagerava, quando me queixava todo o tempo sobre como me vestia — rio secamente. — Quero dizer... Tenho tudo, não é assim? Por que deveria queixar? Mas eu prefiro não ter nada, se com isso tiver minha liberdade. Assim funciona este mundo, Aída, as posses, o dinheiro, os ideais convertem-se





em uma gaiola dourada. Cada dia que passa, mais longe me sinto de ser livre. Suponho que já é hora de me resignar, não? Não posso lutar contra ninguém, estou sozinha nisso. Minha condição é minha desvantagem...

Aída soluça, sentindo a intensidade com a que me dou por vencida.

— Nunca pensei que fosse uma exagerada, passei muito tempo neste lugar a seu lado. Sei das coisas, sabe? — Diz, segurando minha mão. — Pegue algumas roupas, vamos. Vou tirá-la daqui...

Meu coração falha uma batida e logo acelera, diante do seu pedido, desejando considerá-lo com todas minhas forças. Entretanto, meus ombros caem em derrota, uma vez mais. Nego.

— Não, Aída. Não vou deixar que faça isso, estou me amaldiçoando, pelo pedido que lhe fiz esta manhã, tão impulsivamente. — Não quero que se arrisque assim, tem uma família para manter, seu trabalho é importante. Esta é minha luta, não a sua...

— Mas...

— Shhh — calo-a, apertando sua mão nas minhas, dou-lhe um sorriso cansado. — Vou falar com meu pai, talvez escute. — Embora não acredite nisso, trato de soar





esperançosa. — Talvez reconsidere sua decisão e leve em conta meus desejos... Ele é mais fácil de convencer que mamãe.

Não falamos nada, por um momento, o silêncio é acalentador, enquanto nos abraçamos. Trato de introduzir força em meu interior, para falar com Fabrice, inclusive necessito um sopro de fé, para mudar o curso das coisas. Aída fica comigo, até que o ruído da festa se acalma e as pessoas vão embora aos poucos e quando os serviçais começam a limpeza, despedimo-nos.

— Vai ficar bem até que eu volte, amanhã? — Pergunta, antes que eu abra a porta, para deixá-la partir.

Sorrio e a abraço com grande carinho e agradecimento.

— Claro que sim — asseguro, rindo. — Aqui estarei, como todas as manhãs, para que me acorde.

Ela beija minha bochecha, sentindo-se aliviada de me ver sorrir, voltando a ser a Ema de sempre. A tensão parece ter abandonado seu rosto, só que por dentro estou me segurando, para não preocupá-la mais. Abro a porta e digo adeus, depois fico ali mesmo, de pé, escutando-a descer a escada, para ir embora desta casa e voltar para sua família.

Passo a hora seguinte perambulando por meu quarto, reunindo energia e tentando me tranquilizar. Encontro





Greta em seu lugar preferido, descansando em sua caminha, pego e a levo comigo para cama. A gata se enrosca em mim, para continuar dormindo e acalmo em sua suavidade e calor. Ouço-a ronronar até que se perde, sonhando e a acaricio, minha mente em um milhão de lugares de uma vez. Minha mãe não vem tentar interromper minha paz e aprecio, já que não encontro condições de escutar seus argumentos e sermões. Quando me sinto segura de que não vou cruzar com ela pelo caminho até a sala, saio à procura do papai, sabendo que a esta hora, é muito provável que esteja escondido em seu escritório, tomando uma taça, antes de deitar-se. Inspiro, esgotada, enquanto seguro o corrimão e descendo, endireito os ombros. Foi um dia longo e deveria já estar dormindo, perdida em sonhos, não caminhando, para conseguir uma mínima chance que me permita ganhar esse jogo ridículo, embora seja esta chance quase impossível.

Meus passos são silenciosos, à medida que avanço, sem querer interromper a tranquilidade dessa parte da casa. Ao chegar à porta do escritório, no final da sala de estar, apoio minha mão na superfície plana e a outra no trinco, colo a orelha na porta, tentando escutar. Do outro lado há vozes e me empenho em ouvir melhor, certamente sua companhia é David e o tema de bate papo sou eu e a estupidez que planejaram em minhas costas. Tenho que saber que mais estão planejam para mim. Não consigo entender nenhuma só palavra, por isso me aventuro mais à frente e movo o





trinco o mais sutilmente que posso, até que a porta abre apenas uma fresta. A conversação não é interrompida, por sorte ninguém se dá conta de que estou espiando.

— Tenho duas — conta David, seriamente. — São do povo, dezessete e vinte anos. Belas e delicadas. Uma loira e outra morena, magras, mas não ao extremo. Sem dúvida, podemos tirar bastante proveito de cada uma.

Franzo o cenho, tentando entender do que se trata tudo isso. A voz de papai se eleva na sala, relaxada, mas firme, como se estivesse tratando de negócios.

— Estou seguro. — solta papai, escuto o ruído de papéis sendo removido — Você é perito e confio em seu critério, como sempre. — ri. — Mas não podemos tirar muito desta região. Essa gente ficará louca, em comunidades tão pequenas todos se conhecem, sabe como funciona isto. Que se levem apenas essas duas garotas, rápido e sem voltas... Busca uma ou duas mais na cidade e estamos prontos para enviar o navio...

Há uma pausa e é nesse momento, quando o silêncio ao redor me invade, que descubro tremer com violência, as mãos instáveis se separam da pesada porta, como se esta queimasse. Não me afasto, embora queira, fico ali paralisada, sem conseguir ordenar a meu corpo para que corra para longe.





— Qual é o plano? — Pergunta papai.

David se reacomoda no lugar, concentrado.

— Há uma festa privada nos subúrbios do povoado, dentro de duas semanas, em um complexo de cabanas, no feriado — conta ele, concentrado. — Já sabemos como funciona esse tipo de encontros: deixam passar qualquer um, para que encha o lugar. Multidão, juventude, álcool, zero supervisões. Estamos quase cem por cento seguros de que essas garotas vão assistir, já receberam os convites. Em todo caso, se essas delícias não forem, improvisaremos, provavelmente haverá umas quantas garotas bonitas para escolher, não?

Ambos riem, ingerem suas bebidas, desviam-se um pouco do tema, brincando sobre o que jogariam, se alguma das garotas fosse virgem. Lágrimas grandes e grossas molham meu rosto. O que é isto? Realmente estou escutando bem? Encosto-me contra a parede, minhas pernas perdendo força.

— Vou mandar quatro meninas. — corrige por último David, ouço-o levantar-se de seu assento e começo a me afastar. — Avisarei quando tudo estiver preparado, enquanto isso ficamos resguardados, então podemos decidir quando daremos o próximo golpe na cidade.





Corro nas pontas dos pés até a cozinha, tão rápido como posso, antes que saiam do escritório e me vejam, escuto como papai está de acordo com os últimos acertos e se despedem. Não perco tempo e tampouco penso muito no que estou fazendo, ao sair para a tempestade. O ar frio açoita minha pele como um chicote, mas apenas o sinto. Levo a mão ao peito e respiro fundo, então caminho. Caminho, caminho e caminho, até o bosque das lendas, que rodeia a casa. Avanço, caminhando entre as árvores, chorando em silêncio, aperto os olhos para acabar com as lágrimas, mas por mais que tente, elas não param. Meu pranto torna-se ensurdecedor e afasto-me cada vez mais da casa. Tremo de frio, meu corpo o sente, mas minha mente está em outro lado, não estou consciente do que acontece ao meu redor.

A saia do vestido curto gira ao redor das coxas, o orvalho da noite se impregna em meus pulmões. Sinto como se a umidade no rosto se congelasse, não me importo. Sempre gostei do frio, é uma dessas sensações que recordam que estou viva, que meu corpo respira e sobretudo, sente. Agora mesmo funciona como um calmante, não quero pensar no que acabo de descobrir, mas cedo ou tarde terei que enfrentá-lo. A única coisa que sei é que o bosque funciona como um refúgio, o frio não dói, mas funciona como uma proteção, não quero voltar a entrar.

De fato, não quero voltar a pisar nessa casa, nunca mais em minha vida.





Alex

Limpo as gotas de suor da testa e solto um suspiro, derrubando os primeiros amontoados de terra no buraco. Cuspo a meus pés, enrugando a testa.

— Já está fedendo — comento agitado.

Apresso-me em cobrir a cova, louco para terminar o trabalho o mais rápido possível, Santiago e Adela na minha frente, nas mesmas condições. A última insistiu em ajudar, quando lhe deixamos claro que podíamos fazer isso sozinhos. Assim que funciona com ela, odeia sentir-se inútil, ou que a façam se sentir inferior e fraca, por ser mulher. Não o fazemos com essa intenção, só somos respeitosos com ela, como com o resto das mulheres, não queremos nos desfazer dessa veia de cavalheiros, embora estejamos bem longe de sê-lo. Afinal, em alguma coisa temos que ser respeitáveis.

Somos iluminados só por duas lanternas, não quisemos deixar acesos os faróis da caminhonete, além disso, tivemos que abandoná-la ao lado da estrada e





adentrar o bosque a pé, carregando o morto. Estamos muito afastados e a estas horas, é muito pouco provável que nos descubram, inclusive é difícil, durante o dia. Estamos bem equipados com pás. Temos o buraco cheio em pouco tempo, forçando a terra úmida e cobrindo o corpo tanto como podemos.

— Feito — arqueja Adela, separando-se e deixando cair a pá ao chão. — Agora mereço um cigarro.

Procura em seus bolsos e acha o maço, acende um e me passa, aceito sem problemas e ela fica com outro. Santiago a olha de esguelha, mas não discute nem lhe pede que o jogue fora, não é segredo que não aprova que sua garota encha os pulmões dessa porcaria. De qualquer jeito, acredito na igualdade de todos, se lhe atrai essa veia indomável de Adela, sabe que pode insistir o tempo todo sobre isso, entre outros assuntos e nunca ganhará. Brigar com ela o deixa louco, eu vi. Enquanto soltamos espessa fumaça diante de nossos rostos ele se move mais à frente e pega uma das lanternas do chão, segurando a pá, esperando, para nos pôr em marcha em seguida.

Estamos a ponto de voltar, quando escutamos o som de ramos se quebrando, alguns metros atrás de nós. Paramos congelados, inclusive deixamos de respirar, tentando apurar os ouvidos. Santiago é o primeiro a girar a cabeça na direção correta, piscando, em sinal de alerta.





— Que caralho? — Sussurra Adela entre os dois.

Outro estalo novamente e fico tenso. Pode ser um animal e seria o mais provável, só que no fundo do peito, sei que algo está a ponto de acontecer. E não erro, absolutamente. Respirações agitadas e entrecortadas acompanham mais passos, agora inconfundíveis. Que droga está acontecendo? Perco a paciência e acendo minha lanterna, antes as apagamos, para impedir que fossemos vistos, agora não importa mais. Preciso saber o que está se aproximando de nós, odeio andar às cegas. Entrecerro os olhos e ilumino ao redor, atento. Um arquejo afogado chega a nossos ouvidos e, de repente um corpo pequeno cai ao chão. Dou um pulo, quando aparece em meu campo de visão. Perfeito, nítido, um corpo miúdo de garota, com um vestido rosa curto, fico sem respiração.

Isso é assustador. O que faz esta garota no meio do bosque, de madrugada? E com um vestido, nada mais, quase congelando.

O primeiro que faço ao reagir, é aproximar-me lentamente dela, que está sobre suas mãos e joelhos, no chão sujo, cheio de ervas daninhas e ramos quebrados. Posso escutar com mais intensidade sua respiração, enquanto vejo como se agita. Não consigo ver seu rosto, porque um matagal de cabelo comprido, ondulado e castanho avermelhado cai nos lados de sua cabeça encurvada.





— Fique onde está, espere. — Diz Santiago, endurecido. — Pode ser uma armadilha ou algo...

— Não — nego, balançando a cabeça — não é uma armadilha.

— Ou um fantasma — adiciona Adela, seguindo-me. Só ela, para brincar num momento como esse.

Continuo avançando tenso.

— Hei — falo com a garota — Você está bem?

Ela se mexe e sobressalta, à medida que me aproximo. Estou indeciso se devo ou não tocá-la, dá para ver que está bastante aterrorizada. Sabe que acaba de nos ver enterrar um cadáver? Isso é algo muito ruim, não sei o que podemos fazer para evitar que nos delate, embora isso, agora, é o que menos importa, vê-se que é incapaz de sustentar-se por si mesma. Acredito que teremos que levá-la para casa, apenas se move. Além disso, está sozinha e isto por si só, já é problema, precisa de nossa ajuda.

— Querida — falo com ela com jeitinho. — Pode me ouvir? Está perdida?

Colocando a cautela de lado, acabo tocando-a, ajudo a levantar-se e ela luta para soltar-se das minhas mãos muito fracamente. Levanto-a, ao mesmo tempo em que meus companheiros ficam ao redor, em busca de terceiros.





Mas sei que não tem mais ninguém aqui. E me intriga o fato de encontrar esta garota sozinha no meio do nada, vestida assim, na noite fria, no meio da tempestade. Um tremor me atravessa, ao tomá-la nos braços e percebo como seu corpo está frio. Tenta empurrar-me, soluçando e tropeça para trás.

— Calma, está tudo bem — falo baixinho, sustentando-a nos braços, antes que caia no chão novamente — Tranquila, tranquila. Ninguém vai te fazer mal, menina. Está bem? O que faz sozinha a esta hora neste lugar? É perigoso, está gelada. Precisa se esquentar.

Minha conversa parece acalmá-la e atrevo a tocá-la mais. Esfrego seus braços vestidos com mangas largas do luxuoso vestido, para lhe dar um pouco de calor, sabendo que não é nem de perto suficiente. Tomo a liberdade de tirar as grossas mechas aneladas e avermelhadas de seu rosto, para olhá-la de perto. O primeiro que noto é a pele doentia e pálida, salpicada de sardas, que só fazem com que pareça mais doente. Seus olhos castanhos são enormes e logo piscam. Acredito que está em choque. Cambaleia, chorando, seus olhos fechados, a ponto de desmaiar.

— Shhh — rodeio-a com meus braços.

— Perdi-me — balbucia frágil. — Podem me ajudar?

Minhas mãos estão emaranhadas em seus cabelos e a olho mais uma vez. Adela vem e a estuda atentamente,





interessada e preocupada.

— Perdeu-se? De onde veio, menina? — pergunta Adela, olhando seu rosto de perto.

Santiago chega perto de nós, mudando de humor, fica mais sério que nunca e olha a garota, da cabeça aos pés. Sua mente pensa rapidamente e dou conta de que faz o papel de médico.

— Precisa que a levemos para casa. — comenta. Levanta a lanterna, erguendo seu rosto para olhar os olhos. O semblante de Santiago endurece, sei que algo que vê preocupa-o muito.

— Vamos para camionete, temos que agasalhá-la com nossos casacos e acender a calefação. Pode falar? — pergunta à garota.

Ela treme e respira contra mim, sem forças. Um inesperado e sólido instinto protetor acende-se em mim e me surpreende a intensidade com que me apego a ela, genuína e fortemente, só interessado em socorrê-la.

— Perdi-me. — sussurra de novo, respira devagar.

Pego-a em meus braços, pois não consegue nem caminhar e vamos para onde o veículo está estacionado. Meu coração pulsa assustado e alterado pela situação em que acabamos de entrar. Não posso acreditar no





que está acontecendo. Quantas probabilidades existem de encontrar uma garota no meio do nada, perdida, congelada, sozinha? Uma em um milhão e acontece logo com a gente. Como chegou a estas circunstâncias? Não há dúvida de que poderia ter morrido aqui, se não estivéssemos enterrando esse maldito morto. Agradeço ao destino, horroriza-me pensar no que poderia lhe acontecer.

— Fique calma querida. — falo. — Vamos te esquentar rapidinho, logo se sentirá melhor.

— Obr... — Gagueja, tendo dificuldades para engolir. — Obrigada... — Os dentes batendo com força.

Entramos no carro, desta vez fico no assento traseiro com a estranha, e começamos a tirar todas as peças de roupa que podemos. Adela acende a calefação o mais alto possível. Cubro a garota, que se deixa cair contra o assento, sem parar de tremer de frio. Solta vários gemidos do mais profundo de sua garganta, por causa da baixa temperatura do corpo. Seguindo meu instinto, levanto-a, como se fosse uma pluma e a coloco sobre minhas pernas, para que meu corpo lhe transmita mais calor. Santiago liga o carro e vamos embora, durante a viagem nos mantemos em silêncio. Até surpreendidos, mudos. Esfrego as costas da garota sem parar, enquanto vejo a noite mover-se pela janela. Em um momento, na metade do caminho, abaixo os olhos e me fixo nela. Dormiu esgotada e sem forças, não se sabe quanto





tempo passou lá fora. Reconforta-me senti-la contra mim e mais quentinha, a cor rosada voltando às suas bochechas.

Suspiro e me asseguro que ficará bem, que chegamos a tempo. Logo se recuperará. E quando isso acontecer, todos somos conscientes de que teremos que averiguar o que fazer com ela e aonde devolvê-la.





Capítulo 4

Alex

Ao chegar ao pátio, uma muito agasalhada Bianca nos espera fora do bar, carregando uma pilha de toalhas, Adela deve ter-lhe enviado uma mensagem de texto, para avisá-la, durante o trajeto. A estranha ruiva se mexe em meus braços e reconforta-me saber que já não está tremendo como uma folha movida pelo vento, seus dentes também não batem mais. Seu rosto recuperou uma cor mais saudável e rosada e as inumeráveis sardas iluminam seu semblante. Logo ali, justo antes de descer, diante das luzes do estacionamento, fico paralisado, ao tomar consciência de sua beleza natural. Lábios carnudos da cor das cerejas, longos cílios escuros, nariz pequeno e delicado. Isso junto com seu comprido cabelo vermelho alvoroçado e seu pequeno, mas curvilíneo corpo, faz com que me esqueça de respirar por uns segundos, até que Adela abre a porta, bruscamente e me expulsa de dentro do veículo. Pego as mantas e cubro a garota, antes





de sair do carro, uma vez feito, minha companheira nos leva para dentro do bar, escada acima, direto ao apartamento que há no mezanino, que ninguém habita.

— Quem é? — pergunta Bianca, seguindo-nos, assustada. — O que lhe aconteceu? — Deixo a moça na cama e me preocupa o fato de que não tenha despertado ainda.

— A encontramos no bosque — explica Adela, inclinando-se sobre a garota inconsciente, estudando-a sob o resplendor da luz. — Estava perdida, não temos ideia de onde vem...

Santiago caminha ao redor, vê-se tranquilo, com sua habitual fisionomia imperturbável, mas podemos perceber que esta situação o deixou tão preocupado quanto nós. Bianca vai para um lado do leito e a observa, com os braços cruzados, há ternura em seu rosto, parece que se preocupa, genuinamente, pela desconhecida. Como nós.

— Se não estiver errado, há uma mansão fechada, entre os bosques das lendas, nessa mesma zona. Mesmo assim, ainda é longe de onde a encontramos, deve ter caminhado muito. — diz, posicionando-se junto à sua irmã, em seu rosto de pedra há uma expressão que não consigo decifrar, a mesma que fez, ao ver os olhos com a lanterna, no momento em que a peguei nos braços.





Todos nos perguntamos o mesmo, o que exatamente a fez perder-se em meio da noite, nesse bosque solitário e negro? Parece que vem de uma festa, por suas roupas e maquiagem um pouco borrada dos seus olhos.

— Parece como uma versão de "Pretty in Pink" — comenta Bianca, sem tirar seus olhos brilhantes dela.

Adela balança a cabeça e põe os olhos em branco.

— Há algo, nesta vida, que não relacione com algum filme? — Diz em tom de brincadeira, embora o momento seja tenso.

— Não. — ri Bianca. — Na realidade, está garota é uma mistura entre o Pretty in Pink e Valente ...

Adela pragueja e caminha de um lado para outro, comentando algo sobre os filmes da Disney. Bianca a ignora e não para de sorrir, divertida com a situação. Elas fazem que toda a inquietação, por causa de ter uma desconhecida no quarto, alivie um pouco. Vou até a cozinha e lavo as mãos, pensativo. Deveria ter feito isso logo que entrei no quarto. Estou me secando, quando noto que todo mundo fica muito quieto do outro lado, o silêncio enche o espaço. Em seguida apareço, alarmado, para me encontrar frente a frente com um par de enormes olhos cor caramelo fundido. Redondos e muito abertos, acompanhados por uma expressão de alarme e medo. Como Bambi, sentindo-se encurralado, a





garota está agora sentada sobre o colchão, confusa. Fico seco, sem poder tirar o olhar dela, perdendo-me na sua beleza.

— Olá — sorri Bianca, tomando permissão de sentar-se na cama. A garota se sobressalta, girando seu rosto para ela. — Sou Bianca. — levanta uma mão em saudação.

Franzo o cenho, quando a garota não se move, vejo seu queixo fixamente imóvel, respirando com dificuldade. Bianca baixa sua mão lentamente, franzindo o cenho, prestando mais atenção a seu rosto cheio de cabelo e sardas.

— Está bem? — pergunta Adela, aproximando-se.

— Onde estou? — Sussurra em resposta.

— Encontramos você no bosque, esteve a um passo de congelar. — explica Santiago, paciente. — Nós te trouxemos para o pátio dos Leões, uns quatro quilômetros do povoado...

A garota vira o rosto para ele, entretanto, não o olha no rosto. Ele avança para ela, ficando muito perto. Eleva uma mão e a faz balançar na frente do rosto, os olhos cor de caramelo não a seguem. Meu corpo passa de quente a frio, em um segundo, o entendimento golpeando-me de frente. Ficamos todos de pé, atentos a ela e trocamos um olhar estupefato.

— Está em um quarto, no mezanino do bar dos Leões. — diz ele,





continuando. — Alguma vez escutou falar da irmandade?

A ruiva junta suas mãos no colo, tremendo sem parar e assente, sem adicionar palavra alguma.

— Você desmaiou no caminho e a trouxemos conosco para casa — diz Adela. — Como se sente?

Depois de piscar várias vezes, a voz doce da jovem flui por seus lábios de cereja, não tenho outra opção que me aproximar mais, o corpo atraído, como se uma corda invisível me puxasse para ela, com determinação.

— Estou bem. — diz baixinho.

— Como se chama? — Pergunta de novo Bianca.

— Ema. — responde, sem enfocar seus olhos no rosto de ninguém.

— É capaz de nos dizer onde vive? Podemos te levar para sua casa, devem estar preocupados com sua ausência. — insiste Adela.

Ema se apressa a negar, enquanto as mãos se separam e acomodam a cada lado de seu corpo sentado na cama, começando a passar a mão na colcha embaixo dela, com movimentos lentos e rítmicos, como se estivesse contando





cada nó e todos os fios com que foi feita. As pontas dos dedos passeando, roçando instintivamente. Santiago caminha até mim.

— Diga que não é o que eu penso. — sussurro em confidência, sem tirar os olhos de Ema.

Nega firme. Tampouco pode deixar de fixar-se nela e ler cada um de seus graciosos movimentos.

— É sim, dei-me conta, quando a olhei nos olhos com a lanterna, antes de ir para camionete. — Assegura compenetrado. — É cega. — confirma, embora ninguém no quarto necessite que o faça.

Adela e Bianca conversam com ela, obviamente, tentando fazê-la se sentir segura, também esperando que lhes diga onde vive, para levá-la de volta. Agora as perguntas ficaram mais importantes e sérias. Todos precisamos entender por que se perdeu. Como alguém deixa que uma pessoa como Ema se afaste sozinha?

Ema





Acreditei que ia morrer. Nunca pensei que chegaria a me perder, devia ser mais cuidadosa, levar meu bastão, não me afastar muito. Mas minha cabeça estava a mil, pensava milhares de coisas diferentes. Escândalo, desespero, medo, desilusão, dor. Enquanto chorava e todo meu mundo se sustentava precariamente nos ombros, esqueci-me de tudo ao meu redor. Fui passando por árvores, raízes e poços, tropeçando e me enterrando mais no coração da noite.

Há um lugar favorito, no bosque que rodeia minha casa, só tinha que contar sessenta passos para chegar e estou acostumada, é plano e com um pedaço coberto de grama. Gosto de passar tardes inteiras ali no verão, quando o sol penetra entre os ramos e aquece meu rosto. Esta noite me equivoquei, ainda não sei qual foi o erro que levou a me perder, só entendo que, quando quis voltar, só piorei as coisas e confundi ainda mais o caminho. E, além disso, estava quase congelando, depois de um tempo, o frio já não era bem-vindo em meu corpo. Foi estúpido sair de casa assim, sem casaco, só e em estado de choque. Tenho feito isso toda minha vida, quando mamãe não está por perto para me amarrar e me impedir, mas nunca saí nesse estado, como nesta noite, o que me levou a caminhar atormentada, procurando me afastar da casa e daquela gente horrível que mora ali.



Ao escutar as vozes vindas de alguma parte por entre as arvores, não estive segura do que fazer: se me



aproximar e pedir ajuda ou correr em sentido contrário. Era consciente do horário, muito tarde para que um grupo de pessoas estivesse fora, no meio do bosque escuro. Pensei que poderiam ser drogados, escondendo-se no meio do bosque ou adolescentes, tendo uma festa privada. Embora não se ouvia música e não contei muitas vozes. Minhas pernas mal podiam sustentar meu peso e os braços estavam com cãibras, de se elevarem à minha frente e dos lados, para que não me chocasse em nada. Decidi ir no rumo das vozes e confiar na sorte, era isso ou morrer sozinha na escuridão. Eu não tinha muitas opções viáveis. Tive muita sorte de encontrar pessoas que se preocuparam comigo e me socorreram, embora confesse que, quando me levantaram do chão, depois que caí, tive verdadeiro medo de que me fizessem mal. Entretanto, essa voz, a do homem que me rodeou com seus braços e tentou esquentar-me, reconfortou-me de várias maneiras. Apenas por ouvir sua voz, soube que não devia ter medo dele.

E agora estava calado por muito tempo, desde que despertei, fico nervosa com isso, mesmo assim, sinto sua presença me envolver tanto, que é como se o tocasse com minhas próprias mãos. Surpreende-me o forte desejo de ouvir sua voz de novo.

Uma das garotas, que se apresentou como Bianca, vai me preparar um chá quente, assegurando que me fará sentir melhor. Fico tensa, quando o colchão ao meu lado se afunda e sei que é Adela, que arruma as





cobertas ao redor de mim. Já não tenho medo deles, acredito que posso confiar, afinal de contas, salvaram-me, colocando-me em segurança e não param de insistir em saber onde moro. Não quero lhes dizer, mas temo que tenha que fazê-lo, aonde mais irei, se não volto para casa com os delinquentes do meu pai e David? Pergunto-me se mamãe sabe desses negócios tão escusos e se aceita esse acordo? Isso faz-me sentir doente.

— Ema. — chama. O som de sua voz para minha respiração, volto-me para ele. — Meu nome é Alex.

Meu corpo se acalma, sentindo um novo calor envolvente. Dou um sorriso meio sem graça, só ele consegue isso, falando-me assim.

— Suas palmas e joelhos estão machucados, deixa-me cuidar disso? — Pergunta e com isso me dou conta do leve ardor que vem das lesões.

Percebo-o tirar o cabelo do meu rosto, está olhando com atenção, o que me leva a ficar muito consciente de como devo estar. Pela primeira vez, em anos, desejo poder ver, só para ter uma ideia de seu rosto. Com certeza é belo como o resto. Entretanto, para mim, a beleza tem outro significado. Já com sua formosa e ressonante voz me cativou, sai do profundo de seus pulmões, tão poderosa, mas também suave e amável, quando se dirige a mim. Se tivesse mais confiança, pediria que se aproximasse, para poder tocá-lo





com as pontas dos dedos e conhecer um pouco mais de sua aparência.

Lembro sua pergunta e seguro o fôlego, esperando. Ele pega uma de minhas mãos, que estão apoiadas ao meu lado e vira para cima. Limpa com algo úmido, suponho que é gaze, sinto isso. A sensação de seus dedos me tocando, arrepia minha pele e sua maneira de cuidar de mim faz-me ficar quieta e prestar atenção. Desde que perdi a vista, aos sete anos, o tato se tornou o centro da minha vida. E é a primeira vez que sinto como se pudesse morrer, pelo toque de alguém.

— Não vai nos dizer o que foi que te aconteceu? — Pergunta, sussurrando.

Franzo o cenho, ao notar que todo o quarto está em silêncio, nem sequer vêm ruídos da cozinha, para onde Bianca foi. Explicaram-me que estou em um quarto no mezanino, sobre um bar, nas mãos do clã dos Leões. Conheço-os, escutei muitas histórias sobre eles, por boca da Aída, que vive no povoado, onde todos elogiam a irmandade, que está afastada vários quilômetros. Fundou-a um filho do povo, Leon Navarro. Fiquei fascinada, ao ouvi-la falar sobre os grandes grupos de motociclistas que percorrem as ruas, imponentes e rudes. Inclusive os habitantes se sentem protegidos, ao tê-los por perto.

Pergunto-me o que aconteceria se lhes contasse tudo o que descobri esta noite? Acredito que tenho que





fazê-lo, estão em jogo as vidas de duas garotas inocentes do povoado. Será que as salvariam?

— Sou Emaline Fontaine. — digo, enquanto limpa os machucados das minhas mãos. — Vivo na mansão afastada, rodeada pelo bosque das lendas... Meu pai é Fabrice Fontaine, somos franceses e chegamos à Argentina, quando eu tinha dois anos.

Ele faz um som de assentimento, escuta-me com atenção, sem deixar de atender minhas mãos com delicadeza.

— Ontem... — Respiro fundo, é muita informação? Ele me faz ser mais transparente do que a água. — Ontem foi meu aniversário...

Alex se detém um momento e acaricia meus dedos e não de maneira mecânica. Faz com consideração e ativa várias terminações nervosas, em meu sistema. Oxalá soubesse o que significam estas respostas em mim.

— Feliz aniversário. — diz, posso notar que está sorrindo um pouco.

— Obrigada. — respondo automaticamente.

Esse não é o ponto em tudo isso e devo contar-lhe o que sei, o problema é que não consigo acreditar que meu pai seja esse monstro. Não desejo ter que lhes dizer que o escutei maquinar o sequestro de duas jovens





garotas, para tirá-las do país em um navio. Que está envolto até os cabelos no tráfico de pessoas, em especial na venda e compra de mulheres, vinculado ao sexo. Estremeço, só de pensar. E se supõe que com minha incapacidade, devo ficar em uma redoma de vidro, mas não deixei que minha mãe se saísse bem nisso, ela não pôde me dobrar, absolutamente. Sou muito bem informada, ouço a televisão e a rádio, leio livros. Claro que sei o que significa o trabalho escuso de meu pai e David. E me dói muito. Amo meu papai e dilacerou meu coração o que descobri esta noite.

— Eu... Saí para caminhar e me perdi. — explico, piscando os olhos, para afastar a onda de lágrimas, que se apodera de mim.

Alex congela, mas não solta minha mão.

— Sozinha na noite? — diz, aproximando-se, ouço um toque de dureza em seu tom. — Em... Em sua condição?

Balanço a cabeça. Em nenhum momento esclareci que sou cega, porque não é difícil notá-lo.

— Minha condição não é um problema. — corrijo.

Ninguém entende, acreditam que ainda não aceito minha incapacidade. Isso não é verdade, eu aceito. Ser cega não significa que tenha que ser dependente de outra pessoa. Em meu caso, uma vez que conheço ao meu redor e os





obstáculos, prefiro deixar meu casulo e aventurar sozinha, conto meus passos e me oriento, sem ajuda de ninguém. Sou cega desde os sete anos e já aprendi a tirar proveito do resto de meus sentidos. Escapei de casa milhões de vezes, hoje me desviei, porque estava em estado de choque, por causa as coisas horríveis que ouvi.

— Está bem... — Diz, não muito convencido. — Como podemos te ajudar? Suponho que quer voltar a...

— Não! — interrompo, segurando a respiração, não posso suportar a ideia de voltar para minha família agora. — Não quero voltar...

Engulo meu pranto, não é um bom momento para chorar. O quarto segue em pleno silêncio e posso sentir Alex dando atenção aos outros, inclusive sou capaz de imaginar que está falando com eles através de seus olhares. Em momentos como este, é quando desejo poder vê-los e ler as entrelinhas, embora tenha aprendido bem a pressentir as coisas que estão na mente das pessoas que me rodeiam. Alex pega minha outra a mão e a desinfeta, pisco e aguardo que alguém fale algo, no tenso silêncio.

— O que pretende, então? — Quer saber Adela, sua voz vem da minha direita, sentada junto à cama, que parece ser enorme. — Seus pais vão te procurar, não





podemos deixar-te aqui, como se não soubéssemos quem é. Não precisamos de problemas com a lei.

— Quer dizer que não necessitam de mais problemas com a lei? — corrijo-a, decidida. Todos ficam mudos com respeito a isso.

— O que está tentando nos dizer? — Pergunta o outro homem que os acompanha, acredito que nunca disse seu nome e se o fez, não me recordo.

Vou direto ao assunto, afinal sou uma Fontaine, goste ou não, tenho que fazer uso de minha lábia, para negociar.

— Quero dizer... Vocês estavam no meio do bosque de madrugada, fazendo o quê? Drogando-se?

— Não acredito. — afirma Alex a meu lado, soltando minha mão e não faz movimentos para me tocar de novo, esperando meu ponto.

— Estão todos muito centrados, para estarem drogados... Então, suponho... Enterrando um cadáver? Isso faz mais sentido, já que escutei a um de vocês dizer algo sobre pás que deviam ser carregadas na caminhonete, enquanto me conduziam... Não seria estranho, não? Escutei que não são ficha limpa, mas no povoado os respeitam e admiram, porque se sentem protegidos. E tampouco há provas de nada ilegal, a única coisa que existem são pobres





rumores, que carecem de fundamentos. — Paro de falar, esperando que, embora seja, voe uma pequena mosca, tampouco é o caso. — Mesmo assim, sou das pessoas que acreditam que, quando o rio soa, é porque água leva.

Sorrio ao acabar, adoro demonstrar que não é por ser cega, que sou estúpida.

— Não entendo como está aqui tão alegre conosco, estando tão segura de que acabamos de enterrar um cadáver. — diz Alex e me deleito com sua voz.

— Justo depois de descobrir isso, entrei em transe, não tive tempo de me assustar. Ao despertar, não fizeram mais que me tratar como a uma convidada de luxo: cama, mantas, apresentações, até me ofereceram chá e me perguntaram onde vivo, para me levar de volta. — falo, dirigindo-me a ele, tratando de imaginar a expressão em seu rosto, esforço-me em inventar uma fisionomia, em minha mente nublada. — Ninguém oferece tudo isso a quem planeja assassinar. — ironizo.

Um minuto inteiro se passa, antes que uma explosão de gargalhadas venha do meu lado esquerdo, esse lado da cama se sacode e sei que é Alex, que não pôde aguentar-se. Depois disso, outros o seguem, tão divertidos com a lógica que uso e que tem alguns enganos, reconheço-o, mas é válida. Claro que sim.





— Que pequena cadela confiada você é. — diz-me Adela, caindo ao meu lado na cama, fazendo-me ricochetear sobre o colchão.

Dou risada com eles, a pouca tensão que restara, abandonando meu corpo. Enquanto cada um retoma o que estava fazendo, ocorre-me que desejo ficar. É certo que mereço um tempo com esta gente tão diferente de mim e do mundo onde cresci. Isto deveria ser uma espécie de valor moral, ou algo desse tipo, de minha parte. Corri, sentindo desilusão e repulsa pelo que ouvi da boca de meu pai e David e agora quero ficar em um lugar cheio de criminosos, que uns momentos antes estiveram enterrando um corpo. Estou realmente louca. Matar alguém é um delito muito grave, e traficar pessoas também é. Em que porcaria me converti?

— Está nos chantageando? — Pergunta Adela, mexendo nas pontas dos meus cabelos cacheados, segurando, facilmente, sua diversão.

Aceno com a cabeça, segura. Há algo neste lugar, um ar novo, leve. Provoca-me bons pensamentos, que são bem-vindos, só anseio mergulhar de cabeça na piscina, sem sentir medo se estará vazia ou não, no final. Posso pssivelmente quebrar a cabeça, na tentativa, mas ao menos não acabarei presa, morrendo lenta e tortuosamente na monotonia que significa minha miserável existência, dentro da imensa mansão insossa de meus pais.





— E o que pede em troca? — Quer saber Alex, agora cuidando da pele raspada de meus joelhos nus.

Estremeço com a sensação de seus cuidadosos dedos tocando-me, sinto o impulso de fechar os olhos e me abandonar ao efeito devastador.

— Aventura. — declaro, convencida.

Dedico-lhe um sorriso e ele deixa escapar ar por entre seus lábios, depois da leve risada, que lhe provoca a segurança em minha palavra. Claro que quero aventura, esperei-a toda minha vida. Agora que parece estar tudo saltando frente a mim, não quero deixar escapar nada. Por algo corri e me perdi, esta noite. Por algum motivo o destino quis que este grupo de pessoas me encontrasse.

Exijo viver. Experimentar ao máximo, sentir até arrebentar. E opino que os Leões podem me dar essas chances.





Capítulo 5

Alex

Convenci-me que já vi de tudo na vida. Até Ema. Essa garota surpreendeu-me em um milhão de maneiras diferentes, desde sua queda no meio do bosque, ao descobrir sua condição, sua imagem inocente e sua explosão de segurança e valentia, na hora de limpar suas roupas sujas. A arrogância que saiu de sua boca me surpreendeu, mas não ficou outra opção, senão rir, orgulhoso de sua luta. A garota não fica atrás, não importa que não possa ver rosto nenhum. Já ganhou o respeito de Adela e Bianca. Santiago segue receoso a seu redor, mas sei que logo cairá também. Ele foi o primeiro que soube que Ema é cega e esperou que descobríssemos por nossos próprios meios, acredito que deveria nos avisar, então eu não ficaria tão surpreso e horrorizado ao descobrir.



Uma vez que me recuperei, fui a ela, sabendo que tinha feridas nas mãos e joelhos, pelo tropeção no



bosque. Consegui o que necessitava, sentei a seu lado e notei o estremecimento que lhe provoquei, com minha proximidade e voz. Quando a toquei, acredito que ambos tivemos uma falha na respiração e estou seguro de que nunca, na vida, senti nada parecido. Ela não pode ver, mas sinto como se soubesse tudo sobre mim. Depois que acabo com seus arranhões, ela recebe a xícara de chá e os outros se dispersam. Adela e Santiago partem ao amanhecer, então vão descansar mais tranquilos, porque Bianca ou eu ficaremos perto da forasteira, para a cuidar.

Todos lhe asseguramos que, antes de tomar a decisão de ficar, tem que ter um pequeno bate papo com o chefe. Claro que Leon vai lhe dar o que quer, o verdadeiro problema, em tudo isto, é que haverá pessoas que a buscarão e Ema parece disposta a não deixar que a encontrem. Isso não nos favorece em nada. Não queremos problemas com ninguém e parece que vem de uma família rica. Não necessitamos um rico nos ameaçando com seu poder e dinheiro. Acredito que só por isso, o melhor é devolvê-la. Lamento que não obtenha o que quer, mas o clã não é um parque de diversões, onde qualquer um pode vir em busca de aventura e um tempo de recreio. Este lugar é sério e de certo modo, perigoso.

Termino com seus machucados e saio da cama, arrumo tudo, novamente, nas prateleiras do banheiro e ao sair, encontro as duas garotas falando sem parar.





— É verdade que pessoas como você, têm outros sentidos e são mais potentes? — pergunta Bianca, jogando-se junto a ela e se apoiando nos travesseiros.

Com o semblante divertido e aberto, Ema encolhe os ombros, enquanto percorre a superfície do colchão.

— Para falar a verdade não, mas tiramos mais proveito deles do que as outras pessoas. — conta ela, enquanto acomoda sua saia sobre as coxas com cuidado, para não tocar as ataduras nos joelhos. — Como não enxergamos, o organismo se treina para que escute e sinta mais que vocês, só aperfeiçoando o instinto de sobrevivência.

Consigo uma cadeira e me sento, não separo os olhos delas, especialmente de Ema. Bianca nota e coloca um sorriso conhecedor no rosto, ignoro-a não tenho interesse em saber o significado dessa expressão.

— A vista polui outros sentidos. — digo, fazendo uma análise de sua situação.

Ema vira levemente seu rosto em minha direção, visível apenas o meio sorriso de seus lábios perfeito e inchados. Sem me dar conta, imagino beijando-a e a imagem golpeia tão duro, que me mexo, incomodado, em meu lugar. *"Não vá aí"*, advirto-me, zangado comigo mesmo.





— Assim é. — concorda — Já que não podemos contar com a visão, prestamos atenção em milhares de coisas diferentes, que antes passavam despercebidas...

Bianca nos observa com atenção.

— Como quais? — Quer saber.

Ema levanta as pernas para sair da cama, com seus pés descalços começa a percorrer o espaço. Não penso, quando me levanto e caminho até ela, tomando seu braço como um ato reflexo. Sua mão aberta acaba em meu peito, em uma clara indicação para que pare.

— Não tem que fazer. — Avisa-me, colocando distância e antes de afastar seu toque, acaricia-me com seus dedos, como querendo reter a sensação de meu peito, em cada um deles. — Posso sozinha.

Quero discutir, mas fico em meu lugar, porque não tenho nem voz nem voto no assunto. Ela sabe bem sobre suas limitações.

— O canto dos pássaros na manhã, o calor do sol no rosto. — fala entretida. — Gosto de estar descalça na relva, a sensação é maravilhosa. Pouca gente tem o privilégio de desfrutar disso.

Coloca um braço dobrado diante dela, como se fosse parar um carro. Sua outra mão estirada a seu lado,





contornando cada parede. Seus passos são lentos e mecânicos, arrasta um pé adiante até a ponta de seus dedos, para saber se há algo em seu caminho. Lentamente, vai reconhecendo o lugar, os lados onde há móveis e o espaço em que pode andar livremente, sem se chocar em nada. Observo-a, maravilhado, a elegância de seus movimentos e a segurança neles. Claro que tem tudo resolvido, devia imaginá-lo. Agora já sei que não necessita de ajuda, a garota é autossuficiente. Uma sobrevivente, também.

— Nasceu assim, Ema? — Pergunta Bianca, há emoção em sua voz, como se admirasse profundamente a jovem.

Ema nega, detendo-se no meio da sala, alisando-a saia de seu vestido. Faz seguido esse movimento, pergunto-me se é só um costume ou o vestido a incomoda. Ela sorri ,nada incomodada com as perguntas que lhe disparamos.

— Nasci como, Bianca? — ri, inclinando sua cabeça, adoravelmente, para o lado. — Não tenha medo da palavra. Não, não nasci cega, fui perdendo gradualmente a vista, durante meus primeiros anos. Aos sete, deixei de distinguir meu entorno por completo... Uma enfermidade degenerativa.

Pergunto-me por dentro como pode uma menina de sete anos superar isso e sinto uma pontada de dor, ao imaginar.

— Deve ter sido difícil. — comento baixo.





Ema vira-se para mim e balança a cabeça, até que está de pé, bem na minha frente. Observo-a, ela é pequena e frágil, chega apenas nos meus ombros. Seus olhos são caramelos e curiosos, mesmo não podendo ver, sei que há algo que lhe interessa em mim e o inverso também, quero saber tudo sobre ela.

— Foi. — assegura, afasta-se, indo para cama. — Os primeiros dois anos foram um inferno. Não queria aceitar que jamais poderia ser uma menina normal. Custou-me aprender a seguir em frente, completamente às escuras. Mas agora entendo que isto é o que sou e aceito.

Bianca dá-me uma olhada e entendo que é momento de descansar, assim, saio do quarto, para dar espaço a Ema. As mulheres se entendem.

Ainda é cedo para que Leon venha ao bar, para falarmos sobre o assunto, não aparecerá até ao meio-dia, a menos que tenha muito trabalho no escritório ou estejamos preparando uma viagem. Agora ele tem uma família e dedica-lhe tempo, a cada dia. Envolvo-me





no casaco e caminho para fora, acendo um cigarro e cobrindo meu rosto com fumaça, estreitando os olhos. Está amanhecendo, ainda ficam umas quantas semanas para desfrutar, antes que venha o intenso inverno. Temos que planejar o abastecimento, para o caso de ficarmos presos por muito tempo, devido à neve. Apoio-me na parede e ignoro o pedido do meu corpo por umas horas de sono. Ninguém dormiu esta noite, nem sequer Bianca. Foi uma alteração, estou esgotado, embora minha mente siga a toda marcha.

Não consigo deixar de pensar, particularmente, na garota, agora vivendo no quarto, em nosso bar. Ema Fontaine. Pergunto como arrumará com Leon, para ficar. Ela tem caráter, tratará de convencê-lo, sem importar a tática. Conosco foi direta e firme, deixou-nos mudos e sem argumentos. O que não entendo é por que não quer ir daqui, sabendo essas coisas terríveis sobre nós. O que a leva a desejar não voltar para casa? E o estranho, tem meu insistente interesse em que consiga o que se propõe.

É doce, decidida, especial. Tem o sorriso mais formoso que vi e uma pureza em sua forma de ser, que me abala por completo. Ou, possivelmente, o reverso, encaixa cada uma de minhas partes, em seus espaços corretos. Pela primeira vez em muito, muito tempo, sinto-me intrigado e, suficientemente, atraído por uma mulher. Uma muito peculiar, tenho que adicionar. Será por isso e por sua sinceridade, que me tem curvado, com esta curiosidade





que quero alimentar. Alcança, para fazer um movimento em frente, uma vez na minha vida? É cedo para decidir. Melhor esperar.

Tantos anos de contato sem sentido, queimaram uma boa parte de mim, fiquei distante e um pouco azedo. Inquieto, insensível, frio. Já não quero deixar ninguém entrar, que não signifique algo na minha vida, que não faça sentir nada ao meu corpo. Não culpo às mulheres em geral, mas na maioria das ocasiões, sinto que não sou suficientemente puro ou bom, para qualquer uma delas. Acreditam que me alcançam com seus atrativos e preciso ser mais que uma simples concha vazia. Já é hora de ser mais que uma boa foda, deixei as pessoas me usarem, dei meu claro consentimento e por uma pequena parte, arrependo-me. A outra parte é grande e sabe que teria feito tudo de novo, se voltasse no tempo. Porque havia grandes motivos. Minha vida era uma bagunça e tive que escolher um caminho, havia vários. Alguns dirão que fui pelo mais fácil, replicarei que terminou sendo o mais difícil. Entretanto, não era isso o que importava. na realidade, a não ser os frutos. E esses sim. foram de ajuda.





— OH, Deus! — clamou a mulher debaixo de mim, enquanto arremetia duramente com meus quadris. Cada músculo de meu corpo tensionado, cobrindo o seu.

Dezessete. Essa era minha idade e ao menos era algo que podia contar. Se alguém aparecesse e perguntasse em quantas vaginas meti meu pênis adolescente, não poderia responder com exatidão. Não contava, primeiro porque não me importava com o número e em segundo lugar, porque eram muitas, para aceitar o fato. Dezessete, já tinham passado nove meses desde que abri as pernas da primeira, da longa lista. Miranda.

Miranda me ensinou. Aperfeiçoou-me na arte de dar ao corpo de uma mulher o prazer que merece. Ela me viu roubando um supermercado e me abordou na saída. Pediu-me para acompanhá-la, se não quisesse ser delatado e passar a noite de visita, na delegacia de polícia mais próxima. Não podia permitir esse último, havia gente esperando-me voltar para casa. Segui-a pela calçada movimentada, gente comprando sua comida e suas roupas, tomando tudo, como parte da rotina. Uma que eu estava longe de compreender, já que nunca tive esse privilégio. Miranda meteu-se em um beco afastado da multidão e me enfrentou.

A mulher se elevou sobre mim, com toda sua elegância felina. Cabelo escuro comprido e liso, olhos igualmente escuros, delineados em negro intenso e lábios cheios, com





batom vermelho. Vestida com roupa escura e apertada, até aos dezesseis, dava-me conta de que era o sonho úmido de cada maldito homem, caminhando nesta terra. Jogou-me um olhar longo e avaliador, seriedade e interesse brilhando em seu olhar sedutor.

— Baby. — falou e estremeci. — Com sua beleza, não é necessário roubar, sabe. Há coisas que pode fazer, que não implique essa classe de baixeza.

Não disse nada, que porra ia responder a isso? Ela se aproximou e começou a esvaziar meus bolsos. Um pacote de bolachas salgadas caiu no chão, seguido de um pacote de absorventes femininos. Miranda elevou uma sobrancelha para esse último. Não me envergonhei, não baixei a vista, enfrentei seus olhos escuros e lhe disse com os meus que podia ir à merda.

O absorvente era para minha irmã de treze anos, que tinha seu primeiro período. Dei-lhe nossas últimas economias, para que comprasse o que necessitava, mas, voltando da escola, roubaram suas sacolas, junto com todas as últimas miseráveis compras que fez. Chegou ensopada em nossa casinha, resultado de caminhar tanto tempo sob torrencial chuva, entrou pela porta e ficou de pé ali, muito quieta. Olhei-a com atenção e então reparei na mancha vermelha na entreperna de suas calças.





— Cami? — Perguntei, preocupado.

Agitou-se, os olhos brilhando, com umidade acumulada. Tragou com força, desviou de mim e se deixou cair no colchão sujo que tínhamos, no chão mofado. Deu-me as costas, sem dizer uma palavra, suspirei com força, ao ver outra mancha em sua parte de trás, maior ainda. Mais notória. Ficou chorando em silêncio, desejando que não a descobrisse. Podia sentir, da minha posição, as duras ondas de humilhação que vinham dela. Entendi-a, não era uma mulher, mas soube bem como se sentia.

— Cami? — Insisti.

— Se não fosse porque ainda tenho você Alex, desejaria não ter nascido.. — disse sem forças, entre soluços.

Fechei os olhos e traguei a angústia. Não disse nada em resposta, saí fora e caminhei sob a chuva, chutando no caminho, com minha cabeça curvada. Na metade parou de chover e quando cheguei ao primeiro supermercado que encontrei, entrei e comecei a pensar entre as prateleiras. Caralho, como ia fazer, para roubar o que precisávamos? Eu trabalhava, claro que sim, mas ganhava uma miséria. Nessa idade, aparentava ser maior, porque estava crescido, produto de levantar qualquer merda pesada que me pusessem na frente. Tinha altura, costas e dureza e estou seguro de que foi por isso que chamei a atenção de Miranda. Sem contar com minha estúpida cara bonita e





isso, logo que consegui ter um pouco de barba.

Eu era tudo o que uma mulher como ela queria encontrar. Permiti fazer comigo tudo o que quisesse, em troca de bom dinheiro, depois começou a me trazer mais mulheres. Mais esposas necessitadas de "carinho". Iam dos trinta aos cinquenta e amavam abrir suas pernas para mim. A princípio, tenho que confessar, foi divertido e gostava de toda essa quantidade de sexo.

Meses depois, não podia dizer o mesmo, comecei a ficar saturado e a encontrar outro sentido menos luminoso, no meu "trabalho". Dava conta de que já não queria ser o menino que se agarrava a essas ricas mulheres, por dinheiro. Não queria ser mais a puta. Não aguentava fingir que adorava colocar meu pênis nelas. Mas isso era o que tinha e o fazia por minha irmã. Tínhamos perdido muito e ela, mais que ninguém, merecia uma vida melhor.

Assim, traguei o asco e a raiva, aceitei que devia seguir sendo o gigolô menor de idade, que todas queriam meter em suas camas.

— Alex, bebê. — choramingou a mulher. — Vou explodir.

Pus os olhos em branco e para contrastar, golpeei-a mais violentamente, suas nádegas ricochetearam por todo o lugar. Odiava apelidos, mas não dizia nada a respeito. Elas podiam me chamar como quisessem, na maioria do tempo





eu não falava. Era o acompanhante calado, passavam pela porta e as abordava, para dobrá-las sobre a cama, a mesa ou onde fora e dava o que queriam. Uma potente foda, que as fizesse esquecer suas vidas chatas. Nunca dizia mais que "olá" e "boa noite" e quando começavam a falar e descarregar as frustrações, que traziam de seus lares, eu entrava no banheiro e me metia na ducha. Era desrespeitoso e áspero mas não estava disposto a ser também um psicólogo. A culpa era plenamente delas, que preferiam estar casadas com homens mais velhos, ricos. Ser a esposa troféu tinha seus atrativos, mas também seus contras.

Não era meu maldito problema.

A vagina de Fanny sugou-me, quando chegou ao primeiro orgasmo, grunhi em resposta, meu corpo reagindo com necessidade. Deixei-me cair sobre ela, mordi todos os espaços de carne ao meu alcance, até que acabou novamente e ficou flácida sobre o colchão. Saí de seu interior e caminhei até a mesa, onde me servi um uísque, observei-a recuperar do assalto, sorrindo torto, quando me olhou





sonolenta e desceu da cama, para vir para mim e cair de joelhos. Introduziu meu pênis na boca, ronronando com fome, ordenhou-me, até que fiquei seco, derramando-me em sua garganta tão profunda.

Meia hora e um banho depois, jogou o dinheiro sobre a cama do hotel desfeita e lançou um beijo à distância, antes de sair pela porta, de volta em seu vestido vermelho caro e seus saltos altos. Vi-a balançar, até que desapareceu de minha vista. Nenhuma mulher era feia ou de comportamento desagradável, tinha que agradecer isso a Miranda, por seu bom olho. À sua maneira, cuidava-me. E aos olhos de todas, eu já tinha vinte e um, ninguém mais que ela estava a par de minha idade. Se fosse outra pessoa, poderia tirar proveito disso, seguro que tudo isto era ilegal, mas graças a estas aventuras, mantinha minha irmã como merecia.

E assim seguiria.

"Nem todos temos a sorte de ter trabalhos que gostamos. Às vezes, terá que tomar o que a vida nos dá". Recordei essas palavras da boca de minha mãe, tinha razão, e as tinha sempre presentes. Pode ser que não estivesse orgulhosa do que eu era, mas pelo menos tínhamos um prato de comida diário e um lar decente no qual viver.





Um par de horas depois, Bianca avisa-me que Ema está acordada, parece que não dormiram muito, subo, para ver como está. Bianca irá para casa por um banho e, possivelmente, mais horas de sono. Tentei dormir também, não pude absolutamente, é como se tivesse ingerido litros e litros de cafeína. Muita energia em meu cérebro. Bato, antes de entrar e encontro Ema na cama, vejo que Bianca lhe emprestou um pijama. Está sentada com as pernas cobertas por mantas, sorvendo uma xícara e seus olhos caramelos fixos em nada, veem-se um pouco preocupados. Qualquer um se sentiria assim, na situação que vive, mas, ao conhecer um pouco de seu passado, atitude e quão confiante esteve, algo me diz que há outra coisa incomodando-a. Bianca pisca os olhos e sai pela porta, não passam despercebidas as olheiras que acompanham sua palidez. Sorrio como despedida, então Ema e eu estamos sozinhos.

Sem tirar minha atenção da garota na cama, vou à cozinha e me sirvo uma enorme xícara de café, depois sento na mesa e esfrego a rosto, antes de bebê-lo. Ema não fala e, apesar de que pouco a conheço, é estranho.





— Leon não demora em vir. — Asseguro, olhando o relógio, são quase nove da manhã.

Assente e seu rosto cai um pouco mais, vê-se nervosa e aflita. A segurança que destilava hoje cedo, desapareceu, deixando no lugar uma menina encolhida, com semblante triste.

— Está bem? — pergunto-lhe, por fim.

Surpreende-me que me desagrade tanto vê-la assim apagada, é como se seu precioso e radiante sorriso e suas inteligentes palavras, fossem, realmente, importantes para mim.

— Não — diz e a sinceridade em sua voz me altera.— Na realidade, menti.

Ergue o rosto para mim, seus olhos não me veem, mas sinto como se o fizessem. Eles são profundos e mais, quando estão úmidos como agora. Saio da sala de jantar e me dirijo a ela, preocupado. Não peço permissão para aproximar, só me deixo cair na beira da cama e me alivia que não vai para trás, na minha presença.

— Mentiu? — Sussurro, aproximando-me.

— Em parte — confirma, baixa o rosto e os cachos escondem o rosto. — Fugi de casa.





Não me movo, no fundo intuía. Por isso que quer ficar conosco, não? Soube que o que menos ansiava era voltar para casa, com sua família.

— Por quê? — Quero saber e desembaraço o cabelo, para poder vê-la melhor, — Por que escapou?

Ela sobe a mão e pega a minha, que antes estava em seu cabelo, fixo em nosso contato, sem perder a suavidade de sua pele na minha, áspera e tosca em comparação. Roça-me com as pontas de seus dedos e sei que me está sentindo. Os batimentos do meu coração se aceleram e tento colocar ar em meus pulmões, de maneira que não note minha agitação. Amo que sua mão encaixe tão perfeitamente na minha.

— Ia voltar... Mas estava muito alterada que me perdi. — começa. — Por muito tempo desejei sair dali, essa casa é como um cárcere. E... Já sabe, aonde iria e como o faria? Já vimos o que me aconteceu esta noite...

Passo meu polegar no dorso de sua mão e massageio em círculos, por um momento. Ema permanece imóvel e percebo que desfruta disso, inclusive relaxa, deixando a tensão.

— O que te levou a sair ontem à noite? — Insisto, brandamente.

Quero saber, mas não é só curiosidade, tenho em mente ajudá-la com o que necessite.





— Escutei... — sussurra, tomando forças e demonstra que o que está a ponto de dizer é muito difícil para ela. — Escutei meu pai e seu sócio falando de negócios... Estavam planejando sequestrar duas garotas do povo, em uma festa.

Endureço com isso, meu organismo congela e o coração trava, ao ver uma única lágrima descer de seu olho, através da bochecha sardenta. Em seguida quero limpá-la, chego antes e a pego com meu polegar.

— Tráfico de brancas — ouço, soluçando e me parte a alma. — Nunca, em um milhão de anos, poderia imaginar essa merda asquerosa, vindo de meu pai. Foi um golpe terrível e o que desejei primeiro foi escapar dali e correr longe. Por isso me perdi, porque estava muito nervosa, para prestar atenção ao caminho...

Mais um par de lágrimas desce pelo rosto, então as seca e detém o pranto, antes que comece. Não sei o que adicionar a tudo isto, porra. Posso perceber a desilusão e o asco que agora sente por seu pai. Um pai que amava com todo o coração.

— Ema — sussurro, mas não solto as mãos, para ela funciona como um apoio necessário e gosto da sensação de reconfortá-la. — Não sei o que dizer. Isto...

Uma onda de socos vem da porta e ambos giramos para ela. Ema me solta, como se saísse do transe e saio





do lugar, para abrir. Leon é quem está do outro lado, seus olhos azuis curiosos e alarmados, na mesma medida. Alguém foi com a notícia de uma nova visita no recinto. Aperta a mão e em seguida entra, sua atenção caindo como um ímã sobre Ema. Fico de lado, dando espaço aos dois, cruzo os braços e me apoio na parede, junto à entrada. Vejo Leon aproximar-se dela, lentamente.

— Bom dia, senhorita — diz, sorrindo — Espero que meus meninos estejam sendo hospitaleiros com você...

Ema sorri imediatamente, acalmando-se.

— Bom dia — responde, levantando seu rosto ao dele, tentando estar à altura de onde vem sua voz. — Seus meninos são muito atentos. Obrigada. E sou Ema, não me chame de senhorita, Leon. Não tenho tempo para formalidades...

Leon me olha, elevando a sobrancelha e depois deixa sair uma abrupta gargalhada. Claro que sim, ela já o comprou. Impossível não cair em seus encantos.

— Bom, Ema, parece perfeito que nos entendemos — diz ele. Arrasta uma cadeira até o lado da cama e cai nela, preparando-se para conversa.

Começa uma conversa mais fluída, os dois falando como se conhecessem de toda vida. Leon faz isso às pessoas, leva-





as a se sentirem abertas e bem-vindas com apenas um par de palavras. Além disso, Ema é fácil de aguentar, simpática e não deixa se intimidar por ninguém. Depois de meia hora de bate papo banal, com a intenção de entrar em confiança e se conhecerem um pouco, Ema decide ir ao ponto. Não chora desta vez, mas se endireita na cama e, enquanto espreme suas mãos no joelho, conta tudo. A informação completa desta vez. À medida que balança, Leon vai mudando de humor, seu rosto passando de natural a vermelho intenso. Obviamente está zangado, por isso acontecer a Ema e também porque duas garotas de seu povo correm perigo.

— E... Necessito que impeçam que as levem — pede Ema, seu rosto baixo e desinteressado. — Não suporto a ideia dessas garotas sendo levadas por estranhos, para um destino tão vil e horrendo. Não poderia viver com isso... Por favor, temos que fazer algo por elas... — Suplica e nós dois sabemos que está desesperada. E que caiu nas mãos corretas, porque nenhum de nós ficará de braços cruzados, depois de nos inteirar disto.

— Ema, o que acaba de nos contar é sério – Leon suspira, inclinando-se para ela. — Muito grave. E tenho que te agradecer por nos dizer isso. A segurança de meu povo me preocupa e vou fazer tudo o que esteja ao meu alcance, para que esses filhos da puta não separem ninguém, absolutamente ninguém, de seus lares...





O alívio, no rosto da garota, é tangível, inclusive me transmite isso, porque meus músculos relaxam e sinto que pausa de novo. Ela sorri seus olhos chorosos.

— Obrigada... Obrigada — seu rosto iluminando. — Sei que vocês o impedirão, sei...

Sorrio, querendo correr até a cama e abraçá-la forte. E não soltá-la nunca mais. Leon me joga um olhar e sorri, seguro de que agora temos trabalho a fazer. Duas semanas para nos preparar.

— Enquanto isso, Ema, vai ficar conosco. — promete.

O rosto cheio de adoráveis sardas ilumina-se. Entretanto, não demora mais que um par de segundos para cair, cauteloso.

— Vão procurar-me — esclarece. — E vão fazer até o cansaço... E não demorarão para aparecer aqui. Quão longe estamos do bosque, onde me perdi?

— Estamos bastante afastados — digo. — Embora isso não nos deixe fora dos arredores. Vão procurar por todos os lados, inclusive na aldeia. Vamos mantê-la protegida, bem atentos, se por acaso alguém aparecer no recinto...

Assente, agora sim, confiante e decidida. Feliz de ficar.





— Posso mandar uma nota ao jornal local. — diz. — Avisando que estou bem, que não me procurem e que voltarei quando estiver preparada... Uma prova de que estou viva, suponho...

Seus ombros caem, Leon e eu trocamos mensagens silenciosas.

— Sim, está bem, podemos fazer de forma anônima — digo seguro. Ema solta uma seca gargalhada, sem muito humor.

— Meus pais vão ficar loucos — comenta, alisando as mantas ao seu redor. — Em especial minha mãe, que já não vai controlar-me a cada segundo. E a seus olhos, sou incapaz de fazer algo por mim mesma...

Leon fica de pé e aperta o ombro com consideração.

— Aqui, será uma a mais, Ema, ninguém te tratará dessa forma — jura e ela sorri. — Agora, vamos deixar que este tipo durma um pouco — fala, referindo-se a mim. — Quer conhecer minha mulher, Ema? Francesca e meus filhos ficarão, para te fazer companhia...

Os olhos redondos caramelo se abrem e brilham, um celestial sorriso estira sua boca de cereja e não pode ocultar sua emoção por isso. E faz difícil deixar de olhá-la com obsessão.





— Crianças? — Pergunta, entusiasmada.

— Crianças — afirma Leon, rindo. — Abel tem dois anos e Esperança, seis meses...

Leon vem a mim e bate no meu ombro, para que o acompanhe, temos que organizar nosso ataque à máfia e com que lidaremos, em duas semanas. E para que durma um pouco depois, vê que estou esgotado. Antes de ceder a ele, caminho até Ema e beijo sua cabeça. Ela levanta uma mão às cegas e encontra a minha, como despedida.





Capítulo 6

Ema

Depois que Francesca e os encantados bebês partem, caio, derrotada, entre os travesseiros. Disposta a dormir como um bebê, já mais tranquila. A verdade é que, desde que coloquei um pé neste lugar, sinto-me em casa, até melhor que isso. Todos foram extremamente amáveis comigo. Primeiro deixaram-me entrar, segundo, não pararam de se preocupar comigo. Sou afortunada. De verdade, depois de conhecer Leon, tenho uma impressão ainda melhor deste clã, não importam aqueles eventos escuros que suspeito deles, são como uma grande família unida e nem sequer duvidaram, na hora de me integrar.

Francesca é a mulher mais doce que tive o privilégio de conhecer, deixou-me pegar Esperança em meus braços, inclusive repassei o rosto da menina com meus dedos. O coração encheu de ternura, ela foi paciente, sua voz e sua presença levaram-me a um estado de paz





interior, que me deixou totalmente exposta. Não pude fechar-me a nenhuma destas pessoas, nem mesmo querendo, eles me obrigam, com seu calor, a permanecer aberta e gosto. Não há desconfiança e tenho em conta que qualquer pessoa, em meu lugar, teria. Mas não sou assim, sou uma garota que confia em sua intuição e na amabilidade, nas vozes dos outros. E não me equivoquei nunca, agora muito menos. Sei. Não preciso duvidar, quando mantenho uma conversa, com qualquer um deles.

Em especial Alex. Ele foi extraordinário, desde que me rodeou com seus braços no bosque e me protegeu. Faz-me sentir segura, quando está ao meu lado ou na mesma sala. É como se a aura que o rodeia, se mesclasse com a minha, transmite-me sentimentos intensos e quero saber o que significam e o que posso fazer com eles. De qualquer jeito, somente em tão poucas horas, estou segura de que ele significará muito em minha vida. É o maior motivo da minha vontade de ficar. É Alex e aventura. E ambos podem ir na mesma frase. Ele provoca emoções e, para alguém como eu, isso é o que verdadeiramente vale a pena.

Durmo em um piscar de olhos, já sem aguentar mais, o cansaço de toda uma noite sem descansar, derruba-me. Pela manhã, tentei dormir, enquanto Bianca fazia-me companhia e não pude, pela enorme dose de adrenalina correndo em minhas veias. Estava exausta, muito longe de conciliar o sono, mas tem que chegar o momento de calma, o





corpo cobrou a fatura final.

Não consigo saber muito bem quantas horas estive fora de combate, quando acordo, movo-me na cama e desembaraço todos os fios embaraçados do meu rosto, esfrego as pálpebras fechadas e ativo meus sentidos. Não estou sozinha no quarto, não importa que não possa ver, sempre me dou conta de que há companhia.

— Olá? — Chamo, sentando-me no colchão.

— Bom dia dorminhoca, — responde Adela, caminhando para mim.

Curvo meus lábios para cima, ainda sonolenta, tento sair da cama, para esticar as pernas e ir ao banheiro. Ela vem ajudar e a paro, não é que me incomode, mas gosto de deixar claro que não sou uma inválida, além disso, já conheço o ambiente na perfeição. Adela não fala nada e faz o que lhe peço, embora permaneça perto, no caso. Não culpo às pessoas por agirem dessa maneira diante de mim, é um instinto que flui e não é malicioso, ao contrário, é amável. Entretanto, prefiro que tenham em mente que, a não ser que estejamos cruzando uma rua, não conheça bem o lugar ou não tenha ao alcance minha fortificação, gosto de ir solta. Porque significa liberdade e quero ser o mais livre que possa durante minha existência nesta terra.





— Quanto dormi? — pergunto, saindo do banheiro.

— Bastante. — diz ela, rondando pela cozinha. — São seis da tarde. Não me surpreende, estava muito cansada. Sente-se à mesa, vamos lanchar — ordena, abrindo e fechando portas — Não comeu nada hoje, além do chá, que não conta como alimento.

— Oh! — Escapa-me, dando conta disso, o estômago ronca também, tomando nota. — É verdade, estou faminta...

Faço o que me diz, conseguindo uma cadeira junto à mesa e não demora em colocar um prato na minha frente. Em seguida cheiro as batatas fritas. Estou a ponto de abrir a boca para falar, divertida, quando ela me corta.

— Sei, é mais um jantar que um lanche — ri, mastigando algo. — Mas necessita de comida potente.

Rio. Não posso evitar, então coloco as mãos no prato, agarrando o hambúrguer e levo à boca. Fecho os olhos e gemo, está delicioso. Não recordo a última vez que enchi meu organismo de tanta porcaria, óbvio, minha mãe ordenava à cozinheira alimentos saudáveis e de baixa calorias. E nem pensar de chamar para pedir pizza ou qualquer outra comida do mesmo aspecto. Agora mesmo, estou feliz de sujar as mãos e sentir o sabor da carne, ovo frito e batatas. Paraíso.





— Não usa talheres? — Pergunta ela, rindo, vendo como me sujo, ao comer. Encolho os ombros e não falo, até engolir.

— Não tenho tempo para isso. — digo, conseguindo o copo de água à frente, depois de me limpar com um guardanapo. — É um hambúrguer, a classe de comida que se come com as mãos.

Arqueio o canto dos meus lábios, sigo mexendo em meu prato, pergunto-lhe se foi ela quem cozinhou. Ri ridiculamente. Ela não cozinha absolutamente nada. Nem tampouco seu noivo, Santiago, outro menino que também estava na noite que me encontraram, que tem voz fria e não pude intuir o que há em sua mente.

Pergunto como sobreviveu e a resposta é: "comida congelada". Correto, isso é o que pensava. Mas agora estão um pouco feitos, conta, porque Bianca vive com eles e cozinha, de vez em quando. Estou encantada de escutá-la, enquanto como, isto equivale a um sopro de ar fresco e limpo no rosto, renova-me. Acredito que nunca mais vou querer ir embora.

Batem na porta, para abrir um segundo depois. Em seguida, Bianca entra e a segue uma presença, que cheguei a reconhecer muito bem. Alex. Um gigantesco sorriso se congela em meu rosto e parece que assim ficará, pelo resto do dia.





— Bom proveito. — diz Bianca, rindo, asseguro que me vê como um bebê engordurado dos pés a cabeça, mas não importa. — Vejo que desfrutou da comida.

Agarro um guardanapo e me limpo.

— É claro, estava deliciosa. — confirmo sorrindo. — A primeira e última vez que comi um, foi quando era garota, ainda podia ver, pena que não lembro sua aparência exata. Mamãe é muito rigorosa com a comida.

Os outros ficam em silêncio um instante, tratando de processar minhas palavras. Posso entender que lhes produza um choque, que eu fale tão abertamente, da minha deficiência. Aprendi a fazer frente e seria tolice não querer reconhece-la, antes que outros.

— É só um hambúrguer. — comenta Adela, baixo.

Ah, entendo. Eles se surpreenderam, porque é o segundo hambúrguer de minha vida. Rio, muito fluido e forte, sem poder parar. Tampo a boca com o guardanapo e obstruo minhas gargalhadas.

— De verdade, foi uma prisioneira em sua casa. — escuto Alex sussurrar, não planejava que eu o escutasse.

— Ora — viro para sua posição, levemente à minha





direita, junto à porta. — Mas agora estou aqui, não? E ficarei por um tempo, não é genial? — Salto em minha cadeira.

Eles apenas se movem, trato de não deixar entrar as ondas de compaixão que vem de cada um.

— É genial ter você conosco, Ema.— O sorriso genuíno. No fim, meu coração aumenta no peito e levanto a cabeça com interesse.

Adela levanta a mesa e eu a sigo à cozinha, para lavar bem as mãos, Bianca vem detrás, para me convidar.

— Vamos ao bar em um minuto, imagino que quer se unir a nós. — diz entusiasmada.

Meus olhos se abrem, interessada. Seco-me e em seguida vou a ela, nem louca perco isto.

— Sou primeira na fila. — digo feliz.

Feliz. É assim. Por um momento penetra a inquietação pela angústia de meus pais, que não sabem onde estou e devem ficar loucos de desespero. Eles têm seus defeitos, são estranhos e rigorosos, mergulharam em negócios obscuros, mas me amam. E não sou uma boa garota, por estar neste lugar, divertindo-me junto a outros, enquanto eles, certamente estão me buscando ou acreditando que me perdi profundo no bosque e não sobrevivi, o que teria acontecido, se os Leões não me encontrassem. É cruel. Mas





também arrumaram um compromisso pelas minhas costas, vendo só os benefícios que obteriam, sem considerar meus próprios desejos. Mantiveram-me trancada, possivelmente por medo, possivelmente por egoísmo, não me deixavam viver como queria, e na minha maneira de entender, foi crueldade. Assim, por um momento, sinto-me bem, dizendo a mim mesma que é uma espécie de vingança. E mereço entrar em outros mundos e conhecer gente nova, que, sobre todas as coisas, seja de meu agrado. E este clã, por agora, é em grande medida.

Descemos as escadas, desta vez aceito o braço de Alex como guia, que não me leva, mas sim, deixa que apoie minha mão nele. Quando os degraus ficam para trás, movemo-nos através da superfície ampla do bar, esquivamos das pessoas, detendo, de vez em quando, para conversar. Apresenta-me a outros integrantes da irmandade e inclusive, conheço Lucrécia e seu prometido, Max. Falam de seus gêmeos e ela me leva para conhecê-los, direto onde dormem, em seus carrinhos de bebê, enquanto tomo suas pequenas e flácidas mãozinhas em meus dedos e as esfrego meigamente, sorrindo, perdida, sonhando que algum dia poderei fazer o mesmo, mas com meu próprio bebê. Isso é outro desejo que ferroa profundo e sei que, se ficar junto a meus pais e deixá-los me conduzir, jamais se cumprirá. Não importa se me casam ou não com David, nunca na vida vai tocar em um fio de meu cabelo. De maneira nenhuma.





Fico um pouco com ela, seu bate papo é ativo e entretido. Não reparo na hora, suas perguntas e sua curiosidade divertem, acreditam que, em menos de meia hora, cheguei a contar quase tudo de minha vida. Não é que tenha muito para relatar, estiveram trancados meus melhores anos. De um momento para outro encontro, sendo arrastada por Bianca para o bar e ali estão Leon e Alex, sinto a intensa atenção do último sobre mim, sem pausa. Pergunto se está me olhando de verdade ou é só produto de minha imaginação. Possivelmente, reajo assim, antes do meu repentino e inesperado interesse em sua pessoa e ao desejo de mantê-lo sempre uns passos perto. É muito rápido e não sei absolutamente nada sobre ele, mas não me importa. Não tenho tempo para ser precavida. Não sei por quanto tempo vou permanecer aqui.

— Quer um gole, Ema? — pergunta-me Adela, detrás do bar.

Nego, por hoje só peço suco. Penso em descobrir o sabor da cerveja e dos licores, mas mais adiante. Não sei como vou reagir a eles, não quero dar problemas, na primeira noite no lugar. Estou louca por me soltar, mas necessito um pouco de controle, ainda não conheço tudo destas pessoas.

— Acredito que vai gostar de provar. — diz Alex, perto de meu ouvido.



Está tão perto, que meu corpo reage, diante a surpresa e a



impressão. É grande, não precisei tê-lo a meu lado para reparar nisso, apenas ouvi-lo mover-se em um lugar, ou falar de sua altura, alcançou-me. Alto, poderoso. E quente. Tremo e tombo um pouco de minha bebida, antes de prová-la. Em seguida o líquido fresco adoça minha língua e tenho que fechar os olhos e saborear, compenetrada, porque é delicioso. Espesso e suave ao mesmo tempo.

— Obrigada. — Sorrio.

Percebo seus dedos enroscar na ponta de meu cabelo, tiro proveito disso e dou um passo mais perto do fogo, jogando com ele. Em um dos áudios livros que escuto nas noites, antes de dormir, fala sobre a sedução. Inclusive diz algo sobre o homem tocando o cabelo da mulher. Íntimo. Deseja aproximação. Será verdade? Escolhi acreditar, esta noite e esta atração necessita de alimento e trabalho, meu sistema o quis, no primeiro minuto. Desde que suas mãos tomaram meus braços e me levantou do chão, desde que seu aroma se impregnou em minhas narinas e seu corpo roçou o meu. Não tenho ideia do que fazer a respeito, mas sigo meu instinto. Interesso-lhe também ou não significo mais que uma novidade temporária? Sou particular e as circunstâncias, nas que cruzei com ele são, sem dúvida, extraordinárias. Não são todos os dias que encontra uma garota cega, perdida no bosque, no meio da noite. Talvez, em uns dias, perca interesse.





Não. Não dou permissão para pensar desse modo. Não tenho tempo para aflições. Fecho as portas do assunto em minha cabeça e desfruto de meu gole junto a ele. Até seu silêncio é bem-vindo. Começo a pensar como começar uma conversa, que dirija tudo sobre ele, em profundidade. Algo me diz que não é um homem que se abre muito às pessoas e menos a alguém que acaba de conhecer.

Permanecemos no bar por um tempo e vou provando algumas bebidas novas e sem álcool. Quando meus pés começam a cansar, sento em uma banqueta, é óbvio, com ajuda de Alex. Bianca se acomoda a meu lado e não para de conversar, até que fica profundamente calada, então escuto uma ressonante voz séria, às minhas costas, que me obriga a dar a volta, para prestar mais atenção.

— Sirva o mais forte que tiver, por favor. — ele pede a Adela.

Escuto-a aceitar, suavemente e levo minha bebida aos lábios, tratando de chegar mais à frente. Curiosa. Bianca se inclina contra mim e sussurra.

— Esse que está escutando é Jorge. — explica. — Não é dos Leões, vem do clã inimigo, As Serpentes e por anos e anos estiveram em guerra. Mas agora o outro clã se dissolveu e Jorge ajudou os Leões, quando atacaram... Acredito que procura redenção por todas as coisas más que fez... É o pouco que te posso oferecer,





porque ele chegou antes que eu, a este lugar e não sei muito sobre o assunto.

Assinto. Então rodo.

— Sua voz me dá calafrio — comento, a metade de meu rosto virada para ele. — Bianca faz um ruído de assentimento, posso notar que o estuda, sem um pouco de vergonha.

— Tudo dele dá calafrios. — acrescenta pensativa, depois congela. Está nos olhando. — sua voz tensa golpeia meu ouvido e sei que agora correu o olhar longe dele.

Termino meu copo e me estiro, para depositá-lo no bar, Bianca, a meu lado, chama a atenção de sua cunhada e pede uma cerveja.

— Nova por aqui? — Pergunta o tipo de que falávamos, segundos antes.

Não é exagero, quando digo que provoca calafrios, ainda não digo se foram bons ou maus. Os matizes, em seu som, são vários, profundidade, dureza, é terminante e claro e sei que é a classe de homem que não faz nada pela metade. Intenso, mas difícil de ler.

— Exato. — estiro minha mão em seu espaço.





Demora um momento em tomá-la, mas acaba fazendo, sacode devagar. Outra coisa que noto, a base disso é que há um pouco de ternura, em toda essa armadura forte, que deixa os outros verem e escutarem. Em meu caso, sei pelo que ouço, mas o resto o teme, com apenas uma olhada. Não tenho medo e tomo em conta que sou essa classe de garota que suaviza as pessoas, torno-as brandas. Às vezes é só compaixão, outras, podem ser sentimentos mais complexos, possivelmente, o verdadeiro motivo é que lhes caio bem.

— Ema. — apresento-me.

Não demoro a sentir outra presença a meu lado, firme, intensificada pela aproximação de Jorge. Alex. Não consigo alcançar seu alarme.

— Jorge. — diz, agora seu tom de voz mudou, baixando uns níveis de rigor. — Cão. — Fala depois, voltando para brutalidade.

Franzo o cenho diante deste último, até que caio em conta que está saudando Alex. Solto uma gargalhada.

— Cão? Sério? Em algum momento terei que exigir a história sobre isso. — Alex não diz nada, imagino enviando um aceno da cabeça em resposta. Bianca se junta ao grupo, depois de ter em mãos sua cerveja, coloca-se a meu outro lado.





— Perdeu isto, mais cedo, no bosque. — diz Jorge.

Não sei a quem se dirige, até que Bianca fala.

— OH... Meu bracelete. — diz sua voz afogada, deduzo que com vergonha. — Obrigada! — sorri duvidosa.

Gostaria de saber por que, de repente, ficou nervosa. Jorge se vai, no segundo seguinte, fazendo justiça à minha suspeita de que não é um homem falador e muito menos simpático. A meu lado, Bianca se acalma e volta a ser ela mesma e Alex consegue um uísque, sem separar-se de mim. Gosto muito disso.

— Por que te chamou de "Cão"? — Pergunto, decidida. Alex fica um momento em silêncio e é Bianca quem responde.

— Por seus olhos. — explica e ri — São de uma cor estranha, às vezes azul intenso, outras cinza prateado, como os de um cão siberiano...

Abro a boca para falar, mas não tenho nada que dizer. Ela parece ter algo pelo Alex, a forma que descreve seus olhos faz-me pensar se Alex corresponde? Meus ombros caem e uma sensação estranha abraça-me. Possivelmente, tirei muitas conclusões precipitadas, acreditando que Alex era especial comigo. E se estiver com ela? Hoje, vieram juntos buscar-me, para descer ao bar.

— Certo. — sorrio pela metade.





Alex segue em silêncio, é como se não gostasse desta conversa, assim, não digo mais nada a respeito. Durante o resto da noite trato de não parecer tão desanimada. Não posso acreditar, que uma simples suspeita apague-me tanto, cheguei a este lugar para desfrutar de minha liberdade. E agora mesmo, com uma simples conclusão, fiquei sem nada. Não posso deixar que estes sentimentos estranhos por um homem, que nem sequer conheço, governem-me deste modo. Sou mais forte que isto e vou superar. Não necessito de Alex para ter aventura, estou disposta a ter um milhão de amigos.

Mas por alguma razão suscetível, a insistente ideia de Alex sendo parte, faz-me feliz.

Alex

A mudança na Ema é notável, de um instante a outro fecha-se em si mesma e não deixa ninguém mais entrar. Tampouco volta a aceitar nenhuma bebida e só está atenta a seu entorno em geral. Permaneço a seu lado, ela sabe que algo que precise tem que pedir, por isso termino meu uísque e me acomodo na poltrona, junto à sua, estiro meus braços abertos e deixo saber que o direito descansa em





suas costas. Ela, sem dar-se conta, acaba apoiada nele, retorcendo suas mãos no joelho. Colocou um vestido de inverno cor azul escura, empréstimo de Bianca. As duas são magras e, embora Ema seja menor de estatura, podem compartilhar perfeitamente. Esse vestido poderia ficar mais curto e ajustado à Bianca, mas Ema o leva com igual elegância e fica linda.

Adela se dirige à equipe e sobe o volume da música. 'Closer' dos Nine Inch Nails soa bem alto e o ambiente explode um pouco. Rio, quando Gusto solta um grito e agita-se, enquanto caminha até o bar para pedir sua segunda cerveja.

De passada fica estagnado com Ema, olhando-a fixamente. Não a apresentei, quando chegamos, ele estava entretido nas mesas de bilhar. Dá-me um olhar cheio de perguntas e lhe assinalo que mais tarde explicarei. Ele parte e dou um olhar à garota a meu lado. Alarmo-me, ficou pálida e suas mãos já não se retorcem, mas sim estão imóveis e apertadas em sua saia, noto a tensão em suas costas, que tem contato com meu braço. Não espero um segundo mais, para saltar da poltrona e ir sobre ela. Sobressalta, quando lhe esfrego o ombro e apazigua, ao escutar minha voz.

— Está bem? — Quero saber, assustado pela perda de cor e o sorriso bonito em seu rosto.





Uma leve ruga entre sua sobrancelha demonstra estresse e levanta uma mão, destacando o ouvido, com um gesto torcido na boca. A música está muito alta. Tomo-a nos braços e a levanto. Levo-a até as escadas e começo a subir. Seguimos o corredor e entramos no quarto. Ali, ela se afasta e joga um suspiro no ar, comprido e denso, enquanto seus ombros relaxam.

— Melhor? — Pergunto, dando um passo perto.

Dá a volta e me enfrenta, assentindo. Seu sorriso não aparece novamente e o mal-estar em meu peito se intensifica, sou um fodido viciado desse sorriso. Viveria só para colocá-lo em seu formoso rosto.

— Não... — Suspira. — Preciso ouvir tudo a meu redor... A música não deixava...

Sei. Imaginei, no instante em que me assinalou seu ouvido. Falta-lhe a vista, o segundo sentido de alerta que fica, para sentir-se segura. A distância em sua volta é o ouvido e a música tão alta não lhe dava o controle, para saber se estava a salvo.

— Entendo. — murmuro.

Ela sorri pela metade e se dirige à cama, para sentar na beira, vejo-a caminhar reta, cuidadosa, para não chocar em nada. Uma vez quieta, acaricia a colcha, como tantas vezes





a vi fazer antes e espera. Não sei o que espera, só sento em uma das cadeiras, a uns metros de seu lugar.

— Estou bem agora — esclarece cautelosa — vou deitar. Pode ir para sua namorada...

Fico congelado em meu lugar, ao tentar assimilar o que acabei de escutar.

— Namorada? — Sufoco uma onda de risadas. — Não tenho namorada...

Porra, não sei como chegou a essa conclusão, é evidente que não estou com ninguém. Inclusive, embora não me veja, não é difícil deduzir que não sou muito apegado com o gênero feminino. Bom, só com ela, tenho que admitir. Não posso evitar sorrir, diante de seus olhos bem abertos e suas bochechas ruborizadas. É adorável, mil vezes adorável.

— Acreditei que Bianca... — Freia-se, ficando em silêncio.

Franzo o cenho. Bianca?

— Definitivamente não. — respondo seguro.

Seu dedo indicador passeia no tecido a seu lado, o movimento me desconcentra um momento. Baixa um pouco o rosto e morde o lábio inferior, vejo-o, antes que a cortina de cabelo castanho avermelhado caia, cobrindo-a.





Gostaria de saber o que há em sua mente agora mesmo.

— Então deve gostar muito. — insiste, elevando-se novamente em minha direção. — Suponho que as garotas gostam de você. — estira um canto de seus lábios.

Está me testando? Não sei o que quer conseguir com isso. Talvez saber se sou um tarado arrogante, desses que sabem quando têm todas as mulheres babando atrás?

— Não me interessa se as garotas gostam de mim. — solto.

"Só há uma", penso. Ao fim, sorri plenamente e deleito em tudo dela, *“levante e demonstre",* insiste uma voz em minha cabeça. Nego-me. *"Beija-a. Beija-a e que tudo vá à merda".* Sério? Que porra está errado comigo? Este não sou eu, estou perdendo a direção. A voz segue insistindo e inquieto, acalmo-a, lançando a verdade, *"é muito apressado".* Remato-a com uma promessa, *"logo".*

— Isso quer dizer que... Você gosta de homens? — Insiste.

Rio, não posso parar, antes de soltar o primeiro turno de suaves gargalhadas. Caio para trás, relaxando contra o respaldo de minha cadeira, enquanto descanso minhas mãos no abdômen.





— Não — indico, tossindo. — Não sou gay. Só tomo o assunto com calma, quando se trata de mulheres... — Convenço-me de que isso conta como explicação.

A verdade é que já tive suficiente sexo sem sentido, durante minha adolescência, tanto, que valeu por toda vida. Mas não vou expor isso, ainda não me sinto em paz com esse período de minha vida, para falar dele sem reservas e menos à garota que quero beijar — e algo mais — em um futuro próximo, se for possível. Tenho que me ocupar de minha merda, se quero avançar, mas não irei muito longe.

— Posso te tocar? — Pergunta.

Minhas sobrancelhas saem disparadas para cima, sua expressão é toda inocência. Então se transforma, dando um meio sorriso de duplo sentido, sai da cama e vem até mim. Inalo, quando seu perfume me invade dessa posição.

— Refiro-me a te conhecer. — ri.

Estreito os olhos, não estou muito seguro de onde quer chegar, digo-lhe que sim. Depois de tudo, vai tocar-me e aceitaria qualquer contato de sua parte. Ponho-me reto na cadeira e separo minhas largas pernas, para deixá-la entrar em meu espaço pessoal. Apoia-se em meus ombros e, em seguida, ponho-me sério, atento a qualquer dos movimentos que vem. Sobe por meu pescoço, ambas as mãos a meus lados, tenho que aceitar que seu





contato me esquente, mesmo logo que começa. Aperto os dentes juntos e ela arrasta as pontas dos dedos por minha maçã do rosto.

— Maçãs do rosto altas — recita, seu tom soa, como se lhe faltasse o ar.

Rodeia meus olhos, caminha em minha testa, lenta e tortuosamente. A suavidade de seu toque põe meu coração a pulsar como nunca, parece que esteve morto todo este tempo. Ao chegar em minhas sobrancelhas, aperta meu cenho franzido.

— Não enrugue as sobrancelhas. — ordena, arqueia seus lábios e franzo os meus, virtualmente impossível não me esticar e ter minha primeira provada, justo aí.

A garota está fazendo isso difícil e não falar, se baixarmos ao sul e perguntarmos. Meu mantra agora mesmo é: *"Muito apressado... Muito apressado... Muito apressado"* Porque quero me equilibrar sobre ela e apagar esse sorriso maroto em seu rosto, parece que sabe na perfeição que está me provocando.

— Assim está melhor. — sussurra, porque faço conta.

Acaba percorrendo meu nariz depois e quero suspirar entre risadas, jamais imaginaria em uma situação como esta. É louco, mas ao mesmo tempo formoso.





— Nariz reto, afilado. — está tão concentrada agora.

E me afeta mais saber que vai direto aos meus lábios. Seus polegares passeiam, contornando-os, o resto de seus dedos estão em minhas bochechas, ásperas pelo restolho de barba descuidada, que tem já quatro dias. De novo pressiono minha mandíbula, para não abrir minha boca e saborear seus dedos. Maldita seja, quero comê-la. Inteira.

De onde saiu? O que foi o que fiz tão bem, para que a vida a coloque justo aqui, frente a mim e uma beleza com sua frescura e inocência?

— Gosto de seu aroma. — deixa sair de repente, inclinando-se sobre mim e cheirando meu pescoço.

De verdade? Quero gemer em resposta. Até um ponto, agradeço que não possa ver o que faz para que minhas calças estejam tão apertadas, estou, completamente, seguro de que, quando sair desta cadeira, vai doer tanto, que não poderei caminhar. E ferroará, até que me leve à liberação e tudo passará, tendo-a em minha mente.

— E seu cabelo, é tão suave. — toca-me, para provar isso.

Por um segundo passa-me pela cabeça, que está levando a cabo tudo isto de propósito, sabendo à perfeição, o que está obtendo com isso. Mas depois, convenço-me





de que não pode ser. *"Mantém em seu lugar",* advirto-me. Cada cinco segundos. O animal, em meu interior, não para de rugir, em protesto. Dá um passo mais perto, o último, porque já não há mais lugar para ir e quero saltar longe, antes que note o volume em minhas calças, entretanto, não o faço. Subo minhas mãos à sua cintura e a sustento, tomando nota de cada detalhe dela. As sardas em seu peito e decote levam-me a perguntar se seus seios também têm. Seu pescoço comprido e queixo delicado não vacilam, ela se mantém quieta em meu agarre, suas mãos viajam de meus ombros ao pescoço de minha camisa e pressionam minha clavícula, no pelo que começa em meu peito. Fico tenso, se o permito, é capaz de ir mais à frente.

— Ema Fontaine. — digo rouco, ao escutar minha voz excitada, que faz tudo mais real. — Está tratando de me seduzir? — Pergunto.

Toma uma pausa, lambe os lábios, hipnotizando-me no processo e logo reflete, fingindo dúvida? Imediatamente em seguida, dá de presente esse sorriso torcido dela, que me deixa tão louco. E ao final, sei o que significa, está procurando problemas. Comigo. E se segue procurando, vai encontrar.

— Talvez. — diz, tomando-me de surpresa, ao voltar a inspecionar meus lábios com o polegar.





Grunho, o animal dentro de mim já disposto a dar o salto, a respiração de Ema se torna errática, quando minhas mãos correm nela até suas costas, pegando-a mais contra meu torso, agarra-se a meu pescoço e em seus olhos aparece expectativa. Preparado, perco todo meu maldito e débil controle. E não me importa. Beijarei e tudo irá à merda.

Ou não?

Não. A porta é esmurrada e Ema vai para trás tão rápido, que quase cai e não foi, porque consigo pegar um de seus braços e a estabilizo. A porta abre e Bianca entra, cambaleante e rindo em voz alta.

— OH — cobre a boca com as pontas dos dedos, seus olhos lamentando-o. — Sinto muito, interrompo algo?

Não temos que responder, porque, imediatamente, põe-se a correr para o banheiro, trancando-se, certamente para vomitar sua bebedeira. Fixo-me em Ema, está rosada e sorridente, como sempre. E quero continuar com o que estávamos fazendo, ou por fazer, mas me tornou a alma decente ao corpo. *"Logo",* insisto com a promessa.

— Acredito que o melhor é ir para cama — digo, dirigindo-a com precaução. Ela assente, sem discutir e se deixa cair na lateral. — Enviarei Adela para que as vigie, não acredito que Bianca seja capaz de...





Ema me corta, batendo em meu peito, rindo. Vê-se divertida, qualquer um estaria envergonhada do que estivemos a ponto de fazer, faz só um par de minutos.

— Estaremos bem, prometo — assegura.

Estreito minhas pálpebras com suspeita, depois faço saber que estou de acordo, embora seja mentira. Vou enviar Adela, para que fique com elas, Bianca não está em condições de manter um olho em Ema. Já sei que não é uma inválida, mas até que não consigamos um bastão, precisa estar acompanhada. Caminho até a porta, minha mente cantarolando que sou um grande covarde, por escapar assim, mas é o que tenho por agora. Não faz um dia que a conheço, Por Deus. Não posso me lançar sobre ela, ainda.

— Até amanhã. — digo na saída.

— Até amanhã, descansa. — rebate Ema do seu lugar, muito quieta e até sorridente.

— Igualmente. — devolvo, abrandando e lhe dando outro sorriso em resposta. Zero tensões.

"Logo", repito-me durante todo o lance escada abaixo. *"Logo".*





Capítulo 7

Alex

Estacionei minha moto no pátio traseiro da casa do bairro e me dirigi até à porta da cozinha. Entrei sem bater, como sempre fiz e sei que Miranda não me atenderia dentro de um momento, não passou despercebido o carro estacionado em frente. Perambulei para lá para cá, parando primeiro na geladeira, consegui um pouco de sorvete, sem necessitar de permissão. Escutei gemidos e golpes vindos do quarto e balancei a cabeça, sabendo que Miranda estava indo muito bem. Ela sabe como fazer. Não lhe importa que a chamem de "puta" por aí, pois não se incomodava em ser o que é e leva esse título como uma medalha de honra. Mas bem, é uma prostituta. Cobra por isso e muito bem. É o que se chama de puta da elite, só os homens ricos têm acesso a ela, e devo adicionar, vale todo o dinheiro que pede. E os tipos o deixavam muito claro.





Ela me conseguia as clientes e as selecionava, sou grato por isso. Tudo começou, conforme me contou uma vez, com uma das esposas de seus homens tocando à sua porta, furiosa. Miranda só disse a verdade, ela tomava aos clientes e não perguntava se eram casados, porque não interessava. Essa responsabilidade era só deles, se não pensavam em seus parceiros, na hora de conseguir um jogo, ela muito menos. A mulher começou a chorar, na porta da frente da casa e Miranda não teve melhor ideia que convidá-la a entrar. Uma situação desconfortável e estranha, com certeza.

— Sabe? Só posso lhe dar um conselho: pague na mesma moeda. — Foi o que disse.

A mulher a ignorou. E aí entrei no plano. Miranda, com apenas uma olhada de longe, soube que minha beleza podia me levar longe. No sentido do dinheiro, claro. Embora não parasse de repetir que podia tirar proveito, procurando um agente, para me colocar trabalhando na moda. Da minha maneira porra. Eu era uma combinação de homem e menino, um grupo de mulheres do dia-a-dia, que me queriam em suas camas. E ganhava uma boa soma diária.

A porta do quarto abriu e Miranda entrou na cozinha. Nua. Um charuto entre seus dedos. O batom vermelho de seus lábios não estava e seu cabelo negro caía em seus ombros e peitos, era linda. Elegante. E levava sua nudez com orgulho. Uma mulher de quarenta anos, que





aparentava trinta e ela sabia que era bonita. Olhou-me, seus olhos negros repassando-me dos pés à cabeça, caminhou até mim.

— Olá, meu amor. — disse, docemente.

Acabara de colocar uma colherada de sorvete na boca, engoli em seco, seus lábios caíram nos meus. Mordeu e procurou, saboreou meu interior. Lambeu-se e sorriu, perigosamente.

— Que porra? — Cuspi, franzindo a testa. — Você acaba de chupar esse cara...

Ela riu e não disse nada, porque ele saiu do quarto vestindo as roupas. Congelou no meio da cozinha, cauteloso.

— Esse é Alex, meu bebê. — Miranda apertou minhas bochechas.

Permaneci ilegível. Ela se deu conta do que fazia? Eu, supostamente, era seu filho. E a estava vendo em toda sua glória, tirando um desconhecido de seu quarto. Linda mãe fez-me. Ele não me deu um segundo olhar e o acompanhou à porta. Antes de despedir-se, pagou a segunda parte do acordo.

— Disse a esse homem que sou seu filho, — disse franzindo a testa. — logo depois de colocar a língua até minha garganta.





Ela lançou o maço de notas na mesa e sentou, cruzando as pernas, seus seios balançaram, com o movimento.

— Alguns ficam um tanto possessivos. — Comentou, colocou o cigarro nos lábios e começou a contar. — Estava te salvando de uma briga... — Olhou-me fixamente. — Bebê...

Gemi e tomei outro tanto de sorvete, ignorando-a. Vim buscar uma parte das minhas economias, Cami aproxima-se dos quinze anos e queria um grande bolo e um bom presente. Grande, caro. Ela merecia e o daria.

— Preciso que me dê metade da minha parte. — digo, indo à mesa, sentando-me de frente a ela, com o pote de sobremesa cremosa nas mãos.

Miranda sorriu e assentiu, depois se levantou e foi ao cofre. Guardou o que acabara de contar e tirou um montante, que era parte do meu. Resultava melhor que ela tivesse minhas economias guardadas em seu cofre, eu não podia permitir que me roubassem. As coisas, pelo bairro onde aluguei um apartamento, estavam difíceis, esta zona era mais segura.

— O que tem para mim? — Perguntou, indo procurar um robe preto sobre o sofá. Revirei os olhos.

— Quero uma sócia, não uma maldita mãe, Miranda. — Queixei-me, zangado.





Ela estalou a língua negativamente, parou ao meu lado e estirou uma mão, palmas para cima. Agora estava plenamente metida em seu papel severo.

— Alex, lembre-se de nosso acordo. — Anunciou firme. — Quero as provas de que não está mentindo para mim e ainda frequenta o ensino médio. Mostre-me suas notas.

Suspirei e me retorci, para chegar ao meu bolso traseiro, onde as tinha. Sempre era mais fácil tirar o papel preparado, mas brigava a respeito, porque queria que ela confiasse em mim. Sempre fui um menino responsável, não necessitava de provas. Não era um maldito mentiroso. Miranda olhou o boletim e sorriu, seu rosto iluminando-se.

— Porra, todas 9 e 10. — Acariciou meu cabelo. — Esse é meu garoto. Tem potencial, claro que sei que não me decepcionaria.

Engoli em seco, sua felicidade por mim emocionou-me um pouco. Fazia tempo que ninguém me incentivava e convencia de que podia ser mais que um menino morto de fome na rua. O trato foi que ela me traria trabalho, sempre e quando eu colocava esforço na escola, queria-me educado e inteligente, porque isso era o primeiro passo que se precisava, para poder sair do buraco.





— Temos que comemorar, em meio ano receberá seu diploma. — Aplaudiu. — Venha com a Cami esta noite, para jantar...

Recusei, detendo-a. Nada de colocar minha irmã nisso. Ela devia permanecer alheia a meu estilo de vida. Por agora, estava convencida de que eu trabalhava em um bar. Nenhuma maneira deixaria saber, que me vendia, cada maldita noite, à mulheres endinheiradas. A expressão de Miranda caiu.

— Ela não tem que saber o que fazemos, para ganhar dinheiro, Alex. — disse triste.

Dei de ombros, trazer Cami a esta casa estava fora de questão.

— E o que lhe digo sobre você? — Solto, negando a ideia. — Não posso trazê-la do nada e as apresentar...

— A verdade, Alex! — Saltou, dando uma palmada na mesa. — Que sou sua chefe.

Não disse nada, baixei os olhos ao sorvete, notando que derretia e coloquei de novo no congelador. Quando voltei, olhei para Miranda, que estava com a cabeça baixa, entretida com um fio solto do robe. Ofendi-a, sabia, mas não tinha ideia de como consertar. A verdade é que Miranda não tinha ninguém em sua vida, estava sozinha e ao me encontrar,





sentiu que podíamos ser uma espécie de... Família. E eu estava matando suas ilusões, ao não querê-la dentro de minha vida e de minha irmã.

Assim como me envergonhava de mim mesmo, também o fazia dela. E isso era egoísta e detestável, entretanto mantive dessa forma.

— Aqui está sua metade, — seguiu, discretamente, deixou-a sobre a mesa e adicionou outra pilha de notas. — E este é meu presente, para que comemore com Cami, leve-a a um lugar agradável. Compre-lhe um vestido, ela vai adorar. Desfrutem juntos.

Arranhei-me a nuca, nervoso.

— Miranda, eu...

Saiu de sua cadeira, de repente e me beijou na bochecha, sem sequer olhar nos meus olhos.

— Sem discussões! — Falou, fingindo que tudo estava bem de novo e saiu rápido para o corredor. — Lembre-se das duas garotas de amanhã, — gritou de longe. — Até a próxima!

Fiquei imóvel, no meio da cozinha, sentindo-me a pior porcaria do mundo. Por um momento quis corrigi-lo, gritar que viria com Cami essa noite, mas soaria como por obrigação e lástima, já que a feri com minha atitude. Melhor,





coloquei o dinheiro em meu bolso, não toquei no que ela queria dar de presente, só o olhei de longe, a amargura me comendo.

Saí da casa, cabisbaixo, por ter machucado os sentimentos da única pessoa que se preocupava, genuinamente, por nós. Sabia que devia superar minha vergonha pelo que era, por não ser normal. Miranda já o disse, não uma, mas mil vezes. Os pobres não eram como pessoas normais, tínhamos que fazer coisas que o resto não faria, para sobreviver. E vendia meu corpo para sexo, por dinheiro. Para sobreviver, precisamente. E tinha que aprender com Miranda, ela não sentia rejeição, só vivia. O destino lhe deu isso e ela tomou, sem duvidar, abraçou suas possibilidades.

"E devia fazer o mesmo, quisesse ser feliz algum dia."

Ema





Amanhecer, no recinto dos Leões, é toda uma odisseia, agradeço mil vezes a mudança de ambiente. Aqui é tudo mais aberto, novo, não me sinto presa, mas livre. E tenho amigos. Pela primeira vez em minha vida, tenho mais que uma só companheira e confidente. Adela passou a noite conosco, apesar de meu juramento que estava bem com Bianca, Alex a foi procurar, de qualquer maneira. Assim, Bianca e eu dormimos na enorme cama e Adela, ao nosso lado, em um colchão improvisado. A garota dormiu deprimida, em seu lado. Agora mesmo está apagada.

Ao despertar, tomei um banho, Adela me contou como estavam ordenados shampoo, condicionador, sabonetes e aparelho de ar condicionado, a maioria de tudo o que precisava. Não lhe perguntei, mas estou segura de que ficou junto à porta, até que terminei, provavelmente, temendo que eu escorregasse e caísse. Essa sutileza que põem ao redor, acho divertida. Embora, se isso continuar assim, terei que pedir-lhes para parar, já tinha com minha mãe em casa. Ainda tenho a esperança que parem logo, quando se derem conta de que sou perfeitamente funcional.

— É a primeira vez, desde que chegou, que a vejo bêbada. — Comenta Adela, posso imaginá-la olhando para cama, enquanto come seu iogurte com cereal.

Tomo um gole de café no meu lugar e rio. Ontem à noite, justo depois de sair do banho, caiu sobre a cama.





Perguntei-lhe se estava bem e respondeu que sim, fracamente. Continuei falando por um momento e deixou de responder, franzi a testa até que a escutei roncar, então ri. Ri sem poder parar, até que Adela veio. Jamais fui uma pessoa bêbada antes, nota-se?

— Algo a inquietou e bebeu demais da conta, não sei se estive curiosa ou preocupada. — Dou de ombros, sorrindo. Uma ideia ferroando na cabeça.

— Quando ela acordar, pergunte sobre Jorge. — Aviso maliciosamente. Adela fica imóvel, nenhum ruído vindo até mim. Está fodida agora e minha diversão escapa.

— O que aconteceu com Jorge? Não pode ser, Santiago vai cortá-la em pedacinhos e jogá-la em algum terreno baldio...

Estremeço. Bem, parece que errei.

— Não quer dizer nada, só notei que ficou nervosa, quando ele se aproximou. — Digo cautelosa, não parece engraçado que alguém vá cortar em pedaços outra pessoa.

E vindo desse homem, o tal Santiago, parece-me provável. Adela zomba da minha expressão triste e se levanta, para limpar sua tigela. Suspiro em minha cadeira e sigo com meu café da manhã, até que escuto Bianca movendo-se na cama, gemendo. Adela vai até ela com umas bolachas





salgadas e um copo de suco, para que tome seu ibuprofeno.

— Você vá tomar um banho e tirar esse cheiro de álcool. — Ordenou com voz firme, como se fosse sua mãe. — Você fede. E depois vai me dizer tudo o que tenha a ver com Jorge Medina, antes que vá com uma história ao seu irmão...

Bianca grita e faz um movimento brusco, Adela a repreende, porque derramou todo o suco sobre ela e a cama. Começa a balbuciar, como uma menina nervosa.

— Não aconteceu nada... Com ele. — Diz apressada. — Só me... Consolou, depois da briga com Santiago...

— Consolou! — Gritou Adela, obviamente chocada.

— Não seja mal-intencionada... — grita a outra garota, envergonhada. — Fui chorando entre as árvores e ele estava lá...

Rio, e graças a isso, o ambiente fica menos tenso. Tenho que dizer, esta situação é mais divertida.

— Que diabos aconteceu naquela floresta, Bianca? — Insiste Adela.

— Por que você se importa?

— Eu me importo, isso é tudo.

Levanto uma mão.





— Também me importo... — Falo.

Bianca faz beicinho e diz que foi uma situação muito embaraçosa para ela.

— Ele estava lá... E eu estava chorando, amaldiçoando meu irmão... E chutando as árvores. — Sua voz vai fraquejando, à medida que continua com a explicação.

Levo os dedos aos lábios, fazendo força para não dar gargalhadas, já estou imaginando tudo.

— E? — A voz de Adela soa como segurando a risada. Bianca se queixa porque não quer contar realmente o que aconteceu.

— Meu salto afundou na grama e caí de bunda, então olhei para os lados e o vi, com um baseado na mão, sentado contra um tronco, olhando, como se quisesse me matar! — Lamentou.

Ok, agora ninguém está parando com a risada, Adela e eu a lançamos para fora com toda a força e Bianca geme e nos bate com almofadas. Recebo com surpresa, no lado da cabeça e salto da cadeira, buscando-a pelo chão, perdendo um pouco de tempo nisso. Uma vez em minhas mãos, corro à cama e a devolvo, esperando acertar. Ali, Adela a tem imobilizada e lhe dá palmadas, não sei onde.

Isto é engraçado. É o melhor dia da minha vida.





— Esperem... Esperem. — disse Bianca, ofegante. — Ainda falta o melhor...

— OH, Deus, — Adela fala, rodando pela cama, também recuperando o fôlego. — Não sei se quero saber a verdade...

— Sim. — digo, acomodando-me contra a cabeceira da cama. — Como a porra que sim... — Elas riem um pouco mais.

— Engatinhei até ele e... Roubei o baseado das suas mãos. — Murmura, Adela amaldiçoa e eu cubro o rosto. — Dei uma tragada, mas... Nunca fumei na minha vida, assim, afoguei da maneira mais horrível e tossi toda a fumaça... Em. Sua. Cara.

Minha barriga dói por um momento, depois de outro ataque de riso, Adela não para de dizer palavrões, sem dúvida imaginando essa situação tão vergonhosa. Dizendo que só com Bianca Godoy ocorrem essas coisas.

— Teria gostado de ver seu rosto. — Ri por último.

— Eu acredito que não... Ele estava verdadeiramente zangado. — assegura a garota deitada, ao longo da cama. — E então ele falou: *"você vai ter que me pagar por isso, era o último"* — fala, imitando uma voz grave, rouca e muito má.

— Ohhh, você está corando. — Adela falou.





Ficamos em silêncio, esperando, ansiosas, pelo resto da historia.

— Não estou muito orgulhosa do que fiz, em seguida. — Disse sério. — Eu disse*: "Ok"* e lhe dei um beijo na boca... Então saí e me escondi no meu quarto, até que baixou a adrenalina...

Rolo e caio da cama, enquanto Adela e eu quase morremos de tanto rir. Mesmo quando ela vai tomar banho, estávamos rindo como loucas da sua desgraça.

A meu entender não é assim, acredito que Jorge deve ter se divertido com a atitude da garota. Está realmente louca.

Enquanto ela toma banho, limpo a desordem que fiz, no café da manhã. E penso em Alex, vindo sempre na minha cabeça. Pergunto-me se já está acordado. Ontem à noite, com Adela, escrevemos a nota que enviaremos ao jornal local, para avisar meus pais que estou a salvo e não vou voltar, até que eu decida. Alex se comprometeu a enviá-la, também ia comprar roupas e uma bengala, para que possa me mover sozinha. Mas não o ouvi e adoraria fazê-lo agora mesmo.

— Adela? — chamo, da cozinha.

Ela vem correndo.

— Sim?





— O que faz Alex durante o dia? — Pergunto, ignoro o calor subindo minhas bochechas.

"Não tenho tempo para vergonha", penso. Ela demora um momento em responder, percebo muito bem que em seu rosto, está pintado um sorriso sabichão.

— Acredito que vamos ter que comprar um maiô, também.

Saiu rápido, antes que eu tenha a oportunidade de perguntar por quê.

Alex

De manhã reunimo-nos com Leon, em seu escritório. Enviei um dos novatos à cidade, para conseguir uma bengala para Ema e algumas roupas, não vai usar todo dia o que Bianca emprestou. Adela se ofereceu para escolher as roupas, Ema insistiu que fosse tudo de segunda mão, pois não quer estar em dívida com ninguém, mas deve aceitar tudo o que estamos dispostos a lhe dar, não pode sair do local, se não quer que a encontrem. Falando disso, também enviarão alguém, para que deixe a mensagem da Ema para seus





pais no jornal local. Ela assegura que está bem e que prefere que não a busquem, voltará quando se sentir pronta. É uma excelente tentativa, só que não me convenço muito, vão seguir procurando até encontrá-la.

No escritório encontro com Max e Santiago, sentados na frente de Leon. Fecho a porta e fico de pé, inclinado contra parede, recusando a oferta para sentar, prefiro sempre permanecer de pé. Melhor perspectiva, suponho. Uma vez que estamos preparados, Leon nos conta o plano.

— A festa é na quinta-feira que vem, contando dez dias desde hoje. – Começa. — Averiguei tudo o que pude a respeito. É uma das novas cabanas de férias, que foram construídas na floresta, mais para o sul. O pai do organizador é o dono, quem sabe se o garoto pediu permissão para isto. Faz-me pensar que não. A festa é privada, mas qualquer um pode participar, sem sequer pagar entrada. O requisito é que cada um leve sua bebida, não preciso adicionar que se trata de álcool, não?

Max ri secamente. Todos aqui sabemos como funcionam essas festas de adolescentes. Mais álcool, mais diversão. E toda a merda que vem com isso.

— Infelizmente, não sei que essas meninas esses imundos têm em vista, estamos apenas cientes de que uma é morena e a outra loira e têm vinte e dezessete anos.





Leon esfrega a testa, franzindo e todos entenderam que esta porcaria o frustra e não o deixa dormir bem. É compreensível, nenhum de nós considera sequer o fato que esses filhos da puta fujam com isso.

— Vão escondidos, levem quem quiserem como apoio, é melhor que formem um grupo numeroso, não sabemos quantos colocarão na festa. E, é óbvio, nada de ir com os coletes...

Assentimos e Santiago nos olha, com esses olhos que parecem ver tudo.

— Sem colete. — Repete. — Vamos chamar atenção, de qualquer maneira. — Repete de modo resignado.

É verdade, todos estão cheios de tatuagens, em especial ele. Santiago, onde quer que vá, sempre chamará a atenção de todos. Inclusive Max, com esse aspecto de menino problemático, embora ele e eu possamos ocultar bastante bem as tatuagens, estaremos em meio de tudo, provavelmente. Não passaremos despercebidos, como tanto queremos. Mas não é importante, aqui o principal é que não levem nenhuma garota dessa festa. O fracasso não está em nossas mentes, é inaceitável falhar.

— Quero olhos pontuais e atentos em todas direções, acompanhando com firmeza. Não sabemos como agem, mas suponho que primeiro





tentarão afastá-las da multidão, possivelmente drogando-as...

Aperto a mandíbula, meu ritmo cardíaco salta no peito, isto me traz desagradáveis e dolorosas lembranças. Drogaram minha irmã e fizeram com ela o que quiseram, destroçaram-na, física e emocionalmente. E nada nunca foi o mesmo, em sua vida. Se algo ruim acontecer com essas garotas, jamais vou me perdoar. De certo modo, torna muito pessoal.

— Estarei pelos arredores com meu outro grupo, se por acaso precisarem de reforços e, além disso, vigiaremos tudo o que passa fora. — Explica, seu tom em modo negócios. — Não entrarei porque vocês já atrairão a atenção, entre todos adolescentes e universitários — fez uma careta torcida e assentimos, de acordo com sua lógica. — Além disso, sou um filho do povo, as pessoas me conhecem e sabem que sou o líder desta irmandade. Minha presença não será útil lá dentro.

— Certamente saberão quem sou, também. — disse Max, balançando-se em sua cadeira. Leon assente. É claro que nossas caras serão relacionadas com os Leões.

— Sim, mas vocês podem mentir, dizer que têm a noite livre ou o que seja. — Assegura.

Estamos em sintonia. Nisso não há desculpa e se não nos querem deixar entrar, levaremos toneladas de garrafas de álcool, com isso compraremos um passe seguro





para a festa. Os olhos desses babacas vão abrir, como se acabassem de descobrir ouro. A partir de agora imaginaremos esta missão, está longe de nossa especialidade, mas que nos parta um raio se deixaremos que algo como isso aconteça, se podemos evitá-lo a todo custo. O melhor que Ema pôde ter feito foi confiar e deixar isto em nossas mãos.

Não vamos decepcionar. Nem a ela, nem a essas garotas. Nem a nós mesmos.

Depois do almoço, dormirei um pouco, já que preciso. Passei quase toda noite tratando de não reviver meu momento com Ema. Sem muito sucesso. Durante horas aguentei a agonia de uma ereção, tentando ignorá-la, com forte convicção. Recusei-me a cuidar dela, imaginando-a, sentia-me como que cometendo um crime. Para meu desgosto, depois que uma ducha gelada não teve efeito, tive que fazê-lo. O desejo animal não deixava de crescer dentro de mim, masturbei-me pensando nela. Foi bom, tão bom como pode ser se masturbar, a imagem da Ema em minha mente multiplicou as sensações.

E quando voltei a mim, considerei nojento.

É por isso que a estou evitando? Definitivamente, não quero olhar seu bonito e angelical rosto de perto, sabendo o que fiz ontem à noite. Imaginei dezenas de cenas que ferveram meus miolos, estou envergonhado. Como estive toda minha maldita vida. "Supere





isso, homem", pressionei. De nada serve esta repulsa, só me faz infeliz. Tenho que deixar de me sentir inferior e desmerecedor da oportunidade de desejar uma garota tão pura como Ema. Desejo-a, quero-a e já. Assim tem que ser. Não é pecado, porra. Não é. É natural sentir atraído por alguém, são contadas com os dedos de uma mão as vezes que aconteceu. Devo estar aliviado, depois de tanto tempo sentindo-me vazio. Tenho que admitir isso, porque meu corpo quer. A maior parte da minha mente também. E me faz bem. Porra, degradação pode ir para o inferno.

No inicio da tarde, pego a bolsa de treino e saio a caminho do bar. Mais exatamente, ao ginásio da parte traseira. Minha rotina diária espera-me e hoje, mais que nunca, preciso. Corro sobre a esteira até ficar molhado de suor, prossigo com flexões e pesos. O corpo está tremendo, no momento em que acabo e as gotas de suor viajam pelo corpo. Não espero para adentrar em um dos cubículos da ducha e me enxaguar. Então pego minha sunga da mochila e me preparo para umas braçadas na piscina. Os músculos se queixam, mas continuo exigindo, porque sei que podem suportar muito mais. Faço a metade da quantidade de voltas, quando o som da porta abrindo desconcentra-me e vozes femininas retumbam, criando ecos agudos. Risadas, brincadeiras e não preciso prestar muita atenção ou me virar, para saber que Ema está entre elas.





Minha força de vontade para evitá-las dura... Segundos. Detenho-me no meio e as observo, meu corpo submerso até o pescoço. Sim e até o pescoço também estou, em um milhão de outros sentidos. Bianca, Ema e Adela estão prontas para um mergulho. A primeira usa uma camisa larga e branca, de mangas e tem uma bolsa volumosa pendurando no ombro. Adela vai, como sempre, com seu jeans e camiseta preta. Ela é a primeira que começa a tirar a roupa e noto que vai mergulhar com seu maiô preto.

Finalmente, olho Ema. Suspiro. Ela é tão doce como sempre, desta vez está com uma bengala em suas mãos, que Adela comprou-lhe esta manhã. Pergunto-me se sabe que tudo o que lhe conseguiram na cidade, foi com meu dinheiro. Recusei que outro pagasse. Não sei por que, faço coisas que não faz sentido para mim. Foi porque quis, porque me senti bem com a ideia de ajudá-la, suponho. Essa é a única explicação que tenho.

Estou vendo-a em um vestido de verão branco de algodão, é mais ajustado, que tudo o que a vi usar até agora e abraça suas curvas, deliciosamente. É magra, mais do que deveria ser normal, mas há potencial em seus quadris e peitos. Suponho que, agora que começou a provar comida de verdade, ganhará peso. Ela tira seus chinelos e dá a bengala à Bianca, para que a guarde. Não espera mais, só sobe o vestido por seu corpo, até tirá-lo por cima da cabeça.





Então minha capacidade de respirar para, bruscamente.

E quando, finalmente, consigo mover meus olhos para longe, caem em Adela, que está me dando um sorriso zombador, com um inferno de duplo sentido. A cadela. Ela que lhe comprou esse tipo de maiô. Tão... Revelador. É uma extrema preocupação. Ou é apenas para mim? Possivelmente, estaria reagindo da mesma forma, se estivesse em uma peça de biquíni normal. Quero dizer, é Ema, simplesmente. Com um carinho e um sorriso de lado, meu sangue vai todo em direção ao sul. Mas, agora? Peço-lhe perdão em silencio, pelo despertar da enorme ereção, em seu nome.

O maiô... Ou melhor dizendo, o pedaço de tecido, é preto e deveria ser de uma única peça, deduzo. Entretanto, minha maneira de ver não qualifica dentro desse estilo, já que tem uma abertura, que vai desde seus seios ao umbigo, revelando uma grande parte de pele pálida, polvilhada de sarda. E isso não é nada, ajusta-se tanto a seus seios, que os comprimiu juntos, não vulgar, a não ser refinada e sensualmente. Seu cabelo vermelho está enroscado na nuca, em um coque grande e pesado e algumas mechas avermelhadas emolduram seu rosto, ruborizado pela expectativa e caem sobre o decote. Seus seios são mais bombásticos do que imaginei.

Estou em apuros. Preocupantes problemas.





— O que aconteceu, Alex? — Cantarola Adela, aproximando-se de mim nadando.

Olho para ela, franzindo a testa com desgosto e desconforto.

— Qual é a porra do seu problema? — Resmungo, assobiando suavemente.

Ela não precisa perguntar a que me refiro, lê-me excelentemente, por mais que tente ser o mais indecifrável possível.

— Tem vinte e três anos, Cão. — Diz, transformando sua voz de risonha a inflexível. — É hora de que se vista como tal. Seus pais a tratavam como uma menina. É uma mulher. E muito bonita, a propósito. — Sorri, mostrando os dentes.

Engulo. Tem razão, claro que tem. Mas... Mas poderia ter lhe comprado outro estilo de traje. Está me deixando louco. Agora mesmo entra na água, pegando na mão de Bianca. Posso ver sua doce pele arrepiando-se pela sensação desde minha posição. Porra, quero me aproximar. E fazer todas as malditas coisas sujas que Miranda me ensinou com seu corpo e... *"Pare com isso seu idiota"*, penso. É claro, tenho que parar, porque estou prestes a me tornar um cara louco e desesperado. Como um viciado, em busca de sua próxima dose.

Adela aproxima-se silenciosa.





— Menos mal que hoje não escolheu nadar com sua sunga branca — sussurra, divertida. — Quero ver como você gerencia, lobo selvagem, para manter a compostura.





Capítulo 8

Ema

Alex está aqui, sei, por que as garotas me trouxeram por ele, embora não me houvessem dito. Quando entrei, pressinto-o, sua poderosa e enigmática aura atrai a minha. Meu corpo caminharia até onde ele se encontra com uma facilidade assustadora e bonita, na mesma medida. Tiro o vestido que Adela comprou esta manhã e removo os chinelos. Sem roupa, só com o maiô, sinto-me leve e, de certa forma, bonita. Embora não possa me ver através de um espelho, sinto que toda a roupa que conseguiram para mim, é perfeita. Sem brilhos, rendas ou seda. É macio e leve, simples.

A água ficou calma, assim que acabamos de entrar na área da piscina, cheguei a sentir os olhos de Alex ao longo do meu corpo, faz correr meu sangue mais rápido, tanto que se amontoa em meus ouvidos e seca minha boca.

Lambo os lábios com antecipação, Adela e Bianca guiam-me atrás de seus passos. Enquanto caminhamos





com tranquilidade e cuidado, pergunto-me se isto que estamos fazendo entra na lista de ações de uma perseguidora. Não me sinto como uma, mas bem posso ser, aos olhos de Alex. Não ignorei que ontem à noite, enquanto repassava seu rosto com carícias profundas, algo o afetou. Possivelmente, meu contato ou minha maneira de levá-lo adiante. Ultrapassei-me, ele, por um momento respondeu, então Bianca interrompeu e tudo terminou. Notei sua tensão, quando se despediu e não me preocupei no momento, só estava eufórica, porque esteve a um passo de me beijar. Mas, à medida que passavam os minutos, quando Bianca veio para cama e Adela preparou seu descanso provisório, senti-me insegura. Então não apareceu esta manhã e isso me convenceu de que estraguei tudo. Algo o incomodava.

Entretanto, a lutadora insistente que existe em mim segue de pé, tentando chegar até ele. Por isso estou aqui, minha força renovada. As pessoas como eu necessitam de emoções e sensações chaves, que lhes recordem, dia a dia, que estão vivas. Cada manhã, ao abrir os olhos, apegamo-nos a um som, um sentimento, uma alerta em algum sentido saudável, porque tudo está escuro e nos faz falta algo que nos faça esquecer que vivemos em plena escuridão. Para mim foi sempre a doce canção dos pássaros, o sol quente, beijando meu rosto, por isso nunca fechava as persianas do meu quarto, a suavidade de Greta enrolada ao meu lado e não quero pensar muito nela, porque perco muito. Tudo isso





indicava que minha vida estava em ordem. Acalmava meu medo de não sentir nada nunca mais.

Hoje tudo isso é substituído pela certeza de que vou cruzar com Alex, em algum momento do dia.

Entramos na água, descemos os degraus com cuidado. Uma vez submersa até a cintura, afasto-me de Bianca e faço meu próprio caminho. Vou afundando mais e mais, até chegar à altura do pescoço, fecho os olhos e sinto uma sensação gostosa, solto um gemido. É relaxante e perfeita para meus sentidos. Minha pele está envolta em um cobertor úmido, que se move ao redor, morno e delicioso, os dedos dos meus pés se enrugam, uma sensação bem vinda. As garotas nadam, Bianca decidida a fazer exercício e Adela só querendo passar o tempo, antes de entrar, para trabalhar. Faço minha parte, sei nadar, mas não sou uma especialista. Em casa há uma piscina, conectada à estufa. Quando era menina tive aulas, mas uma vez que a professora deixou de ir, não voltei mais lá. Além disso, sou um pouco esquecida.

Um braço gigante me rodeia, inesperadamente, e a mão repousa no meu abdômen. Mordo o lábio inferior com força e o ar deixa meus pulmões, evitando voltar a entrar. Congelei e no segundo seguinte, estou derretendo inteira. Poderia derreter e mesclar com a água morna.





— Está indo à área mais profunda. — Disse uma voz escura, contra meu ouvido.

Está tão perto, que sinto sua respiração na minha bochecha. Gira-me, aceito, porque estou incapacitada de me mover ou sequer falar. Amo como me toca, o que sua proximidade provoca no meu sistema. É como se cada órgão do meu corpo parasse, só para apreciá-lo. Sorrio, timidamente, enquanto me dirige de novo para trás, suas mãos cobrindo todo o lado da minha cintura, a fortaleza que emana dele me estremece. Então permito apoiar uma palma da minha mão em seu peito e seu peitoral se contrai. De repente, a sala fica mais quente, meu rosto começa a queimar. E estou ciente de que ele nota que estou corada e agitada, seu toque me afeta tanto que acredito que vou desmaiar. Aposto mais e termino segurando seus ombros, que se elevam por cima de mim, por pouco não fico na ponta dos pés. Acabamos aonde a água não vai além do meu peito.

— Está muito calado. — Ocorre-me dizer.

Seus dedos movem-se nas minhas costas, aproximando-me. Percebo que se decidir inclinar-me, vai ter meus lábios na altura do seu peito úmido e quente.

— Não sou muito falante. — Diz, percebo que está focado só em mim.





Eu gosto. As garotas parecem distantes e fora do lugar, embora os ruídos que fazem estão bastante próximos. Dou um passo adiante e ele vai para trás, cauteloso. Tento muito não franzir a testa, não quero parecer caprichosa e insistente. Embora, na verdade, jamais estive mais ansiosa pela proximidade de um homem. Ou uma pessoa, em geral. Anseio por ele, acima de todas as coisas.

— Você está... Diferente... — Murmura, apertado. Sorrio, tratando de captar a altura de seu rosto.

— É meu maiô? — Pergunto, levando uma mão ao longo do decote e aliso. — Ficou ruim?

Não responde, parece perdido.

— Não é como se soubesse como estou nele, só... Sinto-me bem. — Digo em voz baixa.

Bom, não é muito. Meus seios estão mais livres que nunca, mas não estão nus, só mostro uma porção justa de pele. E quanto à abertura em forma de gota, em meu umbigo, não está mau. Se fosse biquíni mostraria muito mais que isso. Às vezes, menos é mais, toda mulher deve saber. É um traje de banho insinuante, mas não ao extremo. Por isso gosto, sinto-me uma mulher, ao usá-lo. Adela tem um excelente gosto e, o mais importante, parece me entender bem.





— Você é linda. — Disse e sua voz soa mais enfática que nunca. — Bom... É... É muito mais que isso.

Ok... Agora consigo perceber como meu rosto se ilumina, embora queira parecer o menos encantada possível. Separo-me um pouco, ganhando tempo, porque não tenho nem ideia do que dizer, como resultado disso, nunca me deram elogios antes. E vindo dele é mais especial ainda. Percebo que a água parou de se mover e o silêncio cai sobre minha cabeça, repentinamente. As garotas se foram?... Em que momento? Isto me leva a pensar que nos colocaram em uma espécie de armadilha. Coro mais, se isso for possível.

Estamos sozinhos e nós de tensão formam na garganta, sinto que tenho de preencher o maldito silêncio. Não é desconfortável, é... Estranho. Há uma sensação ao redor, como expectativa. Gostaria de saber o que significa. Movo minhas mãos aos lados, mexendo na água. Preciso dizer algo. Qualquer coisa. Geralmente, estou cheia de assunto, mas agora estou em branco, preciso de um empurrão.

— Um — faço uma pausa. — Você está... Muito silencioso. — Insisto.

— Eu sei.

— No que está pensando? — Quero saber.





Minha curiosidade ganha batalhas dentro de mim. Preciso entender o que significa esta pausa entre nós, a tensão do seu corpo envia ondas de contágio para o meu.

— No terrível desejo que sinto de te beijar. — Murmura tão baixo que penso, por um momento, que não ouvi.

— O que te impede? — Inclino-me sobre ele, procurando seu calor.

Suas mãos sobem por meus braços e estão indecisas, como se quisessem me apertar contra seu peito, ou me empurrar para longe.

— Não poderei parar... — Sussurra, seu fôlego golpeia meus lábios entreabertos.

— O que te impede? — Repito, já que o que disse não é impedimento de nada, não é desculpa.

Minha boca está seca e o ar entra por meu nariz, caoticamente, acelerando os batimentos cardíacos do coração.

— Alex?

— O quê? — Expulsa, sem ar.

— Estou esperando. — Insisto.





Toma-me, com o rosto quase ao nível do meu. Só uns poucos centímetros separam nossas bocas. Meus lábios se separam, esperando. Os batimentos do coração retumbam em meus ouvidos, como tambores marcando uma contagem regressiva, intensificam-se, quando acredito que Alex cederá. Mas não passa e a respiração que estava segurando, escapa-me, em um suspiro necessitado. Agora que ele disse que quer me beijar, não posso sair daqui sem que aconteça. Será impossível seguir, deve cumprir o que insinuou.

— O problema é comigo, não com você... — Começa.

E só assim, para que meu semblante caia desiludido. Afundo-me tanto no interior, que meus ombros caem, soltos. Nenhuma esperança.

— Clichê — digo, irritada. "Não é você, sou eu", nego por dentro.

— Um... Creio que...

Afasto-me e lhe dou as costas, antes que o constrangimento que sinto seja notado, mas não vou muito longe. Não me permite isso. Estou tratando de engolir o nó horrível que obstrói a garganta, quando ele é responsável pela ruína. Puxa-me para seu corpo, colocando minhas bochechas em suas mãos. Retém-me, duro, inflexível. Ele não vai deixar-me ir.





— Sh-sh-sh. — Sussurra contra meus lábios, suponho que me apressei nas conclusões? — Deixe-me terminar, Ema.

Aperta-me mais, tirando o ar. Uma de suas mãos passa por meu corpo, cintura e depois pelas costas, mas não antes de tocar todo o caminho, descendo. E o lado direito do meu seio. Pisco e quero fechar as pálpebras e gemer forte.

— Penso em solucionar. — Ajusta-me a ele e assobio em seus lábios. — Depois disto...

E finalmente me beija. Não, não me beija. Primeiro morde, eu pulo, minhas terminações nervosas eletrificando-se. Arrasta os dentes até soltar e assim, tem-me derretida, quando molda seus lábios aos meus. Nunca fui beijada, não sei o que fazer, mas sigo as ordens da intuição, meu corpo sabe como agir. Resmungo e enrosco minhas mãos em seu pescoço, meu corpo fixo no seu. Grunhe, abre-me, chupa meus lábios, como se tivesse desejado por anos e anos e isso foi só sua intensa necessidade. Vida ou morte. Penetra sua língua, bruscamente e sem permissão e me ocupo de sugá-la, porque quero, porque é isso que grita em meu sistema e tenho que fazer. Ele responde, levantando-me e grito, ao dar conta de que suas mãos estão na minha bunda, seus dedos criando marcas na carne macia. Abro mais a boca, persigo seus lábios, a barba de vários dias irrita-me e acende, ao mesmo tempo e provo seu paladar com minha língua. Também consigo minha parte justa, no negócio dos





beijos. Desfruto, bebendo e deixando beber. Compartilhando, cuidando e moldando, ao que significa o despertar de minha sexualidade.

O despertar completo.

Sua palma se arrasta acima e seus dedos se fecham nas alças do maiô, agarrando-se, como se temesse que eu partisse. Não penso em ir a nenhum lugar, só estou tratando de me encher dele. De consumi-lo, até que não fique nada. Mas isso seria impossível, sei que sempre permanecerá este incêndio que inventamos e criamos, agora mesmo. Nunca haverá nada entre ele e eu, sempre resistirá a tudo. O meu cabelo cai solto, em cachos pesados e Alex acaba entrelaçado neles, segurando um punhado, à altura da minha nuca. Um centímetro cresce, separando-nos. Ingiro seu fôlego e ele o meu.

— Alex. — Ele solta a alça do meu maiô, relaxando seu aperto.

Inclina-se, a ponta de sua língua prova minha clavícula e roça seus dentes, a seguir lambe até a base de minha orelha. Ali mesmo introduz sua língua quente, sugando e puxando, respondo, agarrando seus cabelos com as mãos. Com força.

— Diga de novo — pede, aspirando meu cheiro.





— O quê? — Choramingo, sem fôlego para falar.

— Meu nome, Ema. – Entrecorta. — Outra vez.

— Alex. — Murmuro, ele ruge, estremece e se move, beijando-me profundamente, obrigando a me abrir a seu desejo. — Alex — repito uma vez mais, quando me deixa ir.

Meus lábios inchados ferroam sem parar, estão mais sensíveis do que o normal. Lambo e é tão doce seu sabor. Quero mais, vou por seu corpo, enquanto me esmaga contra a borda da piscina. Beijo seu ombro, subo para o pescoço. Ele faz o mesmo comigo, ao mesmo tempo em que suas mãos seguram meus joelhos por trás e abrem mais minhas pernas, para se acomodar e se pressionar contra meu núcleo. Choramingo baixo, surpresa, ao notar sua carne dura e excitada. Por mim. Ele me quer. E não há explicação para o sentimento que isso me induz.

Seus lábios se curvam contra a pele, na curva do meu pescoço.

— Está jogando comigo. — Tremo, porque seus quadris dançam. As paredes do meu sexo se contraem.

— Quando eu jogar, vou com tudo — continua, respirando no meu ouvido. — Avisei que não poderia parar...

Engulo.





— É meu primeiro beijo. — Confesso, em voz baixa.

— Posso fazer muito mais que isso. — Vai além, ajusta-se, esfregando-me.

O que aconteceu? Era um homem tímido, agora quer acabar comigo e me derrubar com seu corpo. Mas, definitivamente, é o que quero, com todo meu coração. Agarro-me em seus largos ombros molhados, não me deixa escapar. Estou presa, entre ele e a parede, apenas a água gira em nossa área.

— Estou excitada. — Tremendo. Solto o ar de repente, metade gemendo, metade risos.

— Não guarda nada, não é, Ema? — Seu tom rouco arrepia minha pele. Nego e recebo um beijo no canto da boca.

— Não tenho tempo para ser tímida. — Digo, sorrindo. — Quero você.

— Há tempo, nós teremos. — Corrige.

— Não temos certeza — arrasto minhas unhas por suas costas, será que gosta disso? Suponho que sim, porque se esfrega um pouco mais e consigo imaginar estrelas coloridas. — E embora tivéssemos, não me importa. Eu te quero.

Vem para meu pescoço e suga a pele.





— Como me quer? – Pergunta contundente.

Mordo meu lábio e finjo pensar, então o cerco com minhas pernas e me esfrego. Gememos ao mesmo tempo.

— Eu quero calado. — Falo. — E duro.

Sorrio para o resmungo desesperado que sai do fundo da sua garganta. Recebe as ordens, fecha a boca e se move. Bate sua virilha contra mim, fricciona e meus lábios se abrem, murmurando coisas sem sentido. Inesperadamente, pressiona forte em mim, seu pênis encaixando certo no meu núcleo. E acredito que estou perto, muito perto.

— Isso é o que se chama apressar. — Fala com dificuldade, balança violentamente, de novo, perdendo o controle. — Muito rápido.

— Sim. — Sussurro. — Mais rápido, — Peço, contorcendo. — e deixa essa droga sobre "apressar".

Procuro sua boca e me encarrego de calá-lo. Ou é muito silencioso ou muito falador, não há meio termo, quando se trata dele. Preciso do meu primeiro beijo, com orgasmo incluído, porque já atingi o ponto que não há retorno. Se estiver preocupado, por ir muito rápido, vou fazê-lo esquecer. Não importa quanto tempo faz que nos conhecemos, para mim é como se estivesse presente, toda minha vida. E esperei muito para obter isto. Um homem que eu goste,





envolvido com meu prazer.

Solto seus lábios de repente, paro, precisando, abruptamente, de ar, sentindo pequenas vibrações na barriga. Minhas paredes internas contraem-se, não há necessidade de implorar, reclamando para ser preenchida. Mas agora não, hoje não. A fricção é divina.

— Sinto vir — choro.

Alex se retira, enfia a língua na minha boca, com violência e me beija, embora mais apropriado fosse dizer que tenta alimentar-se de mim, de dentro para fora. Acalma meus gritos curtos e agudos e dá mais estocadas uma última vez. Sua dura ereção golpeia o ponto certo e venho. Voo alto e longe, fecho os olhos e meu pequeno corpo sacode, entre ele e a parede. Minhas costas se arqueiam e endurecem, antes de vibrar como gelatina. Meu corpo está em êxtase e sorrio, uma vez que Alex deixa escapar minha boca.

Foi épico o primeiro contato, com o homem certo.

— Doce. — Ele se engasga, deixando ir.

— Lindo. — Concordo.

Volta a me beijar, mas desta vez é terno e suave. Coloca-me sobre meus pés e quase caio, sem forças. Ele disse que não ia poder parar, e eu o quis mais, justamente por isso. Se isso for um engano, então é o mais





celestial. A melhor coisa que aconteceu na minha vida. E vou guardar para sempre.

A porta se abre, de repente e nos surpreende, com a violência que estala.

— Esconde a garota — grita um homem de lá, ansioso e preocupado. — A polícia está aqui...

Paro e passo do céu para inferno, em um piscar de olhos.

Alex

Max grita da porta e o calor torna-se frio, em um segundo. Minha mente vai a mil por hora, quando sujeito Ema, levantando-a em meus braços e me movo direto para as escadas da piscina. Uma vez fora, corro até o banco e as bolsas, consigo meu roupão de banho e a toalha, envolvo-a no roupão. Ela coloca os braços nas mangas e amarro o cinto. Depois me seco e coloco o jeans por cima da sunga, sem demorar, o tecido já está encharcado, quando abotoo. Não perco mais nem um minuto, pego o bastão que Bianca tirou de sua bolsa e deixou sobre o banco e volto a





levantar Ema. Ela não reclama, apenas descansa em meus ombros e me deixa cuidar dessa situação como posso.

Entro no bar como um furacão e não tenho que dizer nenhuma só palavra, Leon está atrás do bar, no canto, abrindo a pesada tampa do porão. Dou-lhe um olhar agradecido e ele assente, tão sério, como a situação requer. No momento seguinte, somos consumidos pela escuridão e me deixo cair no chão, Ema sentada em meu colo. Está tremendo e respirando com dificuldades, agarrando-se a meus ombros com força, apavorada. Estico-me, para conseguir pegar a lanterna, que sempre é deixada aqui em baixo, por precaução e me deixo cair contra a parede. Acaricio o cabelo de Ema, que ainda cai água, desembaraço as mechas, que estão grudadas em suas bochechas. Agora está pálida e amaldiçoo por dentro, pois há uns minutos atrás esteve toda quente e corada por nossa explosão. Queria voltar a ver seu semblante perdido e abandonado ao êxtase.

— Estamos escondidos. — Informo, deixando escapar um suspiro comprido e pesado.

Ela treme e traz uma mão ao meu rosto, nervosa. Como se estivesse confirmando que sou eu quem está aqui embaixo, com ela.

— Não podem me achar. — Diz em um soluço seco, alterada. — Não quero que me levem... Não agora, que te encontrei.





Meu coração dá um pulo até a garganta, com sua declaração. Não quer ir por mim. E me surpreende a resposta, que se forma como uma bola girando, na cabeça. Tampouco quero que se vá, porque preciso dela comigo. E agora, mais que nunca, tenho que me esforçar em superar meus traumas.

— Não levarão — rosno, trazendo seu rosto ao meu. — Terão que passar por cima do meu cadáver primeiro.

Seu rosto suaviza um pouco, por causa das minhas palavras e relaxa contra mim, apoiando a cabeça no meu ombro nu. Ficamos em silêncio e tento aguçar o ouvido, para ter uma leve perspectiva do que ocorre lá em cima. E é inútil, não ouço absolutamente nada. Tudo parece tranquilo. O que aparenta ser um susto infundado. A visita é rotineira, se estão vigiando a área, é óbvio que darão uma volta pelo recinto e arredores. Estamos cobertos, hoje não acontecerá nada. O chefe lidará com a situação como um perito, como bem sabe, com calma e segurança. Ele se dá bem com as autoridades, apesar dos rumores e suspeitas contra nós.

Ema move-se, acomodando-se sobre mim e cerro os dentes. Ela assusta.

— OH, Por Deus — uiva em voz baixa, leva uma mão à boca.





Tento acalmá-la. Nem mesmo o susto e o apuro de nos esconder, desconcentram o sangue em minha virilha, ainda estou duro como uma rocha. E na espera que desapareça, sei que, provavelmente, persistirá, porque as sensações ainda residem sobre mim, em meu corpo e mente, perfurando insistentemente.

Jamais vou esquecer o que fizemos na piscina.

— Alex — sussurra, elevando-se, preocupada. — isso é injusto...

— Shhh. — Insisto.

— Isso... Foi satisfatório para mim... Preciso que também seja para você...

Sorrio, não posso evitá-lo. É tão doce, quero comê-la com beijos, durante toda a eternidade. Acaricio o queixo, repassando cada uma de suas sardas, por cima de seu rubor. Sua testa enrugada obriga-me a inclinar e beijá-la.

— Você acha que não me satisfez? — Aponto contra sua boca. — Foi a melhor coisa que me aconteceu em muito tempo, Ema.

"Na verdade, a melhor que me aconteceu na vida, até agora". As palavras retumbam em meu cérebro. Fico mudo. É verdade, não me lembro de tocar assim uma garota, que tenha desejado de verdade, tão genuinamente e





com esta intensidade. Ema é a primeira. E é por isso que tenho que mantê-la perto.

Ela segue preocupada.

— Posso... Fazer algo a respeito... — Começa.

— Não. — Corto, endurecendo minha postura no assunto. — Nem pense nisso. Deixe passar.

Ela faz careta infeliz, posso ler que quer tomar o assunto em suas mãos. Se pode chamar assim. Por um lado me diverte, por outro, estou completamente negado. Não é o momento certo.

— Alex — crava determinada.

Estou a ponto de voltar a lhe pedir que esqueça, quando a porta de madeira se abre e a cabeça de Leon aparece. Está sorrindo, assim, assumo que tudo esta perfeito. Coloco-nos de pé e entrelaço meus dedos com os de Ema, levando-a pelas escadas acima. O bar tornou a funcionar com normalidade e a primeira coisa que encontro é o par de olhos prata de Adela, que dá um sorriso aliviado e maligno. Só ela pode transmitir ambas as coisas, de uma vez.

Cumprimentamos os outros, enquanto percorremos o caminho às escadas, indo ao sótão. Viro-me, para certificar que Leon nos segue e, na verdade o faz.

Temos que falar. Entramos na sala e nos sentamos em torno da mesa,





Ema toma a cadeira, a meu lado. Agora está ansiosa, a preocupação voltando outra vez. Rói a unha do polegar e espera, sabendo que vem mais alguém conosco e o ambiente a avisa que vem conversa importante. Leon fecha a porta e se junta a nós.

— Era só uma visita de passada, estão verificando os arredores. — começa o assunto, já que é como supus. — Procuram por você, Ema, seus pais estão desesperados, como comunicou o chefe de polícia. Mostraram a todos sua fotografia. Suspeitam que fugiu, mas seus pais estão convencidos de que alguém te levou. Sua condição indica a última opção.

Ema assente, extremamente silenciosa. Sente culpa, por pôr seus pais nesta situação? Não a culparia, se não fosse assim, mas tampouco o faria, se fosse o contrário. Até com defeitos e toda a droga mafiosa, seguem sendo sua família.

— E sobre a nota no jornal? — Quer saber, passando os dedos pela superfície lisa da mesa. Reconheci bem esse movimento, ela faz, quando se sente nervosa.

— Não vai sair até amanhã, hoje já era tarde, quando o enviamos — explico paciente.

— Está bem — concorda.





— Ema, você e eu sabemos sobre os negócios que seu pai está metido, temo que ele possa pensar que seu desaparecimento tenha a ver com eles. Não vai parar de procurar, deve estar aterrorizado e movendo todos os contatos que possa. Nem sequer depois de ler a nota vai parar, possivelmente, acreditará que é uma mentira ou alguma armadilha, para despistar. — relata Leon, colocando o assunto sobre os ombros. — A mensagem não vai adiantar.

Ela torce as mãos e estico a minha, maior, para abraçá-las e esquentar, em apoio. Temos que pensar em outra opção, que não seja a de devolvê-la a seus pais. Nego isso tanto como ela.

— O que me sugerem? — Pergunta, noto que está a ponto de dar-se por vencida, a tristeza comendo seu permanente entusiasmo, por estar entre nós.

Adianto ao que Leon está por responder.

— Podemos conseguir um telefone, para que chame, sem ser rastreada. — Quase sorrio, quando a expressão da Ema relaxa e concorda, esperançosa. — A Máquina sabe dessas coisas, podemos pedir que se encarregue. — Olho para Leon. — Seus pais ficarão mais tranquilos, ao escutar sua voz...

Leon respira fundo e acena, de acordo com minha sugestão.





— Quanto antes, melhor. — Salta, indo para a porta, fazendo-me um gesto, para que o siga.

Acaricio o ombro de Ema, assegurando que voltarei em seguida. Ela aceita e me deixa ir, soltando minha mão. Uma vez fora do quarto, fecho a porta e Leon aproxima-se e, com apenas uma olhada, deduzo que algo o preocupa muito.

— Temos que agir, antes que comecem buscas profundas. — Indica firme. — Se encontraram Ema perto de onde enterraram o corpo, talvez fiquemos em graves problemas.

Fico tenso, esqueci completamente o que fazíamos ali, na noite que a encontramos.

— Porra — cuspo, arranhando a nuca.

— É só algo que me ocorreu, quando um dos policiais aventou a hipótese de estar morta e terem que procurar nas florestas da área onde mora. — Ele passa a mão pela barba. — Não é preocupante, por agora. Mas tem que chamar, se for possível esta noite ou amanhã cedo. Temos que evitar que procurem muito nos terrenos.

Assinto, de acordo com ele.

— Vou procurar por Santiago. — Dá tapinhas no meu ombro. — Fica com ela, até que alguma das garotas venha.





Eu não preciso responder nem nada, viro-me e volto sem demora e entro no sótão, novamente.

Ema

Recito o número telefônico da casa de meus pais a Santiago, o noivo da Adela e o escuto marcar, pacientemente. Estou muito nervosa e apavorada, não desejo escutar a voz de qualquer um dos meus pais.

Mais cedo tomei uma ducha, enquanto Alex esperava, sentado quieto na mesa e Bianca cozinhou algo rápido para todos. A verdade é que, se pudesse evitar tudo isto, faria, prefiro me trancar em um quarto com ele e esquecer que estou aqui, temporariamente e me escondendo da família.

Santiago pega minha mão e escondo um estremecimento, o aparelho é posto em minha mão. Levo-o a meu ouvido e espero, meus pés dançando no chão. Estou sentada na beira da cama, terminei de escovar meu cabelo comprido e molhado. Alex me explicou como procederíamos, ao sair do banho. Aceitei, sem dúvida, esta é uma boa ideia e começo a fazer tudo o que dizem, estão no comando. E eles levam a sério





a tarefa.

— Olá? — Fala minha mãe do outro lado, sua voz apagada, com o leve acento francês que me arrepia a pele.

Esfrego a bainha da saia e dou uma lenta respiração.

— Mamãe? — Pronuncio cautelosa.

Escuto, como se algo caísse ruidosamente ao chão e começo a tremer, quando ela começa a chorar e lamentar. Deus, efetivamente, estão loucos de preocupação.

— Por Dieu! — Repete várias vezes, até que se estabiliza. — Fabrice, Fabrice! É Emaline. Mon Dieu! — Chora um pouco mais.

Isto põe com os cabelos em pé, escutar minha mãe tão frenética rasga-me de muitas e diferentes maneiras. Esfrego a testa franzida, antecipando uma forte dor de cabeça.

— Mamãe, por favor, acalme-se. — Peço, firmemente.

— Onde está? — Pergunta exaltada. — Onde a levaram? Quem te levou? — As perguntas continuam e continuam e paro de ouvir.

Meus ombros caem, isto é mais difícil do que pensei, sinto-me devastada e perdida. Se eles me deixassem ter a vida que quero, isto não aconteceria.

Esta fuga e desespero por liberdade e aventura estão dando muitos





problemas para muitas pessoas. Não vale a pena tudo isto. Estou prestes a prometer que voltarei, mas em seguida, uma mão grande e forte aperta a minha, firmemente, lembrando de onde estou. E com quem. O calor atravessa meu corpo, como uma doce eletricidade. Alex está ao meu lado, recordando tudo que ainda tenho que percorrer, neste caminho. "*Não*", suplica-me seu aperto, "*ainda não*". Temos tempo.

Tempo, juntos.

— Mamãe, estou bem... E ninguém me levou, escapei sozinha — omito todas as complicações que passei, antes de ser encontrada, eles não precisam saber mais, só o essencial. — Não voltarei até que esteja pronta.

A segurança, em meu tom, orgulha-me e a linha emudece, uma vez que minha mãe ouviu o que acabei de dizer.

— O quê? — Expulsa, sem ar. — Que disse?

Não termina, porque alguém lhe tira o aparelho de telefone e papai fica no comando. Sombrio e exigente.

— Quem está com você, amor? — Questiona, aflito. — Diga-me quem é e juro que os farei pagar...





Um calafrio me percorre, mas a mão de Alex é minha âncora. Continuo com isso, porque preciso.

— Não me sequestraram. — Repito, lenta e claramente, para que o entendam bem. — Fui por minha conta, papai. E não vou voltar por um tempo, está bem? — Meu tom torna-se exigente, quando termino.

Nada me chega, por um momento, ambos pesando, em suas mentes, o verdadeiro significado das minhas palavras. A menina, sim, a filhinha cega e obediente, decidiu ir e tomar um caminho separado. Já não se sente abafada, manipulada e enganada. Já não existe o maldito compromisso surpresa com o idiota e asqueroso David, já não há caprichos da mamãe, para cumprir. E a dor pelo pai, que coloca seus mafiosos negócios antes da família. Sou livre agora e se tiver que escolher, escolho o presente.

— Escutou, papai? — Digo, endireitando-me. — Não voltarei por um longo, longo tempo. Cansei-me de ser atada e moldada a suas vidas, de ser manipulada, para fazer o que queiram. Sou uma adulta, não uma boneca. E, portanto, perfeitamente capaz de tomar minhas próprias decisões. Hoje, escolho ficar onde estou. Liberdade acima de tudo. Sinto muito, mas preciso disto.

Espero, ignorando essa grande parte de mim que pede para cortar a comunicação e respirar de uma vez. Entretanto, pretendo saber o que vai





responder, se será solidário com a única filha que deixou. Se entender como me senti, vivendo com eles todo este tempo e como sinto agora, ao partir.

— Bom — solta, neutro e tenso. — Mas, filha?

Engulo.

— Sim? — Detenho o fôlego.

— Não se preocupe em voltar, já não haverá lugar aqui para você. — cospe.

A linha é cortada, abruptamente e afasto o aparelho da orelha. O quarto parece uma sala de velórios, um buraco taciturno. Ninguém se move, esperando alguma referência de minha parte. Não sou capaz de falar, o coração dói, como se o apunhalassem mil vezes. Minha respiração se afunda e reparo na umidade, que se concentra ao redor dos olhos. Alex entrelaça mais solidamente nossos dedos e pisco, recuperando e voltando para a realidade. Uma lágrima solitária abandona meu olho direito.

— Acredito... — Molho os lábios ressecados e tento limpar a voz convulsa. — Acredito que acabam de me renegar.

Não consigo dizer mais, um soluço estala da minha garganta e me perco em desespero. Rios salgados e contínuos transbordando por minhas bochechas. Alex abraça-





me, mantendo-me de pé, sussurra palavras doces em meu ouvido. O resto começa a remover-se, estão angustiados e agitados por mim, lamentam-se por meu sofrimento. Tento me convencer de que estarei bem e seguirei em frente. Ou que, talvez meu pai falasse no impulso da raiva, porque se sentiu machucado. Mas a aguda dor, pela facilidade com que se desprenderam de mim, espreme o peito. Jamais acreditei que fossem capazes de chegar tão longe, o rancor, que saiu da boca de papai, partiu-me ao meio, deslocando-me por completo. Jamais o ouvi tão zangado. Por que pensei que entenderiam? Sempre foram egoístas, por que percebi algo bom, de sua parte? Claro que não esperava que me apoiassem por completo, mas ao menos, poderiam escutar e dar uma oportunidade, não? Sou a única filha que fica e parece que não foi difícil soltar minha mão e jogar para sempre.

Estou sozinha agora.

"*Não*", corrige uma potente voz em minha cabeça, "*agora têm a eles".* Aos Leões. E a Alex.

Ficarei bem, acredito.





Capítulo 9

Alex

— Quero saber de você — diz ela, encostada contra mim, seu rosto em meu peito.

Uma vez que Ema ficou calma, após a chamada para casa, deixei-a com outras pessoas e fui tomar banho. Prometi que voltaria em breve, para ficar mais tempo a seu lado. Ela concordou em deixar-me ir com certa relutância.

Tive que lutar com minha raiva e dor de ver seu choro, odiando vê-la sofrer com tanto sentimento. Os pais, insensíveis, quebraram seu coração. Eles não merecem uma filha como Ema, doce, amiga e sincera. Não. Apesar do sofrimento que isso causa, acho que é melhor para ela não voltar para a prisão, que chama de casa.

Estamos, atualmente, no sótão, deitados na cama e estamos sozinhos. Não mais do que vinte minutos depois,





Adela, finalmente, olha para fora e vendo-nos assim, inclinou-se para trás, levantando o polegar, para ver se tudo estava bem. Devolvi-lhe o gesto, ela se foi e ninguém mais veio, depois disso.

— O que quer saber? — Pergunto, engolindo, de forma brusca.

É compreensível que peça para me conhecer mais intimamente, hoje chegamos juntos a um ponto importante, em nosso inexplicável relacionamento, se pode ser chamado assim. Avançamos a um nível em que somos, definitivamente, próximos; somos... Algo. Ficamos juntos, mesmo antes de saber qualquer coisa sobre o outro.

— Tudo. — responde, seu dedo indicador formando círculos em meu peito.

Respiro profundamente. Por onde começo? Não quero contar sobre minha adolescência tão cedo, não estou preparado para que se vá. Quero estender isto tanto quanto possa e tê-la em meus braços suficiente vezes, para estar satisfeito por toda vida. Uma vez que se afaste, poderei seguir sonhando com isto. É muito rápido para tirar conclusões, mas sei que depois dela, nada voltará a ser igual pelo resto de minha vida.

Escolho começar, obviamente, pelo início de tudo.





— Bom, a princípio, era somente eu e minha mãe. — falo, enrolando os dedos nas mechas de seu cabelo avermelhado. — Vivíamos em uma vila, na grande cidade. Éramos pobres Ema, minha mãe não podia nem comprar um miserável par de sapatilhas... Ela me teve muito jovem, arrumava-se como podia.

Ema ficou tensa, suas carícias se intensificaram, sei que está dominada pelo sentimento que pessoas como eu mais repudia: piedade. Entretanto, não diz nada, espera, pacientemente, que eu continue. Agradeço sua atitude.

— Quando tinha três anos, trouxe um homem para casa. — Esfrego minha testa franzida, procurando que a dor não domine, pois é insuportável. — Meses depois, tive uma irmã, Cami. — Um sorriso sonhador modifica minha expressão, ao recordar como fiquei apaixonado por ela. — Tinha os olhos de mamãe, igual a mim, o cabelo um pouco mais dourado. Praticamente lhe ensinei a andar, crescemos juntos. E, mesmo na minha idade precoce, entendi que nossos pais tinham que nos deixar sozinhos, para irem trabalhar. Assim, com apenas cinco anos, já era responsável e estava encarregado da menina de dois anos.

Não se ouve nada, da parte de Ema, mas um ligeiro estremecimento chega a meu corpo, de sua posição e me dou conta de que segura a vontade de chorar. Por mim, pela vida que tive. E isso me leva a apertar os dentes, com





insistência e engolir um nó que, de repente, formou na garganta. Não posso deixar que este relato me afete, já foram vários anos, cheios de oportunidades para curar. Pode ser que esteja envergonhado do que faço, mas nunca, de onde venho. Jamais.

— O que aconteceu depois? — Endireita-se, para perguntar.

Falei do que tínhamos.

— Colocamos todos nossos grãos de areia, para a família prosperar. Até que a mãe ficou grávida de novo, alguns anos mais tarde, Cami com sete e eu com dez anos. — Continuo, mantendo a respiração. — Tive outro irmão, Juan Pablo. Pablito. — Ofego, o nome no diminutivo, torna-se muito. Mas aguento, quero dar essa parte da minha vida a Ema. — Minha Mãe não sobreviveu ao nascimento, teve uma infecção.

Ema se eleva sobre mim, sustentando-se no cotovelo e vejo as lágrimas descendo por seu rosto. Leva sua mão à boca e soluça, depois beija seus dedos e os coloca em meus lábios apertados. Meu coração se aperta e pisco fora as lágrimas.

— Sinto muito, Alex. — Inclina-se e me dá um beijo nos lábios.





Seco seu rosto e sorrio com os lábios apertados, diante de sua doçura e o bem que me faz suas carícias.

— Não sinta. — rodeio os ombros e a puxo para meus braços — A vida é assim.

Sua boca está apertada de tal forma, que me enche de carinho quente por ela. É perfeita, de toda forma. Interior e exterior e sei que cairei duro em seus pés.

— E eu me queixando de meus pais — fala tristemente.

Em meu rosto se encaixa uma expressão doente, nem me fale dos seus malnascidos pais. Só de pensar neles dá-me náusea.

— Nenhum dos dois extremos é bom. — asseguro, com firmeza no tom de voz. — Eles não tinham direito de não deixar você viver sua vida como queria. — Ema concorda, de forma quase imperceptível e volta a encostar-se em meu peito. Abraça-me firme e fecha os olhos. O silêncio instala-se e é agradável, nossas respirações se igualam, em paz. Estou consciente de que é tarde, entretanto não quero me mexer. Bianca deve estar esperando que lhe ceda o lugar na cama, terei que ir em algum momento.

— Fica comigo esta noite. — murmura Ema, contra meu pescoço. E assim eu cedo, qualquer pensamento em sair deste lugar, desaparecendo no nada.





— Está bem, aceito.

Uns minutos depois está dormindo.

E tão logo fecho os olhos, não demorei em seguir Ema, que já dormiu, estávamos esgotados, por tantas emoções em um dia. Sim, em um só dia tínhamos vivido muito, passamos a nos gostar, em meio a perdição mais doce que experimentei. E depois veio a polícia, que nos deu um leve susto e assim, acabamos ligando para a casa dos pais de Ema. Caralho, fazia muito tempo que não tinha tantas emoções, mas, estranhamente, não estou cansado, ao contrário.

Amanhece o dia, Ema se mexe do meu lado, sua mão passeando para cima e pra baixo, no meu corpo. Está semiacordada, fico olhando seu rosto sonolento. O nascer da manhã em seus olhos, que não veem, mas são transparentes e contam sobre sua alma. É um quadro muito precioso, que merece ser contemplado de perto. Ela é... Deliciosa, mais que isso, é suave e sorridente, decidida, mas não mandona, é doce e madura. E seu corpo... Desperta todos meus sentidos. Todo ele é salpicado de sardas, como estrelas, que me fazem pensar na sua pele como o céu. Desejo beijá-lo, descobrir cada canto escondido e colocar meu nome em cada toque.

Seu polegar se arrasta no meu pescoço, sente a textura da minha pele, segura o lóbulo da orelha com o indicador e o esfrega. Esse mínimo e insignificante movimento, fez-me perder toda percepção que seja





estranha a nós dois. Passa a língua nos lábios, olho sua boca e minha garganta se fecha e engulo seco. Sem ter em conta meus impulsos, espero para ver até onde é capaz de chegar e até onde sou capaz de aguentar. Beijos são, estrategicamente, situados em meu queixo, enquanto se estende, para obter mais alcance e coloca uma de suas pernas sobre as minhas, coloco minha mão atrás do seu joelho e seguro.

— Alex. — ofega meu nome, apoiando-se no cotovelo, para falar bem de frente, seus olhos viajam por meu rosto e param nos lábios. — Quero que me beije.

O pedido parece inocente, mas está longe de ser, olho para seu rosto. A excitação que vejo está pronta para explodir, como uma rolha numa garrafa de champanhe. Ela me quer e não tem medo de demonstrar. Afasto-me e saio da cama.

— Espere um pouco. — seguro um gemido olhando para ela, ali na cama, despenteada e ruborizada. Vou à porta e tranco, assim ninguém pode nos interromper e nos surpreender. Volto pra cama e ajoelho na beirada, estico os meus braços e seguro suas pernas nuas e puxo pra mim, a saia do vestido sobe e posso ver suas pernas perfeitas, firmes e salpicadas de sardas.

— Quer que te beije? — falo em seu ouvido.
Sua respiração enlouquece.





— Sim — diz ofegante.

Cheiro-lhe o pescoço, inspiro com força, como se quisesse colocá-la dentro de mim. Ela cheira a flores silvestres e mel. Maldita Ema, vai me levar à perdição. Aproximo minha boca à sua. Não a beijo, só aumento sua necessidade.

— O que mais? — Quero saber, jogando com sua paciência. Geme e tenta chegar mais perto.

— O que quiser. — fala e acaricia meu rosto. — Tudo o que você quiser. Sou tua.

Sorrio perigosamente, não posso negar que gosto da sua resposta. O que eu quiser. É minha. Espero que tenhamos tempo, porque penso em infinitas formas de desejo e luxúria, que estou disposto a levar até o fim. Ainda a centímetros dela, estico minha língua e passo em seu lábio inferior, seduzindo-a e ela me persegue, quando me afasto. Não acaba de dizer que é minha? Eu dito as regras. Choraminga, tal qual uma criança, quando lhe negam um doce. Coloco-a de costas na cama e fico por cima, perseguindo-a tão lentamente, que dói. As alças do seu vestido caem sobre seus ombros, é ali onde ataco, coloco meus lábios, beijo sua pele, ela fica sem respirar, enquanto desço pelo pescoço, dando leves mordidas. Como uma gata, elegante e manhosa, ela estica o pescoço, dando-me mais espaço.





Levanta suas mãos e as coloca em meu estômago, começa a levantar a camisa, para passar as mãos em minha pele. Deixo que me toque, sente os músculos, minha pele se estica, devido à excitação, que sua carícia provoca. Não aguento mais, pego seus lábios cheios em minha boca e chupo, abrindo-os como um botão de rosa, para dominar o interior sedoso e quente. Ema fica ofegante e se derrete, permitindo minha entrada e no processo, prova-me e se volta mais faminta. Separo-me, de repente, e a levanto sobre meus joelhos, observando-a retorcer-se, em desespero. Olhos fechados, lábios inchados, bochechas coradas, seu pescoço irritado por minha barba, quando a beijei. É a cena que enviaria qualquer homem à beira de um precipício, com o perigo de cair direto no vazio.

Coloco minhas mãos atrás dos joelhos e abro suas pernas, para chegar mais perto, a saia sobe aos quadris e vejo sua calcinha rosa. Jesus, cor de rosa, vai me matar. Porque, quanto mais inocente se vê, mais demente vou ficando. É toda minha, para ser pervertido. Arrasto minhas mãos curvadas e abertas dentro de cada coxa e amo como arrepia sua pele, reagindo à minha atenção. Chego perto de sua virilha, justo no elástico de sua calcinha, penso que tenho que parar, mas vou mais à frente e com o polegar perto do seu clitóris, roço apenas. Seus quadris tremem, empurra para cima e geme. Cada um de seus movimentos entorpece-me, só por essa minúscula ação. E meu pênis fica





pulsando mais violentamente, ao descobrir a umidade inesperada com meu polegar, esfrego-o junto com o dedo médio. Poderia gozar em minha cueca, a qualquer momento, como um adolescente inexperiente, só sabendo que Ema está tão irremediavelmente molhada por minha atenção.

— Merda — falo bem baixo, mais para mim do que para ela. — Ema, deixa-me louco.

Ela permanece silenciosa, aguardando, enterrando a garota louca que se mostrou na piscina, no dia anterior. Lambe seus lábios e morde o inferior, quando me ouve gemer sem sentido, perdendo a cabeça tão desesperadamente, em seu corpo.

— Aposto que sabe que eu sonhei com isso — murmuro impetuoso.

Assim, sem mais, vou atrás do que desejo, vou descendo até sua boceta, coberta pela calcinha toda molhada. Abro a boca em torno de sua boceta e minha língua a acaricia por cima do tecido, seu mel impregnando-se em minhas papilas gustativas, tremo em sua área sensível, vibrando minha língua e assobio, segurando-a firme nos lençóis. Entre seu sabor almiscarado e seus gemidos descontrolados, minha cabeça começa a girar e meu corpo pede mais. Movo minha boca, massageio de modo firme, seu mel, junto com minha saliva, molham ainda mais o tecido que nos separa. Ema geme e eu grunho, respondendo,





enterro meus dedos em seu cu. Arrasto meus dentes, fechando e abrindo a boca, simulando estar comendo-a, promessa do que terá mais adiante, a próxima vez sem suas calcinhas no meio. Vira-se louca e com uma mão, consegue segurar o cabelo da minha nuca, puxa com força, incapaz de se controlar. Sorrio, ainda entre suas pernas e mudo, indo para sua coxa, beijando e chupando sua carne. Ela reclama, porque não lhe concedo a liberação, que tanto busca em seu interior. Terá que esperar, a recompensa será gratificante. Prometo. Subo sobre seu corpo tremendo e encarrego de sua boca, calo seus gemidos e ela sente o seu próprio sabor, introduzindo minha língua tão profundo como posso. Aceita, separando seus lábios com entrega e segura meu rosto em suas mãos instáveis.

No processo, desabotoo e desço minhas calças, a sombra sob minha boxer aparece entre nos dois, Ema faz um gesto de me tocar e eu deixo. Pego a sua mão e coloco em meu pau, no segundo seguinte está apertando minha grossura em sua palma, respirando com força, enquanto lhe ensino como fazer. É inexplicável o que sinto, não consigo falar, só sentir. Meus quadris se movimentam ao ritmo que ela coloca, como se tivessem vida própria. Deus, estou tão excitado, que poderia ter meu orgasmo já, se a deixo continuar apenas um pouco mais. Por isso seguro sua mão, porque tenho uma ideia melhor para nos dois.





Beijo-a um pouco mais, indo mais devagar, para tomá-la com calma, a partir de agora. De sua boca passo a seu pescoço e dele, prossigo até o topo de seus seios e os lambo agora.

— Ema — digo em seu ouvido, ela murmura uma resposta ininteligível. — Vou tirar nossa roupa.

Ela concorda, com as pálpebras apertadas e os lábios abertos, enquanto tenta respirar, apesar da dificuldade. Tiro minha camisa e depois me desfaço da empapada calcinha, imediatamente detenho-me, fixo em seu clitóris e o dedilho com meu polegar. Ema reage, abrindo mais suas pernas. Olho, descaradamente, toda a zona brilhante de sua excitação, inchada e dividida, só para meu deleite. Enquanto a transporto ao limite, guio uma de suas mãos, para que me toque. Segura o fôlego, quando se encontra pele a pele, com meu membro tão ereto e duro como uma pedra, fecha sua mão e o aperta, em seguida gemo como um selvagem. Demonstro-lhe como proceder, a maneira que eu gosto, apertando firme e sem medo. Nossas mãos juntas sobem e descem, ao longo do meu pau, ao mesmo tempo em que encarrego de seu clitóris, movendo os dedos em círculos.

— Toque-se para mim — peço, beijando seu ventre. — Mostre-me como se dá prazer.

Ela não tem duvidas, vem e começa a masturbar-se, diante de meus olhos, massageando seu clitóris com





fúria, o pulso treme e todo o corpo responde, arqueando-se, não para, só tomando mais e mais vigor. Arrisca-se a ir mais longe e introduz um dedo e eu gemo. É tão perfeita, natural e sem vergonha e me dá isso tudo. E, enquanto a observo, bombeio meu punho ao longo de minha virilidade, com insistência e rapidez, ela provoca e me desespero, desejo o resto já. Não se detém, até que o peço e o faço, porque vejo que ambos estamos a um passo de não poder voltar atrás e ainda quero me lambuzar nos seus fluidos, concentrados em sua entrada.

Aproximo-me e abro mais suas pernas, até que a tenho sobre minhas coxas dobradas. Conduzo meu pênis para seu sexo e o arrasto, ao longo da sua boceta. Estremeço-me com as primeiras fricções, enquanto fico lubrificado com seus fluidos. Ema soluça e cria um ritmo com seus quadris, começo a respirar forte, pesado, sentindo muito perto. Esfrego meu pênis para cima e para baixo em seu clitóris exposto e ela curva as costas e estende a mão, para me tocar. Aperta-me e empurro em seu punho, ao mesmo tempo sem deixar de esfregar em seus lábios vaginais inchados, que me balançam, com calor magnífico. Escorrego cada vez mais rápido, perseguindo o final.

Ela fica tensa primeiro.

— Alex — gagueja, apertando meu membro e me deixando no limite.





Inclino-me, sem deter o vaivém.

— Sim. Acaba para mim, carinho — apoio minha testa na sua e o balanço fica cada vez mais rápido.

Não preciso repetir as palavras, ela cumpre meu desejo imediatamente, explorando, endurece, deixando de respirar. Agarra-se ao meu pulso com sua mão livre e com a outra me aperta de tal maneira, que também começo a me espalhar. Ela fica mais inquieta e expulsa o grito, que se formou em sua garganta antes, longo e potente, volta-se, quando as convulsões a assaltam. Meu sêmen se espalha sob seu ventre e sexo, agora, seus fluidos se misturam com os meus.

Perco todas as reservas de força e caio sobre ela, que choraminga e geme. Esmago-a, imobilizando-a, rugindo em seu pescoço.

— Caralho.

Abraça-me e acaricia minhas costas nuas, ao mesmo tempo passo o meu nariz pelo suor de sua pele e fecho os olhos. Convenço-me de que ainda é cedo e podemos dormir um pouco mais e não preciso nem falar, porque Ema já tem seus olhos fechados. Deixou se arrastar pelo cansaço pós orgasmo. Sorrio, observando seu rosto rosado, com minhas pálpebras pesadas. Beijo-lhe o pescoço e ali, permito-me seguir seu exemplo, aconchegando-me em sua forma pequena e pacífica.





Dois dias.

Dois dias e Emilio não voltou. Meu padrasto foi trabalhar, na manhã de segunda-feira, estávamos na quarta-feira já, e seguia ausente. Procurei seus amigos, perguntei por ele, ninguém sabia nada. Estava começando a acreditar que nos abandonou. Ficaram poucas economias e tinham que durar, comecei a trabalhar duro para repor o dinheiro. O chefe do Emilio contratou-me, em seu lugar, já que tão pouco apareceu para trabalhar. Desapareceu.

Não podia levantar certas caixas, meu magro corpo de treze anos não era capaz de tudo, mas me esforcei. Sempre havia alguém que me dava uma mão, todos viam quão duro empenhava-me. As moedas que pagavam não valiam tanto esforço, é verdade, entretanto, fui ficando. Tinha sido fácil que me dessem o lugar, não atrevi a desperdiçá-lo, já não existia a segurança de conseguir outro melhor. Ou inclusive igual. Ninguém aceitaria um fraco menino da minha idade, só no depósito arriscavam-se a enfrentar a lei.





Assim, os dias foram passando e perdi toda esperança de que Emilio aparecesse. Era claro, foi-se. Supus que não podia lutar com três filhos. Enchi-me de raiva, mas a ocultei bem, endureci-me em troca. Mais forte e decidido.

Eu era responsável por meus irmãos agora.

Cheguei em casa perto do anoitecer, na sexta-feira, estive todo o dia no depósito, nem sequer almocei. Arrastei os pés direto até à porta e entrei, tirando a camisa e sequei o suor e o pó do rosto com ela. Então fiquei à vista dos meus irmãos, sentados à mesa, comiam pão duro e me olhavam com olhos de cordeiro ferido. Cami ficou de pé e veio abraçar-me.

— Verdade? — Sussurrou, para que Pablito não escutasse. — Deixou-nos?

Traguei a raiva e a dor, que subiram até minha garganta, apertei meus olhos e confirmei, embora não quisesse. Ela era muito inteligente e madura para seus dez anos, deveria fazer amigas na escola e jogar, despreocupada, como faziam as crianças com quem eu cruzava, de volta à casa, do trabalho. Em troca, minha irmãzinha já era mamãe. Criava ao Pablito como uma, já que a nossa faltou, desde que ele nasceu. Com sete anos, Cami se converteu em sua sombra e sustento, enquanto Emilio e eu íamos juntar dinheiro. Abandonamos a escola e amadurecemos, de repente e à bordoadas. Fazíamos o trabalho





equivalente ao de um adulto.

Os ombros do Cami desabaram e deu as costas, doía-lhe. Claro que o fazia. Era seu pai. Eu sentia raiva, porque nos deixou, mas tinha certa sorte de saber que não era meu pai e não tinha esse dever comigo. Mas, Cami e Pablito? Eles eram seu sangue e o maldito fugiu, deixando-os.

— O que acontece? — Perguntou nosso irmãozinho, descendo de sua cadeira.

Veio até nós com sua boca cheia de miolo de pão, seus olhos marrons observando-nos com interesse e intuição. Sim, ele também, com apenas três, entendia tudo. Mas esta vez, não lhe diria que seu pai o abandonou. Agachei-me e o atraí até mim.

— Desenhou hoje? — Perguntei, fazendo-lhe cócegas.

Ele riu e confirmou com a cabeça. Depois correu, para procurar suas folhas, para mostrar os desenhos. Sentamo-nos à mesa, enquanto uma silenciosa Cami esquentava água em uma panela descascada, para fazer arroz. Não podia ver sua expressão, mas sabia bem que chorava em silêncio. Ela sempre se escondia, para que ninguém visse seu sofrimento, mas eu, que a conhecia mais, podia chegar a distinguir a tristeza constante, em seus olhos celestes. Havia algo melancólico em Cami e esteve ali, desde que eu me entendia por gente.





Pablito se sentou em meu colo e coloriu um pouco mais, para que eu visse, deixamos tudo de lado, quando o jantar estava pronto. Comemos em silêncio, o único que foi enganado e estava sorridente era nosso irmãozinho menor, sua inocência ainda intacta. Perguntei-me até quando duraria aquela fase de infância feliz.

A porta foi esmurrada várias vezes, quando estávamos lavando os pratos e corri até ela. Cami começou a tremer, temendo que poderiam ser os agentes do serviço social e não nego que tive verdadeiro pavor também. Se havia algo que tratávamos de esquivar, era que descobrissem que nos encontrávamos sozinhos. Isso nos poderia separar para o resto de nossas vidas, estar a cargo do estado não era uma opção que queríamos.

— Quem é? — Perguntei sem abrir, inflando meu peito com valentia.

— Um amigo de seu pai, trago notícias. — diz alguém do outro lado, tratando de ser o mais silencioso possível.

Duvidei, mas decidi por atender. Havia um tipo barbudo, cabelo comprido e sujo. Saí para encontrá-lo, não ia deixar que entrasse. Parei em frente a ele, observando-o, tentando ver suas intenções e esperando que falasse logo o que queria.





— Emilio me mandou para avisar — disse seriamente. — Está preso, não vai sair por um longo tempo.

Foi como um soco em meu estômago, congelei, sem sequer ser capaz de pensar.

— Como? — Gaguejei, sem poder acreditar.

— Caiu preso, menino. — respondeu abrupto — Estava mexendo com coisas estranhas e descobriram. Foi condenado a vários anos. — Procura em seus bolsos e depois me estende uma bolsa de supermercado esmagada. — Enviou-lhes isto. E o melhor que podem fazer é pedir ajuda para seus tios.

Peguei o que me dava e notei que era um maço de dinheiro. Bastante para um par de meses, ou um pouco mais, se fizesse economia. Somos peritos em fazer isso. Concordei com ele, por dentro assegurando-me que nem louco pediria ajuda aos meus tios, eram uns doentes drogados, uma quadrilha. Metiam-se com gente inocente, roubavam e eram a pior merda sobre a terra. Por isso minha mãe se afastou deles, tirando-me desse ambiente. Os Castillo eram merda má e pesada. E eu não queria ser como eles, tampouco considerei a opção de levar meus irmãos nessa direção. Iria me virar sozinho, por minha conta, como estive fazendo todos estes dias.

Assim, Emilio estava, notoriamente, fora do mapa, não sei por quanto tempo. A boa notícia, repensei, era que





não nos tinha abandonado. A má, que não voltaria. E o ponto invariável, em toda esta novela, era que seguíamos sozinhos e eu o responsável.

Oficialmente, converti-me no chefe da família essa noite.





Capítulo 10

Ema

Os dias foram passando e estou dentro de um torvelinho de sensações e emoções, de que nem sequer pretendo sair. Com Alex as coisas prosseguem cada vez melhor, tornamo-nos pessoas muito próximas. Não sei se nos consideramos um casal, mas sem dúvida somos algo. Quando me perguntam sobre ele, opto por explicar a opção que mais se parece com nossa situação: estamos saindo, conhecendo-nos. Com muita esfrega no meio também, tenho que adicionar em meus pensamentos. Embora não fomos mais à frente, quanto ao sexo. Estou começando a acreditar que está atrasando os avanços, porque é evidente que sou virgem. E isso o contraria um pouco, percebo-o. De todo modo, mantenho-me paciente, porque estou obtendo muitos vestígios de seus talentos em preliminares. E amo, totalmente, a maneira que encara o ato e me toca. Faz-me sentir que realmente, adora-me. Brinda meu corpo com intensas ondas de prazer e já me tornei





uma viciada nelas. Não me dá medo reconhecê-lo. Alex está todo o tempo em minha cabeça e, ao mesmo tempo, entranhado em minha pele.

Acredito que é a primeira vez em minha vida, que posso dizer que sou feliz. Ainda não cem por cento, porque me sinto culpada e dolorida, pelo fato que meus pais não estejam aqui, para vê-lo e me apoiar. Entendo que fugi e os deixei, sem sequer pensar atentamente, o que é uma boa desculpa para que estejam zangados comigo, mas agora estou convencida de que foi uma boa decisão. Oxalá me compreendessem. Por isso me obrigo a não pensar muito neles, depois de tudo, não duvidaram em me tirar de suas vidas, definitivamente. Realmente, nunca estiveram interessados no que me faria feliz.

Sobreviverei a isso, gradualmente, porque estar entre os Leões incomodava-me de muitas maneiras e a dor vai ficando menos pesada a cada dia.

Por outro lado, adoraria poder voltar, para levar Greta comigo. É estranho e o coração me rasga um pouco, cada vez que penso nela ali, só, sem ter minhas carícias. Mamãe odeia animais, certeza que já a esqueceram. Meu pobre bebê. Oxalá Aída a esteja alimentando e brindando com carinho. Essa linha me leva a pensar muito em minha amiga, abraça-me a urgência de chamá-la. Quando tiver a oportunidade, vou pedir permissão para fazê-lo, adoraria escutar sua voz





e contar que estou bem aonde me encontro. Deve estar preocupada, imagino o susto que levou, ao chegar a casa e não me encontrar na cama, para nossa rotina da manhã, despertar e conversar. E lhe prometi que ali estaria, quando a deixei partir, naquela noite.

Disseram-me para ir ao bar esta noite, Leon prometeu que se eu fosse, manteriam a música agradável. Insisti que não devia preocupar-se comigo, mas ele é mais teimoso e me convenceu. Aceitei, mas só irei algumas noites, nesta semana, não quero atrapalhar a festa dos meninos. Não está bem que tenham que baixar a música, só porque uma só pessoa não é capaz de adaptar-se e entra em pânico, quando não pode dominar seu entorno. Tomo minha decisão e vou, agora que descobriram que sou totalmente independente e capaz, deixam-me sozinha um pouco mais. Bom, Bianca sempre está ao redor, isso é porque não tem muito que fazer e se aborrece, quando Adela está trabalhando. Ela e eu nos tornamos muito unidas, ultimamente.

— Sei que, de algum modo, estou atrapalhando — conversamos uns dias atrás, enquanto almoçávamos sozinha. — Mas não vou, até que meu irmão me dê respostas e aceite vir comigo para casa, de visita.

Soou triste e irredutível de uma vez. Está decidida a cumprir o objetivo pelo qual veio. Não sei mais disso, tampouco acredito que responda, se perguntar.





Possivelmente, algum dia, abra-se e conte, sou boa escutando pessoas. Gosto de ajudar, sempre que puder.

Na base da escada sou quase derrubada por ela. "Falando de Roma", sorrio. Tira-me do antebraço e faz-me segurar barra. De passagem, ouço um grupo de risadas femininas. Pensaria que pertencem a Lucrécia e Francesca, se não fossem mais e bastante escandalosas, além disso, é tarde, para que elas passem a tempo de vir aqui. Devem estar deitando seus bebês. Bianca emite um grunhido estranho e me pede que as ignore. Está bem, isto é inesperado.

— Há mais garotas neste lugar? Como é que não as conheço? — Quero saber, chegando à barra.

Bianca suspira, desagradavelmente

— Acredite, não vai querer conhecê-las. — anuncia contundente.

Estou a ponto de seguir perguntando, para descobrir o porquê disso, entretanto, um braço grosso e forte segura minha cintura, em um aperto. Esqueço-me e um enorme sorriso aparece em meu rosto e derreto, instantaneamente. Não necessito mais, para voltar um pouco louca e desejosa.

— Olá — dou as boas vindas, com a voz macia.

Alex ri e planta um beijo carinhoso em minha têmpora. OH, Deus. Seu cheiro, seu toque. Quero que me





carregue e me arraste escada acima. Necessito de abraços, beijos e contato pele a pele. Hoje não tivemos muito tempo para passar juntos, ele e os meninos preparavam-se para amanhã. E com esse pensamento, o sorriso em meus lábios se desfaz um pouco. Sim, amanhã é a noite da festa. E me aterroriza tudo o que tem que ver com o assunto. Temo por essas garotas, mas também por meus amigos, que se arriscarão para salvá-las. Espero que tudo saia bem.

— O que tem feito hoje? — Pergunta-me, muito perto do ouvido.

Levanto uma mão e a coloco em seu pescoço, faço uma leve carícia em sua pele e estamos irremediavelmente atraídos, como ímãs. Aproxima-se tanto, que estamos quase agarrados. Inesperadamente, levanta-me e me coloca em uma poltrona. Agora estamos, suficientemente, à altura, para nos beijar.

— Desejar-te. Dormir a sesta. Desejar-te. Estar com Lucre e seus bebês. Desejar-te... — Recito, em sussurros. — E vir aqui e te desejar um pouco mais.

Suas mãos em minha cintura apertam-me e me reconforta saber que o afetei e que está se contendo, para não me beijar diante dos outros. Não me importaria se o fizesse, gostaria que todo mundo, neste lugar, soubesse que é meu. Bem, esse pensamento possessivo, de onde veio?





— Puta merda, Ema — com a voz rouca. — Não diga essas coisas, deixa-me louco.

Eu rio. Essa é minha intenção, obviamente.

— Ao menos comeu algo? Alguém te fez o jantar? — Preocupa-se.

Doce, mas não necessito que vá por esse caminho. Sou uma adulta, não uma menina. Minha expressão troca de carrancuda e prontamente, a brincalhona.

— Não, nada — digo, não lhe dou tempo de responder. — Estava esperando que voltasse e me desse algo que comer... — Paro e mordo meu lábio inferior.

Então passeio com uma mão pelo contorno musculoso da coxa, que tenho ao alcance e, sugestivamente, dirijo-a para sua virilha. Não o toco diretamente, só aproximo. Não sou uma menina, estou longe de ser, ele deveria cuidar de mim de outra maneira, mais... Divertida, claro. E encontro, tendo um ataque de sinceridade, já que estou cheia de desejo por ele, é obvio. Desce-me da poltrona, abruptamente, tira a minha mão de sua virilha.

— Está bem. — Passa a mão em meu colo e por cima do tecido, levanta meu vestido e encontra a beirada da minha calcinha, estica-o, para depois soltá-lo e me açoitar. A chicotada do elástico pica em minha nádega e ofego.





— Agora suba essas escadas e me espere somente de calcinha.

OH, ficou mandão. Genial.

— Está bem, chefe — com uma risadinha aproximo-me, para lhe dizer bem baixo — hoje coloquei minha calcinha rosa, sei que é a sua preferida. — Beijo-o de leve nos lábios e me afasto, ao mesmo tempo em que o ouço gemer.

Ponto para mim. Ando rápido, por entre toda gente, que amavelmente, afastam-se, para me deixar o caminho livre, vou falando obrigada, até que chego às escadas e as subo, ansiosa. Realmente o necessito, um dia sem ele é eterno e sem sentido. Abro e fecho a porta, então lanço minha bolsa e me desfaço do vestido. Sei que vestir-me assim favorece-me em um montão de sentidos, mais do que antes acreditava. Não só é cômodo e leve, é fácil de tirar. Estou deixando-o cair no piso, quando a porta se abre, logo se fecha e com uma única volta de chave, Alex encara-me, como um touro a um manto vermelho.

Levanta-me e me esmaga contra a parede mais próxima, grito e sua boca vai em meu seio esquerdo, prende meu mamilo. Fecho os olhos e me ocupo em não ter uma parada respiratória, sinto-me bem. Muito bem, para meu bem. Estou no ar, sustentada em seus braços e ele está me chupando, como se desejasse, o dia inteiro. Por minha parte, é assim. Passa ao outro mamilo e enterro





minhas mãos em seu cabelo, à medida que vai subindo por meu peito até o pescoço, sinto minha roupa íntima molhar-se, completamente preparada. Reagindo com rapidez e necessidade. Sua boca cola na minha e abro, para conceder as boas vindas ao meu interior, sua língua tira o pouco fôlego que me resta. Ronrono e ele morde meus lábios, enquanto as grandes mãos descem por minha cintura, até os quadris. De novo estica o elástico de minha calcinha e deixa que piquem, chocando minha pele. Gemo, mexo e paro ao fim, quando me deixa ir.

Conduz-me à cama, como se não pesasse nada e me deposita em cima dela, sobre minhas mãos e joelhos. Posição diferente, meu estômago se enrosca com antecipação. Alex passeia junto a mim, escuto como suas roupas vão caindo, abandonadas de um lado, logo suas mãos estão em minhas costas e a percorre, suave e persuasivo. Minha pele se arrepia e arqueio, querendo mais. Acaba na parte baixa das minhas costas, vai mais à frente e se dá permissão para enfiar as mãos em minha calcinha, amassando minhas nádegas. Respira, respira, respira, ordeno-me. Seus dedos se cravam em minha carne.

Logo as passeia por minhas pernas e me deixa exposta a ele, excito-me mais, se isso pode ser possível.

— Alex — chamo, mas realmente não há nada que dizer. Só sentir.





— Você gosta de me provocar, não é? — Não é risonho, mas bem grave e estável.

Adoro quando atua dessa forma. Em realidade, amo cada maldita faceta dele. Anseio por tudo dele.

— É irresistível te provocar — falo agitada, mas claro, eu também posso jogar.

A sua vez, sigo sua mão com meus quadris, tratando de reter mais de seu contato. Inesperadamente, belisca e me sobressalto, um sorriso sobe até minha boca. E a seguir me abandona toda a diversão erótica, já que perco um pouco o sentido, quando se enterra entre meus lábios úmidos e inchados, com seus dedos. Fecho e aperto as pálpebras com força, meus suspiros são sonoros e cortados. Encontra o nó de terminações nervosas e se encarrega dele, acariciando-o facilmente, por causa de minha umidade acumulada ali. Abro minhas pernas e me exponho mais, meu rosto no colchão e apoio minha frente, viciada. Completamente extraviada nos efeitos. Em um par de segundos recebo o primeiro orgasmo e remoo o tecido do edredom, afogando meu grito extasiado. Meu corpo vibra e minhas extremidades falham, quase caio sentada, Alex não me deixa. Levanta-me e me põe em meus joelhos gelatinosos, segura meu queixo e agito, porque segue em meu clitóris e estou sobrecarregada, depois de ter gozado.





— Isso foi rápido — digo em um sussurro, tão drenada, que não posso falar.

Enterra seus dentes em minha mandíbula, ali mesmo me queixo, porque sinto que um de seus dedos acaba de me penetrar. É celestial, formoso. Danço, embainhando-o, não consigo permanecer quieta. Outro dedo e em seguida, outro. Os três estirando e abrindo meu canal, o ruído da fricção com meus fluidos, põem-me mais quente. Minha boceta se contrai e Alex rosna em minha bochecha. Vou gozar de novo, não aguento mais. E o faço e no momento em que abro a boca para gemer, Alex enfia sua língua e me sossega. Seus dedos são sugados em minhas profundidades latentes e é algo de mais erótico que alguma vez senti. Cada coisa que ele me faz, arruína-me para outras experiências sexuais. Mas, imediatamente, descubro que não quero ter ninguém mais com quem comparar.

Estou fodida.

Uma vez que meu corpo se recupera e ele retira os dedos, deixo-me cair na cama sobre minhas costas, deixando lugar para sua enorme constituição, justo a meu lado. Abraça-me e em seguida estou beijando-o, lentamente, tomando seu sabor em minha boca. Aperta meus seios e vai baixando em meu estômago, marca o caminho, com seus





dedos empapados por meus fluidos. Isso é excitante, acredito que poderia suportar outro orgasmo, sinto-me preparada.

Sento-me, escarranchada e o monto. Está plenamente nu e formo um punho em sua masculinidade ereta. A pele sedosa se aplaca, deliciosamente, em minhas mãos, esfrego-a, subindo e descendo, ao longo de seu pênis. É grosso e extenso e calculo que vai doer, quando o meter em mim e não me importa. Gosto da dor, gosto de sentir, por sobre todas as coisas. Em especial se vier de Alex.

— Quando vai tirar minha virgindade? — pergunto, masturbando-o.

Ofego e levanto os quadris em cada encontro, quando chego à base e quando encontro sua cabeça larga.

— Logo — solta abrupto.

Deposito-o, apontando para minha barriga e ponho meu sexo em cima, minha umidade o banha e me aperto contra ele, fica tenso e amaldiçoa. E eu sorrio. O balanço dos meus quadris o provocam, os meus lábios se separam e o segura. Estou molhando mais, é incontrolável. Choramingo gemidos, sabendo que vai chegar outro orgasmo. Mas antes, quero que ele também sinta. Movo-me mais rápida e intensamente e ele perde o controle.





— Preciso te sentir dentro. — anuncio, passando as unhas por seu peito. — Promete que será a próxima vez — ofego.

Ouço o estalo de seus dentes e o rugido da perdição.

— Como quiser. — grita e vem.

Fecho minha mão em sua glande, com a intenção de me melar com sua semente, é pegajoso e sai quente, parece que quanto mais sente o que estou fazendo, mais derrama. Seus gemidos roucos e respirações violentas, são como música para meus ouvidos e sorrio, enquanto outro orgasmo vem e me pega.

Sim, estou fodida. E não me importa nem um pouco.

Alex e os outros partem na tarde seguinte, vão preparados e armados até a medula. Eles levaram isso muito a sério e estou agradecida. Ele, Max e Santiago entrarão na festa e terão os olhos em todos e em cada um dos movimentos. E ao mesmo tempo, haverá mais Leões fora, ao mando de Leon, vigiando os arredores. Têm tudo organizado e pensado, confiam que terminará bem. Entretanto, apesar de sua confiança, tenho medo e não posso tirar a quantidade de pensamentos maus que há em minha cabeça. Não vejo a hora de que voltem e assegurem que estão bem, junto com essas duas garotas.





— Não se preocupe, tudo vai sair bem. — fala Bianca, enquanto chegamos ao bar, que está bastante tranquilo esta noite.

Dá um tapinha em minhas costas e sorrio por seus esforços em me convencer em ser positiva. Sou, geralmente, mas hoje estou um pouco ansiosa, porque não tenho ideia de que a missão seja segura. David e meu pai são mafiosos. E sim, é verdade que este clã tampouco fica atrás. Não há Santo em nenhum dos bandos, certo, de todo modo sinto que este lugar é o céu, além de pertencer a estas pessoas. Estou me afeiçoando muito rápido e nem sequer importa-me a moral.

— Ok, acreditarei quando estiverem de volta e me digam isso — começo a rir, embora se note minha inquietação.

Se algo acontecer, serei a culpada. Não posso esquivar esse sentimento.

Sentamos no bar, nas poltronas de sempre, Adela, em seguida, serve-nos uma cerveja para cada uma. Tomo-a, ignorando o fato de que preferiria algo mais forte. O líquido amargo esfria a garganta e, junto com a companhia das garotas, meus músculos tensos começam a relaxar. Estamos conversando tranquilamente, com alguns meninos ao redor, os que ficaram para cuidar do lugar, suponho.

E então, o mesmo grupo das risadas de ontem aproximam-se, não quero me apressar, mas em seguida penso





que significam problemas. Sobretudo pela tensão que agora parecem me transmitir Adela e Bianca. Algumas passam e outras ficam perto, aguço meus ouvidos e trato de entender de quem se trata.

— Olá, querida — ronrona uma e tenho que reconhecer que a voz aguda é tortuosa, para ouvidos alheios.

Bianca grunhe a meu outro lado, estou entre ela e a outra e em seguida, quero saber a quem estão perseguindo.

— Por que há tão poucos homens esta noite? — Pergunta a mulher e em seguida, troca de tema. — Vêm pouco por aqui, não? É bastante novo, não parece um dos nossos — risadas.

— Dos nossos? — Queixa-se Bianca, bufando. — Dos nossos? Não tem cara...

— Claro que não tem cara, não vê? É uma máscara de Botox — adiciona Adela, frustrada.

Não tenho nada para dizer, já que estou perdida e não consigo entender, absolutamente, nada sobre o que se passa. Só escuto e absorvo informação. Acredito que o encurralado é Jorge, posso sentir sua intensidade desde meu lugar, não responde às perguntas.

— Olá — canta outra voz, cheia de falsidade justo sobre mim, suponho que está falando comigo. — É nova,





neném?— Uma mão me toca o ombro e saio, tratando de ser amável no processo.

Não gosto que me toquem de qualquer jeito e não me agrada o tom. Quem são estas mulheres?

— Afaste — grunhe Adela do outro lado. — Ou vou te pegar. Escolhe. Sabe bem que sou capaz.

— Não tenho medo de você, idiota — cacareja de volta a garota a meu lado. — Diga-me, neném, está com o Cão, verdade?

Engulo o último gole da cerveja, que pesa em meu estômago, junto com o veneno que sinto na voz da garota. Fica um pouco insistente, ao notar que não respondo suas perguntas. Tanto que fico vermelha de raiva e sinto o calor subindo por meu pescoço e meu rosto.

— OH, olhe como se ruboriza, tão doce. — prossegue fria. Bianca salta de sua cadeira e Adela bate um copo na barra, zangada. — Tão vermelha... OH, bom, toda vermelha, quero dizer.

Acredita que vai ofender-me com isso? Que pouco neurônio, cadela. Não interessa minha imagem, para que? Se não pode se ver no espelho. Idiota. Com razão, Bianca disse que não queria conhece-las de verdade. São detestáveis. E fico puta. E que merda fazem neste bar? Ah, entendo,





devem buscar atenção masculina. Deveria ter imaginado.

— Retirem-se, se não querem ter problemas. — fala Bianca, dando um passo para frente dela. A cadela ri, estou certa que adora problemas.

— Com você? OH, olhem a Barbie. — Debocha. — Não têm nada que fazer conosco. Não irá querer quebrar uma unha, não? Seria uma lástima.

— Está incomodando minha amiga, se acha que não vou quebrar uma unha por ela, então está enganada, escute.

E velozmente, um tornado se forma. Gritos, tapas grunhidos, como de gatas selvagens brigando. Alarmada, saio de minha poltrona e afasto uns passos, oxalá pudesse brigar, não me sentiria mal, dando uma surra à estúpida. Está tudo descontrolado e trato de abrir minha proteção, no momento que me empurram para frente e começo a cair sobre minhas costas. Minha tentativa é agarrar no que esteja atrás de mim, mas resulta improvável. Espero o golpe. Nunca chega. Um par de braços fortes me sustentam no ar e me separam do redemoinho. Agitada, tiro o cabelo dos olhos, quando me deixa estável sobre os pés e agradeço a meu salvador.

— Obrigada — respiro.

— Não há problema — diz Jorge. — Não se mexa daqui.





Então vai separar a briga. Parece que é o único que se interessa por isso, porque não escuto nenhum homem mais tratando de terminá-la. A revolução de insultos, puxões e rugidos não para, mesmo que ele lhes peça que parem. Escuto Bianca rasgar sua garganta, em um uivo aterrador, não de dor, mas sim de fúria. Nunca acreditei que seria capaz de reagir assim, ela é muito simpática, inclusive doce, a maior parte do tempo. Parece que a levaram pelo lado selvagem, esta noite.

— JÁ CHEGA! — o tom rouco e grosso de Jorge paralisa a todos.

Salto para trás, meu coração pulsando. Inclusive provocou calafrios. O silêncio se assenta e, imediatamente, ouvem-se alguns choramingos. Não vêm nem de Bianca nem Adela, acredito que deram uma surra nas cadelas. Vitória.

— Levante. — fala Jorge, desta vez ele não grita, mas continua bravo.

— Não me toque, — diz uma Bianca zangada, revolve-se como se estivesse escapando dele. — Imbecil.

Os passos dela ressoam, cambaleantes, enquanto parece caminhar em minha direção.

— Estou querendo te ajudar. — insiste ele, seguindo-a. — Está sangrando.





Franzo o cenho, não gosto da ideia dela machucada, por começar uma briga para defender minha honra, as palavras da tarada nem sequer me afetaram o suficiente, para que isto valesse a pena.

— Afaste-se de mim. — empurra abrupta. — Não volte a me tocar. Ande com elas, para que possam ficar se esfregando, ugh.

Há mais movimento à frente, no centro, onde tudo começou. Mesmo assim, não posso deixar de estar atenta a estes dois, que parecem mais próximos do que aparentam. E Bianca soa ferida. Pode ser que esteja sendo curiosa, por escutá-los discutir, é que, bom, estão justo à minhas costas. Não posso evitá-los.

— Está sendo imatura — disse ele, secamente.

— Claro que fui — diz ela chateada. — Você disse isso, sou tola, superficial... E uma menina imatura. Já entendi seu maldito ponto, deixe-me em paz — toma uma pausa.

Então pega meu braço, brandamente e me arrasta com ela escada acima. Sigo-a, parece que precisa de um momento a sós. Entramos no salão e começo a acreditar que está chorando, pelos ruídos curtos que faz com o nariz.

— Perdão — fala.





— Hey — murmuro, apagada. — Está sangrando? — Quero saber. Ela estala a língua, sem dar importância.

— Essa puta cravou suas unhas em meu rosto, vou ficar bem — ri amarga.

Depois escapou para o banheiro e não posso deixar de perceber como ela se sente realmente mal. Demora muito tempo lá dentro, o que me faz considerar que está chorando e não, precisamente, pela briga. O que há entre ela e esse homem? Parecia ferida, será que ele a machucou de algum jeito?

Alex

A música eletrônica retumba em meus tímpanos e caminho mais ao centro, a multidão me engole. Os corpos se apertam e tenho que ir empurrando para passar, isto é a viva imagem do descontrole. Há suficiente álcool, para embebedar o dobro ou o triplo desta quantidade de pessoas. São uns viciados. Ao chegar, o grupo de meninos que organizaram a festa, que não devem ter mais de vinte, olham-nos um pouco estranho. Desconfiança clara em seus olhos, até que mostramos as gavetas de cervejas e fernet que





trazíamos cada um. Como disse, olham-nos como se fôssemos os malditos amos do universo. Não tivemos que perguntar se nos deixariam passar. A juventude é muito confiada e despreocupada.

Agora, a sala desta cabana se encheu, não entra uma alma mais, inclusive há um fogão no pátio, um pouco afastado, para caber mais gente. Leon enviou alguns meninos lá para fora, por onde se amontoam, junto ao fogo. Nós três seguimos dentro. Está tranquilo, no sentido de que ninguém briga ou tenta afastar-se com alguma garota. Mas é cedo e deduzo que as coisas vão mudar, em um par de horas. Os criminosos vão aparecer com elas e tratar de se afastarem, para procurar mais intimidade. Imagino que os tipos são jovens e atrativos, assim, é mais fácil colocar uma mulher no bolso. Isso e simpatia. Estou atento a cada casal falando, separado da multidão. Por agora há poucas, a maioria das mulheres dança e os homens se amontoam na pista improvisada, para se encher de cerveja.

Encosto contra a parede, sustentando minha bebida e simulo estar o mais depravado que se pode, sabendo o que pode ocorrer, se abaixar guarda. Várias garotas se aproximam, tentam começar uma conversação, fecho-me, digo o justo e necessário. Algumas se dão conta de que não estou interessado e se afastam, outras necessitam um empurrãozinho, com secura. E, conclusivamente, nunca falta a que se pendura e quer me monopolizar





por completo, não importando se estou sendo cortante ou não. Vejo que meus companheiros estão passando pelo mesmo, não há dúvidas, as garotas gostam dos tipos maus. E esta noite estamos de couro, isso potencializa mais moscas a serem mais pegajosas. Obviamente, deixamos os coletes em casa, melhor não mostrar de onde somos, sem importar quantos nos reconheçam.

Enquanto uma das garotas se joga na minha frente e tenta se esfregar, vejo um casal se agarrando, em minha mesma parede, mas mais longe. Ela, loira e muito formosa, tem as costas apoiada e o tipo se sustenta com um braço estirado e a mão por cima de seu ombro. O instinto ativa e, definitivamente, sei que uma das procuradas é ela. Bonita, sofisticada e muito inocente, para saber o que alguns planejam com ela. O homem se inclina sobre seu corpo pequeno e lhe fala no ouvido, ela ri e apoia a frente em seu ombro. Sim, já estão na fase do contato, faz tempo. Atração, interesse, toque e, por último, a necessidade de estar a sós. Vigio-os há alguns momentos, estendendo minha atenção ao redor, para ver se por acaso estou equivocado com eles e consigo ver qualquer outro casal na mesma posição.

Aproximo-me dos dois, discretamente, abandonando a garota que me encurrala. Tiro meu celular do bolso do jeans e me apoio de novo, parecendo entretido. Finjo que bisbilhoto no aparelho, aguçando meu ouvido e enviando meus olhos em todas as direções. Um momento





depois chega-me um texto.

"Acredito que tenho um casal. Ele foi ao bar, para conseguir uma bebida".

É do Max e levanto os olhos, para lhe jogar uma olhada. E ele me mostra com o queixo a um menino de camisa xadrez ajustada, que se mistura entre os bebedores do bar. No mesmo instante escuto o do lado anunciar que conseguirá uma cerveja para sua garota. Tento não ficar agitado, só fico em meu lugar, revisando o celular e ele passa em frente a mim. A loira fica vendo-o, com um sorriso apaixonado na cara, não se move de seu lugar. Tem-na. Claro que a tem e não lhe custou muito esforço.

"Camisa xadrez vermelha e cinza, acaba de encontrar com remadora dos Rolling Stones".

O envio ao colega que está ancorado na barra. Vejo-o ler a mensagem e fixar a vista nos dois, não os perde nem um segundo. Eles pedem a cerveja, alguém a saca do freezer mais próximo e as estende. Interagem um momento, unindo suas cabeças para falar, não posso ver o que estão fazendo, dão-me as costas. Mas Santiago os tem justo aí, a uns passos. Fixo na garota, que está parada próxima a mim, imersa em seu celular, enquanto espera, de vez em quando joga o olho à sua conquista, com ansiedade. Outra mensagem vibra em minha mão.





"Estou bastante seguro de que lhes colocaram algo nas bebidas".

Claro que sim, filhos da puta. Descobrimos os infelizes. Nesta noite não chegarão longe.

Os dois tipos se distanciam e vão cada um, em sentido contrário, o dos Rolling Stones na minha zona, o outro, na do Max. Estão cobertos, mas temos que ficar atentos, pode haver mais nesta merda, nunca se sabe. Envio um texto a Leon, que está fora.

"Um dos tipos vai de camisa xadrez vermelho e cinza. Tem a morena. O outro, com uma camiseta dos Stones, está com a loira".

Meu casal se reencontra e a garota aceita a bebida, completamente confiada. Merda, nem sequer desconfia, ao ingeri-la. Estou começando a me zangar bastante com tudo isto, acaso não veem as malditas notícias? Não há nem um ponto de sentido comum nelas. Fodida idiotice. Um deslize como este pode-lhes sair muito caro. Vale suas vidas. Permaneço em meu lugar, faço um pouco de caso à próxima garota que se aproxima para falar, não me surpreendo, quando tenta me convencer de ir ao bosque, para trocar uns beijos e outros fluidos. Sorrio-lhe e lhe digo que estou com alguém, no segundo que vejo começar a mover-se meu verdadeiro interesse da noite. O casal se mete entre a multidão, caminhando em direção à porta.





A garota ri alto e cambaleia um pouco. Sigo-os de perto, mas não tão evidente. Um olhar ao Max e descubro que a sua continua ali, certamente sairão com uns minutos de diferença.

Caminham para trás da cabana, em direção contrária à fogueira e o grupo de gente e somem entre as árvores.

"Lateral oposto ao fogão, necessito ao menos um reforço. Vou entrar no bosque".

Leon não responde, mas sei que já está vindo, persigo meu objetivo, já sem muito interesse em me manter oculto. Encontro-os não muito longe, ele a arrasta pela mão, sem muitos olhares.

— Não me estou sentindo bem — gagueja ela. — Quero voltar.

Ele responde, caminhando mais rápido, prometendo que ficará bem em sua casa. Luto contra a onda de raiva que me chega à garganta. O tipo escuta meus passos sobre os ramos e raízes sobressalentes e começa a correr um pouco mais, conduzindo garota como pode.

— Ei! — Grito, correndo. — Caralho, aonde vai com ela?

A pequena tropeça, choramingando e ele se irrita, com isso ganho metros e quase os tenho.





— Não é da sua conta — pigarreia ele, raivoso. — É minha namorada e vamos para casa.

— Não é sua maldita namorada, asqueroso imbecil — encaro-o. — Solte-a agora.

A garota cai ao chão e ele se põe a correr, em pânico. Não demoro nada em alcançá-lo e empurrá-lo abaixo. Subo em cima e começo a desfigurar seu rosto com meus punhos, descarregando meu asco e raiva pelo que esteve a ponto de fazer à garota, que chora, em posição fetal, a uns passos de nós. E por todas as que teve êxito de conseguir no passado. Golpeio-o e ele tenta me acertar de volta. É grande, tem força, mas não luta como eu. Lutamos e o levanto pela camiseta, para esmagá-lo de costas contra uma árvore, sangue saindo de toda parte de sua cara e meus dedos pulsando e inchando. Mas não sinto nada, só intensa cólera.

— Os filhos da puta como vocês, não merecem seguir vivendo. — seguro e o golpeio contra o tronco, seus ossos estalam e geme baixo.

A seguir é minha vez de ficar gelado e imóvel, porque o cano de uma pistola esmaga, duramente, contra minha nuca.

— Deixe em paz meu menino, se não quiser que espalhe seus miolos de prostituta por todo o bosque. — diz uma voz que reconheço muito bem.





De fato, a lembrança é tão perfeita, que o passado penetra, instantaneamente, em minha mente. Afrouxo o agarre no menino quase inconsciente e elevo as mãos, virando.

— Caralho. — cuspo amargo, encontrando seus olhos negros como os de um corvo.

As náuseas sobem por minha garganta, mas as envio abaixo de volta. Não vou demonstrar dor e debilidade, diante dele.

— Castillo. — diz, sorrindo encantado. — Quanto tempo sem te ver, vizinho.

E foi assim, sem esperar, que termino encontrando cara a cara, com o único fodido que me falta matar.





Capítulo 11

Camila

"Há algo mau em mim, está sempre aí, degradando-me".

A cada dia que passa, afundo-me mais. Custa-me tirar os pés da cama, de manhã, simplesmente desejo ficar deitada o dia todo, porque sei que será igual aos outros. Nunca vamos sair disto. Alex acredita, ele se renova a cada amanhecer, sai na rua com a vontade inabalável que me falta. OH, Alex, querido. O único que fica. Perdi a todos e ele segue de pé, junto a mim, sempre dando o melhor. Lembro-me quando chorava a cada noite, antes de dormir, só porque me sentia terrível, cada vez que ele me dava de presente uma porção de sua comida, ficando sem nada e eu aceitava, embora não fosse digna. Aceitava, porque meu estômago doía. Doía tanto, que as náuseas vinham vazias até minha garganta. E ele sorria, vendo-me comer. A culpa corroía por dentro depois, uma vez que dava conta de que estava sendo





egoísta, tomando o que era dele.

Não o mereço. Ele deveria ir, como todo mundo. Entretanto, não me atrevo a jogá-lo, sou covarde, egoísta, necessito que ele me abrace a cada dia e prometa que tudo melhorará, porque, embora não acredite, alivia-me a alma que seus olhos brilhem com essa esperança. Deus me abençoou, ao dar isso e me fez pensar que não foi de todo mau comigo. Amo-o tanto. Necessito-o para respirar. Cada vez que chega do trabalho, de madrugada e se recosta em seu lado da cama, com um suspiro esgotado, sussurro que nunca me deixe. É por ele que atravesso os dias. Minha vida é um inferno, e Alex é meu anjo, em todo este fogo.

Estou tão triste e doente, eu sei. Não necessito que confirmem isso, sei que não sou normal. Por isso seria melhor que Alex ficasse longe de mim, sou tóxica. Sou negativa, estou vazia. Não tenho nada para dar, só medo e insegurança.

Caminho direto para nossa casinha de tábuas, a que reformamos com o tempo. Agora, pelo menos, suporta os ventos que açoitam esta parte isolada da cidade. Procuro não pensar naquele dia que chegamos, pela primeira vez e terminamos aqui. E que nos arrastávamos. Tanta tortura, rasgando nossos corações. E minha culpa, também.





— Oi, Cami! — Alguém chama da casinha da frente, a uns cinquenta passos da nossa.

Olho, inexpressiva e vejo uma pessoa vindo em minha direção. Tem um cigarro na boca e sopra fumaça, enquanto caminha. Suas mãos nos bolsos, os ombros largos, relaxados. É David. Reconheço-o, porque sempre é o mais limpo e é o mais atrativo também. Seus olhos são negros, seu nariz é grande e um pouco torto, mas lhe dá um bom aspecto. Seu cabelo escuro está revolto e um pouco comprido. Fico em minha porta, esperando. Eu não gosto dele, dá-me arrepios. Minha mão treme, no cadeado entreaberto.

Ele para perto e me observa, um brilho perigoso nos olhos fundos sem emoções.

— O que foi? — Pergunto séria. — Meu irmão não está.

Uma sobrancelha se eleva em seu rosto bronzeado e, em seguida noto que cometi um engano. Nunca tenho que dizer que estou sozinha, ou que Alex chegará tarde. Sempre havia algum amigo próximo cuidando de mim, desta vez não há ninguém. Não me lembrei de mentir.

Ele mostra uma cartela em seu bolso, com cigarros dentro.

— Quer um? — Pergunta.





Nego e sigo com minha chave no cadeado, meu pulso treme e David nota. E algo me faz acreditar que ele gosta que sua presença me assuste. Na realidade, qualquer dos irmãos Ferro significa problemas e de longe, qualquer pessoa sabe que deve manter-se afastada.

Ele dá mais um passo para mim, prende-me contra a parede.

— Por que não? — Sussurra rouco. — Não sou o suficiente bom para que compartilhe um pouco de maconha comigo?

Mordo o interior das bochechas com força, até que provo o sangue em minha língua.

— Não é isso... Tenho que estudar.

— Você e seu irmão querem defecar mais alto que os outros, não? — Cospe, encurralando-me. — A única coisa que querem é sair daqui, para não estar perto de nós, os pobres. Vocês se acreditam melhor que todo este lixo.

Engulo e franzo o cenho.

— Não é verdade, estamos bem aqui. — é uma mentira e ele sabe, ninguém vive bem, embaixo de quatro pedaços de madeira.





E todos, de uma maneira ou de outra, querem sair deste lodo. E ele também. Hipócrita. Insulta-nos, por querermos ser melhores e não morrer de fome. Alex agora, obriga-me a ir ao colégio e vou, porque quero que ele esteja feliz. E gosto de fazê-lo contente. Eu só vivo para seu sorriso.

Desencaixo o cadeado e viro, para entrar na porta só um pouco, porque David pega meu cotovelo e me puxa para trás.

— Alex! — Grito, é um reflexo estúpido, porque sei que não está perto. — Alex!

Alguém mais vem às minhas costas e tampa minha boca, enquanto que, com o outro braço, segura apertado. Retorço-me com força, entretanto, não tenho nada que fazer contra eles. São três. Três Ferro, levando-me mais perto do cheiro podre, que estava à distância. Ninguém escuta, ninguém vê, porque aqui não tem iluminação. Meus gritos afogados gritam por meu irmão, ao mesmo tempo em que vejo minha casinha afastar-se e minha mochila cair do ombro. Esperneio um pouco mais, ao ser colocada no chão, mas, imediatamente, tem um em cima de mim.

— A putinha não está aqui para te salvar hoje, pode gritar.

Acredito que é Pancho. De alguma forma o apelido lhe serve, tem sobre peso e pele gordurenta, cheia de acne. É grande e pesado, para que meus ossos o suportem. Ele





levanta minha camiseta e olha meus pequenos seios, que cresceram e os saboreia. É ali que começo a chorar, grossas lágrimas, sem parar. Percebo uma espetada em meu braço e salto, David amaldiçoa e puxa meu cabelo. E volta a perfurar minha pele, injetando algo. O medo me paralisa, seguido de uma espessa calma, que veio tão rápido, tão de repente. Meu sistema fica lento então, frouxo. Minhas pálpebras pesam, estou cansada e é agradável. Por um momento curto, entretanto.

Meu jeans são puxados por minhas pernas.

— Funciona? — Pergunta o que está longe, vigiando, se por acaso vem alguém. Mas sabemos que ninguém aparecerá, de qualquer modo.

— Como a merda, que funciona — diz tranquilo, ainda sobre mim. — Olhe quão bonita e quietinha ficou — rindo como um menino de cinco anos.

Meus olhos se focam, suficientemente bem, para vê-lo desprender suas calças, entre minhas pernas abertas. Meu coração pulsa em meus ouvidos, meu corpo não reage ao medo, só fica ali, como se gostasse de estar reduzida assim.

— É tão linda Cami, não importa que nunca sorria. — fala Pancho, acariciando a si mesmo. Um gemido horrível





sai por meus lábios. — Não importa que me ignore sempre, desta vez é minha — está agora completamente ereto.

Meus olhos se elevam a quem está de pé a nosso lado, olhando. David não sorri, só observa, como se isto fosse algum negócio, como se estivesse vendendo seus baseados. Coloca as mãos na cintura e espera. Então seu irmão se posiciona em minha entrada, logo depois de tirar minha calcinha. A dor toma conta de tudo. Quinze minutos, que se seguem eternos. Tranquilo, ele bombeia em meu interior e me tira a virgindade em um só impulso, choro e minhas lágrimas caem pelas têmporas e se perdem em meu cabelo loiro escuro. E mesmo assim, nunca abandono os olhos negros de David. Minhas costas escorregam para frente e para trás, Pancho me sacode e treme. Segura meus quadris e os gritos que deixo sair não serão escutados nem a dois passos de distância.

Nem um segundo deixo meu olhar de David.

"Vão pagar por isso", prometo em silêncio. "*Vão sofrer tanto ou mais que eu".* Simplesmente sei, tenho a visão do futuro em minha mente. Não sei se Alex se encarregará deles. Possivelmente sim, possivelmente não. A vida mesma pode fazê-lo e quando passar, estarei vendo de qualquer lugar.

Pancho se estremece e sai de mim, levanta e se afasta.





— Merda, como foi bom — geme, enquanto se masturba, apoiado em uma árvore. — Essa pequena virgem é perfeita, caralho.

Não o escuto mais, concentro-me nos poços negros e insondáveis. E o outro irmão vem, faz exatamente o mesmo do anterior e permaneço imóvel, em minha vontade de expressar o que não posso dizer, através de meu olhar úmido. Quando David se afasta, para tornar a vigiar, a dor volta e meus gritos se potencializam. Ainda são débeis, porém mais fortes que os primeiros que soltei. O segundo Ferro acaba do mesmo modo, sai e se afasta, para ejacular. Ali, David os chama e eles o seguem, como dois imundos cães mulherengos.

Deixam-me sozinha, melhor, porque estou despedaçada.

Se antes estava oca, agora estou, irremediavelmente, convertida em pó leve e posso ser varrida pela brisa da noite e desaparecer no anoitecer.

Quando o efeito da droga abandona meu sangue, levanto-me e como posso, alcanço minhas roupas entulhadas na terra. Há sangue entre minhas pernas e começo a lavar na água empoçada da chuva de ontem à noite, que sempre forma um atoleiro fundo, entre as casinhas e o monte. Entro na água até minha cintura e grito, não porque esteja fria, mas sim porque tenho que tirar tudo de dentro. Grito à escuridão, puxando os cabelos,





rasgando minhas cordas vocais e as fazendo sangrar. Hoje, todo meu interior sangra. Sangra. E sangra. Olho o céu e grito mais.

Deus decidiu que o que me tinha feito antes, não era suficientemente ruim, e tinha que seguir castigando-me.

— Já chega — meus dentes batem, engasgo-me. — Já chega, já não há mais nada. Agora só me deixe em paz — choro.

"Já não há nada mais em mim que possa tomar".





Capítulo 12

Alex

Por um instante estou seguro de que começarei a hiperventilar, um ataque de pânico e angústia enchendo o peito. Anos e anos sonhando com isto, tendo o último irmão assim, bem de frente, olho no olho. Para que veja o ódio que guardei em mim e foi crescendo a passos largos, com os anos. E penso no que estive planejando fazer em minha cabeça, todo este tempo, sendo alimentado pelo rancor.

Mas a sensação de perder o controle só dura um minuto, possivelmente dois, porque o reforço que pedi antes, aparece por trás e dispara em David. Dou um salto sobre ele e, ao mesmo tempo, dobro seu braço para o chão, seu disparo se perde entre os ramos altos das árvores. A pistola cai de sua mão, no chão e o viro de costas. Estava protegido, tem colete, embora o disparo deve ter doído. Fico sobre ele e o golpeio, duro, com a força acumulada em meu coração. E com a alma cicatrizada, encarrego-me





de seu asqueroso rosto. Só para que uma nova chuva de balas venha á distância, tratando de me derrubar e liberá-lo.

Recosto a seu lado e me arrasto, minha sorte pendendo de um fio muito fino, qualquer disparo pode me atingir na cabeça. Chego à garota quase desmaiada e a cubro com meu corpo. Mais Leões vêm e devolvem o fogo, reduzem o inimigo um pouco, para que eu possa sair do meio, arrastando-a comigo. Procuro ao redor por David, ele desapareceu, certamente, cobrindo-se atrás de alguma árvore próxima.

"Hoje não", sonha a voz da vingança em minha cabeça. *"Não hoje, mas logo".*

Escondo-nos atrás de um tronco grosso, de cara com meu clã, são dez tipos disparando a um inimigo, que se rende facilmente e se vai, em direção a seus veículos. O perigo de perder, vale mais, que seguir com esta pequena guerra. Sua missão desta noite foi um fracasso, graças a nós. Hoje ganhamos, a pequena garota a meu lado está a salvo e posso estar seguro de que a outra também.

— Estão feridos? — Pergunta Leon, aproximando-se.

Presto atenção a meu corpo, a alguma dor ou sangue. Nada, só os nódulos dos meus dedos machucados e em carne viva. Observo a adolescente e ela está quase adormecida em meus braços, com sua cabeça apoiada em meu ombro. Olha com a boca aberta e as pálpebras pesadas, dopada.





Talvez amanhã não recorde nada, ou possivelmente sim. Espero que não muito, só o essencial para lhe criar a consciência de que deve tomar cuidado com tipos como o que está morto no chão, mais à frente. Que golpeei e logo foi alcançado por uma bala perdida. Não lhe dou mais que um pensamento rápido, não tenho misericórdia ou remorso por ele.

Leon pega em seus braços a pequena e me levanto para segui-lo, meus olhos baixos. A adrenalina se esvaiu, para deixar um pobre tipo esmagado, meu peito reage, ferroando, como se meu coração recebesse a picada de uma vespa gigante.

— Ninguém escutou os disparos? — pergunta Max, vindo agitado, coçando a têmpora.

Têm uma pistola na mão, como os outros. A primeira coisa que faz é vir até mim e me estudar de perto. Dou-lhe um assentimento, dizendo-lhe, em silêncio, que estou bem.

— Tinham a casa rodeada de auto falantes — responde Máquina. — E a maioria das armas tem silenciadores.

Ninguém mais fala, seguimos o líder até onde estão as caminhonetes, bastante alvejadas da festa. Deposita a garota no assento traseiro, junto com a outra. Envia dois novatos direto ao hospital, inclusive põe guarda no veículo. Não importa que o perigo esteja longe, sabemos bem que pode





retornar, quando menos se espera. Começamos a nos dispersar de novo, porque vamos ficar um pouco mais, até que tudo termine. Só por precaução. Não queremos nos arriscar a ir, se há mais garotas em jogo.

— Che, está bem? — Max me toca no ombro.

"Não*, estou longe de estar bem"*, quero responder. Mas lhe devolvo um assentimento, fingindo a segurança que não sinto. Estou destroçado. Não é que tenha evitado meu passado, já que está em minha cabeça todo o tempo e me acompanha, aonde quer que vá. Constantemente, persiste a aguda ferida aberta e cravada, mas é que hoje rasgou mais e sangra a jorros. Mais que posso aguentar.

Permanecemos juntos, inclusive permitimo-nos uma bebida. Observamos a multidão que, à medida que avança a noite, vai apagando e dispersando. Passos cada vez mais vazios para cá e para lá. Estou observando, embora minha mente esteja a milhares de quilômetros.

Ou, melhor dizendo, há uns quantos anos atrás. Doze exatamente.

— Santiago rompeu o pescoço do outro menino. — conta Max, levando sua cerveja aos lábios rodeados de uma barba cheia, sua cicatriz quase nem se distingue em baixo. —





Parecia um louco, foi direto a ele, tiramos a garota de seus braços e crack... Pronto, um idiota a menos nesta terra.

Carregaram os dois corpos em outra SUV, vi-os, antes que partissem, para se desfazerem deles. Deveriam ter sofrido mais, creio que todos pensam assim, entretanto, não podíamos nos dar a esse luxo. As duas primeiras vítimas eram o verdadeiro objetivo de tudo isto. Por isso agarrei David em um mau momento, não era para acontecer agora. Mas, estou completamente convencido de que será a próxima e poderei sujar as mãos com seu sangue, em nome de Cami. Em nome da vingança que percorre minhas veias, envenenando-me.

Deixamos o recinto perto do amanhecer, chegamos e estava tudo tranquilo, com as luzes do bar acesas. Isso nos surpreendeu. Descemos dos veículos e entramos, encontrando Adela trabalhando, com uma expressão sombria em seu bonito rosto, enquanto uma Bianca aérea apoiava-se com os cotovelos em uma mesa, parecendo que poderia cair desmaiada a qualquer segundo. Todos nos horrorizamos um pouco, ao ver os arranhões em um lado de seu rosto pálido de porcelana, acompanhando um feio hematoma no queixo. Santiago não esperou para ir até ela e conferi-la. Perco-os de vista e meu coração salta, ao encontrar Ema de pé, ao final das escadas, apertando o corrimão em suas mãos.

Sabe que voltei e me espera.





Vou até ela e, em seguida, tenho suas mãos ao lado do meu pescoço, inclino-me e lhe dou um beijo casto nos lábios. Minha tensão é arrasadora e não necessita muito, para adverti-la. Franze sua testa e acaricia meu rosto.

— Está tudo bem? — Quer saber, ansiosa. — Todos vocês estão? E as garotas? — Leon se adianta, vendo logo que não posso pronunciar uma palavra. Estou desgastado.

— As garotas estão perfeitas, estão no hospital só para uma verificação, avisaram-me que suas famílias estão com elas. — Ema se acalma e chega mais perto, procurando meu contato. — Tudo saiu perfeito.

Oculta os detalhes, não importam, depois de tudo, o que, de verdade, importa dizer é que estamos todos salvos, inclusive essas inocentes. O resto é secundário. Também é meu encontro inesperado com David, que me golpeou tão forte, que ainda estou em choque. Leon se afasta, dando-nos boa noite ou bom dia, depende de que lado se olhe. Vai para casa, com sua família. Adela termina de limpar e se une a Santiago, que levanta Bianca em seus braços. Despedem-se, porque parece que ela ficará com Ema desta vez, no sótão.

Vejo a maneira em que Bianca agarra o pescoço de seu irmão, apertando-o e afundando seu rosto nele, escondendo do mundo.





— Houve uma briga hoje. — sussurra Ema, percebendo o movimento, quando os irmãos saem pela porta, partindo. — Essas mulheres, as que visitam a... — Titubeia. — As que devem buscar atenção masculina — encontra as palavras, sem insultar. — Brigaram com Adela e Bianca.

— Vou falar com Leon, quando tivermos tempo — adiciona Adela, interrompendo. — Acredito que é hora que os meninos procurem mulheres em outros lugares e essas putas deixem de vir aqui. — Direta e sem meias palavras.

Assinto, estou de acordo. Terá que ver se o resto dos irmãos também está, porque sou um caso à parte. Adela se afasta, apagando as luzes por partes, dando-nos um momento.

— Alex, você não está bem — solta Ema, sem conter-se mais.

— Foi uma noite dura — falo, esfregando o rosto. — Estou esgotado. Ela se aproxima, abaixo-me e consigo uma mecha de seu cabelo comprido ondulado.

— Acredito que é por outra coisa — murmura em meu ouvido, seu hálito chega a meu pescoço e estremeço, não respondo e espero. — Está bem, vamos dormir.

Beija-me no canto dos lábios, lenta e carinhosamente, antes de se separar e deixar ir. Aperto os dentes, ao





mesmo tempo em que dou uns passos atrás, vendo como fica ali, de pé, com olhos entristecidos. Por mim. Porque sabe bem que algo me afetou e isso a entristece. Antes de me entregar, viro e atravesso a porta, fechando-a, cuidadosamente, em minhas costas. Meu coração dói e bombeia ardor, através de minhas veias, vou a meu apartamento no complexo, antes de perder o controle completamente. Antes de cair de joelhos e chorar como um bebê.

Paro na escuridão, ao lado da ducha, tirando a roupa e a espalhando por aí. Suspiro, quando a água quente cai nas costas, é agradável a sensação no meu corpo, embora não entre dentro dele. Permaneço aí de pé, a cabeça encurvada e os olhos fechados. Respiro pela boca, tragando alguns goles de água, tremo e apoio no azulejo. Não sei por quanto tempo fico parado, até que me recomponho e me lavo, com a água esfriando já. Saio e limpo o espelho embaçado, enrolo uma toalha na cintura e entro no escuro interior de minha casa.

Estou deitando na cama e me detenho, por causa dos golpes tímidos na porta de entrada.

— Alex — diz Ema, ao destravar e abrir, está ali de pé, com seus olhos de caramelo grandes e assustados, mas decididos. — Necessita de mim.

Aperto meus olhos e, instantaneamente, engulo uma áspera e apertada bola na garganta. É como se com isso





derretesse toda capa exterior.

— Sim — suspiro, aniquilado. — Necessito.

Entra e me abraça, atirando minhas defesas ao chão. Seus magros e amáveis braços me envolvem e funcionam como uma manta cálida e protetora.

É tudo o que necessito, para me enterrar em seu aroma e deixar ir minha dor.

"Deixei o vestido azul claro sobre a cama de minha irmã, enquanto ela tomava banho". E o observei fixamente, era bonito. Ficaria doce com ele. Miranda ajudou-me a escolher, ofereceu-se e não pude dizer não, já que sabia que não seria capaz de encontrar o adequado, por mim mesmo. Esse dia, Cami faria quinze e eu queria que se sentisse bonita, livre e não se preocupasse com nada. Continuamente, havia coisas em sua cabeça, a maioria má e outro tanto de preocupações. Acreditei que sair da vila a acalmaria, que se tornaria mais desinibida. Andava sempre tensa por aí e precisava relaxar. No entanto, não houve mudanças positivas. Já sabia





que nada seria fácil para ela, inclusive para mim. Sofria por dentro. E queria que sorrisse de novo, pelo menos hoje. Possivelmente, não era pedir muito.

Já não recordava o que era ver um sorriso em seu precioso rosto. Acredito que a última vez foi quando fomos meninos e Pablo desenhou, pela primeira vez, um sol. Nossa irmã estava precisando de algo que iluminasse sua vida e Pablo sabia, embora fosse um pequeno menino de três anos.

Abandonei o quarto e a esperei na cozinha. Escutei a porta do banheiro abrir-se e seu caminhar descalça, para trocar-se. Já lhe avisei de manhã, que iríamos jantar fora. Era algo que não fazíamos nunca. Não que não pudéssemos nos permitir isso, de vez em quando, mas já estávamos acostumados a não gastar dinheiro. Usávamos para o que mais necessitávamos, era um reflexo que nos livrou da miséria. Nunca seríamos uns esbanjadores.

— Alex? — Chamou do quarto.

Sorri e fui até ela, levantando da cadeira.

— Comprou um vestido para mim? — Perguntou, quando me apoiei no vão da porta, com meus braços cruzados.

Seus olhos tinham um brilho que nunca esteve ali e meu coração despertou, reagindo no peito. Acariciou o tecido





e o olhou, pelo que pareceram longos minutos.

— Vamos festejar, precisa de um vestido. — digo, deixando o drama de lado.

Mordeu o lábio e saltou, nervosamente, em seus pés descalços, enquanto segurava a toalha ao redor do peito. Também abriu a caixa branca, aos pés da cama. Sandálias novas. Olhou-me um segundo, depois dando um sorriso.

— Obrigada. — murmurou baixinho.

Sorri e sai, dando privacidade. Aguardei na cozinha e assobiei, no instante em que saiu pelo corredor, para me encontrar. Sorriu e se ruborizou. Saímos pela porta e caminhamos, ela me agarrou pela mão e apertou. Recordo do seu cabelo comprido, liso e loiro escuro, com reflexos naturais dourados, secarem e balançarem em suas costas. Pela primeira vez ela estava entusiasmada, quase correndo de mim, para chegar ao restaurante.

Entramos em um, nada luxuoso, só... Normal. E nos olhamos, como se nem soubéssemos o que fazer, realmente. Fui o primeiro a me mover, arrastando-a comigo até a primeira mesa que encontrei. Sentou-se e logo me acomodei de frente a ela. Fomos rapidamente atendidos e meia hora depois estávamos comendo. Pizza. Claro, quando foi a última vez que nos demos o gosto de comer pizza? Cami adorava. Essa noite comeu até arrebentar, até que o estômago





doeu. Rimos por isso. Uma vez paga a conta, fomos direto a uma sorveteria.

— Mmm, achei que não me cabia nada mais, mas... Acabo de mudar de opinião. — disse e se apressou para pedir um enorme de chocolate e morango.

Eu estava no limite, pela emoção que significava vê-la brincar e ser mais aberta. Seu sorriso a iluminava e me fazia feliz. Essa noite, ambos esquecemos o que nossas vidas foram. As situações nas quais nos encontrávamos. As dores que conduzíamos. Sentamos em um banco, para saborear nosso sorvete, a brisa a despenteava e seus olhos, tão iguais ao de sua mãe, estavam contentes. Eu, realmente, acreditei que esse seria um novo começo para ela. Pensei que sua alma estava curada e que haveria mais momentos como este.

E estive tão equivocado.

No caminho para casa, Cami voltou a apertar minha mão na sua, toda pegajosa, porque seu sorvete começou a derreter, antes de tomá-lo. Devolvi o gesto e a mantive. Fui me decepcionando, ao notar que tudo estava voltando a ser como antes, à medida que entrávamos no bairro. Algumas ruas não tinham iluminação e as calçadas estavam desniveladas, mesmo assim, isto era o melhor que tínhamos. Depois de toda uma vida sem nada.

— Imagina se...





— Cami — adverti, cortando-a.

Sabia perfeitamente aonde queria chegar, seu tom de voz o anunciava.

— Imagina se Pablo tivesse estado esta noite conosco?— Acabou de falar.

Apertei os dentes e olhei para frente, obrigando-me a pôr um pé diante do outro. Passei de estar eufórico, pela alegria de minha irmã, a sentir como ambos sangrávamos por uma ferida que estaria aberta por toda vida. Fui tolo, ao querer pôr um curativo sobre ela essa noite, era muito grande e dolorosa para cobri-la.

Não respondi, baixei meu olhar ao chão, até que chegamos em casa. Acompanhei-a ao seu quarto e a beijei na porta. Ela dormia ali e eu na sala, em um sofá que se convertia em cama, que Miranda arranjou-me. Argumentou que era usado e velho, mas disso não tinha nada, suspeitava que ela comprou e mentiu, para não lutar com meu obstinado orgulho. Estava tirando o suéter, quando Cami pronunciou meu nome, da sua cama. Quis correr em direção contrária, ao ver de novo seus olhos mortos olhando-me. Droga, durou tão pouco. Queria de volta minha irmã de uma hora atrás. Fui até ela e me sentei na beira do colchão.

— Não me culpe. — Sussurrou, engolindo em seco.





— Não. Não te culpo, porque não há nada pelo que te culpar Cami. — Disse seguro.

Já não sabia que mais fazer para convencê-la. Seus olhos se alagaram e olhou fixamente o teto, as lágrimas descendo por suas têmporas, até desaparecer no couro de seu cabelo. Não importava tudo o que tentava, ela nunca acreditaria, realmente. Nunca deixaria de culpar-se e isso a esgotava, física e mentalmente.

— Está bem. — soluçou e esfregou os olhos. — Não importa, porque eu me culpo pelos dois.

Fechei os olhos, apertando as pálpebras com força e ela rolou para o lado, dando-me suas costas. Toquei seu ossudo ombro e o apertei, minhas vísceras rasgando-se.

— Cami — insisti, tentei que minha voz saísse firme, fracassando totalmente. — Não faça isto...

Virou abruptamente, levantando-se e de repente, tive seus braços ao redor de mim e me apertou contra ela com uma força que não parecia vir de uma pequena garota de quinze anos. Abracei-a também, apertado. E chorou em meu ombro, soltei algumas lágrimas no seu também.

— Amo-te — sussurrou, tremendo. — É o melhor que a vida me deu. Amo-te. Amo-te. E me perdoe.





— Também te amo, Cami — disse-lhe no ouvido. — Agradeço ter você comigo. Não há nada que perdoar. Não faça isto. Não mais, Cami, por favor. Eu te amo.

"*Eu te amo".* Repeti-o, até que ficou mole em meus braços, dormindo, com lágrimas frescas em suas bochechas. Sequei-lhe o rosto e a depositei ali, cobrindo-a com a manta. Minhas extremidades tremiam e não entendia o que acontecia com meu corpo. Nem o que esta cena significava, na realidade. Deixei seu quarto, logo depois de apagar a luz e me atirei vestido na cama. Não tinha que ir, furtivamente, a nenhum hotel essa noite, tinha-a livre, para dar toda minha atenção a Cami. E agora poderia dormi-la inteira, pela primeira vez em muito tempo, entretanto não preguei meus olhos, até quase o amanhecer.

Devia pressentir que algo ia terrivelmente mal, mas não captei os sinais, até que foi muito tarde.



Uma chuva de beijos suaves como plumas me devolvem à realidade, acabando com a bruma escura do sonho. Ontem à noite fiz tudo, menos dormir,



fiquei indo e voltando, torturado com as lembranças, culpando e chutando a mim mesmo. E me enchendo de ressentimento. Encontrar David é uma necessidade, agora que sei que não está tão longe, minha obsessão voltará. Não importo que a vingança não seja boa, em nenhum sentido. Em meu caso, servirá para um fim, para seguir adiante.

Ema planta seus lábios cheios em minha testa e abro os olhos. A leve luz do amanhecer faz que seus cabelos sejam mais vermelhos e suas sardas ressaltam no rosto e nariz pequeno, salpicam sua pele pálida de uma forma que me faz pensar em uma obra de arte. Uma pintura, que quero conservar só para mim mesmo e brindar à portas fechadas. Ema faz tudo mais fácil, seu toque me estabiliza e seu corpo apertado, junto do meu, leva-me a acreditar que, possivelmente, nesta terra cheia de dor, ela pode ser meu céu. Meu anjo branco, entre tanta escuridão.

Levanto o braço e afago sua nuca, tomando a parte de trás do seu pescoço e aperto. Ela desce, roçando a ponta de seu nariz no meu, até que seus lábios me encontram. Beija-me, tomando o controle e logo estou devolvendo-lhe o beijo, colocando um pouco mais de força. Não se assusta, claro, ela jamais o faria, só me recebe e acelera sua respiração entre nós, aproximando-me, com suas mãos em minha nuca. Em seguida a tenho sobre as costas, pondo meu corpo em cima, para apertá-la sobre o colchão.

Suas respostas são perfeitas, excita-me, com a fluida maneira em





que suas costas se arqueiam e seus quadris sobem, em um vaivém. Chupo sua língua e ela geme, enterrando as unhas em minhas costas nuas. Procurando mais.

Ali é onde me detenho.

Ela está vestida com uma de minhas camisetas e eu só com uma boxer. Ontem à noite só dormimos, entramos na cama, embalou-me seus belos braços e me sustentou. Não perguntou, não falou de absolutamente nada, nem me pressionou, só ficou ali e deixou que eu apoiasse minha cabeça em seu peito. Dormi, ouvindo os batimentos do seu coração.

— O que aconteceu? — Queria saber, porque acabo de sair da cama.

Nego-me a ir mais longe, antes de aventurar mais à frente, em seu corpo, tenho que dizer. Contar o que tenho feito comigo, porque não estou disposto a esconder mais. Ela quer, deseja que cheguemos ao final, que façamos amor por completo. Não poderei, se continuar calando-me.

— Sinto muito, eu... — Permaneço sentado na lateral, curvado e passo a mão pelos cabelos.

Isto não vai ser fácil, entretanto, estou decidido a deixar de ser um covarde. Agora mesmo, ela terá a última palavra. Se quiser, depois de saber tudo, então me terá, porque





não serei a classe de homem que se nega ao corpo de uma mulher que quer tanto, por pura vergonha. E eu a desejo muito, para fazer isto.

E se não me quiser... Então a deixarei e superarei.

— Tenho que te contar algo — digo, ainda de costas para ela, esfregando o rosto sonolento. — Algo que têm que saber, antes de ir mais longe comigo...

Ema se senta na cama, tirando o cabelo do rosto. Um cenho franzido diz que está preocupada. E meus olhos, como se tivessem vida própria, não se perdem dos picos de seus mamilos, sob minha camiseta branca. Detenho-me fora de qualquer ideia sexual. Embora me custe.

— Está me assustando — diz, retorcendo suas mãos.

Sei. Deixei-a nervosa com minha atitude retida, de repente. Melhor acabar com isto de uma vez.

— É sobre meu passado, sobre o que fiz, quando era um adolescente e responsável por minha irmã... — Freio, tomando uma baforada.

"Não te disse antes, porque queria te provar, desejava-te tanto que fui capaz de me converter em um egoísta e me permitir desfrutar de seu formoso corpo reluzente", não o digo em voz alta só penso.





— Sim? — Empurra-me para seguir, ansiosa.

Solta um interminável suspiro, está bem, esta pode ser a última vez que a veja assim, em minha cama, toda emaranhada nos lençóis, despenteada e ruborizada pelo sono.

— Vendi meu corpo por dinheiro. — solto abruptamente, tratando de não me engasgar, com o agudo sentimento de repulsa que me consome. — Dos dezesseis até quase completar dezoito...

Meu coração deixa de pulsar, enquanto espero uma resposta de sua parte, apesar da dureza de meus músculos, viro pela metade, para localizar seu semblante. Não há nada em sua expressão, só uma leve rugosidade na ponte de seu nariz, que indica que está pensando muito. Pega o tecido do lençol e alisa com os dedos. O silêncio vai tornando-se mais louco, a cada segundo que acontece.

— Com mulheres? — pergunta do nada, minhas costas se enrijecem.— Homens?

— Há alguma diferença? — Pergunto, com voz afogada. Pisca várias vezes e nega.

— Não... Não sei — morde o lábio, confusa e, por um momento, parece como se fosse sangrar. — Suponho que não importa...





O sentimento de asco deve ser igual, de qualquer forma, penso.

— Só mulheres. — respondo, não foi difícil até agora e olho, como se ela precisasse dessa explicação. — Meu último dia como... — Dúvida sobre que palavra usar — Uma de minhas novas clientes veio para o quarto de hotel, acordando alguns hóspedes, estressada, acompanhada por seu marido. Reagi bastante mal, em apenas vê-lo através da porta. O cara disse que eu poderia ficar junto e fazer o que quisesse com eles e em troca, pagaria uma boa fortuna. — ri secamente. — Soquei seu rosto, mesmo antes dele terminar, bati nele, até que estava inconsciente, no chão da sala e ouvi os gritos de ajuda das mulheres... Essa foi a única vez que um homem entrou no meu trabalho. E ele me pegou no pior tempo, eu estava bêbado, irritado com a vida e comigo mesmo, ele foi a faísca sobre a palha.

— Esse foi seu último dia? — Diz triste.

— Foi. — explico, agora a olhando diretamente. — Depois, decidi que tinha terminado com essa merda. Já tinha economias suficientes para seguir uns meses livre...

Ema se move em seu lugar e seu semblante se torna mais contrariado e aflito. Não quero pensar que está sentindo pena de mim.

— Qual é sua verdadeira intenção, ao me contar isto? — Pergunta com





consistência — Está se abrindo a mim por opção, para que eu conheça mais de sua vida? Ou o faz, para me dar a opção de sair disto... Que temos você e eu?

Observo-a com os olhos entrecerrados, notando uma pequena deixa de raiva em seu tom. Aonde quer chegar?

— Bom, ambas, suponho — respondo.

Assente e seu rosto bonito e doce se contorce com intenso desgosto e fúria, passando a um avermelhado brilhante. Abre os lençóis com um puxão e sai da cama como um redemoinho, tropeçando e estabilizando-se no processo. Fico de pé, rapidamente, antes que machuque em algo, porque não está familiarizada com minha casa. Aproximo-me, para a ajudar e ignora, empurrando-me para o lado. Recolhe sua roupa, que está dobrada sobre a cômoda. Seus movimentos são frenéticos e bruscos.

— Ema. — chamo, sem poder respirar.

Realmente a estou perdendo, e dói mais do que acreditei.

— Não fale comigo. — Pede, furiosa, vestindo-se.

Aperto os dentes, ao ter à vista seus pequenos e preciosos seios, marcados com pintas e sardas. Cobre-os, em seguida, com seu vestido de mangas largas e volto a cair na realidade. Está indo, não pode sequer aguentar ter-me na sua frente.





— Ema — repito, vendo que, em qualquer momento, pode tropeçar com qualquer maldita coisa. — Deixe te ajudar a voltar...

Crava-se em seu lugar, respirando com força, estremeço ao seu olhar. Não me vê, mas não é necessário, para me fulminar dos pés a cabeça.

— Olhe, perdoe-me — digo frenético — por não ter lhe dito antes que começássemos a...

Avança para mim às cegas e me empurra, embora não tenha força suficiente para me mover.

— Não, Alex, não te perdoo por me julgar. — cospe, gritando.

Fico imóvel. Julgá-la? Que caralho? Não entendo nada, acredito que estamos em páginas diferentes.

— Por te julgar? — Pergunto, com aceno débil.

Posiciona-se ereta, cravada no piso, suas costas tão retas, que poderia quebrar-se a qualquer momento. Há cachos emoldurando seu rosto vermelho e torcido. Jamais acreditei que a veria nesse estado de ira. Realmente, está me odiando agora mesmo.

— Sim, por me julgar! — Grita. — Por acreditar que sou a classe de pessoa que te julgaria por seu passado. Por





pensar que sou tão mesquinha e detestável, para me afastar de você, só porque foi um menino de rua e que se arrumou como pôde para sobreviver. — anuncia tudo isso, subindo cada vez mais o nível de seus gritos.

Não encontro nada para dizer, estou espantado. Congelado em meu lugar.

— Nem sequer se deu conta? — Diz, secamente, agora parece derrotada. — Realmente está cego? Ohh não, certamente, pensa que vamos muito rápido...

Sussurra frustrada, aprumo-me, para perguntar a que se refere, minha cabeça dando voltas e voltas, tentando entender seu ataque.

— Estou louca por você, Alex! — Fala, tirando o cabelo do rosto. — Estou tão apaixonada, que não posso suportar a ideia de que estejamos longe. E você só se preocupa com meu nível de preconceito e malícia. O que é que...

Não a deixo terminar, acabou com essas últimas palavras, não fica outra coisa a fazer. Elimino a distância entre nós e a atraio, segurando seu perfeito rosto entre minhas mãos, para tomá-la. Apago o resto de sua explosão, antes que saia, ocupando sua boca com a minha, calando-a, enfiando minha língua em sua profundidade. Merda, só assim esqueço-me de toda conversa anterior, que quase nos afasta, por uma estupidez. Por minha estupidez.





Estive a um passo de perdê-la, porque não soube vê-la como merece.

Ema Fontaine jamais me julgaria. Ela, entre todas as pessoas, é a menos indicada para que especule assim sobre ela. No que estava pensando? Idealizei-a, como resultado de minha própria vergonha. Caralho, já aprendi com o engano, jamais voltará a acontecer. Juro.

— Perdão — digo, respirando de novo em seus lábios. — Perdão. Isto é... Só um problema próprio, algo que não pude tirar de meu sistema ainda, mas...

— Calado! — corta-me, rigorosa. — Cale-se e faça amor comigo de uma maldita vez.

Estudo-a, fixamente, por uns segundos, piscando, diante de seu pedido. Ainda está raivosa, mas não tanto para me empurrar e partir. Rio, nem sequer posso evitá-lo. E Ema, ao me escutar, acalma-se um pouco. Então sim, vou para sua boca. E, imediatamente, começo a tatuar minhas iniciais no seu corpo.

Minha. Completamente minha.

Em um movimento, volto a tê-la só em suas calcinhas brancas de algodão e sigo, sem abandonar sua boca, bebendo-a um pouco mais. Afogando-a. Ela apenas se afasta para respirar. Nossa briga anterior fica completamente





esquecida. Passeio meus dedos por suas coxas e quadris, engancho os elásticos de sua calcinha, só insinuando que vou tirá-la. Entretanto, tomo outros caminhos, subindo por sua marcada e curvilínea cintura, envolvo suas costelas e logo satisfaço minha necessidade de parar em seus seios pequenos e firmes. Encaixam perfeitos em minhas mãos, como se fossem criados só para mim. A pele de Ema está arrepiada dos pés à cabeça e os calafrios que a percorrem, fazem com que a deseje inclusive mais, se isso pode ser possível. Fico louco em todos os sentidos, inclusive nos que acreditei que não existiam.

Ela se entrega aos meus desejos. Dócil, branda e ansiosa. Devagar, permito que ela se acomode em suas costas no colchão e, uma vez na posição em que a quero, olho-a. Consigo a perspectiva de toda ela, que inspira com força e treme com a espera e se mexe, ao perceber que não faço nenhum movimento para tocá-la.

— É linda, Ema. — sussurro, roçando apenas os nós de meus dedos por seu ventre e fica tensa, pelas pequenas cócegas. — Não, é mais que isso. Muito mais.

Libera uma risada aguda, que me obriga a sorrir, docilmente.

— Não sei. — murmura, divertida. — A última vez que me olhei no espelho, era anã e reta. Tinha umas bochechas rechonchudas, que todo mundo





queria apertar.

Rio e diminuo a distância para beijá-la, começando justo debaixo do umbigo e subindo por seu abdômen até seus mamilos.

— Acredite, é a mulher mais bela que já vi. — arrasto a língua pelo seu seio esquerdo e seu fôlego para na garganta.

Fecha os olhos, capturando todas as sensações que provoco, como se não quisesse perder nada. Morde o lábio inferior, negando-se a gemer tão alto. Forma-se uma curva instantânea em meus lábios, porque prometo levá-la ao limite tão rápido, que apenas não o verá vir. Separo de seu delicioso broto rosado e livro de suas calcinhas, sem nenhum aviso, baixando-as pelo comprimento de suas pernas. Logo a largo e me inclino, abrindo seu sexo com os dedos, delicadamente. E ali, um gemido de reconhecimento chega aos ouvidos, tão doce e entregue. Abaixo, quando revelo minha língua e a passo pelos lábios já inchados. Sobressalta-se, embora nunca visite diretamente a zona que ela considera importante. Ainda. Só jogo uma lenta insinuação, obtendo que vá se tornando mais receptiva, com o passar dos segundos, sua umidade aumenta mais, cada vez que se retorce, buscando-me.

— Alex — pede, queixando.





Quer soar mandona, mas só parece uma menina pequena zangada, porque não obtém o que quer.

— O quê? — Pergunto risonho.

— Não faz assim. — lamenta, tratando de me abrandar com sua pobre atuação.

Nego, divertido e tomo meu tempo, até que, verdadeiramente, mostra-se frustrada. Então resolvo lhe dar o gosto. A ela e a mim também, claro. Posiciono minha língua no seu clitóris e o estimulo brandamente, sem excessiva insistência. Letárgico. Ganhando pouco a pouco, esperando que chegue o momento que se mostre lisa, para comê-la com mais violência e sem pausa. Dou-me conta de que, desta vez, está mais molhada que em nossos encontros anteriores e isso me faz acreditar que a ideia de perder a virgindade tem-na mais imersa e quente.

É quando começa a retorcer-se sem nenhum controle, que me deixo ir ao ponto, usando meu polegar, para descobrir o botão de terminações nervosas e incomodá-lo mais diretamente. A sobrecarga se sente, quando arqueia as costas rígidas, formando um arco perfeito. Dirijo o olhar acima e me encho com a imagem mais quente, que tive o prazer de conhecer. Seu rosto vermelho, suado e seus lábios inchados, de tanto mordê-los. Os braços levantados e as mãos em punhos apertam o travesseiro, além de sua cabeça.





Está no ponto e para mim é uma necessidade senti-la, quando lhe der de presente um orgasmo. Abandono o clitóris, substituto minha boca pelo polegar e a separo mais, para ver sua entrada dilatar-se diante de mim. Rodeio-a com o indicador, mas não entro, observo como seu baixo ventre endurece e treme, pelos espasmos que provoca a antecipação de minhas próximas ações. Lambo do principio ao fim, em toda sua extensão exterior e grunho, ao mesmo tempo em que sua boca se abre. As pernas dançam ao lado da minha cabeça, já sem poder ficar quieta.

Roga, e dou risada, desfrutando de mais poder. Paro, decidindo que já é suficiente e seus gemidos se transformam em minha música preferida. Não falta muito para que dê o que quer, só a preparei para minha intrusão. E já estou quase ali. Falo bonitas e sinceras palavras junto a seu ouvido, liberando-me da boxer e pego uma camisinha, na gaveta de minha mesa de cabeceira. Rasgo o pacote e coloco o preservativo, enquanto fico de joelhos, a centímetros de sua brilhante e preparada vagina. Beijo-a nos lábios, para que adquira seu próprio sabor. Faço uma parada a mais no par de seios, decorados com enrugados e eretos picos rosa, até que freio e belisco com meus dentes, justo no começo de seu abdômen frenético.

— Vou te fazer chegar agora. — sussurro em seu ouvido, apertando a cabeça de meu pênis em sua entrada, segundos depois. — Mas antes entrarei só um pouco,





para senti-la pulsar ao meu redor.

Massageio em círculos o clitóris com o polegar e a pressão de seu orgasmo cresce lenta e provocativamente. Empurro meus quadris, entrando pouco a pouco e apertando os dentes, ante a necessidade de desistir, perante o poderoso impulso do desejo final. Está tão apertada, que sinto que não vou aguentar tanto como planejei. Ema detém o fôlego e congela, sentindo a intromissão. Nunca abandono a atenção no centro de nervos, sigo com círculos rápidos, alternando com lentas massagens intermináveis. Logo, suas paredes se acostumam a meu tamanho e me retiro, conseguindo dela uma onda de gemidos, entre doloridos e encantados. Volto a entrar, mas ficando até onde cheguei antes, não mais à frente, ouço mais gemidos, no instante que repito o movimento e intensifico a atuação de meu polegar.

A primeira contração vem com rapidez e me suga, engasgo e faço todo esforço para não afundar nela, de repente. O orgasmo vai se formando em peças pequenas, pausadamente, atracando em diminutas ondas sensoriais e, quando estala, os dois estamos uivando, pela deliciosa sensação. Só por uma mínima linha salvo-me de cruzar o topo junto com ela. Custa-me até quase à inconsciência, mas me contenho, porque ainda tem um caminho longo pela frente.





— Está bem?— Ainda estou com a ponta em seu interior e sentindo as leves sucções.

Assente, muito perdida para falar. Bem, essa foi uma boa atitude, penso. Começo o bombeamento lento, indo centímetro a centímetro, abrindo-a com lentidão e cuidado. Esforçando-se para manter aberta e disposta, dá-me boas vindas, em cada avanço. Apoio-me nas mãos, nos lados de sua cabeça e a beijo. Encho sua boca com minha língua. E no instante em que começa a doer mais intensamente, detenho-me e por um bom tempo estimulo-a com os dedos, até que seu corpo se solte de novo. Sussurra e relaxa, o suor banhando sua pele, por causa do prazer e da dor, que a deixa tensa, em certos momentos. Levo o mais tranquilamente possível, moldando-a com delicadeza.

Estou quase na metade, quando procura minha mão e a aperta e começa a se acariciar. Apoio meu nariz em sua têmpora e aspiro seu aroma, misturado com o meu e nosso sexo, conto até dez, tentando não gozar. Também estou suando, por permanecer muito tempo na mesma posição, entrando pouco a pouco, quando quero me cravar em seu centro, como um selvagem. Encontro seus lábios e os contorno com a língua, antes de baixar e tomá-los em um beijo calmo.

— Estou bem. — sussurra entre beijos.
— Estou preparada.





Dá a ordem, suspirando. Está suficientemente dilatada e molhada, é verdade, mas odeio a ideia de lhe infringir dor. Ordeno que se acaricie um pouco mais e, ao notar que seu desejo vai renascendo, termino de penetrá-la em um único, entorpecido e firme avanço, longe de ser bruto. Ema choraminga com os olhos fechados e me ponho rígido, cada um de meus músculos respondendo, ante sua dor. Então leva a cabo um pausado maneio de quadris e ambos estremecemos. Retiro e volto a entrar, notando como se acostuma à minha grossura e o acesso se torna cada vez mais fácil. Enterra as unhas em meus antebraços e me responde, encontrando-me com seus quadris, uma e outra e outra vez. Então, não aguento mais e o controle escapa por entre os dedos das mãos como areia fina, rujo em seu ouvido e ela abre os braços, para me sustentar, quando meus músculos se desencaixam e desabo sobre seu corpo pequeno e suado.

Respiramos agitados, colocando o ar que nos faz falta, através de nossos pulmões apertados. Suas palmas escorregam em minhas costas e esfregam, então saio, para não esmagá-la e encho seu rosto esgotado de beijos. Não foi de tudo prazer para ela, entendo e prometo em silêncio, fazendo infinitas carícias, que a partir de agora vai melhorar. Porque isto só foi uma introdução.

Saio de seu interior e ela sussurra, apertando meus bíceps. Cansada e ruborizada, apoia a bochecha





em meu peito e fecha os olhos. Meu coração galopa entre as costelas com força, como um martelo, determinando o final deste especial momento. Ema dirige sua mão ao longo de meu pescoço e bochecha.

— Amo você — diz sonolenta. — Amo cada pequenina parte de você.

Aperto e beijo sua testa, estremecendo, por suas preciosas palavras. E cai dormindo no segundo seguinte, olho a luz da manhã entrar pela janela, minhas pálpebras pesando e o cansaço tomando conta de mim. Antes de me deixar arrastar, penso que não seria má ideia passar todos os dias metidos em casa, longe de tudo e todos.





Capítulo 13

Ema

Despertamos de novo perto do meio-dia e Alex leva-me para o banheiro. Tomamos banho juntos e desfruto de cada segundo disso, sentindo como se estivesse no céu. Nós nos tocamos de todas as maneiras possíveis, mas não vamos até o fim, estou muito dolorida e acredito que seguirei assim pelo resto do dia. Dói, sim, mas de uma maneira singular e especial, porque acabo de dar minha virgindade a quem realmente queria. A um homem especial e magnífico, por quem estou profunda e irremediavelmente apaixonada. Não poderia pedir mais, estou feliz de ter feito. E estou agradecida que o destino tenha posto esse homem em meu caminho, apesar da dor terrível, pela separação dos meus pais e de algumas coisas que estranho, de minha vida anterior, sei que este é o lugar ao qual pertenço.



Estou consciente que Alex não repetiu minhas palavras ontem à noite, ao dizer que o amava, mas não



estou preocupada. Tenho certeza de sente algo, por mínimo que seja. Cada vez que me toca, sinto-me adorada e isso tem que significar algo. Talvez não me ame ainda, o tempo dirá. Serei paciente e aberta, porque sei que dentro dele há uma imensa dor e que tem que lutar com ela a cada dia. Ontem à noite, algo aconteceu e o afetou muito, soube pelo som da sua voz. Não é necessário que conte com todos os detalhes, para entender que sua vida foi dura, difícil e cheia de altos e baixos. Houve perdas e muita solidão. Vergonha e sofrimento. Agora, estou ao seu lado para apoiá-lo, serei seu arrimo, desinteressadamente, sem esperar nada em troca. Corro o risco de ser magoada? Claro. E não importa, lutarei com isso, quando acontecer, se acontecer.

Sentamos para comer algo e falo com ele de minha intenção de chamar Aída. Preciso saber como está, como vão as coisas em casa e se poderia cuidar de minha querida Greta. É estranho. Sua voz, seus conselhos, sua presença diária. Ela foi minha rocha, durante cinco anos e me salvou de enlouquecer. Alex prometeu pedir a Santiago outro celular descartável, para me comunicar e agradeço. Problema resolvido.

Estamos limpando os pratos usados, quando me aproximo do seu corpo quente e digo o que esteve dando voltas na cabeça, desde que me contou seu segredo ontem à noite.





— Alex. — ele responde com um monossílabo, terminando a limpeza. — Não precisa ficar envergonhado do seu passado.

Ele silencia e congela. Com certeza, acreditou que este assunto terminou, mas preciso que ele supere sua vergonha, não há nada pelo que deva sentir-se assim. Está muito equivocado.

— Admiro você. — murmuro, procurando sua mão, encontrando-a molhada e a enxugo com um pano de prato. — Admiro você, por tomar toda essa responsabilidade sobre os ombros, sendo apenas um menino. Por tudo o que fez por sua família. Isso, em vez de me afastar, faz com que o ame mais. Talvez nunca tivesse alguém que se sentisse orgulhoso de você, mas aqui estou. Sinto-me tão orgulhosa — sorrio, entrelaçando nossos dedos — e afortunada, por tê-lo encontrado.

Ele mal se move, ouço-o tomando uma lenta e profunda aspiração.

— Eu... — Trava, sem saber como responder.

— Shhh, não precisa dizer nada.

Dou a volta sobre ele, calculando o lugar onde se encontram as cadeiras e peço que sente. Ele senta sem uma palavra, então abre as pernas e fico entre elas.





— Deixe que eu o abrace. — peço, rodeando-o e o embalo contra mim apertado, para que sinta como são fortes meus sentimentos por ele e acredite em cada palavra que digo. — Deixe que eu seja seu apoio e mostre que você tem valor para todos nós, tenho certeza que todos neste lugar o amam e pensam como eu.

— De onde você saiu? — Pergunta, com a voz sufocada. — Você é real?

Um riso tolo me escapa e ele sorri comigo. Abrandado, ele me acaricia, subindo suas mãos por meus quadris e cintura. Então, agarra a parte traseira de meu pescoço e me inclina. Meus lábios caem direto nos seus, o beijo é lento e profundo, tomando todo o tempo do mundo.

— Sou real. — digo, quando abandona minha boca e desce até meu peito, cortando a respiração. — E sua.

Ao entardecer, quase noite, Alex vem com um celular novo, para que possa falar com minha amiga. Bianca ficou comigo, enquanto o esperava, já que ele também foi chamado por Leon a seu escritório, no bar. Peço-lhe que fique e nos sentamos, depois de nos fazer café. Forneço o número da Aída para Alex, por sorte, sempre tive o trabalho de memorizar os números.





Ele passa o telefone e mal posso me manter quieta, de tão ansiosa. Espero que entenda e não seja tão dura, como foram meus pais, embora deduza que será detalhista. Depois de tudo, foi testemunha direta da minha situação sufocante. Os tons soam um após o outro e por um momento, acredito que não vai atender, então ouço um estalo e sua voz doce chega do outro lado.

— Olá? — Seu tom indica que desconfia de quem chama.

— Aída? — Solto, sorrindo.

— Ema! — Grita surpresa. — OH, garota, quanto me alegro de escutar sua voz — choraminga emocionada.

— Também fico feliz em ouvir você, amiga! Não sabe quanto sinto saudades! — Asseguro, retendo um pouco a emoção. Não quero começar a chorar, não acredito que possa parar. Tenho tanto que contar, tudo o que vivi este último tempo e que me converteu no tipo de mulher que quero ser pelo resto de minha vida. Sou feliz e quero que saiba.

— Também sinto saudades — Ela ri do outro lado. — Tola, deu-me um susto de morte. Por várias noites não pude dormir, acreditando que o pior aconteceu a você. Prometeu-me que estaria ali no dia seguinte! — De repente, parecia muito zangada.





Suspiro, sentindo culpada. Tenho certeza que lhe fiz passar os piores dias de sua vida, sem saber onde me meti.

— Sei, perdoe. — digo envergonhada. — Por um momento, não pude suportar, senti-me aflita e tive que sair e dar um passeio. E me perdi. Umas boas pessoas encontraram-me quase congelada, no meio do bosque...

— Ema... Quem a encontrou? — Agora, soa preocupada, severa. — Ema, onde está?

— Não se preocupe. — peço, assegurando que se tranquilize. — Estou bem, Aída. Na verdade, estou melhor que bem. Sou livre e feliz. — sorrio.

Escuto-a se alegrar por mim e seguimos falando. Conto tudo o que posso, sem me delatar. Não é que não confie nela, mas tenho que resguardar os Leões, tenho que fazer isso e não quero colocá-los em problemas. Evito a parte em que grito aos quatro ventos que me apaixonei, vou reservar para a próxima vez. Alex e Bianca estão aqui e não quero incomodá-lo, na frente dela. Melhor guardar para mim um pouco mais.

— Amiga. — digo, depois de uns segundos de silêncio entre nós. — Como está tudo em casa? Esteve com meus pais? E, acima de tudo, como está meu bebê? Deus, sinto falta de tê-la aos pés da cama! — Suspiro com tristeza.





A tensão invade, quando Aída se atrasa bastante em responder e começo a me preocupar com o que dirá.

— Ema... — pausa e os batimentos do meu coração aceleram, assustados. — Já não trabalho mais para eles. — Arquejo, cobrindo minha boca, horrorizada. — Fui despedida, um dia depois que chamou, para avisar que não ia voltar...

OH, por Deus. Eles não o fizeram! Não pode ser, perdeu seu valioso trabalho, por minha culpa. Alex se estica sobre a mesa e alcança minha mão, percebendo meu desgosto. Sinto-me terrível, muito perto de romper em pranto.

— Fique tranquila — sorriu, para me dar ânimo. — Já consegui outro trabalho, eles deram boas referências. Estou bem, recompensaram-me, perfeitamente, pelos cinco anos e estou segura. Não se preocupe por mim. E, realmente, estou feliz de saber que está bem e gosta do lugar onde está.

Tomo uma pausa e minha angústia vai desvanecendo gradualmente, mas não de tudo. Sinto a umidade em meus olhos secar, antes que alguma lágrima caia. Respiro pelo nariz, profundamente.

— E tenho uma boa notícia — ri, mas se detém abruptamente. — Bom, depende do lado que olhe... — Duvida.

Pergunto-lhe do que se trata, com renovada curiosidade.





— Greta. — diz e estou a ponto de insistir, mas me corta. — Está comigo, seus pais ofereceram, já que não queriam conservá-la.

Bom, esse é outro golpe que não vi chegar. Na verdade, repudiaram-me. Meu pai não foi impulsivo por causa da fúria, pois foi totalmente claro e definitivo a respeito. Desfizeram-se da minha companheira e mascote, no dia seguinte em que me pediram para não voltar. Respiro profundamente, sabendo que não deveria chorar por eles, mas é inevitável e o farei, de qualquer forma. Dói, porque são meus pais e, apesar de tudo, sinto amor por eles.

— Não tenho problema em levá-la onde estiver. — oferece Aída, cautelosa, ao notar meu triste silêncio. — Ou, se puder, podemos combinar um encontro. Sei muito bem que a quer de volta. — sorri, aflita.

Fecho meus olhos e consigo manter-me calma por dentro, apesar do coração partido. A mão forte de Alex é minha ligação à terra, neste instante, ele me mantém inteira, sólida, transmitindo-me seu apoio.

— Sim. — estou de acordo, quero Greta comigo, definitivamente. — Falarei com o dono do lugar onde estou, para saber se me permite tê-la. Entro em contato em uns dias, para confirmar. Se me derem permissão, podemos organizar o encontro. — Sorrio, embora agora me sinta





completamente inerte.

Nem sequer a possibilidade de recuperar Greta consegue me alegrar de todo. Entretanto, estou certa de que é momentâneo, vou superá-lo, como fiz em toda minha convivência com meus pais. O dano de tê-los perdido sempre estará espreitando, é inevitável, mas estou rodeada de gente, que se assegura sempre de me fazer sentir integrada e apreciada. Neste lugar, ajudarão a superar a mágoa, pouco a pouco. A cicatriz existirá, mas doerá menos, quando a ferida não estiver aberta e sangrando.

— Tenho que ir — digo-lhe. — Estou feliz por ter falado com você, minha amiga, vamos manter contato. Prometo.

— Sei Ema — diz em tom baixo. — Também me alegra saber que está bem. Esperarei sua próxima chamada. Amo você.

Sorrio, ternamente.

— Também amo você. Adeus.

A ligação acaba em um seco click e estou de volta à cozinha de Alex, com minha mão entre as suas e Bianca fazendo-nos companhia. Mordo o interior das bochechas e, lentamente, como se me doesse o movimento, deposito o aparelho na mesa. Não digo uma só palavra.

Alex levanta da cadeira e vem para mim, inclina-se e planta um intenso beijo





em meus lábios trêmulos. Sabe que estou abatida e se esforça por melhorar meu humor. Sorrio-lhe, como resposta, quando se separa e me dá outro beijo carinhoso na cabeça. Sua presença acalma-me e pouco a pouco, volto a ser eu, proponho-me a desfrutar deste café com ele e minha nova amiga, porque é o que Bianca significa para mim. Ela começa a falar e sua voz, junto com seu bate papo rápido e divertido, separa-me um momento da deprimente sensação e assim, desfruto tanto como posso o resto da tarde.

Acordo e tudo está em silêncio. A meu lado, a respiração de Alex é lenta, em um profundo estado pacífico. Está dormindo. Não tenho nenhuma percepção da hora que é, mas sei que ainda falta bastante para o amanhecer. Ontem à noite, fomos dormir cedo. Alex esteve ali para mim, até que o mal estar, que me invadiu depois da chamada à Aída, dissolveu-se um pouco, agora só é um incômodo em segundo plano. Está ali, mas é suportável. Além disso, assegurou-me que ele mesmo iria até Greta e a traria para mim. Em seus braços, acabei dormindo rápido, não porque tenha feito muito durante o dia, mas me sentia drenada de energia. As emoções também esgotam o corpo. E já pareço ter me recuperado o suficiente, porque começo a dar voltas e voltas, sem poder voltar a dormir.

Minha atenção pousa em Alex e me aproximo. Não é justo que o desperte, mas o calor que emana sua pele me atrai como um imã e não afasto. Puxo um pouco os





cobertores, sou egoísta, estou faminta. Toco seus abdominais com meus dedos, apalpando tão levemente quanto uma pluma, possivelmente, provocando um pouco de cócegas. Isso me faz sorrir. Ele segue imóvel, meu ligeiro toque não basta para trazê-lo de volta. Elevo-me, com o objetivo de me mover sobre ele, inclino e substituo meus dedos por meus lábios, bem entre as elevações de seus peitorais, arrasto-me para baixo, deixando beijos com os lábios entreabertos. Tomo meu tempo entre as divisões dos marcados quadrados, em seu estômago. Imagino que seja muito atrativo à vista e isso me faz sentir um pouco ciumenta das garotas, que puderam vê-lo antes. Percebo o segundo exato em que acorda, desorientado pela neblina de sonho, ele se volta e seus olhos prendem em mim. Sempre sei quando está olhando. Ouço o clique da luz do abajur e os abdominais, sob minha boca, endurecem.

Separo meus lábios e provo sua pele salgada com a ponta da língua, continuando a descer, as mãos ajudando meu trabalho. Tocá-lo é meu passatempo preferido na vida. Ele não me para, de fato, só fica quieto, deixando ir à minha maneira, cedendo todo o controle. Não falamos, não faz falta. Tenho-o onde quero e não vou perder tempo usando minha língua para algo que não seja lamber sua pele.

Uma de minhas mãos chega além de seu umbigo, antes que minha boca e jogo com a cintura de sua boxes e o caminho de pelos, que indica a rota para o sul, que se concentra nesse ponto que tomarei em um momento.





Exponho minha língua em toda sua glória e ascendo, lambendo toda a extensão que esteja ao meu alcance, os músculos de Alex se contraem e respira profundamente. Subo mais e apanho seus lábios, em uma lenta e profunda intrusão, ao mesmo tempo em que encontro a ponta do seu pênis, já inchada e úmida. Alex reage violento, por causa de minha mão tomando-o e reage, mordendo com dureza e machucando meus lábios. Ergue os quadris, perdendo toda calma. Afasto-me e puxo sua boxer, ele rosna, ao descobrir minha intenção. Não posso estar mais excitada por isso.

Encontro sua masculinidade dura e pronta, apontando como uma flecha. Concentro-me na base e caio nela com minha língua, deslizo-a até a terminação mais grossa e sensível. Ele sussurra uma maldição e se obriga a permanecer quieto. Repito o mesmo proceder, levando o tempo que necessito e assim lubrificá-lo com minha saliva. Realmente, não tenho muita ideia do que estou fazendo e como prosseguir a partir deste ponto, só sigo meu instinto, acreditando no que é melhor. Não sou de toda inocente, os áudios livros, que mantinha escondidos em meu quarto, tinha sexo explícito, claro e com detalhes. Mas uma coisa é escutar e imaginar, outra muito diferente é realizar. Tenho certeza de que posso fazer. Inclinando minha cabeça, separo minha boca, para subir e baixar ao longo, com meus lábios, a pele fina que o recobre é como veludo sob a textura de minha língua e solto um gemido, encantada.





Esta é outra, dessas experiências incomparáveis que perdi, desde que cheguei à idade autorizada para ter sexo.

Seguro seu pênis, levantando-o e o molhando mais e usando meu punho, acima e abaixo.

— Ema...

— Ensine-me — peço, interrompendo seu grunhido, quando as dúvidas chegam.

Ele ofega e escuto o som de seus dentes. Leva um momento para limpar sua voz, antes de responder.

— Cobre seus dentes com os lábios e chupa. — Explica, aferrando as mãos em meu cabelo. — No seu ritmo.

Umedeço os lábios e sigo o conselho, cubro meus dentes e o introduzo em minha boca. Por um momento é incômodo, mas, imediatamente, pego um ritmo firme e introduzo mais, até onde sinto cômoda. De repente, tenho um golpe de ousadia e acelero, sugando tão forte como posso, cansando minha mandíbula e machucando minhas bochechas. Apoio com ambas as mãos e prolongo, indo mais longe, cada vez que sinto que sou capaz. Enquanto isso, Alex junta as mechas de meu cabelo, deixando-os fora do meu rosto, sinto seus olhos fixos em mim e ouço um som do fundo de sua garganta, junto com a violência de sua respiração. À medida que vou ficando excitada, mais molhada fico. Fecho





os olhos, levando uma mão entre minhas pernas, esfregando, ambos ofegamos ao mesmo tempo.

— Está dolorida? — Pergunta, com tom desesperado.

Nego, com seu sexo ainda em minha boca. É mentira, ainda incomoda um pouco, mas preciso dele dentro de mim. Já não posso esperar mais. Ele se senta e me obriga abandoná-lo, minhas bochechas emitem um som oco, ao liberá-lo e dou conta que estou com câimbras. Ele me derruba sobre as costas e tira minha calcinha, abre minhas pernas e nota quão úmida estou. Escuto, quando ele rosna e geme ao mesmo tempo e no momento seguinte, está separando meus lábios internos e sua língua alcança o clitóris. Toma certo tempo nisso, penetrando e estimulando com o polegar. Sinto a perfeição como endurece sua língua e a penetra em mim. Sinto meu corpo estremecer e sacudir.

Nega-me a liberação, saindo de cima de mim. Escuto a gaveta da mesa de cabeceira cair, medindo o descontrole de Alex. Nem sequer escuto o papel do preservativo rasgar-se, antes de senti-lo entre minhas pernas de novo.

— Não acredito que possa ser gentil desta vez — solta, rudemente.

— Então, não seja — murmuro — faça o que quiser comigo.





Levanta minhas pernas até seus ombros, em seguida aprecio sua grossura a me estirar. A queimação volta e a ignoro, completamente decidida a desfrutar. Brinca um momento em minha entrada, dançando com seus quadris, depois se curva sobre mim, deixando-me, completamente, exposta e com minhas extremidades inferiores em um ângulo, que não me corta a respiração. Um suspiro depois, entra em mim com um impulso. Gritamos ao mesmo tempo e inicia um ritmo devastador, ricocheteando contra meu corpo. As batidas soam no quarto e nossos gemidos respondem no mesmo ritmo. Seguro seus ombros com as unhas, porque minhas mãos escorregam em sua pele suada.

Não há dor, só uma pressão intensa crescendo no meu ventre e eletricidade percorrendo meu corpo. Alex segura em meus joelhos e empurra minhas pernas em direção ao peito e seu pênis se conduz dentro de mim a uma velocidade, que nunca acreditei possível. Em cada avanço, seus dedos cravam em minha carne. Pode ser que doa amanhã, mas agora é celestial. O redemoinho, em meu útero, gira mais rápido, muito rápido, fica intenso e então explode, desfazendo-me em pequenos pedaços. Minha coluna convulsiona e me deixa estirada, antes que meus músculos estremeçam. Alex ruge grosseiramente, enterrado até o final, perdido em minhas pulsações, que o apertam entre minhas paredes, sem querer deixá-lo ir.





Quando acalmo, já sem nenhuma gota de energia, ele sai de meu interior e vira meu corpo. Imediatamente, está escarranchado em meus quadris, enterrando-se por trás. Estremeço e sufoco um chiado. Em cada forte arremesso, a cama balança e estala.

Não demoro a distinguir a presença de outro orgasmo, meu corpo nem sequer importa em ter um mínimo descanso. Parece que se adaptou, sem inconvenientes, à brutalidade com que Alex está me tomando. Nós nos moldamos na perfeição. O homem luta comigo, gemendo, do profundo de seu ser, separa minhas nádegas e as amassa, deveria doer, mas na realidade, adoro isto. Estou perto, a ponto de saltar, quando ele golpeia duro, um par de vezes mais. Faz meus dentes baterem, antes de estremecer e cair sobre mim, pulsando em meu interior. Por fim, deixo-me ir também, retorcendo debaixo de seu peso, enquanto gozo.

Não sei quanto tempo levei para voltar à consciência, que ficou entorpecida, junto com meus músculos. Alex vira de lado, estendendo-se, sem muito cuidado.

— Sinto muito — sussurra, sem poder tranquilizar sua respiração. — Passei dos limites.

Beija meu ombro e acaricia minhas costas, sorrio com os olhos fechados, demonstrando que pude administrar sem problemas sua perda de controle. Penso que fui eu quem o obrigou a ir por esse caminho,





despertando-o e o surpreendendo com minhas intenções já claras. Uma onda de satisfação inunda-me.

— Quero... — Engulo um suspiro e umedeço meus lábios ressecados. — Quero que perca o controle mais vezes. — Sorrio, cansada.

Ele ri baixinho e derruba a cabeça para trás, como se pesasse. Ficamos em silêncio um tempo, até que nos recuperamos o suficiente para nos limparmos e voltar a dormir.

Alex

— Em quatro dias, partimos em viagem. — comento sombrio, enquanto tomamos o café da manhã, no dia seguinte.

Ontem, quando fui chamado por Leon, intuí-o, já tinha passado bastante tempo e seguíamos em baixa, sem sequer fazer uma volta curta. É hora de sair à estrada de novo e será um caminho bastante longo até o norte. Um carregamento grande chegará ao porto, em três dias, quanto mais rápido organizar e transportar, melhor. Vamos a





maioria, poucos ficarão. Por mais que custe deixar Ema, por tanto tempo, devo fazê-lo. É meu trabalho e estou no comando do segundo grupo. Desta vez, sairão dois caminhões cheios, guardados por três grupos.

— Partir? — Pergunta, tomada de surpresa.

Aproximo-me dela, de pé, apoiada na mesa, tomando seu café, atraio-a para mim, rodeando um braço em sua cintura, minha xícara na mão desocupada. Percorro seu visual com os olhos entrecerrados, impregnando meu nariz com o perfume do seu cabelo.

— Isto é o que fazemos, viajamos bastante. — explico. — Às vezes, ficamos fora um mês, ás vezes mais. Desta vez, vai ser um tempo longo.

Olho seu rosto, seus olhos de caramelo fundido estão abertos, fixos à frente, com uma expressão de espanto. Como a mim, esta notícia não lhe agrada.

— E desta vez será por muito tempo? — Pergunta.

— É muito provável .— suspiro, afastando o cabelo de seu ombro.

Não quis dizer-lhe ontem, porque seu estado, depois de falar com sua amiga, era sombrio e triste, preocupei-me só em consolá-la. Mas esta manhã percebi que o que tinha a lhe dizer não podia ficar para o último momento. Temos





quatro dias, antes que vá e vou sentir muitas saudades. Jamais me entristeci, por deixar minha casa antes, agora, com ela aqui, tudo mudou.

— Bem... — A linha reta em seus lábios desaparece, quando bebe um gole do café. — É seu trabalho, eu entendo. Vou esperar seu retorno, aqui. — Sorriu triste.

Inclino-me e a beijo, sentindo meu coração inchar no peito. Ela jamais faria uma cena, embora compreendesse, se o fizesse. Estou deixando-a, justo quando acabamos de consumar nossa relação. Mas é Ema. Não há drama em sua cabeça, é sempre paciente e boa. Seu valor é incalculável, é única e quero mantê-la perto e bem.

— Adoraria ficar, de verdade. — asseguro contra sua têmpora. — Mas não é uma opção...

Toma um fôlego e transforma seu rosto, sorrindo, para nos animar. Eleva-se nas pontas dos pés e me beija nos lábios.

— Está bem, não vamos ficar deprimidos. — ela ri e acaricia meu peito com a palma da mão. — Temos quatro dias, não vamos perder tempo — sussurra, sugestivamente.

Balanço a cabeça, rindo. Esta garota sabe acabar com um momento tenso. Terminamos de tomar o café da manhã e Ema entra em contado com sua amiga, novamente, para





planejar a melhor maneira de pegar Greta. Ema não pode sair, ainda não queremos expô-la, depois de toda agitação em sua busca. Além disso, suspeito que seus pais não se deem por vencidos tão tranquilamente. Não acredito em todo esse assunto de repúdio. Ninguém, nenhum pai que ame a seus filhos como tal, faria isso com tanta facilidade e frieza.

Tudo foi facilmente resolvido. Vou pegar a gatinha na casa de Aída, que vive no povoado. Santiago me acompanhará, sobretudo para ajudar a garantir que tudo esteja em ordem e não seja algum tipo de armadilha. Embora Ema morra por encontrar-se com sua amiga, decidimos que ficará em casa, desta vez, por precaução. Não disse, claramente, que não confiamos em Aída. Iria aborrecê-la, já que tem por ela muita estima e carinho, mas preciso me assegurar. Se tudo sair como queremos, é possível que Aída possa vir visitá-la, alguma vez.

À tarde, tomamos uma das SUV e nos colocamos em marcha. Não demoramos muito em estacionar em frente à pequena casa. Seguimos pelo jardim da frente, ainda atentos a tudo ao nosso redor, sem notar nada estranho. É um bairro tranquilo, respeitável e familiar, com pequenas casinhas iguais, de classe média. Batemos e esperamos por apenas um par de segundos, antes que a porta abrisse. Do interior, uma moça baixinha, de uns vinte e seis ou vinte e sete, aparece. É morena, olhos marrons amáveis e sorriso cordial. Ao nos ver, torna-se cautelosa. Sabemos





bem que nos relaciona com o clã, somos conhecidos. Ninguém que se pareça conosco está longe de ser dos Leões, nesta região.

— Boa tarde. — Digo, calmamente. — Viemos buscar Greta.

Ela sorri, abertamente.

— Oi. — Abre mais a porta. — Entrem, por favor.

Parece amável, bastante inofensiva, também. Mas nós, mais que ninguém, sabemos que as aparências enganam. Entramos e ela segue casa adentro, com certeza em busca da gata. Santiago caminha ao redor da pequena sala, dissimula ser casual, só eu tenho em conta que traz um dispositivo especial no bolso, que detecta câmeras, microfones e qualquer outro aparato desse estilo. Sempre vai carregado com essas coisas estranhas e, tenho que reconhecer, sempre são de grande ajuda.

Aída volta do corredor com uma enorme gata branca, muito peluda e com a cara chata. O semblante de Santiago muda em um simples segundo, mal é perceptível, mas não me passa despercebido. Quero rir alto, por isso. Contenho-me e espero que Aída esteja na minha frente.

— Ema está bem, não é? — Pergunta, seus olhos grandes cheios de interesse, posso ver carinho também. — Ela





disse isso e parece tão contente por estar ali. Bom, depois disto, não vou fingir que não sei onde está. — Ri, embalando a gata contra seu peito. — Quero dizer, sei quem são vocês. Alegra-me que Ema tenha encontrado um lugar onde se sinta livre, finalmente.

Suspira, quando termina de falar. Não posso evitar me abrandar com ela, todas minhas suspeitas banidas para longe. Esta mulher, com este olhar tão brilhante e claro, não pode ter intenções ruins. Posso apostar.

— Ela está bem. — confirmo, tirando minhas mãos dos bolsos.

Ela confirma, sorrindo, deixando ver um par de adoráveis covinhas, em suas bochechas rosadas. Limpo a garganta, quando fica olhando muito fixamente e observa Santiago, que vem até nós.

— Bom. — Aída me estende o animal.

— Diga a Ema que cuidei como se fosse minha, amo Greta — sorri abertamente de novo. — Além disso, ia ficar com ela, já que seus pais não a queriam. — Seu sorriso é substituído por uma expressão de pesar.

Aída se sente mal por tudo o que Ema passou, percebo claramente. A mulher é muito transparente.





— Vou dizer a ela, fique tranquila. — concordo, suavemente.

Santiago se aproxima, para ser o primeiro a sair, entretanto, algo o detém em seco. Aída e eu o estudamos com atenção e arrepio inteiro, ao escutar o débil assobio que vem do bolso de seu casaco negro de couro. Ele vira abruptamente, seus olhos fulminando a pequena garota e saca o aparelho, para aproximá-lo de mim. O som do aparelho soa mais nervosamente, ao se aproximar do dispositivo detectado. Com os dentes apertados, não tira a atenção de Aída, obviamente, envolvendo-a com tudo isto. Dou-me conta de que tem que haver algo, no colar vermelho da gata.

— O que acontece? — A garota dá um passo atrás, sentindo-se ameaçada.

Nenhum dos dois responde imediatamente, coloco a mascote, tranquilamente, sobre a mesa e retiro a coleira de cobra, dou-a a Santiago, que a revisa, minuciosamente. Um tempo depois encontra o que está procurando e vai direto à garota, em sua melhor versão de intimidação.

— Sabe algo sobre isto? — Pergunta letal.

Aída tropeça para trás, retorcendo as mãos, seus olhos estão aterrorizados, a ponto de soltar lágrimas.





— N-não, — gagueja — não sei o que é. O que está acontecendo? — Ela me olha, procurando respostas em um rosto menos severo.

Santiago não lhe dá trégua, encara-a, intimidando, assustando-a inclusive mais. Sei que é sua tática, para fazê-la confessar.

— Isto é um dispositivo de rastreamento, tem alguma ideia do que faz na coleira ou vai continuar fazendo papel de idiota? — Exige.

Ela nega torpemente com a cabeça, perdendo o controle de seu corpo, começando a tremer.

— Não sei nada sobre isso — respira fundo. — Juro.

Ambos sabemos que diz a verdade, é possível lê-la, com apenas um olhar, sem sequer tentar. Isso foi um movimento dos Fontaine, para descobrir o paradeiro de Ema. Colocaram-lhe um rastreador e deram a gata a Aída, porque sabiam que, cedo ou tarde, Ema iria busca-la, porque confia em sua amiga.

— Ouça — Santiago mantém o tom de aço, profundo e baixo, em uma promessa real. — Não vai dizer a ninguém que viemos em busca da gata, de acordo? Porque se descobrir que abriu a boca, voltarei e não quer que aconteça qualquer merda, certo? — Cospe.





Aída engole o choro e concorda, sacudindo a cabeça, verdadeiramente aterrorizada.

— Por que eu iria colocar um rastreador? — Questiona, de repente.

— Não, não você, mas os pais da Ema sim. E, por tudo que posso imaginar, pode ser cúmplice. — retruca ele.

A garota franze os lábios e endurece, levemente.

— Minha lealdade está com Ema, sobre todos. — garante, tão duramente quanto é capaz. — Só com ela. Jamais a trairia.

Santiago se mostra ilegível e a olha de cima abaixo, como se não acreditasse nada. É bom, sempre o é. Nunca falha.

— Isso veremos — solta e dá a volta.

Deixa o dispositivo e a coleira sobre a mesa e ordena algo sobre jogar o primeiro no vaso. Logo, saímos da casa e Aída nem sequer se despede, fecha a porta em nossas costas, nem bem cruzamos o vão, temerosa de que decidamos voltar e seguir indagando. Suspiro, enquanto subo na caminhonete, com a Greta em meu colo. Espero que a gata não enlouqueça durante a viagem, não quero ter que guardá-la na jaula que está na mala. Parece bastante mansa, mas com gatos ninguém pode afirmar.





Santiago liga o carro e avança em silêncio. Acreditar em Aída não está em discussão, agora só fica essa inquietação do que podem estar tramando os pais de Ema. Com esse pensamento, tenho enormes dúvidas quanto a partir em viagem. Não quero deixá-la, se existe o perigo de ser encontrada e afastada por eles. Além disso, algo um pouco mais inquietante me golpeia a mente: David é sócio do Fontaine. E Ema voltando para sua casa, equivale a estar perto dele. Isso não é uma opção viável para mim, não a quero ali. Odeio a maldita ideia de que tenha tido contato com David alguma vez e me enlouquece mais ainda que se aproxime dele de novo. Não poderia suportá-lo.

— Greta! — Grita Ema, em sua posição na cadeira, quando coloco a gata em seu colo.

Sorrio, como todos no lugar. Parece que esteve bem acompanhada em minha ausência. Bianca e Adela não poderiam faltar. Agora também se somaram Lucre e Max, com os gêmeos. Alegra-me tê-los aqui, depois de tanto tempo, faz muito que não vejo Max, está muito ocupado amando sua família e parece perfeito. Depois de anos e anos de amar Lucre com loucura, sem permitir-se tê-la e amá-la, entendo que dedique todo seu tempo à linda família que formaram. Além disso, cuidar de dois meninos não deve ser nada fácil, devem monopolizar todo o tempo de ambos.





Acaricio Greta e beijo a cabeça de Ema, enquanto a acaricia, emocionada. A gata se enrosca sobre ela, dando boas vindas às carícias suaves de sua ama. Surpreende-me que não seja arisca e permaneça em seu lugar, paciente. A maioria dos felinos não ficam quietos, onde alguém os quer. Entretanto, dá a impressão de que Greta entende a situação de Ema e permite o contato que tanto necessita. É admirável essa conexão entre elas.

— Obrigada. — segura-me e sussurra em meu ouvido, com voz suave. — Muito obrigada.

Beijo-a novamente, desta vez no canto de seus lábios cereja e me separo, quando chama Santiago, para também lhe agradecer. Ele aceita suas palavras, tratando de não ser tão frio com ela, algo que é fácil, porque Ema se faz querida e abranda a qualquer um, com uma rapidez surpreendente. É a pureza de sua alma que tem todos ao redor, quase beijando o chão onde pisa.

Bianca não demora em aproximar-se, para acariciar Greta, apaixonada, logo se vê que aprecia mascotes. Em troca, Adela se mantém a distância, certamente, pensando o mesmo que Santiago. Movo-me à cozinha, rindo baixinho e imagino se tenho que preparar alguns refrescos. Max segue e me observa remexer na geladeira. Está calado, braços cruzados, sei que tem algo a dizer. Sempre põe essa expressão, antes de cuspir o que for que tem rondando na mente.





— Assim... — Cruza os braços.

— Assim... — Repito, olhando-o, coloco as frutas e o leite na mesa. Entreabre os olhos e arranha a cicatriz debaixo da barba, elevando as sobrancelhas.

— Assim, você está com Ema, não é? — Dá um aceno para onde ela está sentada.

Dou uma risada. Sim, Ema e eu. Entendo que esteja surpreendido, inclusive estou ainda perdido, sem entender muito bem como chegamos a esta situação. O que sei bem é que não quero que acabe. Ela é perfeita para mim, faz-me feliz. E não recordo quando me senti assim, no passado, talvez nunca. Ela encaixa minhas peças desordenadas em seus respectivos lugares. Minha vida parece menos vazia e mais cheia de cor, quando está perto. Amo-a e agora me dou conta de que tenho que lhe dizer. Demonstrar-lhe. Ela confessou que me ama e eu não disse qualquer coisa a respeito. Primeiro, porque não podia me envolver, depois porque não devolvi essas palavras por muito, muito tempo, mas Ema precisa saber. Não que a tenha contrariado não receber as palavras de volta, ela é paciente e pormenorizada, sem me pressionar a respeito. Ama-me, sem esperar nada em troca. Desinteressadamente. Essa é outra, de suas tantas características, que me fazem amá-la mais a cada dia.

— Sim. — digo, pegando o liquidificador.





— Só isso? Sim? — Ele ri. — Nem sequer precisa da merda de um conselho ou algo assim?

Nego, divertido. Ainda lembro, quando ele estava se apaixonando por Lucrécia e era só uma pequena de quinze anos, doente de leucemia. Realmente, doía ver meu amigo tão destruído e desesperado, tentei dar-lhe alguns conselhos, parecia precisar bastante. O problema era que eu não tinha nenhuma ideia do que significava estar apaixonado por uma garota, muito menos uma como Lucre. Max sofreu por vários anos.

— Não. — Digo, encolhendo de ombros. — Não sou você. — brinco.

Joga a cabeça para trás e solta uma gargalhada, eu o acompanho, dobrando-me e negando com a cabeça.

— Touché! — tosse, divertido.

A verdade é que sou um pouco como ele, meu passado me afeta e não me sinto merecedor de Ema. A diferença é que, possivelmente, sou mais egoísta, tomei minha garota, porque a queria e sem pedir muita permissão. Fui impulsivo e não resisti o suficiente. Não nego que meus problemas me perseguem dia a dia, à medida que avançamos nesta relação. Por isso, contei-lhe sobre meu passado, com a intenção de lhe dar a oportunidade de fugir, mas Ema é Ema e me lançou a merda na cara. Como deixar de amá-la? Agora, preciso





trabalhar para estar em paz comigo mesmo e lhe dar o que merece. Que é tudo, absolutamente tudo de mim.

— Eu gosto dela — disse, olhando-a, sua expressão voltando-se afetuosa. — É o tipo de garota que tira o melhor das pessoas.

Estou de acordo, definitivamente. Sua gentileza, doçura e simpatia faz que a gente se apaixone por ela, em apenas um instante em sua presença.

— É especial — adiciona.

— É — concordo.

Ligo o aparelho, uma vez que já cortei as frutas, jogando dentro. Uma vez preparado, ponho um copo para cada, com nada de álcool, já que é muito cedo ainda.

— Estava esperando este dia, Cão — aproxima-se Max, para tomar alguns goles e levá-los.

Olho para ele e está sorridente e alegre por mim.

— Está totalmente caído, nem precisa dizer — finaliza rindo e saindo da cozinha.

Entrega o primeiro copo a Ema, que ainda tem Greta em seu colo, dormitando. Aperta-lhe o ombro com delicadeza e ela agradece. Fico um momento em meu lugar, observando todos rirem e falar sobre temas





banais. Uma reunião de amigos, normal e relaxada. Suspiro e, por dentro, percebo que tenho muito pelo que agradecer, apesar de, anos atrás, estar sozinho e zangado com a vida. Acredito que, de certa forma, estou sendo recompensado por todo sofrimento que foi sugando meu interior, até quase me deixar seco e oco como casca de ovo.

— Ema? — Chamo-a de onde estou.

Estamos sozinhos, desfrutando de um sorvete de sobremesa, depois de jantar com Bianca. Ela saiu, para ser babá de Tony, filho de Jorge. Alegra-me que ela esteja sempre perto, vai me deixar mais tranquilo, quando tiver que sair em viagem por uns dias. Deus, não quero pensar muito nisso, porque meu humor se obscurece. Não suporto a ideia de deixar Ema.

— Sim? — Ela responde, com a boca cheia.

Está muito concentrada em seu pote e não posso deixar de olhar, hipnotizado, cada vez que saboreia, levando a colher à boca.





— O que sabe sobre o sócio de seu pai? — Pergunto, parecendo o mais casual possível.

Detém seus movimentos e movimenta a cabeça em minha direção, seu cenho franzido. Passa a ponta da língua nas laterais dos lábios e quase perco o controle, ao vê-lo. Realmente, desejo-a vinte e quatro horas de cada maldito dia.

— David? — Estremeço ao ouvir o nome. — Não sei muito sobre ele. Apenas que não gosto dele, não suporto, quanto está perto. Ele me passa más vibrações. Por quê?

Tenho dúvidas se deveria lhe dizer a verdadeira natureza do meu interesse nesse filho de puta. Ela merece saber tudo, mas isso significa voltar ao meu passado, que tanto me faz mal lembrar. Passo as mãos pelo rosto, cansado. O tema por si já me frustra e põe meu sangue em disparada, ardendo, com sede de vingança.

— Passei por ele, quando fomos resgatar aquelas garotas. — conto, deixando o sorvete de lado, esquecido.

Ema empalidece.

— E o que aconteceu? — Quer saber, assustada. — – Ele machucou você? — Sorrio e me aproximo dela, para rodeá-la e apoiá-la contra mim. — Não, meu parceiro chegou a tempo e nosso encontro não durou muito tempo...





— Você precisa me contar alguma coisa? — Ela intui.

Bem, é isso. É agora ou nunca.

— Eu o conheço...

— Conhece-o? — Tenho toda sua atenção sobre mim, atenta.

— Fomos vizinhos na cidade, vivíamos na vila, onde fomos morar com minha irmã, depois que... — Travo, engolindo em seco o nó obstruindo minha garganta. — Depois de que tivemos que deixar nossa casa...

Quase posso ver sua mente dando voltas e voltas, processando a informação que lhe dou.

— Nunca acreditaria que saiu de uma vila. — solta, piscando. — Sempre pareceu soar como se fosse rico toda vida. Sei que sempre usa trajes sob medida e usa perfumes caros... Em outras palavras, parece uma cópia do meu pai, parece mais seu filho que eu. — conta, tomando minha mão e brincando com seus dedos.

Aperto os dentes e me seguro, para não soltar um vômito verbal cheio de insultos, o receptor não deve ser quem está na minha frente. Mas, algum dia, ele estará á minha mercê e lhe farei toda a merda que estive guardando. Dor. Quero que se retorça em dor.





— Matei seus irmãos. — solto. Ema solta um ofego, despreparada. — Ia matá-lo também, mas nunca mais voltei a vê-lo... Até alguns dias...

Nossos dedos se entrelaçam e ela aperta minha mão, sentindo como estou inquieto. Nem sequer se afasta, pelo que acabo de confessar. Suponho que nunca me julgou um santo e, de certo modo, isso é um alívio.

— Por quê? — Questiona, quase sem ar. — Por que os matou, Alex? O que fizeram?

Supõe fizeram algo para que eu atuasse dessa maneira tão dura. Devo ficar agradecido ou assustado, que me conheça tão bem assim, em um tempo tão curto?

— Estupraram minha irmã. — digo, soltando-o com uma pressão sombria na voz, realmente me custa falar sobre isto, mas tenho que falar, porque é difícil prosseguir carregando isso. — Eles a estupraram. E David foi quem planejou tudo, tenho certeza.

Concentro-me em respirar aos poucos, levando ar aos meus pulmões contraídos. Dou-me conta de que estive apertando, fortemente, a mão de Ema em minha palma e ajusto o toque, embora não a solte. Segue presa a mim e, ao procurar seus olhos, vejo que estão cheios de lágrimas. Ela leva a mão livre ao estômago, como se estivesse doente.





— Alex — diz quase inaudível. — Sinto muito... — Soluça. — Sinto tanto...

Puxo-a para meus braços, seu rosto escondido no oco do meu pescoço. Confortá-la consola-me também. Juntos vamos superar. Pouco a pouco, sinto que o peso sobre mim se torna mais leve e posso respirar melhor. O peso libera meu peito. Ema se agarra a mim, tremendo, abalada pelo que Cami teve que passar.

— Tudo bem, não chore. — Beijo sua testa, segurando seu rosto em minhas mãos e secando sua face. — Também sinto muito. Foi há muito tempo, carinho.

— Mas ainda te machuca. — refuta, fungando. — Ainda dói como no primeiro dia, algo assim não se esquece. Onde ela está Alex?

Pergunta o que eu mais temia.

— Cami nunca esteve bem. — começo, tentando falar de forma mais suave. — Não estava bem antes disso e, certamente, não ficou melhor depois...

Ema detém o fôlego, ao mesmo tempo que eu. Imobilizo-me, deixando de enxergar o cenário à minha volta. Por um longo tempo, estou fora, no passado, penetrando, profundamente, na minha antiga vida. Na parte mais escura. Nunca houve luz do sol naqueles dias, tudo era noite. E





agora, todo aquele passado me envolve, nem sequer há lua ou estrelas. A cor negra monopoliza tudo.

— Não pôde suportá-lo, Ema. — murmuro. — Foi muito para ela, não teve forças para prosseguir...

Fecho os olhos, uma única gota desliza e tem o nome de minha irmã.





Capítulo 14

Alex

Esse dia, particularmente, foi duro. Saí no início da tarde e só voltei para casa às cinco da manhã. Estava cansado, o corpo todo doía e minha musculatura estava dura. Tudo o que queria era uma ducha quente e, pelo menos, dez horas de sono ininterrupto. Depois da conversa dolorosa que tive com Cami, na noite anterior, depois do jantar inesquecível que compartilhamos, por seu aniversário, precisava me manter em movimento, para esquecer. Para não sentir nada. Então tomei muitas mulheres, mais do que habitualmente me permitia. Porque, quando obtinha sexo com elas, desligava do mundo ao meu redor e das minhas emoções. Isso era, precisamente, o que precisava.

Não podia arrancar a dor de minha irmã e isso me destruía. E destruía sempre mais um pouco, a cada vez que os olhos vazios de Cami mostravam sua agonia diária e choravam lágrimas de





humilhação. Não sabia o que fazer, isto não podia seguir assim. Miranda me aconselhou obter ajuda psicológica, porque ninguém podia viver dessa forma. Não era saudável. Já tinha uma lista dos potenciais especialistas, só precisava escolher um entre eles. Esperava que Cami estivesse disposta a ser ajudada. Não importava o dinheiro, trabalharia o dobro para pagar, o que me importava era sua saúde mental.

Entrei no apartamento usando minha chave e a escuridão me envolveu. Nem sequer acendi a luz, fui direto até a geladeira, jogando minha bolsa no sofá. Peguei uma garrafa de água e bebi. Não passou muito até que comecei a me sentir estranho, a solidão do lugar se estendeu até mim, substituída, em seguida, por um ar frio, cortando minha espinha e arrepio. Algo não estava bem. Um sentimento de indescritível vazio abraçou-me. Um peso esmagou meu peito e não podia respirar com profundidade. Deixei a garrafa na mesa e obriguei meus pés a caminhar, porque pareciam colados no chão. À medida que entrava no corredor, em direção ao quarto, mais frio me invadia.

Traguei o ar, ao apoiar minha mão na porta entreaberta, empurrei-a devagar e o som das dobradiças cortou o silêncio. Fiquei ali, temendo entrar ou sequer iluminar o quarto. Efetivamente, tive que fazer uma das duas, optei pela segunda. Um ruído soou e mais nada. Absolutamente





nada. A cama estava arrumada, sem uma única ruga, cada coisa estava em seu lugar, mas não havia sinais de Cami.

Uma única folha de caderno dobrada, junto ao travesseiro, chamou a atenção e, tremendo, peguei-a. Abri-a e li. Li as mesmas palavras uma e outra vez, com a perfeita e redonda caligrafia de minha irmã. Minha mente nublou e demorei vários minutos em reagir.

"Sinto muito. Amo-te."

Quatro palavras. Uma desculpa, uma declaração. Por que estava me pedindo perdão?

— Cami... — sussurrei, o oxigênio me faltava. — O que fez?

Não houve resposta, claro, mas minha mente sabia. Quis me responder, mas não permiti. A negação me tomou. Algo estava fazendo click ali, um alarme, tentando pôr-me em marcha. *"Mova-se. Faz alguma coisa, caralho".* Como? Onde? Muitas opções giraram em minha mente, numa espiral, enjoando e tirando meu fôlego. Só fui capaz de me sentar na beira da cama e tomar a cabeça entre as mãos, os olhos fechados. *"Pense. Pense aonde pode ter ido".* Quebrei a cabeça, procurei em cada recanto da mente, alguma ideia do lugar aonde ela teria ido.





— O que fez Cami? — Solucei, cobrindo meu rosto torcido e desesperançado. — O que fez?

Saí do quarto como um furacão, deixei esse maldito apartamento atrás. Subi na moto, coloquei o capacete e percorri as ruas. Era tarde, estavam quase vazias, permaneci dando voltas e voltas, aturdido e sem saber um lugar concreto aonde ir. Pensei em chamar a polícia, mas não fariam nada até que passassem vinte e quatro horas de seu desaparecimento. Além disso, havia uma nota que podia indicar que havia fugido. Não fariam qualquer coisa, seria um caso banal. Estava me dando por vencido, quando uma opção apareceu na bruma imprestável que era meu cérebro. E uma intuição se arrastou com ela. Então não duvidei em me desviar e tomar outro caminho, indo em direção aos bairros baixos.

Nossa antiga casa.

Não a choça de chapas, onde vivemos, antes de nos mudar para o apartamento, mas o lar que tivemos, quando crianças. Onde crescemos. Onde perdemos tudo, pouco a pouco, ficando sozinhos. Demorei uns quinze minutos para chegar ali, o dia começava a amanhecer. O lugar parecia igual, casas estreitas e caindo aos pedaços. Descoloridas, descascadas, descuidadas. Havia lixo nas esquinas, panelas jogadas e lonas, no lugar de persianas e portas. Passei, reconhecendo cada uma delas, recordando os





vizinhos que tivemos naquele tempo, quando as inundações quase nos deixaram sem nada. Bom, tiraram-nos tudo, tivemos que deixar a maioria dos nossos pertences e correr para longe, levando o peso de uma dor insuportável nos ombros, uma que jamais esqueceríamos. Uma que começou a drenar a vida de minha irmã, de apenas dez anos.

Detive-me em nossa antiga casa, vi que estava pior que as outras. Abandonada por completo, com mais da metade derrubada em escombros. Nunca foi uma edificação forte, nem sequer quando recém mudamos com mamãe. E a água o fez pior. Agora, pouco restava, convertido em uma montanha de entulhos. Cami não podia estar neste lugar, por que viria? A resposta quis ressurgir, mas a afoguei de novo. Não, jamais. Não ia pensar nessa merda.

Deixei minha moto. A verdade é que não pensei muito que poderia ser roubada, se não a travasse. Apenas desliguei a moto e passei pela abertura, onde antes havia uma porta. Fiquei de pé ali, contando até dez, antes de entrar.

— Cami? — Chamei.

Nada. Por que a chamava, se não acreditava que estivesse ali? Não sei. Possivelmente, era o desespero de ouvir sua voz, de que respondesse. De saber que se encontrava bem. O silêncio estava me matando lentamente, da maneira mais cruel. Tomei uma pausa e atravessei. Não havia nada, onde antes tínhamos a humilde





cozinha, era só um espaço vazio, cheio de barro e tijolos à vista. O pouco que tínhamos abandonado, foi flutuando ou tomaram os vizinhos que não haviam partido, como nós. Arrastei os pés e minhas botas ressoaram, contra a terra, no chão. Que porra estaria fazendo aqui? Por que estava me torturando dessa maneira?

Esfreguei os olhos e me obriguei a entrar mais, embora meu instinto me detivesse, tudo em mim queria virar e nunca mais voltar. Mas tinha que encontrar Cami. E realmente, não entendia por que cheguei a esse lugar, mas precisava ter certeza. Tinha que ter certeza. Decidi ir até o único cômodo que estava inteiro, parei, em choque, na entrada. O tempo parou, inclusive meu corpo e meus órgãos internos pararam de funcionar.

Ali estava ela. Minha irmã. Camila. A garota pela qual dei tudo de mim. Pendurada, no único pedaço de teto que restou. No ar. Imóvel.

Não sei quantos minutos estive ali, de pé, congelado, olhando seus pés no ar. Suas sapatilhas de lona cor azul escura suspensas. Suguei o ar com força, como se tivesse me afogando e alguém acabou de me tirar da água.

O grito rompeu minhas cordas vocais.

— Camila! — O pior uivo que alguém podia emitir, saiu do profundo de meu peito, rasgando-me, o dano se





mostrando, através da boca.

Fui até ela, chutando longe o banquinho, levantando-a, como se com isso pudesse salvá-la. A corda não está apertada, não está apertada. Não está apertada, respira. Respira.

— Respira! — Gritei rouco.

Muito tarde. Não sei quanto tempo esteve ali, balançando, com a maldita corda no pescoço. Seu corpo estava rígido, mostrando que já passou muito tempo, desde que se foi. Soltei-a, gritei, com o ruído que emitiu o peso, ao voltar a esticar a corda. Afastei-me três passos, quatro. Cinco. Evitei seu rosto, não quis olhá-la diretamente, só caí de joelhos e fixei minha vista imprecisa no chão.

— Poderia ter resistido um pouco mais. — falei, enjoado. — Eu ia ajudar você, Cami. — Apertei meus punhos sobre os olhos e grunhi, machucando a mim mesmo. — Eu ia salvar você... Não é para isso que estou aqui, Cami? Para te salvar?

Puxei o ar pelo nariz e procurei pelo celular em meus bolsos. Sentia tudo girar ao meu redor, estava a ponto de desmoronar. Precisava fazer uma chamada. Marquei o número com dedos instáveis, repetindo o nome de minha irmã, uma e outra vez. Perguntando o que tinha feito. Por que decidiu me deixar assim?





Chamei cinco vezes. Miranda tinha uma política de chamadas: se recebia mais de três, significava que era importante. E eu fiz cinco, vendo como o chão girava e sumia.

— Alex! — Disse do outro lado. — Alex — repetiu, quando não respondi.

— Cami está morta — atirei.

— O quê? — Ofegou. — O que disse?

— Minha irmã está morta...

Ela começou a chorar, pediu que explicasse melhor. Que dissesse onde estava. Escutei suas palavras de longe, fugindo da realidade.

— Alex! — Gritou, sobressaltando-me, ao mesmo tempo em que soltei um gemido. — Onde está? Vou te buscar, querido. — ela chorava.

Chorava tudo o que eu não estava conseguindo.

— Estamos em minha velha casa — balbuciei. — Na vila, onde crescemos.

Ela sorveu pelo nariz.

— Não saia daí, querido, está bem?

Assenti, como se pudesse ver. Ouvi-a mover-se, inclusive pude distinguir seus saltos, apressando-se longe





de onde se encontrava. De um momento a outro, deixei de prestar atenção e o celular caiu das mãos. Um segundo depois, caí sobre ele.

Assim, meu mundo tingiu-se de negro.





Capítulo 15

Ema

Os Leões partiram três dias depois. E durante todo esse tempo, Alex e eu estivemos em sua casa, virtualmente encerrados e isolados de todos. Depois de nossa conversa sobre David e sua irmã, fazia falta um tempo a sós. Consolei-o enquanto pude, sustentei-o em meus braços, em cada oportunidade que tive. Quebrou meu coração estar a par de tudo o que Alex e Cami tiveram que superar, sendo tão jovens. Percebi o quão doloroso é tentar seguir em frente e colocar um pé diante do outro, sem desmoronar, depois de tudo isso. Não pude evitar, sua história tornou-se pessoal. Sentia na carne, coloquei-me na pele de ambos os irmãos. Derramei muitas lágrimas por eles.

Cami era muito jovem e não pude suportar que tirasse a vida dessa forma. E que seu irmão tivesse que vê-la. Era uma garota de quinze anos, que cresceu de repente e à base de imensas pedras e poços no





caminho permanecia viva, depois de tudo. Sim, mas já não vivia. Rendeu-se. E Alex não podia culpá-la. Nem eu. Ninguém pode, porque ninguém esteve em sua pele.

Alex precisava de mim, é um homem forte, mesmo assim, quis ser seu apoio. E desejo seguir sendo, durante minha vida inteira. Todos necessitamos de um abraço, sempre, sentir que o peso é compartilhado, para poder avançar na vida, sem nos afundar a cada passo. Dizer que seu passado foi espinhoso e cruel é pouco, não há explicação para tanto sofrimento. Acredito que Deus já teve o suficiente dele, tirou-lhe muito, agora é momento para curar e encontrar a felicidade. Se ele quiser e permitir, posso ser isso tudo para ele. Não importa se esta decisão é apressada, sinto-me assim e posso confirmar que durará até meu último fôlego. Amo-o com toda minha alma. E meu amor cresce com intensidade, à medida que sei mais dele.

Não importa que suas mãos estejam manchadas de sangue, surpreendentemente, entendo por que matou os dois homens. E sei que mais cedo ou tarde, irá pelo David. E isso me apavora, porque sei que tanto ele, como meu pai, têm poder, movem-se nas sombras, dirigem um mundo escuro e cruel. E não quero que Alex choque com isso, mas tampouco vou deixar de lado o fato de que precisa vingar sua irmã. Alguns asseguram que a vingança não serve de nada, que não vale a pena. Cami não voltará, porque Alex apagará David do mapa. Mas talvez seja um mal





necessário, porque a garota de quinze anos ficou destroçada e por todas as garotas que teve a maldita oportunidade de afastar de suas famílias, para machucá-las. David não é boa gente, merece um castigo. Meu pai não é, tão pouco e apesar de me destruir por dentro, tem que pagar também. Pelo menos, deve acabar na cadeia.

Para o momento da despedida, nenhum dos dois estava disposto a separar-se. Atrasamos a partida, enquanto ele me abraçava e prometia voltar logo. Eu não gostei de ter que deixa-lo ir, mas entendi que esse é seu trabalho e compreendia a respeito. Jurei que aqui estaria, quando voltasse. Agora, dois dias depois, não consigo explicar com palavras a intensidade com que o estranho.

Estou no sótão, na companhia da Adela. É bastante cedo, o bar está vazio e por isso estamos no sótão, passando o tempo, à espera que o sono chegue. A porta se abre e fecha de repente, aí a voz melancólica da Bianca enche o espaço.

— Ugh, isto parece um funeral. — diz, lançando-se na cama, junto a mim.

Adela bufa, da janela semiaberta, enquanto fuma um cigarro, ouço-a soprando irritada.

— E você onde estava? — pergunta séria.





— Cuidando do Tony, esse é meu novo passatempo, já que Jorge está a cargo das contas do bar.

Meus ouvidos escutam atentos a menção do homem, não esqueci aquele confronto entre eles, na noite da briga. Percebo que Adela também está curiosa sobre o assunto. Não digo nada, mas estou morrendo de curiosidade de perguntar como é essa relação estranha entre Bianca e Jorge. Eles não parecem dar-se bem, por causa da maneira que se tratam.

— Se seu irmão souber que gasta tanto tempo perto de... — Um suspiro impaciente vem do meu lado.

— Meu irmão não tem qualquer influência na minha vida. — Bianca, responde. — Ele me abandonou e se esqueceu de mim.

O salto de uma bota tamborila na outra ponta.

— Ele fez isso para seu bem, é melhor, que você e o resto de sua família discutindo. — disse Adela, fechando a janela e vindo à cama conosco. — Já te expliquei essa merda...

Tudo é silencioso, a raiva das duas garotas desintegrando-se, pouco a pouco. Felizmente a tensão não dura muito, estou no meio das duas e sei, em primeira mão, como explosivas podem se tornar.





— Eu expliquei. — queixa-se a garota à minha direita. — Necessito que saia de sua boca.

Adela não responde, só se aproxima e me empurra, amavelmente, para o centro, assim ela toma o outro extremo. As três estamos deitadas, de barriga para cima, como se não soubéssemos bem o que fazer neste deserto. Cheguei a acostumar ao barulho dos homens, todo este tempo, agora sinto que falta algo essencial.

— Isto é deprimente. — solta Bianca, quando se cansa da calma. Ela é uma daquelas pessoas que odeia o silêncio, e precisa preenchê-lo.

— Chama-se frustração sexual. — Exagera Adela, soprando.

Rio, estou um pouco de acordo com ela, na verdade. Bianca faz barulhos de engasgo.

— Vocês são umas viciadas. — Cospe Bianca — Tenho que me mudar desse apartamento.

Adela ri, como se estivesse orgulhosa de algo.

— Tento mantê-las atualizadas. — Diz a dissimulada.

— Eu não sou pudica, vocês não têm nenhum respeito, quando a convidada dorme na casa. — Explica ela, como se algo lhe doesse. — É asqueroso, vai saber





as coisas estranhas que eles fazem. Devemos reconhecer que são uns totós, que medo. — Bianca finge um estremecimento — E estamos falando de meu irmão, isso o faz ainda pior.

Adela se senta na cama e quase posso imaginar a sequência, em minha mente. Ela olhando sua cunhada e rindo como uma maníaca, zombando desavergonhadamente.

— Não é uma convidada, mais uma lavagem. — E ela sacode a almofada. — Se você gosta de pêssegos, aguente o perfume, é nossa casa. Ou muda-se.

Bianca não para de rir, enquanto toma represálias, como se não lhe custasse nada seguir com a guerra. Assim é como acabo na frente de ambas e recebendo parte dos golpes, inclusive quase se esmagam, em cima de meu corpo estendido. Movo-me, arrastando até os pés da cama, ao mesmo tempo em que me despenteiam entre tapas, saio da zona de perigo e me escondo, elas ficam um pouco mais violentas. Sério, temos cinco ou mais de vinte? Qualquer um poderia discutir nosso nível de maturidade. No entanto, contagiam-me suas gargalhadas e acabo me unindo, agora as três saltando acima da enorme cama, tamanho King. Temos sorte de que seja sólida, se não já teria vindo abaixo. Consigo um travesseiro perdido e lhes dou seu castigo por serem tão escandalosas. Não passa muito até que estou descontrolada, já sem ar, enquanto nos golpeamos como possessas. Meu Deus, este tipo de experiência é a que





estive perdendo por não ter amigas? Ha droga, meus vinte e três podem converter-se em dez, só por um momento.

Em um desses movimentos bruscos, cambaleio sobre o instável colchão e perco o equilíbrio, caindo para trás. Acabo escancarada, de costas no chão, tombando em uma pancada seca e sem brilho, que faz que as meninas se assustem.

— OH, Meu deus, Ema! — Grita Bianca, vindo até mim.

Levanto-me toda dormente e esfrego minha bunda, fazendo uma careta de dor. Ao mesmo tempo em que as meninas me revistam, começo a rir a gargalhadas de novo, sem poder conter, uma vez que sai a primeira. Os olhos enchem de lágrimas e tenho que dobrar meu estômago. Recebo um bate de almofada, que faz voar meus cachos para um lado, despenteando-os, mais do que habitual.

— Pequena cadela! — Grita Adela, atacando.

As duas me arrastam de volta para a cama e a luta continua por um longo momento, até que ficamos sem energia. Finalmente, colocamo-nos novamente, como estávamos antes, tendo lugar suficiente para as três. Descanso as mãos no meu estômago e fecho os olhos, minha boca ainda conserva uma pequena curva para cima. Isso realmente foi divertido, senti-me uma menina entusiasmada outra vez. Bom, se é que alguma vez fui. É algo assim como uma primeira vez, porque não recordo





que minha infância foi tão divertida ou feliz. Só a passei tratando de adaptar-me a uma nova vida, com uma deficiência tão grande como a cegueira. Não houve tempo nem para fazer amigos, nem para me divertir. E quando, finalmente, estava pronta, meus pais teimaram em me manter trancada em um casulo de veludo, fechado firmemente, sem experimentar o mundo real.

— Qual foi a situação mais vergonhosa de que se lembrem? — Pergunta Bianca, de repente, suspirando com cansaço. — Eu já lhes contei a minha. — Riu baixinho.

Rimos, recordando da sua briga com Jorge, no bosque. Sabemos que para ela foi, verdadeiramente embaraçoso, ela é o tipo de garota que age estranho, quando sente vergonha. De acordo com ela, trás o pior de si mesma, trabalhando tão ilogicamente, que a assusta.

— Mmm. — pensa Adela. — Não me ocorre nenhuma agora...

Eu não preciso cavar muito, com a pouca, quase inexistente liberdade que me deram, mal tive tempo e lugar de fazer coisas que me envergonhem. Mas sim, há uma situação que me aconteceu faz uns anos.

— Minha mãe revistou meu quarto uma vez. — conto, rindo a toa. — E encontrou meu MP3...





Nenhuma das duas fala e posso sentir sua confusão. Rio um pouco mais, antes de prosseguir.

— Tinha-o escondido dentro de uma das almofadas, que decoravam minha cama...

— E por que diabos foste esconder um MP3? — Salta Adela, impaciente. Essa é uma boa pergunta.

— Tinha toda minha coleção de áudios eróticos. — revelo, aguentando a risada. — Inclusive havia pornô...

Foi vergonhoso, tanto para mim, como para minha mãe. Tinha vinte anos, isso me exigia experimentar, sentia como minha sexualidade ia despertando e precisava saciá-la. Então Aída me trouxe esse MP3. Fomos confidentes, eu contava absolutamente tudo, porque era a única pessoa ali que chamava amiga. E ela escutava, sempre. Falei-lhe, inclusive, de minhas ânsias de aproximação com o sexo oposto, que cada dia parecia crescer mais. Como uma grossa borbulha difícil de cravar. Os áudios livros e o pornô me ajudaram, resultou uma boa opção. Embora nunca deixasse de desejar verdadeiro contato.

— E o que fez? — Gargalha Bianca.

Preparo-me para imitar a voz da frívola Anastásia.

— Porcaria! — Ponho-me rígida em meu lugar, colocando-me no papel.— Não posso permitir isto. Mon





dieu! Minha menina inocente escutando estas coisas... Blah, blah, blah... — Reviro os olhos.

Adela explode e Bianca a segue.

— Pervertida! — Sacode-me a segunda.

— Degenerada! — Acrescenta Adela, zombando.

— Depravada!

— Asquerosa!

E assim seguem, até que, de novo, dói-me a barriga de tanta risada.

— E o que aconteceu depois?— Quer saber Adela.

Eu dou de ombros, sorrindo.

— Tirou-me isso, mas me reabasteci. — respondi, presunçosamente. — Minha amiga me comprou um novo, encheu-o e procuramos um esconderijo melhor...

— Ema... Ema... — Sussurra Adela — Cada dia me surpreende mais.

Suponho que não sou o que as pessoas esperam, e não é minha responsabilidade. Eles apenas sabem que tenho uma deficiência e a idealizam. Entretanto, não deixo que a cegueira me limite. Sou normal. Tenho os mesmos desejos e fetiches que o indivíduo normal. Gosto





da sedução e o sexo, tenho apetite, como qualquer mulher. Não sou uma inocente, apesar de que meus pais sempre insistiram em que era. Rompi várias regras, para não ser o que eles querem. Nasci para ser livre e desfrutar da vida ao máximo, com todos os prazeres que isso implica. E hoje estou levando a cabo, ao pé da letra. Tal como sonhei, durante anos, trancada na mansão.

E ninguém vai interromper esta situação.

Alex

Vinte dias sem Ema. Quatrocentas e oitenta horas longe dela. Nunca imaginei que, em minha vida, chegaria o momento em que sentiria saudades de alguém assim. Com uma intensidade e loucura que equivale a não poder respirar, completamente e passar o dia todo inquieto. Como estar sob a água. E ter um oco no peito. Minha pele coça, tão acostumada a seu contato e sentindo falta. Já faz uma semana que chegamos a Salta, estamos nos recuperando e aguentando os negócios com os helicópteros, dão-nos estadia em seu extenso recinto, como sempre. As pessoas são amáveis e hospitaleiras, se não fossem ilegais





como nós, asseguraria que são santos. Mas, pensando bem, são. Fazem tudo isto, para não morrer de fome. E por estes pagamentos, a pobreza se nota mais. Muito mais. Cada vez que venho, é como encontrar comigo mesmo. Desta vez a paisagem me dá paz. E a felicidade, como a que vivem dia a dia, com as preocupações escondidas e o positivismo bem no alto, reconforta-me por dentro.

É um lugar bonito e até mesmo mais que isso. É a antítese do sul, com solos rochosos e colinas e o sol lá no alto, aquecendo tudo. Cada vez que viemos, voltamos com uns tons mais escuros e um pouco de couro. Gosto muito de vir, mas desta vez o único desejo é montar minha moto e tomar o caminho de volta, o mais rápido possível.

Agora estou em uma sala, que pode muito bem simular um bar ou uma área de descanso, um dos rapazes do Mamani, acredito que seu nome é Carlos, entrega-me um jarro de cerveja e sento em um banco improvisado, para beber tranquilo. Esta gente não tem eletricidade, não sei se é porque não podem pagar ou realmente, não lhes é necessário. Só estamos iluminados por umas algumas lâmpadas a gás, aqui e ali. O ambiente é pacífico e quente, não há música, mas é tudo agradável, com conversas interessantes e intenções de nos conhecer melhor e fazer amizade. Não é difícil ser amigo de todos eles.





Gusto está suspirando e obtém, imediatamente, sua bebida, acomodando-se a meu lado. Ele é um dos que acha esta viagem incrível, é seu favorito e adora misturar-se com toda a gente por aqui. Ele é de palavra fácil e sua personalidade festeira e simpática cai bem com todo mundo, às vezes o invejo por sua capacidade, as pessoas vão colar, como se tivesse um gigantesco e poderoso ímã. Mas olho para ele, mesmo assim tem que ter cuidado, tem um temperamento com a força de mil demônios. Não se zanga fácil, mas quando o faz, ninguém pode evitar a intensa tempestade de merda. Gosta de machucar, quando o incomodam, é vingativo. Assim como seus olhos brilham em brincadeira, a maioria do tempo, também o fazem, quando o fode. A maioria pensa que o chamam "Gusto" pela versão curta de seu nome, mas isso só é parte da combinação. O verdadeiro motivo é escuro. Em uma ocasião, faz muitos anos, um tipo o deixou com raiva, deu-lhe para beber um gole de ácido. Matou-o, instantaneamente. Foi espantoso, ou isso escutei, já que não fui testemunha. A justificativa? O tipo merecia isso, supõem alguns, já que não é fácil fazer Gusto falar.

Ele se inclina para trás com as pálpebras cansadas e olha para o nada, pensativo. Muito estranho ele estar tão calado. Sempre tem algo que dizer.





— Olhe para ela. — dá um gesto com a cabeça ao outro lado da sala quase escura.

Faço caso e encontro diretamente com uma garota, a única garota neste local. E está olhando em nossa direção, com evidente interesse. Bom, não em nossa, só olha a Gusto. Caminhando ao longe, conseguindo uma cerveja, não deixa de o observar com seus olhos negros. Tem que ser a filha de alguns dos maiores e não aparenta mais de vinte, morena, pernas longas, cabelo negro, grosso e comprido, que cai em ondas por suas costas. Vai descalça e veste um vestido solto, que cai até suas coxas, perfeitamente, torneadas. Pele bronzeada, escura, inclusive, à distância, pode-se ver sua maciez e brilho. É... Francamente espetacular. Ninguém, nem sequer o homem mais tomado de todos, poderia negá-lo. Uma nativa do norte, muito exótica e atrativa.

Dou conta agora que Gusto não olhava a nada antes, a não ser ela. Fixamente.

— Ela está passeando por aí desde que chegamos. — conta, em tom baixo e tranquilo, dá um gole em seu copo, nunca tirando os olhos chocolate dela. — A cada maldito lado que vou, aí está ela, olhando...

Posso ver. Está dando sinais claros, tentando atrai-lo, com suas pernas longas e seus olhos hipnotizadores.





— Pode parecer um anjo, toda vestida de branco, com sua pele escura, — olha nos olhos. — mas estou seguro de que é uma bruxa, magia negra... Toda ela anuncia problemas, olhe por onde ela olha.

Caiu de costas contra a parede atrás dele e acaba sua cerveja, então sorri. Essa expressão própria dele, que todos conhecemos e sabemos interpretar à perfeição. Picardia. Mas não impertinente, ah, não, mas malicioso. Atrevido.

— Ayelén. — pronuncia, como provando as sílabas em sua boca, saboreando. — Ayelén... — Ele sorri para os lados, com decisão. — Tem sorte que eu goste de problemas...

Levanta sobre suas botas de couro e caminha, fortemente, em direção dela, com as mãos nos bolsos. A garota, ao notar que ele passa por ela, deixa a cerveja de lado e escapa até a porta, saindo. Parece que quer jogar de gato e rato, não sei se sabe com quem se está metendo.

Dou de ombros e vou ao grupo, onde estão os presidentes, rodeados de alguns irmãos de ambos os bandos. Busco outra cerveja, conseguindo em um buraco. Passado o momento com eles, principalmente falando de negócios e orquestrando futuras entregas e trocas. Gostaria de dizer que estamos perto de voltarmos a casa, mas falta tempo para isso. Uns quinze dias mais, calculamos, aproximadamente. E se a raça não trouxer problemas, se for assim, podemos estar presos até em vinte. Agora





entendo à perfeição o que sentiam Máquina, Max e Leon, ao partir, a maneira com que sentiam saudades das suas mulheres e família. Cada um de nós foi caçado pouco a pouco, até que, quando quisemos concordar, foi tarde demais. Agora o recinto significa muitíssimo mais que um lugar no qual vivemos, quando estamos em baixa. Cada vez que vamos, nossa metade fica em casa.

Mais ou menos uma hora depois, digo que tenho suficiente e vou para o quarto, que sempre compartilho com Max, cada vez que viemos. Alguns dos irmãos também começam a dispersar-se, sentindo o peso do cansaço do dia em seus ombros. Trabalhamos desde o raiar do sol, organizando a mercadoria, para assim sair à rota, novamente, em dois dias. Surjo no exterior, iluminando o caminho com uma lanterna em miniatura, pode ser que as pessoas daqui estejam acostumadas a andar à luz da lua, nós não. Às vezes, as noites são suficientemente claras para andar sem tropeçar, outras, como esta, nem tanto. A verdade é que o céu, neste lugar, se vê mais extenso e próximo, como se pudesse elevar uma mão e tocar as estrelas. Uma impressionante vista para recostar e apreciar, sem cansar.

Rodeio este edifício e vou direto para o próximo a pé, nem sequer coloco um pé dentro da cabana, quando um disparo rompe a noite e o grito de uma mulher paralisa todo o território. Um zumbido vem de dentro, em seguida, deduzo que é de uma cabana, do outro lado





das nossas. Precisamente, onde permanecem as mulheres e as famílias. Ilumino o chão e vou para onde meu instinto diz, tirando o revólver de minha cintura. Não faço mais que dobrar a esquina, quando vejo Gusto saltando uma janela e caindo de costas, no processo. Um tipo gigante persegue-o de perto, apontando uma arma. Fico tenso, quando a garota, Ayelén, aparece na janela, com um lençol enroscado ao redor de suas curvas. Dou conta de que meu amigo está meio vestido, com o torso nu e os jeans desprendidos. Fica no chão, segurando o lado ferido e sibilando algo, para o tipo que o tem na mira.

— Wow wow wow. — Digo com voz serena, aproximando, apontando a minha arma ao desconhecido. — Um passo atrás amigo, tranquilo.

O gigante ruge e aponta-lhe à cabeça, Gusto não para de dizer palavrões. Está realmente zangado.

— Este filho de puta deitou-se com minha irmã. — grita o grandalhão, de cabelo comprido e liso. — Vou arrancar-lhe a cabeça!

— Filho da puta. — resmungo em voz baixa.

O Gusto gosta de problemas? Aqui tem um grande. Passos de outros são ouvidos, aproximando e em seguida,





acabamos rodeados. Mamani é quem se mete a enfrentar o menino diabólico, que quer assassinar Gusto.

— Filho, o que está se passando?

"Cagamos", cuspo por dentro, fechando os olhos, com verdadeiro desgosto. Leon também se anima a entrar na roda e se coloca junto a seu menino, atirado na terra, está ferido no lado, mas não parece grave. Sigo, apontando à cabeça do agressor, olhando de esguelha à garota, que sem nenhum pudor, também salta a janela baixa e se aproxima. Quando o chefe dos Condores vê seu atual estado de nudez, congela. Soma dois mais dois. Então arrebata a pistola do seu filho e passa a ser ele o que quer os miolos de Gusto esparramados no pó.

Todos os Leões se esticam, Leon interpõe, levantando as mãos aos lados de sua cabeça.

— Senhores, por favor, vamos conversar. — peço, tratando de dirigir a situação. — Tratemos isto, civilizadamente.

Gusto se levanta de um salto, deixando de prestar atenção à sua ferida e dá um empurrão em Leon para que saia do meio, isto é entre ele e os Mamani. Em frente à pistola, que o olha de frente.





— Deitei-me com sua filha, é verdade. — diz férreo. — Nós gostamos um do outro, tivemos uma conexão e acabamos na cama...

Meus ombros caem e tremo, está fazendo pior. Pai e filho grunhem, enfurecidos e parecem mais decididos a lhe colocar uma bala na cabeça.

— Agora, o que tem isso de mau, caralho? — Pergunta, elevando a voz.

— Ela tem apenas dezoito anos, desgraçado! — Grita o irmão.

O semblante de Gusto não muda, mas noto que suas costas se endurecem. Seus olhos escuros percorrem à distância para a garota e se cravam nela, um brilho perigoso relampejando em suas pupilas. E não é desejo, nem arrependimento, nem confusão. É fúria. Ira crua. Por um momento, acredito que vai para ela, em uma explosão, entretanto, fica imóvel em seu lugar, apertando os punhos a seu lado. Ayelén baixa o olhar ao chão, mordendo os lábios com nervosismo. Mentiu-lhe. Posso ver a causa do ódio que se manifesta nele e se desprende em ondas para ela. Gusto foi apanhado pela teia de uma moça de dezoito, e é dizer pouco, que está furioso.

— Bom. — cospe, apertando os dentes. — Atire. Já está feito, certo? Não pode mudar. — eleva as mãos e





espera, com a cabeça no alto.

Leon dá-lhe um áspero empurrão, longe dos Mamani, o homem cambaleia, quase perdendo o equilíbrio, amaldiçoando a dor em seu lado e perdendo a paciência. Nosso chefe o ignora, disposto a negociar, para cessar esta loucura.

— O que podemos fazer para arrumar, velho? — Sussurra, resignado. — Entendo sua ira, tocaram em sua filha, eu reagiria igual. Agora, como solucionamos?

O outro líder guarda a arma e todo mundo parece afrouxar, inclusive vários dos Condores, será porque acreditam que é capaz de matar por sua filha? É lógico. Agora, Gusto não a forçou, ou sim? Ela também o quis, não é delito. A moça é maior de idade, suponho que aos dezoito é assim. Acredito.

— Está comprometida. — conta ele, dando um olhar assassino a Gusto, mais à frente, que amaldiçoa de novo, exasperado.

— Está brincando. — rosna baixinho, mas todo mundo ouve.

Passa despercebido o comentário, menos Ayelén, que não pode tirar sua atenção dele. Está entre assustada e atraída por sua cólera transbordante, como lava de vulcão





em plena erupção.

— Claramente, já não está mais. — Diz o pai, entrecerrando as pálpebras. — Melhor que se vá de minha propriedade, não o quero aqui. — Assinala, com um movimento de queixo. — Além disso, não quererá estar presente, quando o prometido vier amanhã...

Leon assente, os homens se dispersam, já mais tranquilos. Mamani chama a sua filha, ordenando ir dentro, ele e seu filho partem atrás dela, para falar. Meus irmãos e eu nos reunimos ao redor do chefe. Recebo seu olhar, grave e inflexível.

— Vai com ele — ordena-me. — E Max. O resto fica comigo, para terminar o maldito trabalho. — Diz e vai embora, tenso.

Concordo, juntamente com Max e vamos, Gusto quer distância, chuta pedras e se encarrega de sua irritação. Nunca o vimos assim, não sei se quer golpear a si mesmo ou a todos nós. Ou à garota e sua família. Desta vez fez uma grande cagada, que poderia ter-lhe custado a vida. Max permanece com ele, verificando seu raspão, com o estojo de primeiro socorros e uma lanterna. Ao mesmo tempo, vou buscar nossos pertences. Passaremos a noite em algum hotel da cidade mais próxima e partiremos de





manhã cedo. Tomo as pequenas bolsas de viagem e vou até a área das motos. Ali, ambos já estão pondo em marcha as suas.

Um grito chega do recinto, e nós três olhamos, para ver Ayelén correndo, está vestida com uns jeans e uma blusa solta.

— Augusto? — Pronuncia seu nome.

Seu acento marcado faz soar diferente, cada sílaba encaixada e contundente. Seu semblante mostra cautela. Gusto pendura seu casaco no volante, com brutalidade e desmonta sua moto, para ir feito um furacão, para ela. Max dá um passo, para segui-lo, mas o detenho. Ambos sabemos que não vai fazer nada à garota, possivelmente, só grite um pouco. O assunto é dele, não nosso.

— O que quer? — Grita a Ayelén.

— Eu... Perdão. — Diz, depois de hesitar por um momento.

Ele ri secamente, pondo os braços em alta e elevando o rosto ao céu, com brincadeira.

— Perdão? — Solta. — Mentiu em tudo. Primeiro, sua puta idade de merda. Não vinte e um, dezoito, caralho! Evitou contar o detalhe de que era virgem.

E ainda por cima, prometida! — Solta ar pelo nariz, como um touro





raivoso. — A puta que me pariu, por me colocar nisto. Isso me acontece, por deixar que a cabeça do meu pau tome o maldito controle! Mas juro como a merda, que não vai voltar a acontecer.

A garota não sabe o que responder a tudo isso, afastou-se um passo, retorcendo as mãos, com evidente arrependimento e dor. Max e eu vimos o gesto.

— Não precisa gritar tanto, entendo o ponto — diz e seus lábios tremem.

— Vou gritar tudo o que quiser! — Grita ele, voltando para sua moto. — Acabou-se, espero não te ver nunca mais.

Monta sua moto e ela vai correndo, de volta para casa. A verdade é que me dá um pouco de pena, além do que fez. Vai saber por que mentiu. Mas, também sinto o mesmo por Gusto, um pouco. Enfim, ele mesmo reconheceu, isto lhe acontece por pensar com a cabeça de abaixo.

Agora estamos seguros, vai ser o filho de puta mais cuidadoso da terra.





Meu nariz coça e o enrugo, fechando os olhos, para que o ácido da cebola não chegue. É impossível não chorar, respiro e consigo o pano de prato, de algum lado, em cima da mesa. Greta escolhe esse momento para vir esfregar-se em minhas pernas e sorrio, levantando um pé descalço, para acariciá-la.

— Como vamos, Greta? — Falo com ela, tomando um descanso de cortar. — Isto é mais horrível do que pensava.

Limpo as lágrimas com o dorso da mão e sigo meu trabalho. Tento. Não resulta difícil picar os mantimentos e condimentos. De fato, cozinhar é divertido.

— Mas o levamos bem. — rio, ela se senta de barriga sobre meus dois pés. — Nada mal.

Bianca se aproxima e inspeciona, de acordo como faço. Quando disse que queria que me desse aulas básicas de cozinha, demorou bastante em responder. Primeiro duvidou, ao imaginar qualquer sequência, onde fatio ou perco um dedo, ou incendeio a casa inteira. Vá, ou seja, não sou tão inútil, para chegar a isso. Acredito.

— Essa preciosa sempre te usa como cama. — ri, agachando, para acariciá-la. — Surpreendeu-me como se adaptou a este lugar.





Concordo. É verdade, Greta não quis escapar e voltar para a casa onde cresceu, em troca está muito mimosa e agarrada a mim. Sinto-me mais completa, com ela dando voltas para cá e tomando sestas em qualquer lugar. Já se acha a proprietária do apartamento de Alex.

— Suponho que considera seu lugar. — comenta, elevando-se e colocando-se a meu lado. — Estás fazendo muito bem, Ema. Muito bem para uma principiante.

Rio. Faço o que posso, demoro mais que qualquer pessoa normal, em picar um pouco de pimentão e cebola para um molho, mas tempo é o que tenho e, além disso, muita vontade de aprender. Bianca tomou cursos disto, não é uma chef internacional, mas tem a capacidade de cozinhar uma boa comida, inclusive bastante elaborada. Quando soube, exigi que me ensinasse. Com Adela não posso contar, odeia isto e as demais garotas estão ocupadas com suas famílias. Não as quero incomodar, embora, ultimamente, visitei muito suas casas, almoçando ou passando um momento nas tardes e até ajudando um pouco com os bebês. Acompanhamo-nos entre nós, porque os homens estão ausentes. E o recinto sem eles é desolador.

Alex chamou, faz uns dias, avisou que ainda ficaria 15 dias, ou talvez mais. A notícia desolou-me bastante. Já faz mais de vinte dias que se foi, tinha a esperança de que voltassem na próxima semana.





Mantenho-me ocupada, para não pensar muito. Ajudo no bar, no que medianamente posso. Passo muito tempo com Bianca e até trouxe Tony, nas noites que não me apresento no bar. Fazemos bebidas, ou comemos guloseimas, e é algo que mantemos em segredo, já que Jorge não lhe deu permissão para fazê-lo. Bianca parece estar muito abastecida nessa matéria, é uma gulosa e, se for assistir a alguma série ou filme, não podem faltar suas guloseimas. E isso é o que fazemos, principalmente. Não é que se encontre dentro de meus passatempos favoritos, mas gosto de estar com eles e escutá-los rir com "Meu Malvado Favorito" ou "Toy Story". Às vezes, colocamos música e dançamos, embora ele não, porque diz que isso é coisa de garotas. O menino é muito tenso e parece viver só com seu escuro papel, que o está tornando um pouco tosco. Isso sim, não se pode queixar, sua babá é um show, e é impossível aborrecer-se. Às vezes, antes do jantar, também se junta Abel, esses meninos são inseparáveis.

Coloco a cebola na panela com o azeite já quente e começa a chiar, sigo com os pimentões e Bianca sobe o fogo, até que tudo está salteado, então joga a carne e o molho de tomate. O aroma é delicioso. Em algum momento, ela se vai e eu fico lavando os utensílios que sujei, tentando fazer um almoço decente. Há um sorriso em meu rosto, a causa do pensamento de que, com o tempo, poderei ser suficientemente funcional em algumas tarefas da casa. Obviamente, não





vou ser capaz de fazê-lo todo, há atividades fora de meu alcance e está bem incorporada em minha cabeça essa certeza, aceito. Entretanto, vou fazer com todo esforço por conseguir ocupar as que possa.

— Está muito cômoda, não? — pergunto a Greta, que ainda está muito relaxada, cobrindo os dedos de meus pés.

Uma corrente de ar arrepia o pelo fino de meus braços e o clique da porta fechando soa, na pequena sala de estar. Greta, em seguida, sai disparada, a curiosidade roendo seu momento de descanso. Franzo a cara, ante o silêncio tenso que vem, o que me faz pensar que alguém acaba de chegar e nem sequer se anuncia. Viro pela metade e dou um passo, o calor corporal de alguém se interpõe entre a porta, que une a cozinha com a sala, elevo o braço para tocá-lo. É óbvio, eu sei a quem pertence, só que é muito cedo para ter voltado. Faz uns dias, ele disse que não voltariam até dentro de quinze ou mais dias. Estou imaginando?

— É muito cedo. — digo.

Alex dá um passo à frente, assim a palma de minha mão esmaga em seu peito. Seu aroma é fresco, como a árvores, terra molhada e chuva. Não espera para esticar o braço e pegar minha nuca para me atrair, brusco e necessitado. Sua boca se choca com a minha e em seguida, obtenho sua língua no interior.

Devora-me e derreto em seu corpo, subindo minhas mãos por sua





roupa fria e enrugada. Encontro seu pescoço e me penduro nele, respondendo ao beijo, com a mesma intensidade sedenta.

— O quê? — Separa e diz em meu ouvido. — Não me querem por aqui? — Brinca e rio e o aperto. Deus, senti saudades. Até o ponto mais extremo e desesperador.

— Não é isso! — Rio, e planto beijos em sua mandíbula com barba muito mais cheia. — Estava triste, porque avisou que não viria até o fim do mês.

Assente.

— Sim, em realidade, somos três os que voltamos. — conta, tirando o cabelo de meu rosto. — Houve um inconveniente. Uma longa história, contarei depois que tomar banho.

Estou de acordo, então se move, levando-me junto à cozinha novamente e joga uma olhada à panela. Não posso evitar encaixar um sorriso, cheia de satisfação, embora, para falar a verdade a maioria quem fez foi Bianca. Só derramei algumas lágrimas, lutando com a cebola.

— Isto cheira muito bem. — Diz, rodeando minha cintura. — Meu estômago está roncando. — Anuncia, queixando.





Sorrio e me agarro contra ele, enquanto caminhamos para a sala. Bianca está ali, em algum lugar, avistou-o e lhe dá boas vindas com alegria. Averiguo que está na poltrona, de onde vem sua voz. Ele sussurra que se meterá no chuveiro, porque já não aguenta mais o pó, e o deixo ir a contra gosto. Suspiro e me deixo cair junto a Bianca, tem Greta recostada em seu braço e a está escovando. Digo obrigada por isso, embora não seja necessário, posso fazer eu mesma a cada dia. Não lhe importa, porque adora.

Um momento depois ouvimos a água do chuveiro correr e ela se levanta, depositando a gata no almofadão do sofá.

— Agora vou embora. — Avisa-me, dando um apertão no ombro. — Apagarei o fogão na cozinha.

Sigo-a até ali, sentindo saudades.

— Por que o apaga? Nem sequer está pronto. — Pergunto, franzindo o cenho. Ela ri com malicia.

— Bom, não quero que se esqueçam e a comida queime. — Move-se até a porta e pega o casaco.

— Mas...

— Acredite, vai esquecer esse molho. — Faz uma pausa. — Mmm, como em cinco minutos. — Inclina-se e fala





baixinho. — A última coisa que vocês farão, na próxima hora, é comer esse almoço.

Dá a volta e desaparece pela porta, deixando-me ali de pé, com a boca aberta. Alex disse que estava faminto e acredito, acaba de chegar de uma viagem muita longa, claro que não comeu bem estes últimos dias. A comida tem que estar pronta o quanto antes. Volto para a cozinha, procuro o acendedor de gás. Não está por nenhum lado, onde o deixou? Estou suspirando, frustrada, quando a porta do banheiro se abre e escuto os pés descalços de Alex avançar, através do corredor. Não entra na sala, passa direto para a cozinha.

— Avise, se ver o acendedor — digo, soprando uma mecha de cabelo longe de minha frente. — Bianca deixou por aí.

Não responde, de fato, o que menos tem em mente é procurar essa maldita coisa para mim. Cruzando um grosso braço em minha cintura, levanta-me, como se não pesasse nada. Gira, sem nenhum esforço. Meus pés penduram no ar e minha percepção se aguça. Não porque me conduz, mas sim, porque descubro aonde se dirige. Em seguida, esqueço-me de minha intenção de acender o fogão, agora há outra coisa muito importante, prendendo ao fogo. Acabo sentada na borda da mesa, com minhas mãos nos ombros de Alex, que





ainda tem resíduos de gotas de água. Minhas pernas a cada lado dele, raspam com a toalha que lhe rodeia os quadris.

— Disse que tinha fome. — Comento, já perdendo a firmeza de minha voz.

É surpreendente quão fácil me deixo levar pelo descontrole, quando fica assim, intenso e próximo. Realmente, Bianca tinha razão, deixei de lado o maldito molho.

— Sim, mas esse tipo de fome pode esperar. — Ronrona. — Este não.

Levanta meu corpo, para poder tirar a prega do vestido, que ficou enganchado, minhas nádegas nuas voltam a golpear a superfície de madeira maciça. Imediatamente, tira isso pela cabeça e me deixa nua, diante dele. Não uso sutiã, sempre que posso evitar, é desconfortável, eu não gosto. É possível que a gravidade faça-me arrepender em uns anos, mas não tenho medo. Nem que tivesse uns seios grandes e pesados. São normais, de acordo com meu corpo miúdo. Não sou de todo plana, ao menos há onde agarrar. A Alex parece agradar, sempre está tocando-os, inclusive quando não há sexo no meio.

E este não é o caso, vamos pelo caminho luxurioso. Ele os segura em suas palmas extensas e quentes e provoca, até que meus mamilos endureçam, instantaneamente e





o ar escapa, violentamente, por entre os dentes. Fecho os olhos, abandonando-me à sensação de sua boca descendo, como um falcão, até meus seios.

— Sentiu saudades. — Ia ser uma pergunta, mas se volta como uma afirmação, ao notar sua sede.

É mais que evidente e me alegra saber que passou o mesmo martírio que eu. Toma a parte traseira de meus joelhos a seu lado e puxa, deixando a um centímetro do final, meu corpo dói contra o fio da mesa, mas não é desagradável.

— Como um louco. — Responde, desprende-se e troca de mamilo.

A toalha escorrega e cai. Seu pênis preparado golpeia, pesado, contra o triângulo de minha roupa interior. Contorno seus quadris, expondo-me mais aberta, para esfregar meu ponto nele.

Abaixa seus lábios, para em meu umbigo, então dá um pequeno empurrãozinho para trás e deito em minhas costas, como se fosse seu cardápio principal. Minhas calcinhas saem voando, depois disso e me abro, para que veja que estou tão afetada como ele. Quão preparada estou. Esfrega meus clitóris uma única vez, provocando-me um salto, mas o abandona em seguida, como se estivesse interessado em outra coisa. Passa por meu clitóris, então está criando círculos em minha entrada, esparramando a umidade, antes





de entrar com seus três dedos de uma vez. Arqueio, golpeando a cabeça na madeira e queixando em voz alta. Joga suas cartas, lento, delirantemente lento. E não o suporto, pretendo que vá rápido, que seja letal. Que me faça explodir em pedaços e imaginar um turbilhão de estrelas.

Trago os soluços transbordantes, obrigando-os a retornar abaixo e começo a pedir. Não, não a pedir, exijo. Faz mais de vinte dias que não nos tocamos, que não o aprecio em meu interior. Peço que deixe as preliminares para outro momento. Entretanto ele escuta, zomba, ri baixo e esquiva de todas as zonas, que me enviam direto ao redemoinho que desejo. Estou suando copiosamente, meu corpo rogando por liberação.

Tira seus dedos e acaricia minhas pernas, enquanto aproxima seu pênis da minha entrada, lambo os lábios com antecipação, à espera de sua grossura enchendo-me. Detenho a respiração e cada terminação nervosa fica em alerta. Dança com seus quadris, a glande roça-me e se molha com minha umidade, mas nunca mergulha. Um grito profundo vem da minha garganta, remexendo, com desespero. Adora me deixar louca desta maneira, desfruta da cada segundo desta tortura. Tomo nota, algum dia vou me vingar.

Estica uma mão e massageia meu ventre, para me acalmar, então, sem nenhum aviso, está dentro de mim. De um magnífico impulso rápido e certeiro, minha coluna





dá um puxão e grito, ampla e abruptamente, entre aliviada e alterada. Ele aumenta o ritmo, escorregando seu comprimento dentro e fora de mim, suave e progressivo. Arranho a superfície de madeira, já que não posso lhe chegar à pele. Meu corpo balança em cada golpe e minhas mamas tremem. A vista o faz grunhir e penetrar mais violentamente. A bola pesada já se faz notar sob meu umbigo, cada vez se alimenta mais, com a pressão poderosa, que quer me invadir.

Estou nos últimos degraus do topo, os gemidos que minha boca emite são ridículos e até sabendo, não posso calar. Até que Alex sai por completo e me manobra como uma boneca, baixando. Estava recostada e no segundo instante, encontro-me de pé, dobrada na borda da mesa, com ele por trás. Encaixa novamente e penetra, com o mesmo ritmo devastador.

Consegue todo meu cabelo grosso e comprido e o puxa, enroscando em uma de suas mãos. Usa para puxá-lo, em cada penetração, provocando uma leve dor no meu couro cabeludo. Ao mesmo tempo, sustento-me em um cotovelo e procuro contato com minha outra mão, encontro seu braço e o agarro, sentindo como meu corpo cai, presa em pequenas descargas elétricas. A primeira cresce, justo na zona de meus clitóris, criando ondas expansivas para o resto de mim. Para o fechamento, os dedos de meus pés e mãos formigam e desabo na mesa, convulsionando, marcando-a com meu





suor quente.

Alex estala os dentes, um minuto depois, deixando escapar meus cachos e segurando forte em minha bunda. Engrossa entre minhas paredes e se contrai, pulsando e se derramando, gota a gota. Amaldiçoa e se retorce, tentando não cair, quando suas extremidades deixam de responder, por uns segundos. Estremeço, ao sentir que se abranda. Quando ao fim, sua respiração deixa de ser uma confusão, inclina e me beija o ombro, assim ajuda a me elevar. Abraça, sustentando-me, contando, sem verdadeiras palavras, em que nível de inquietação sentiu minha falta, todo este tempo. Sorrio, sonolenta, acariciando-o por toda parte.

Assim, o momento se perde, porque nossos estômagos protestam ao mesmo tempo. Rimos e não perco a oportunidade para ordenar que vá acender o bendito fogo abaixo da panela, se é que quer almoçar, antes da hora do lanche.





Capítulo 16

Alex

O resto da semana passa, lentamente, para nosso gosto e prazer. Não saímos muito do apartamento, ficamos dentro, agarrados um no outro. Não queremos que nossa bolha arrebente, aproveitamos ao máximo os momentos compartilhados, somente os dois. Além disso, criamos uma rotina a nosso molde de convivência. O bar está pouco animado e vamos algumas noites, para fazer companhia aos poucos que ficam, para passar o momento e tomar algumas bebidas. Tudo está muito sereno e não parece como nosso lar. A ausência dos demais é notada. Somos uma família muito unida, e é anormal estar separado do restante. Mas não é algo em que penso muito, já que este período de pausa permite-me estar centrado só em Ema.

Não a quero longe nem por um insignificante segundo.





Gosto de tudo sobre ela. Sua simplicidade, amabilidade, seu carinho puro, sua sinceridade, sua risada. Dá tudo, sem esperar nada em troca. É a encarnação do amor, andando por aí. E Deus, amo-a tanto, de maneira que a necessito para respirar e suportar o dia-a-dia. Agora dou conta do quão insossa e escura minha vida era, sem ela. Encontrá-la foi como uma salvação, sinto como se recuperasse minha alma. Bom, talvez seja muito dizer, as coisas que tenho feito a queimaram, e não é como se pudesse recuperar. Matei pessoas, estou fora da lei. Não sou um santo. Mas, ao menos, sinto que estou completo a seu lado, não faz falta nada mais que ela, ao meu lado da cama, amando-me. Sorrindo e jogando comigo. Escuta e compreende e faço o mesmo para ela, é inexplicável esta fusão tão perfeita entre nós. Posso passar horas acariciando, olhando. Dormir, comer, andar, sorrir. Poderia passar o resto de meus dias plantado em um lugar, deixando que tudo passe, de tal forma que meus olhos a tenham em frente e ao redor. Apenas para escutá-la e ter suas carícias. Não tem volta, estou profundamente apaixonado por ela e suspeito que desde o primeiro momento, em que desmaiou em meus braços. Quero para sempre e digo "sempre", porque sei que ainda morto e enterrado, continuarei amando-a.

Não vou deixar ir. Nunca.

— É minha. — comento esta noite, puxando-a para meu peito.





Está profundamente adormecida e mesmo assim, seu corpo se agarra a mim, como se respondesse, afirmativamente, às minhas palavras. Sei que é, a maneira que se entrega, cegamente, confirma isso. E farei tudo isto o melhor que possa e assim, mantê-la feliz. Farei o que for preciso.

De manhã, sou o primeiro a despertar, enfocando os olhos na claridade da janela. Estiro-me com preguiça e no impulso, quase jogo ao chão o vulto que dorme a nossos pés. Greta. Observo, toda enroscada em si mesmo, dorme tão profundamente, como sua companheira. A verdade é que não sei o exato momento em que se apropriou desse lugar na cama, ela só faz o que quer e quando quer. E sempre permanece perto de Ema. Se estiver na cozinha, ela se recosta no chão, a só uns passos e a olha ir daqui para lá. Se estiver na sala, podemos encontrá-la enroscada no sofá, já que também acredita que é dela. E assim, com qualquer canto que lhe ocorra.

Nunca tive mascotes depois de adulto, só um cão, quando éramos crianças e o pobre era morto de fome como nós, embora sempre arrumássemos um jeito para alimentá-lo. Às vezes, simplesmente não podíamos, mas ele nunca se ia. Era fiel ao Pablito com loucura, eles pareciam ter uma conexão e o meu charme o fazia feliz. Por isso deixamos que ficasse, quando entrou em nossas vidas. Agora sinto estranho ter Greta ao redor. É silenciosa e





tranquila, come e dorme a maior parte do tempo e só sai ao exterior um curto momento no dia. É bom tê-la conosco. Além disso, faz a Ema feliz, e isso é o que de verdade importa-me.

— Tenho um plano para hoje. — Menciono, quando se levanta e toma o café da manhã.

Sirvo sua habitual xícara de café e se senta junto a mim, para beber e comer bolachas. Ela sorri, sonolenta e eleva o braço, para tocar em meu rosto. Sempre faz isso, cada manhã e cada noite, como para não esquecer meus traços, ou talvez seja só uma forma de carinho. Inclino-me e a beijo nos lábios, sorrimos, ao nos separar.

— Que ideia? — Abre seus olhos de caramelo, com brilho curioso.

— Uma volta de moto, tudo bem? — Pergunto, tomando meu café.

Ela ri e agora sim, despertei todo seu entusiasmo. Acredito que passamos muito tempo fechados em casa, em especial ela, que não vai além do meu apartamento ao bar e de volta. Ou de visita a Lucre e Francesca. Já que o assunto de seus pais parece ter acalmado, a polícia deixou de procurar e a repudiaram, acredito que por mais que os encontremos, não têm nenhum direito sobre ela, para obrigá-la a fazer nada. Refiro-me ao caso de que queiram levá-la





de novo à sua casa e separá-la de mim. Eu não permitiria que se intrometessem em nossas vidas com más intenções, terão que lutar, como eu o farei. Com garras e dentes.

— Eu gosto da sua ideia, nunca subi em uma moto.

Depois, vou à oficina encarregar-me de certos ajustes na motocicleta que ficaram pendentes, depois da viagem. Ao terminar, perto do meio-dia, volto para casa e ajudo Ema a cozinhar. Sempre espera, para fazermos juntos, porque sabe que não poderá sozinha. E essa é outra faceta dela que adoro, aceita-se assim como é e não se deprime, quando há atividades que ficam fora de seu alcance. Se tiver que pedir uma mão extra, faz sem vergonha e só se compromete com o que pode realizar. Sei que lhe custou anos e anos estar em paz com essa atitude, ante a vida e entendo que não deve ter sido fácil. Adoro a fortaleza desta pequena mulher.

Uma vez a comida assentada em nossos estômagos e os pratos limpos, levo-a pela mão até o estacionamento, onde deixei minha moto, depois de revisar. Á esta hora, o bar está fechado e solitário e não há ninguém ao redor, quando vamos. Antes de subir, coloco o capacete em Ema e o seguro sob seu queixo. Tomo sua bengala, fecho e guardo dentro da minha jaqueta. Ajudo-a montar e, imediatamente sigo. No princípio fomos com calma, devagar, saindo do recinto e nos apropriando da estrada mais afastada, já que é a que menos tem trânsito. O dia é fresco, mas ainda está dentro do





que se pode considerar agradável, antes que o cru inverno chegue. Por isso decidi fazer isto hoje, antes que tenhamos que ficar presos.

Ema não está assustada nem cautelosa ante isto, mas sim, não para de rir. Á vibração do motor, ao ar, correndo ao redor e a sensação de estar apertada tem-na feito uma louca. Pede que aumente a velocidade e o faço pouco a pouco, embora nunca, alarmantemente rápido. Assusto, quando ela se levanta sobre as asas do apoio dos pés e agarra meus ombros, gritando. Começo a gritar que se sente, nervoso de perdê-la.

— Mais rápido! — Grita.

Recuso, zangado, desacelerando e parando, para obrigá-la a sentar em segurança.

— Não! — Reclama. — Preciso sentir em meu rosto, não pare! — Exige, segurando em punhos meu casaco.

Começo a discutir, então coloca esse olhar de filhote de cachorro ferido, que tanto me atinge. Não posso evitar cair em suas redes e deixo fazer o que quer. Volto a tomar o caminho lentamente, acelerando de forma gradual, já que vai apoiada em seus pés. Tenho pavor que caia, em troca, concentro no forte agarre em meus ombros. Ela deveria ter medo, sei a história sobre sua irmã e como morreu. Entretanto, é mais forte sua convicção de experimentar, Ema não ficaria





paralisada no medo e na ideia do perigo, que tirou a vida de sua irmã mais velha. Não tem reservas sobre isto, desfrutará o máximo que puder.

— Wow! — Grita com força, rindo. — Estou voando, Alex. Estou voando. Isto é fabuloso!

Rio, é mais forte que qualquer medo que se machuque. Ser testemunha de semelhante felicidade, meu coração incha e contrai forte, provocando uma pontada de dor linda, que me faz estremecer. Ela segue gritando o resto da viagem. Perto do final, quando quase estamos pisando em nosso lugar e a velocidade é lenta e constante, inclina-se e fala no meu ouvido.

— Obrigado, Alex — diz contente. — Esta foi uma das melhores experiências de minha vida. Temos que repetir mais vezes, por favor.

O calor em sua voz me derrete.

— Faremos quantas vezes quiser — asseguro-lhe.

Entramos no recinto novamente e deixamos a moto, ao lado das demais. Agora Adela está em seu lugar de trabalho, arrumando a leve desordem da noite anterior. Jorge e Bianca também estão lá, dando uma mão. Deduzo que Tony está no jardim de infância, junto com Abel. Santiago não se vê em nenhum lugar, deve estar dormindo, já que tem





problemas para dormir à noite. Tudo está quieto e, ao entrar, ninguém perde a euforia de Ema. Suas bochechas estão vermelhas e seus olhos brilham como nunca antes. Ela se aproxima e me abraça.

— Amo-te — sussurra e me beija.

Ah, sua felicidade é minha felicidade. Completamente. Estou a ponto de responder, repetindo as mesmas palavras, que já faz tempo, ferroam em minha garganta para sair, quando Max sai do escritório, onde esteve comprovando alguns papéis. Seus olhos preocupados posam em nós dois.

— A polícia está entrando nos limites. — anuncia. — Os meninos da vigilância avisaram por rádio.

Tomo um longo suspiro, meu corpo congelando. Ema perde toda expressão alegre, uma sombra obscurecendo seu semblante. Agarro sua mão, para ir escondê-la. Não se move.

— Não vou esconder-me mais. Estou aqui por minha própria vontade, não têm direito a nada.

— Ema... — Começo a discutir.

Seu pai é um poderoso filho da puta, ele tem os meios para fazer o que lhe agrade. Aposto que tem a metade dos oficiais comprados.





— Não, Alex. — solta, indo mais ao centro do salão. — Estou cansada de me esconder. Além disso, não se desconfiava que já não me procurassem?

Suspiro, nenhum dos presentes ajuda, só observam, pensativamente. Adela é primeira em intervir.

— Nenhum de nós vai deixar que a levem. — A firmeza, em sua voz, demonstra poder. — Ema é uma de nós agora.

Esfrego o rosto e meus ombros encolhem, ao escutar dois carros aproximar do estacionamento. Max sai, para recebê-los com rapidez. Todos nós estamos fixos em nossos lugares, esperando. Meu coração está em minha garganta. Ema tem a bengala nas mãos e o retorce. Vou até ela e a beijo na testa, abraçando-a.

— Alex. — chama Max, seu tom reservado.

Um enorme caroço cresce em meu intestino, quando dou a volta e saio ao exterior, para saber o que acontece. Não faço mais que enfrentar, um dos oficiais levanta um papel, esfregando-o bem no meu rosto com arrogância. Ao mesmo tempo em que outro me rodeia, indo às minhas costas.

— Alex Castillo? — Pergunta firme.

— Sim, sou eu. — respondo sem hesitar, embora não esteja gostando dessa merda.





— Você está sendo preso como principal suspeito do assassinato de Francisco Daniel Ferro e Romeo José Ferro. — começa e o outro sujeita-me as mãos nas costas. Meu coração para. — Tem direito a permanecer em silêncio. Qualquer coisa que diga, pode ser usada contra você junto ao tribunal de justiça. Tem direito a falar com um advogado. Se não puder, o estado lhe proporcionará, imediatamente, um. Ficou claro?

Minha mente está em branco, nem sequer escutei tudo o que acaba de anunciar esse policial. Que merda está acontecendo?

— Ficou claro, senhor Castillo? — Insiste ele, quase com raiva. — Ou tenho que repetir?

Respiro.

— Sim, ficou claro.

Então começam a me conduzir até a viatura.





— O que está acontecendo? — Pergunto, enquanto todo mundo se apressa para fora.

O pânico chega em ondas poderosas, a tensão, que se respira no ar, sufoca-me. Dispersam e Bianca me move para frente. Então escuto o que o oficial relata a Alex. Está falando seus direitos. Porque está sendo preso pelo assassinato dos dois homens que violaram Cami. Os irmãos de David.

Estou enjoada, não posso colocar ar em meus pulmões.

— Alex! — Grito.

Sinto-o na distância, estão levando-o. Afastam de mim. Meu corpo põe-se a tremer. Então o desespero de chegar a ele obriga-me a mover meus pés e correr, embora saiba que posso terminar no chão, por minha falta de percepção. Até esqueci a bengala, em alguma parte do caminho para fora. Corro de qualquer maneira. Não me importa nada mais que ele.

— Alex! — Minhas cordas vocais sangram por ele.

As lágrimas descendo por meu rosto, o vento frio as seca, mas sempre caem novas. Alguém aperta com firmeza, rodeando a altura da cintura e suspendendo, é Jorge, impedindo que me faça mal, na alterada tentativa de alcançar Alex. Ele sussurra que fique tranquila, que irá me ajudar a ir até ele, com mais cuidado. Escuto aos





policiais tentando obrigar Alex a entrar no carro.

— Ema. — chama, sendo afastado.

E choro mais. Uma vez em frente, empurrando os policiais, para que nos deem espaço, elevo minhas mãos a seu rosto. Todo ele está tenso, duro como uma pedra, gelado. Em choque, igual a mim. Meus dedos, tremendo, acariciam-no e levo meus lábios úmidos e salgados aos seus, que forma uma tensa linha reta. Beija de volta, lutando com o agarre dos homens, que o arrastam para trás, para que eu o deixe ir. Jorge também intervém, pedindo, rudemente, que nos deem um segundo. Está chateado pela forma com estão me tratando. Inclusive, parecem capazes de me empurrar.

— Calma, tudo vai ficar bem — sussurra Alex sobre o tumulto e não importa quanto o jure, noto a inquietação em sua voz. — Vou corrigir.

Nego e o agarro, enquanto tentam nos separar. Alex se inclina e dá mais acesso, beijo-o de novo, intuo que o necessita. Resmunga, quando somos arrancados um do outro, ouço-o blasfemar e tratar de escapar. Não posso pensar na ideia de que tudo isto só piora sua situação, os oficiais podem argumentar que se está negando a ser levado. Mas só quer despedir-se de mim.





— Alex! — Ele volta para mim, em um avanço violento, mas nem sequer posso tocá-lo.

Não tem tempo de nada mais, o cabo de guerra é formado e o que se ouve é brusco e tempestuoso. As maldições e golpes. Escuto Alex rugir, quando o dobram sobre o capô, um ruído surdo tira-me o fôlego. Reduzem-no, tratando-o com intimidação e violência.

— Não lhe façam mal! — Grito, tentando ir, Jorge me mantém à distância. Não devo interferir, eu sei. Mas não posso resistir a isto, não quando o estão maltratando.

— Ema — levam-no de novo, direto à parte traseira do carro. — Eu te amo. — Diz agitado e dolorido.

Fecho os olhos, entrando em colapso.

— AMO. — Repete alto e claro. — E vou voltar, tudo ficará bem. Sairei, fique tranquila. Isto não é grave. Logo estarei aqui de novo, com você. Só me espere, está bem? Espere aqui...

A porta se fecha, cortando suas palavras. Paraliso em meu lugar, enquanto os policiais partem, tirando-me Alex. Lamento e choro, logo sou consciente da mão grande em minhas costas, que tenta dar apoio, torpemente. O resto vem comigo, antes lutaram também, mas nem tanto, porque sabemos que tudo poderia piorar, se resistirmos com





tanta veemência. Isto é uma loucura. Não pode estar acontecendo! Um segundo antes, estávamos nos beijando, depois de uma maravilhosa tarde. E o passeio, a sensação de euforia em minhas veias. E meu amor mais vivo pelo homem que me deu de presente estes momentos tão incríveis. Tudo se desmoronou agora, em um breve piscar.

Encolho, afundando entre os ombros. Por que parece que esta foi uma despedida por um longo, longo tempo? Por que meu coração sente como se lhe tivessem arrancado um pedaço enorme? Pulsa, com muita dificuldade, entre minhas costelas, morrendo.

Estou sangrando por dentro.

Alguém volta a colocar a bengala em minhas mãos e pouco a pouco, vou para dentro, nem sequer o calor do interior me acalma. Meu organismo está congelado e pausado, correu pânico, desespero e preocupação ao meu redor. Adela se foi, para acordar Santiago, Max subiu ao escritório, para fazer uma chamada de emergência a Leon, Bianca se senta a meu lado e sustenta minhas mãos geladas. Jorge anda inquieto, ele se preocupa com os Leões, posso sentir, por mais inimigos que foram no passado. Sei algo de sua história, porque as garotas contaram. Agradeço pelo que fez por mim e Alex lá fora.

— Leon sairá à estrada na primeira oportunidade — comunica Max descendo. — Deu alguns nomes,





que chamará por informações, nas próximas horas. Vamos tirar o caralho, sim!— Sussurra. — Filhos da puta!

Pelo som que retumba logo, desconfio que chute uma cadeira. Todos estão querendo subir as paredes. E permanecemos no mesmo estado, durante o resto do dia. À noite, tanto Lucre como Francesca vêm ao bar e ficam conosco, todos unidos por uma mesma causa, contei o que sei sobre a acusação e que tão certa é. E é verdade, Alex matou esses homens e o fato de que possam provar sua culpa apavora-me, como nunca nada antes. Ninguém aqui sabe, realmente, sobre seu passado e eu só posso dar pouca informação, ou a que, verdadeiramente, importa agora na realidade. Eles a necessitam, para saber como proceder, espero que não se importe.

É de madrugada, quando temos a primeira notícia, um Max cansado, descendo do andar de acima. Sua voz debilitada e enrouquecida. Todos nós estamos esgotados, mas duvido que vamos pregar os olhos. Se falar por mim, é evidente que não poderei dormir.

— Vão levá-lo à Capital na primeira hora. — diz e todos se queixam, estou a ponto de desabar. — É a única informação que puderam dar os contatos que Leon tem. Quis indagar sobre alguma possível fiança, mas não souberam confirmar nada. Dizem que o caso está dirigido por um juiz exclusivo de lá e se consegue pouca informação, o





caminho é confuso. É evidente, há travas por todos os lados — protesta irritado — alguém está colocando a mão.

Não tenho que perguntar quem. David. E, muito possivelmente, meu pai.

Enterro o rosto em minhas mãos e me deixo ir, depois de horas e horas de aguentar esta angústia.

— Não posso suportar. — digo, apagada, deprimida. — Não posso suportar a ideia dele na cadeia.

Passaram quatro dias. Quatro tediosos, desesperadores e horríveis dias. Não há notícias. Só sabemos é que não há possibilidade de fiança. Não entendo nada sobre isto, só pergunto por que não? Por que não deixá-lo livre até o julgamento? Max e Gusto viajaram à Capital no mesmo dia que mudaram Alex, levaram com eles o advogado de confiança de Leon. O chefe se unirá com eles lá, entre hoje e amanhã e vão usar todas as malditas cartas que possam. Mas tenho medo, não confio. Nem me permito deixar crescer esperança. Há muitas coisas estranhas ocorrendo, eles não me dizem isso, mas não sou tola. Não perco nada. Alex está em graves problemas, rodeado de corrupção. Não encontro outra explicação à situação.

Papai e David têm tudo que ver nisto. Sei. Já é mais que uma simples intuição. É um sentimento forte, que acorda um milhão de moléstias em mim. Medo, dor, inquietação,





desespero. Já não sei que mais fazer, é impossível estar parada. Nunca sofri tanto em minha vida. Nem sequer, quando perdi a vista, era pequena, adaptei com os anos, pude viver sem ver de novo a luz do sol. Agora, posso seguir sem Alex? Ele me completa, sem sua companhia só sou capaz de cair e desfazer em diminutos pedaços. Ele me deu vida, fez-me sentir viva. Não é justo que tenha que perde-lo tão rápido. Amamo-nos. Têm que me devolver isso.

— Vai sair, Leon o libertará. — Diz Bianca, tratando de enviar ondas de positividade. — O chefe pode tudo.

Adela está de acordo. Leon é um peixe grande, mas me pergunto o quanto, em comparação com meu pai e David. Eles parecem mover as peças que importam, retendo Alex atrás das grades, sem opção de fiança. Estou considerando a ideia de ligar na casa de meus pais de novo e exigir. Mas eles já nem sequer me consideram sua filha, além disso, se antes não lhes importavam meus sentimentos, a esta altura, muito menos.

O que fica por fazer? Esperar? Nego-me a estar aqui sentada de braços cruzados! Preciso me mexer. Quis viajar à capital com eles, não permitiram isso, porque pensavam que, a esta altura, já estariam voltando. Em troca, estão atrasando e tudo está parado no mesmo.

O celular do Santiago começa a vibrar e ele, imediatamente, atende a chamada. Conversa um





momento, a maioria de suas respostas são monossílabas. Em um momento fica calado, escutando e a seguir, coloca o telefone em viva voz, para que todos escutem o que a outra pessoa diz.

É Leon, parece que não faz muito tempo, reuniu-se com outros.

— Preparem as malas, quem quiser tomar o avião para cá — ele comunica sério. — a única maneira de vê-lo é durante o horário de visitas. Alex seguirá preso, isto vai levar tempo.

E só isso, como pressenti, no dia que o levaram, confirmo que esta separação durará mais do que a maioria esperava. E não tenho ideia de como aguentarei.





Capítulo 17

Alex

Um guarda leva-me, ao longo dos corredores, até um dos escritórios, onde suponho que vou depor. É meu segundo dia no cárcere e mentiria, se dissesse que vou levando bem. Nada disto está bem, estou preocupado. Sou culpado, matei-os, tecnicamente, mereço ser julgado. Mas não posso suportar a ideia de passar tanto tempo longe da única coisa que me faz bem, Ema. Amá-la, tê-la, significa felicidade. E agora que tive uma prova disso, estou seguro de que não poderia viver aqui dentro, isolado e afastado dela. Necessito-a. Ajudou-me a curar, a vida não pode me tirar isso tão rápido, ferindo-me de novo.

Deixam-me sentado em uma das cadeiras e estou a ponto de me pôr confortável, com os cotovelos sobre a mesa, embora com os braços unidos, quando o oficial algema minhas mãos atrás, enganchando no respaldo da cadeira. Abro a boca para perguntar se





isto é parte da política de interrogatório, ou o que seja que é isto, mas me contenho. Já aprendi a não abrir a boca nem sequer para dizer "a". E foi a base do olho preto, pintado no meu rosto. Obviamente, sei que estou sendo tratado diferente de qualquer outro preso. Sou especial, por isso adoram me bater. Não tenho que perguntar de quem veio as ordens. Estou aqui por um capricho. David teve anos e anos para me denunciar, por ter assassinado seus bastardos irmãos. Justo agora decide que é o momento. E tenho uma leve suspeita do por que: Ema.

O policial sai e não fecha porta, que é empurrada novamente. David Ferro, meu pior inimigo, entra alegre, como se fosse à sala de estar de sua própria casa. Olha com esses olhos de corvo, negros e insensíveis, levando um delicado traje negro, com camisa branca. É o oposto do tipo de traje usado naquela época. Antes usava blusões de couro, gastos por tanto uso e jeans furados. Percebe-se que se meteu nesses caminhos de merda, onde se fez rico da noite para o dia. Imagino que drogas, mulheres e armas formam parte do pacote. Aperto a mandíbula, tentando manter ilegível. Não deixarei que veja como sua presença afeta-me, por mais que por dentro queira liberar minhas mãos e quebrá-lo pouco a pouco, até que fique, absolutamente, irreconhecível.

— Nunca acreditei que voltaria a te encontrar, Castillo — diz, sentando na minha frente.





Cruza os braços, mostrando um relaxado sorriso falso. Odeio, odeio a fodida imagem dele, justo a dois passos de mim. Não penso seguir este jogo, só deixarei usar suas cartas, então chegará o momento de usar as minhas. E quando isso acontecer, ganharei todas as malditas partidas. Até o final. Assim, só fico sentado, quieto e aborrecido.

— É irônico, não? — Ri. — Nós dois devemos parar no maldito fim do mundo. Fazendo as coisas sujas que estivemos destinados a fazer, desde que chegamos, pela primeira vez, nesta fodida existência. Inclusive, quando nos enroscávamos nas barrigas de nossas malditas mães, já sabia que seríamos pessoas ruins. Não nos pariram, defecaram-nos.

Reservo-me a necessidade de esclarecer que minha mãe não tem nada que fazer metida neste sujo monólogo. A minha não foi uma puta, nenhuma drogada, nem nada que pareça. E não me cuspiu para fora, teve e me amou, fez tudo o que pôde, para me dar uma boa vida. Ela não teve culpa de nada do que veio depois. Dou conta de que David é um tipo ressentido com sua vida, era antes e é agora. Inclusive, quando parece nadar em dinheiro e poder, vê-se que nada do que obteve deixou-o feliz.

— É assim, com os Leões? — Inclina a cabeça, olhando fixamente. — E eles também dão o cu? Ou você dá isso a eles? Como é a coisa?





Nunca corrigi David, em sua hipótese de que eu me prostituía com homens. Suponho que a pessoa, cada vez que escuta essa palavra, em seguida a relaciona desse modo. Os que compram sexo, são os homens. Enfim, as mulheres também o fazem e bastante. Este tipo não me conhece, acredita que o faz, mas em realidade, só idealizou. A pobreza segue um padrão em sua mente, a seu modo de ver somos todos iguais.

— Sabe, não custou muito somar dois mais dois. — comenta aborrecido. — Ema esteve todo este tempo jogando às escondidas, conseguindo refúgio entre vocês. Não entendo como o fez, mas não me interessa... A questão é... Que é uma vadia maldita e caprichosa, perder a vista não a fez mais sensata e mansa, embora devesse. Quer coisas, que alguém como ela não pode ter, já está na hora de voltar para casa. Com seus pais... E seu prometido... — Levanta as sobrancelhas.

Bem. Perco todo o controle com isso, prometido?

— Prometido? — Cuspo estremecendo.

— Eu sou seu prometido. E a estúpida escapou, justo depois de nossa festa de compromisso. Pobre tola, acredita que vou deixa-la ir de qualquer jeito? Seu pai já assinou sua sentença, não há como voltar atrás. É minha. É minha e até com um laço de presente.





Ri depreciativo. Começo a respirar com fúria, colocando ar em meus pulmões. Ema está prometida a este filho de puta e nunca disse nenhuma só vez, sendo que falamos dele em muitíssimas oportunidades. Por que, caralho, não contou isso? Como pode ter escapado semelhante detalhe?

David agita sua mão, tirando importância. Põe os olhos em branco.

— Vamos ao que interessa então. — replica. — Ela não interessa agora. Estou aqui para te agradecer, suponho...

Franzo a testa. Ri, encontrando humor retorcido nesta merda.

— Acredita que, se eu não quisesse que matasse meus irmãos, teria feito assim tão fácil? — Gargalha e, embora não queira, perco a cor. — Vamos, Castillo, é mais inteligente que isto... Entrou e os matou, como se fosse tão normal como respirar... Alguma vez se perguntou por que não havia ninguém mais ao redor? Heim? Minha casinha sempre estava rodeada, eu tinha muitos amigos e sócios, meus irmãos, poucas vezes, estavam sozinhos. — suspira, pondo os olhos em branco. — Limpei tudo para você. Tirou esse par de sanguessugas de cima de mim, economizou-me o trabalho. E, de passagem, teve a oportunidade de vingar sua irmã. Estamos quites.





Está louco. Engulo, para limpar minha garganta, antes de falar. Há um gigantesco nó apertando ali.

— Então, — tomo uma leve pausa, acomodando a loucura que corre em minha mente — por que estou aqui?

Seus olhos se voltam perigosos. Endurece-se em seu lugar, inclinando para mim.

— Fodeu uma de minhas missões. — cospe, levanta e empurra a mesa longe, para que não haja nada entre nos dois. — Zangou-me o bastante, com meus negócios ninguém se mete e sai ileso. Você fodeu, Ema me fodeu. Vocês vão pagar.

Gemo, eu gostaria que deixasse Ema em paz. Mas não quero dizer nada com respeito a ela, pelo visto, não sabe que estamos juntos e espero que tudo siga nessa direção. Já é muito difícil estar com ela. Não acredito que vá aceitar muito bem. Está louco, desequilibrado. Há ódio e crueldade correndo em suas veias, em partes iguais. Não quero despertar em direção a Ema.

— Vai apodrecer no cárcere, Castillo. — ruge. — A mim ninguém fode duas vezes. A não ser... — Pausa, cruzando os braços, — escuta bem o que vou dizer... Dou-lhe outra opção — eleva as sobrancelhas. — Olha, não sou de todo mau, viu? Se quiser, pode sair, ser livre de novo...





Já imagino o que vai dizer, alguma barbaridade, de acordo com sua loucura.

— No momento que ponha um pé para fora das grades, posso destruir os Leões — sussurra enfurecido. — A todos e cada um deles. Deixarei cair tantas bombas, que não haverá nada mais que escombros e cadáveres... E deixarei às mulheres vivas, para que substituam às que perdi naquela noite... Fodendo o negócio e escondendo minha garota... Merecem isso... Mas tem uma opção. Salva-se e os sentencia, ou pagamento... Escolhe.

— Vá se foder. — grito, cuspindo por todo o lugar.

Ri, como se eu acabasse de contar uma piada.

— Ah. — Senta em sua cadeira de novo. — Gosto disto... Para falar a verdade, é a única coisa que desfruto totalmente, ter o controle. Esse poder de submeter as pessoas, sustenta-las justo onde realmente as quero, entende o que digo?

— Está doente. — murmuro. — Se fosse você, não cantaria vitória. Quem ri por último, ri melhor.

Afasta para trás, estirando e cruzando seus pés, enlaçando suas mãos atrás do pescoço.

— Está me ameaçando? — Surpreso. — Viu em que lugar está? Sua posição? — Levanta e vem para mim, olhando do alto. — Está à





minha mercê.

Para provar esse mesmo ponto, golpeia-me com seu punho fechado. Trago um gemido, quando o fio do grosso anel, que leva no dedo médio, corta meu rosto. O sangue jorra, abundantemente.

— Está justo onde te quero. — Toca meu ombro.

Mexo-me com raiva, tratando de tirar sua mão de cima mim.

— Agora, adorei esta conversa, ficaria, mas tenho que ir recuperar o que é meu. — parte para a porta, com as mãos nos bolsos. — Chegou o momento de minha verdadeira recompensa. Tenho uma prometida, que tem o dever de me agradar. E desta vez não vou ficar de braços cruzados, olhando como escapa das mãos. Só desejei duas mulheres, em minha vida. Uma delas era a melancólica e preciosa Cami — recita o nome de minha irmã, como se o saboreasse, perversamente, em sua língua. — Queria para mim. Mas não pude me dar ao luxo de ficar com ela — olho, bílis subindo à minha boca. — Tive que convertê-la em negócio... Sim, às vezes, tem que desistir de certas coisas, para chegar a ser o que realmente quer. — lamenta.

Parece cair em uma espécie de transe por uns segundos, até que se recupera e acorda.





— Mas, Ema? Não, ela é minha. Sempre foi. Agora tenho que aproveitar meu tempo a seu lado, mostrar quão digno sou dela.

Não dá oportunidade de resposta, sai, deixando-me sozinho, afogando em raiva, vômito, medo e dor. Vai pela Ema. Não se satisfez, tirando minha irmã. Agora, também deseja a mulher que amo. Não, tem que haver uma maneira de frear isto. Não posso deixar que a machuque também. Se isso passar, nunca mais me recuperarei, novamente.

Não consigo suportar a ideia dela sofrendo nas mãos desse doente. Necessito um plano. Já.

Quatro dias depois, sou levado à sala de visitas, pela segunda vez. Primeiro vi Leon e Max, expliquei-lhes minha situação e eles fizeram o mesmo, com os resultados que tinham e com as tentativas de me soltar. Agora, tenho a forte suspeita que não seja nenhum deles que vem para ver-me. Cedo ou tarde isto ia acontecer, por mais que odeio a ideia de que Ema tenha que entrar neste lugar para me visitar, grande parte de mim morre, por vê-la e tocá-la. A grossa e larga porta da prisão se abre e ali a vejo, sentada, com suas costas retas e tensa e uma aguda expressão de depressão. Droga, não posso aguentar vê-la assim. Há manchas arroxeadas abaixo de seus olhos e seu característico rubor desapareceu, deixando no lugar uma pele tão translúcida, que nem sequer suas sardas conseguem contribuir





com cor. Sento em frente a ela e pego suas mãos nas minhas, com meus braços algemados e os cotovelos sobre a mesa.

Jogo um olhar de advertência a Max, ao seu lado. Meu rosto está inchado em um lado e de um feio tom arroxeado e amarelado, junto ao corte do rosto. Espero que ela não o note, mas acredito que é pedir muito. Ema se sobressalta e seus olhos se enchem de lágrimas, então diz meu nome, tremendo ansiosa e um grande pedaço de mim desmorona por completo. Deus, por que insiste em vir? Deveria estar fora, em algum lugar tranquilo e mais saudável, não me visitando na maldita prisão.

Ainda revivo cada minuto da nossa despedida. E sua reação, ao me escutar gritar que a amava. Não era para ser assim entretanto, é minha culpa, por não aproveitar os tantos momentos que tivemos. Tive que gritar, enquanto as autoridades me reduziam e dobravam, para me colocar em um carro de polícia.

Inclino e beijo suas mãos.

— Não deveria vir aqui. — murmuro.

Não, não vou começar a conversação dizendo algo bom. Não, tenho que ser duro e negativo. Só não suporto isto, deixa-me nervoso tê-la em frente e não desfrutar de sua presença, porque levo umas malditas algemas nos braços.





— Vim — disse alto e claro, engolindo o resto do pranto silencioso. — Tenho que estar aqui. Porque te amo, e quando se ama, apoia no que seja. Vamos sair disto juntos.

Meus olhos varrem do seu rosto doce e triste, ao preocupado e duro do Max. Comunicamos com o olhar, ele aperta os dentes e desvia o olhar, negando com fúria. Isto é sério. Realmente sério. Enfrento uma pena de vinte anos ou mais. Não importa o que o clã faça lá fora, as travas de David e Fontaine são difíceis de superar. Por esta altura comecei a me resignar.

— O que está acontecendo? — Pergunta ela, notando a tensão.

Ema sempre sente, nunca perde nada. É essa intuição, que potencializa a causa do sentido que lhe falta, a percepção do entorno não lhe falha nunca.

— Sinto saudades — digo, e é a pura verdade. — A única coisa no que penso é em nós, todo o tempo...

Seu pequeno nariz avermelhado enruga e sei que se esforça para não voltar a chorar.

— Também sinto... — Sussurra e entrelaça nossos dedos.

Nisso roça as algemas e estremece, seu queixo treme e inspira com força. Max se levanta e sai, dando-nos





privacidade. Sabendo que a necessitamos.

— Não quero te mentir. — começo. — Não quero que se iluda em vão. A verdade é que minha situação é complicada. Muito. Até o momento neguei tudo. Não há provas suficientemente claras, algo que teria valor, para me permitir sair deste buraco negro. Mas seu prometido — seus olhos se abrem, surpreendidos — tem uma equipe dura e inteligente. É corrupto. Cedo ou tarde, vão me fazer cair. Meu advogado está trabalhando arduamente, pondo todo seu empenho. Entretanto, temo que, se quero sair bem de tudo isto, teremos que jogar igualmente sujo. Estamos vendo as possibilidades.

Uma grossa lágrima cai do canto de seu olho, desce sua bochecha até seus lábios irritados e pálidos.

— Ele não é meu prometido. — levanto nossas mãos unidas e limpo a lagrima com meu polegar. — Não importa o que ele ou meu pai digam, Alex. Eu nunca estive de acordo com isso e como o vejo, sou a única que tem voz e voto em minha vida. Esse filho de puta não é meu prometido. Nunca vou me casar com ele.

— Shhh — acalmo, doce, beijo suas mãos, fecho os olhos sentindo a textura de sua suave pele. — Sei. Sei. Entendo.





— E vai sair — insiste, sua voz dura, letal, convertendo seus lábios em uma fina linha reta. — Vai sair, faremos o que for preciso, para te tirar. Não duvide nem por um segundo. Precisa de mais dinheiro? Está bem, vou conseguir mais dinheiro, pagaremos gente mais corrupta que a deles...

Nego, por um momento me diverte a decisão e fortaleza que põe em seu discurso. Sorrio pela metade e seu rosto contorcido abranda-se. Separa uma de suas mãos das minhas e a leva ao longo de meu braço, sentindo saudades do meu contato. Respira pelo nariz, enquanto acaricia e fecha os olhos, para esconder a umidade neles. Esquivo seu rosto cheio de dor, se continuar vendo-a sofrer assim por mim, vou romper. Não há nada mais na vida que me afete tanto, como esta mulher.

Inclino mais contra ela e beijo sua testa.

— Amo-te. — Digo. — Nunca esqueça, aconteça o que acontecer. Isso nunca vai mudar.

E com isso a separo, fica menor na cadeira, afundando-se. Baixa seu rosto e se esconde nas pesadas cortinas de seu cabelo. A seguir, roço meus lábios nos seus, porque sei que necessita disto. Responde imediatamente e assim, saboreio a angústia salgada, que penetra em nosso beijo. Eleva suas mãos e segura meu rosto entre elas. Ali se congela.





— Alex! — Grita, saltando em seu lugar.

Amaldiçoo. Esqueci de impedir que me tocasse. Fecho os olhos com um lamento e a ouço chorar mais forte, sacudindo-se.

— Está ferido! Quem lhe fez isso? — Não para de fazer perguntas, frenéticas. De repente, isto fica mais doloroso para os dois, Ema já não se controla, com seu rosto molhado, obtém minha cabeça mais perto, tocando-me. Dou permissão, porque já não serve de nada impedir. Descobriu, deixo-a me tocar, esquecendo, por um momento, a merda que me rodeia, graças a seus lábios.

— Não é nada, briguei com outro detento. — minto, descaradamente. Nega, engasgando-se.

— Não, não, pode falar. Não foi outro detento, é mentira. Não minta para mim, não sou tola. Foi ele? Foi David, esse filho da puta, que vai para o inferno. — grunhe, apertando seus punhos. Estremece de fúria, indignação e tristeza.

— Já terminou seu tempo. — aproxima-se um guarda, para comunicar.

Pressiono minha mandíbula e assento. Outra vez, acaricio o rosto molhado de Ema, enquanto ficamos de pé. Então se aperta contra mim, tratando de encher-se com meu calor, antes que nos separem. Fecha suas mãos em





minha feia roupa de cárcere, enrugando e eu passo meus braços por sua cabeça, para rodeá-la também. Ela molha o tecido e meu coração se quebra, também quero deixar ir e chorar como um bebê, mas devo ser forte agora. Não posso deixá-los ganhar, ver-me desmoronar só lhes faria mais felizes. Max vem e oferece o braço a Ema, ela toma, mas segue sem me soltar.

— Todos nós vamos fazer o que for preciso para te trazer de volta.. — disse, seus olhos de caramelo elevados para mim. — Se faltar mais dinheiro para conseguir uma equipe mais letal e suja, faremos.. — promete. — Posso... Posso chantagear minha família, ou o que seja.

— Não se atreva — rosno, tocando seu queixo e o levantando mais perto, nossos rostos a centímetros. — Não se atreva, Ema. Entendeu? — Fixo-me no Max. — Não a deixem fazer nenhuma loucura, está bem? Nenhuma puta loucura.

Ema franze a sobrancelha e a beijo, rudemente, nos lábios, tomando tudo dela e dando tudo de mim. Relaxa só durante os segundos que dura o momento.

— Algo vai acontecer — digo, crédulo só por fora. — Eu te amo. — Aceita, limpando as lágrimas sob seus olhos.

— Eu te amo — repete.





Beijo-a outra vez e nos soltamos. Um policial se aproxima e me segura pelo braço, para levar de voltar para minha cela. Não tiro minha atenção dela, até que passamos a porta e a perco de vista. O pouco que fica de meu coração, retorce em meu peito, o resto foi arrancado e atirado aos pés dessa formosa e nobre mulher que amo. Dói não estar seguro se ela terá a oportunidade de se levantar e se curar.

A cada dia que passa, as esperanças vão abandonando, sem culpa e sem olhar para atrás. Deixam-me sozinho, na escuridão, atrás das grades.

Ema

Já se passaram duas semanas e tudo segue igual, ou inclusive pior. Cada vez estamos mais perto do julgamento e sabemos que temos poucas possibilidades de salvar Alex de uma condenação de vinte anos. Dizer que estou estressada e inquieta é pouco. Não durmo mais de quatro ou cinco horas por noite e cada vez que acordo de madrugada, uma pontada de dor se assenta na base do meu coração. O outro lado da cama está vazio e frio e nem sequer tenho Greta enroscada a meus pés. Meu quarto de hotel é singelo e cômodo, mas





parece muito grande e solitário. Fico louca, desesperada, então, só sento ali e ouço minha triste respiração. Evitando o pranto. Não quero chorar mais, não quero que o sentimento de que estou perdendo Alex para sempre, aproprie-se de mim. Toda a vida fui uma garota positiva e alegre. Agora sou sombria e cada dia que passa fica pior. Esta sensação de constante tontura cambaleante, justo na beira de um precipício, que não passa, só se intensifica. Se não conseguirmos resgatar Alex disto, vou saltar. Serão anos e anos sentindo-me assim, oca e gelada por dentro.

Estou desesperada.

E estou a um passo de tomar a decisão mais dolorosa de minha vida.

— Ema? — Fala Adela, enquanto tomamos o café da manhã no restaurante. — Está pensando muito.

Pois, sim. Estou pensando muitíssimo, ultimamente. Em todas e cada uma das coisas que estão ao meu alcance, que podem solucionar este injusto problema. Neguem ou não, posso ser o ponto, em tudo isto. E todo mundo deve saber que, para tirar Alex deste buraco, sou capaz de qualquer coisa. E estou começando a considerar as medidas drásticas. Porque não posso viver, sabendo que ele está encarcerado por matar dois dos ratos imundos que violaram





sua pequena irmã de quatorze anos. Se puder evitar, farei, sem pensar duas vezes.

Subimos as escadas até o quarto que ocupa o líder, no corredor acima do meu. Percorremos com passos tranquilos, Adela a meu lado, embora sem me tocar, porque levo minha bengala.

— Estou desesperada, igual a todos vocês. — digo, quase chegando. — E não me diga que ninguém está pensando nas possibilidades, todo o maldito tempo. Todos queremos Alex de volta. Eu, mais que ninguém, amo-o e o necessito.

— É verdade. — lamenta. — É muito pedir que não pense demais. — suspira, resignada.

Entendo que esteja preocupada comigo, ultimamente não fui eu, a sorridente Ema. Mas sim, só existo como uma sombra, que anda daqui para lá. Não me sinto viva, para falar a verdade, estou me sentindo como antes de conhecer os Leões. Apagada. Afogada.

Chegamos à porta e não batemos, ficamos ali, escutando o alvoroço de homens gritando dentro. Até com a grossa madeira separando-nos, escutamos tudo.

— Disse que o estava controlando! — grita alguém, assumo que é Max.





— Já sei que o disse. — responde o outro. — Mas tudo saiu do controle, esta última semana. Não há álibi! Caralho, como escapar disto, sem um?

Respiro e permaneço imóvel em meu lugar, um pouco mais perto da porta.

— Inventemos um, caralho! — Recusa Max, de volta. — Faça algo, estamos pagando uma fortuna, Álvarez.

Não faz falta adicionar que Álvarez é o advogado. Agora estou confirmando meu pior temor: não é suficientemente áspero, para lutar neste lago. A equipe do David o engolirá de uma só vez e compartilharão entre todos seu esqueleto. Começo a tremer, as esperanças caindo a meus pés, agonizando.

— O que vai inventar? Que testemunhas conseguirão? — Salta o advogado. — Alex não conhecia ninguém, nesse tempo, era um menor de idade. Estivemos pensando em muitas ideias entre os dois, ambos sabemos que as que nos cruzaram, não são críveis, absolutamente... Ele matou esses homens, é questão de tempo para que o condenem... A solução que proponho é que confesse de uma vez, trabalhando em reduzir a condenação a uns três ou cinco anos.

Estremeço e Adela cospe uma maldição a meu lado. Agora estou apoiada na madeira, com a testa nela e as





pálpebras apertadas, como se estivesse rezando.

— Como, caralho, vai reduzir vinte anos a cinco? — Quer saber Leon. Ao fim ouço sua voz, está tenso, dá para sentir seu medo, desde minha posição.

E com isso derrubo-me. Se ele, de todas as pessoas, está inseguro, então estamos em graves problemas. Muito graves. Leon é a voz da razão e um líder com todas as letras, completo. Ele sempre consegue soluções. Jamais deixaria que acontecesse nada a nenhum dos seus, mas parece que, desta vez, o assunto vai derrubando pouco a pouco.

— Alegando a verdade. — explica o advogado. — Fez justiça com as próprias mãos. Foi tomado pelo desespero e dor, pelo que fizeram à sua irmã. Perdeu o controle, era um adolescente... Isso pode ajudar.

Silencio durante um par de minutos, minha respiração se agita.

— Não. — salta Santiago, até posso imaginar, escutando tudo das sombras. — Que parte de tudo isto não entende? Tanto os advogados contrários, como os juízes, são corruptos. Corruptos. Confessar a puta verdade não é uma opção inteligente, temos que pôr uma trava igual ou melhor, que as que estão usando.





O silêncio enche o longo intervalo que segue, até que Santiago prossegue. Sua voz estável e fria.

— Esquecem de que isto não é um julgamento comum. — Fala, sua voz muda de lado, isso me diz que está caminhando de um lado para outro. — Temos que ser mais letais que eles e até agora, só parecemos um grupo de novatos incompetentes. — Cala abruptamente. — Voto para conseguir outra equipe de defesa.

— O quê? — Reclama o advogado. — Trabalhei para vocês toda a vida!

— E que caralho importa? — Grita Max, enfurecido. — Este é o caso mais complicado que trouxemos e não sabe o que fazer com ele. Se fosse por sua estúpida lógica de advogado principiante, meu amigo vai pegar trinta anos de prisão. Eu também voto para que vá a merda.

Isto está desmoronando. Se nem sequer somos capazes de nos colocar de acordo com a equipe que defende Alex, isto não vai terminar bem. Não. Retendo as lágrimas de meus olhos, giro e volto sobre meus passos, intumescida. Logo estou consciente de Adela a meu lado. Acompanha de volta a meu dormitório e uma vez ali, deixo-me cair na cama, respirando pelo nariz.

— Esqueci-me! — Diz Adela, usando uma voz suave para me acalmar. — Ontem, caminhando de volta da





parada de táxi, vi estes em uma vidraça. Imediatamente, pensei em você. — ri, mesmo assim soa tensa.

A que vem tudo isto? Não lhe importa o que acabamos de escutar?

— O que são? — Pergunto cabisbaixa.

— Brincos. — disse, sentando a meu lado, coloca-os em minha mão. — São pequenas flores delicadas, com pétalas banhadas em prata e uma pedra preciosa no centro, de um vermelho brilhante. São delicados, bonitos. Pensei que você gostaria.

Esta não soa como Adela, mas sim como Bianca. Se não fosse porque ela ficou no quarto, pensaria que foram trocadas. Isso me tira um sorriso fraco. Assento e os devolvo, para permitir que os coloque. Desembaraço o cabelo de minhas orelhas e inclino. Ela manobra e os coloca. Não usava aros antes, embora sempre estivesse minha mãe ali, obrigando a usar pérolas caras. Uma vez que termina, ficamos em silêncio, sem saber que mais fazer ou dizer. O momento "Brincos novos" fica atrás, esquecido, em um piscar de olhos.

— Poderia... — Engulo o nó em minha garganta. — Poderia me deixar sozinha por um momento? Não me sinto bem, acredito que vou tentar dormir um pouco...





Minha voz soa áspera e triste, ela está de acordo e, embora tente me persuadir de que não tem problema em ficar e fazer companhia, até que durma, nego e insisto que estarei bem. Vai e não passa despercebido que não fica muito convencida. Fico sentada e quieta por muito tempo, tentando reunir forças para o que planejei fazer na última meia hora. Considero que já estamos com a corda no pescoço, esta é minha última manobra e, simplesmente, sei que também será a definitiva.

Tomo o telefone celular, que aprendi a utilizar, nestas últimas semanas. Esforço em recordar o espaço de cada número, procurando que os nervos não bloqueiem minha memória. Marco o código de área, seguido pelos dígitos correspondentes. Com mãos tremendo, coloco-o em meu ouvido e espero. Desta vez não me importa ser rastreada ou não, vou lhes dar o que querem, depois de tudo.

— Olá? — Mamãe atende.

— Mamãe. — Sem saudação, fria. — Quero falar com papai.

— O quê? — Pergunta, surpreendida. — Emaline?— Fecho os olhos tomando uma respiração rápida.

— Ema. — Corrijo. — Passe para o papai. — Ordeno.

Aceita, um pouco contrariada por meu tom. Intermináveis segundos depois,





Fabrice Fontaine se coloca do outro lado. Sua voz grave retumba em meu tímpano, provocando calafrios ao longo das costas.

— O que tenho que fazer? — Solto, firme.

— O que têm que fazer com o que, Emaline? — Sua voz é igualmente fria, como a minha.

Nós dois estamos nos mostrando ofensivos e zangados um com o outro. Não me importa. Meus pais já não são parte de minha vida, em troca, agora, o único que tenho em mente é Alex e sua liberdade. Estou disposta a pagar o preço.

— Para que liberem Alex Castillo. — digo, evitando o detalhe de que é o homem que amo com minha vida inteira. — O que tenho que fazer para que o deixem em paz? O que tenho que fazer, para que não incomodem mais a meus amigos? — Acabo, com os dentes apertados de raiva.

A pausa que segue cria uma larga brecha na comunicação. Cada tic tac do relógio despertador, na mesa de cabeceira, representa, em minha cabeça, aos de uma bomba, a ponto de explodir na minha cara.

— Já sabe o que tem que fazer...

Correto. É verdade. Estou segura do que eles querem e dói na alma, aceitarei suas regras a partir de agora.









Furia de los Leones MC #4

Capítulo 18

Alex

Cuspo uma bola de sangue e saliva, por causa das feridas no interior de minha boca e torço o gesto, endireitando meu enfoque. Estou esforçando para não perder os sentidos. Coloco ar, dolorosamente, através de meu nariz quebrado.

— Por que não soltam minhas mãos?

Pergunto, a metade de meu rosto dormente, meus olhos inchados não deixam ver claramente.

Balanço a mão.

— Não? Isso é porque é um puto covarde — pigarreio. — Sabe que eu ganharia. Não têm nada que fazer contra mim.

David olha, com o cenho franzido, da sua posição em frente a mim, seu rosto vermelho e suado, em uma careta,





que demonstra sua transbordante ira. Desta vez não veio conversar. Não fez mais que entrar, tirou a jaqueta cara, arregaçou sua camisa e formou punhos. Enfurecido. Porque nos viu, a Ema e a mim, outro dia, na sala de visitas. Viu que somos mais que conhecidos ou amigos. Soube de nossa intimidade, foi testemunha de nossas carícias e beijos. Ele quer me matar, por tocar a sua prometida, por tê-la primeiro.

Tenta me nocautear com outro soco e gemo, apertando os olhos com força, para não cair na escuridão. Não posso aguentar, mas imagino a imagem que tem de mim. Desfigurado. Sinto meu rosto pulsar, fortes e intermináveis pontadas por todo lado. A esta altura, já não há sensibilidade em nenhuma parte. Meu olho menos castigado já está fechando também, cada vez que dá uma pausa, fios de saliva e sangue caem de minha boca. Essa é a pior surra que recebi na vida.

— Ela é minha. — Inclina seu rosto à altura do meu. — Você, puta cadela guia de ruas, espero que tenha desfrutado, porque nunca mais a verá de novo. Serei seu marido, seu dono. — sussurra, seus olhos negros diabólicos.

Rio como posso, já sem forças. Acreditava que era um louco, mas não nesta medida. Está desequilibrado, odeia a ideia de que tive Ema, antes dele. Não pode suportar isso. Nego, ante sua estupidez, seu nível de obsessão. Quem diria? É um demente. E escondo o fato que me aterroriza





que encontre Ema e a leve. Mas não quero mostrar fraqueza, tenho que endurecer, por mais terror que sinta pela segurança da garota que amo. Roguei aos Leões que cuidassem dela, que estivessem atentos, porque, conhecendo-a como a conheço, sei que é capaz de alguma loucura, para me tirar daqui.

— Pegue tudo o que queira, Castillo. — sorri, revelando os dentes — Ao final, nos dois sabemos que ela virá para mim, porque essa é a única forma que fará com que te deixe ir...

Imobilizo em meu lugar, com calafrios. E só assim, antes do último golpe, antes que minha cabeça exploda e pendure do meu pescoço, inconsciente, algo me avisa que ele sairá com ela.

Água gelada é lançada de um balde na minha posição torcida, no chão da cela. Entra por minha boca e nariz, fazendo-me tossir e virar sobre o corpo. Dois guardas estão ali de pé, sorrindo, malignamente, enquanto desfrutam de meu deplorável estado. Junto as poucas forças que restam, para poder empurrar para cima, em meus cotovelos, acabo sentado a seus pés, vendo por entre as frestas de meus olhos a ponto de arrebentar. Lançam uma bolsa com gelo aos meus pés e se vão, fechando com chave. Zombam de mim, mas estou, suficientemente, preocupado por outras coisas para que me importe. Retiro a camiseta pegajosa, manchada





de sangue seco e cubro a bolsa. Coloco sobre meus olhos e nariz, respiro pela boca, enquanto recupero.

Estou ali por horas, até que o gelo vira água. Volto a colocar a camisa enrugada e úmida e sento na suposta cama.

— Disseram que foi um puto. — fala um dos vigilantes, rompendo a política do lugar, certamente.

Ignoro, o resto ri, inclusive outros detentos. Obrigado por isso, digo por dentro. A última coisa que preciso é que algum destes doentes drogados ataquem por aqui, em busca de diversão. O cansaço quase me vence, quando nos dão permissão de um breve recreio ao ar livre. Preciso ver a luz do sol, assim vou, por mais que sequer possa sustentar em meus pés. Espero sentir-me melhor depois disso e não como se um caminhão tivesse me atropelado.

Fecho os olhos, uma vez fora, fico apoiado contra um paredão, relaxando os músculos. A paz dura pouco, porque um dos detentos aproxima-se, sustentando um cigarro. Observo vir, passo a passo, mancando perceptivelmente.

— Você quer? — Pergunta.

Nunca estive na prisão, mas não preciso ser um perito, para saber que este tipo traz merda com a que não quero lutar. Desvio meus olhos a outro lado, fechando os punhos nos bolsos. Tensionado. Não falta muito para





que as cordas fiquem bem justas e ativem a raiva crescente, em meu peito.

— Agora não há ninguém. — olha para trás, cochichando — Uma chupada, por um cigarro...

Olho com profundo ódio, franzindo as sobrancelhas, sem importar a dor. Está tirando sarro, este idiota filho da puta não pode falar sério. Ha! Por que me surpreendo? Isto é normal, neste lugar. Nunca recebi uma proposta como esta.

— Saia daqui. — grito.

— Uma por dois, então? — Saca outro cigarro de seu bolso.

— Não me faça repetir. — digo, apertando os dentes.

A raiva que acumulei, todo este tempo preso, longe de Ema e de meus irmãos, à mercê de um doente do caralho como David, deixou-me no limite. Se este tipo não der a volta agora mesmo, vou matá-lo e aí sim, sem mais desculpa, poderei estar seguro de que apodrecerei nesta prisão.

— O maço inteiro? — Insiste, dando um passo para mim.

Jogo-me contra ele, esmagando-o contra a parede mofada. Sacudo, golpeando sua cabeça com força. Ele quer devolver a briga, não dou tempo.





— Coloque esses cigarros no cu. — cuspo, lançando-o ao chão. — Aproxime-se de mim mais uma vez, e eu te mato, escutou?

Caio sobre ele esvaziando a violência armazenada em meus punhos, em sua cara, usando como um saco de boxe. Esta cena faz que os outros internos enlouqueçam e o tumulto aumenta. Em pouco tempo, isto vira uma batalha campal, recebo mais surras, do que alguma vez acreditei que poderia aguentar. Entre a do David e a destes gorilas, acabo estendido no chão, feito uma massa branda de carne e ossos. Não posso levantar. Um exército de guardas vem terminar com o circo, sou arrastado de novo e posto em meu quadrado gradeado, igual ao resto. Suspiro, olhando o teto cheio de umidade e não me movo por longo, longo tempo.

Nem a surra que dei, nem a que recebi, acabaram com a adrenalina que corre em minhas veias, preciso golpear duro, brigar. Matar. O nível de energia me mantém ali, respirando agitado, em necessidade de mais.

Sinto que acabarei envelhecendo neste buraco de merda, que nunca mais conseguirei sair.

No dia seguinte, meu estado é ainda pior. Não posso nem mover. Fui levado à enfermaria, para curar meus golpes e o nariz quebrado. E estou, medianamente, limpo. Mas nada disso faz-me sentir melhor. A questão acrescenta também esta





profunda e insistente pressão no peito, que funciona como uma intuição. Simplesmente, estou seguro de que minha vida piorará, não sei como e quando, mas o fará. Algo muito ruim está prestes a acontecer. Eu só estou esperando, que não seja nada relacionado a Ema. Preciso saber se está bem, estar incomunicável com meus irmãos põe-me frenético. Ansioso.

Se tiver sorte, nesta tarde de visitas, encontrarei com alguns deles, para que contem tudo o que está acontecendo lá fora. Além disso, faz dias que não sei nada de meu advogado, estou começando a considerar conseguir outro, Álvarez não parece avançar em nada. Necessito de alguém mais seguro de si mesmo e com poucos escrúpulos, que esteja disposto a defender um assassino e a mentir e jurar por minha inocência.

Depois do almoço, passo as horas em minha cela, até que vêm me buscar, para encontrar com minha visita. O desespero vai crescendo, enquanto sou dirigido através dos corredores, passando portas fechadas e zonas de pouca iluminação, Meu coração corre em meu peito, obrigando a acelerar o passo. Tenho que encontrar com os meninos, saber como está Ema e advertir que não a tragam de novo aqui. Não quero que a ira de David desloque-se para ela, melhor manter as coisas em paz. Se quiserem me golpear e se vingar, porque toquei a quem considera sua





propriedade, que o faça. Sempre e quando Ema estiver fora da equação, fisicamente.

Vou à minha mesa de sempre e encontro com uma pessoa, que não esperava voltar a ter em minha frente, absolutamente. Não tomo assento, imediatamente, só fico ali, pasmo. Congelado em meu lugar, de pé, junto à cadeira.

Ela se levanta do lugar, onde estava esperando, e observa com seus negros olhos preocupados. E tristes. Embora o esconda bem, conheço-a o suficiente para ver, claramente, em seu interior.

— Miranda? — Murmuro.

Ela respira e dá um sorriso, metade maldade, metade tristeza.

— Olá, Alex. — dá um passo mais perto.

Então sou rodeado por seus amáveis braços.

Miranda



Alex e eu nos sentamos frente a frente e tenho que esforçar bastante em conter as lágrimas. Nunca gostei



de ser emocional, mas sou uma mulher e com isso, sempre vem um pouco de profundidade. Vê-lo, depois de tantos anos, revolve-me por dentro, mentiria se dissesse que não custou deixá-lo ir, mentiria se dissesse que não senti saudades. Mas ao longo dos anos, soube que sua vida ia bem, que tinha uma nova família e cuidava muito bem de si mesmo. E isso me fez feliz, não importava quanto eu o quisesse em minha vida, sabia que era melhor que estivesse longe da grande cidade e procurasse seu próprio caminho para a felicidade. E esse não era junto a mim, nem seguindo meus exemplos.

Pego suas mãos calosas, seus nódulos estão inchados e rasgados. E seu rosto, feito uma massa disforme de contusões e crostas. Dói, mais que tudo, vê-lo assim. A última vez que seu belo rosto parecia desta mesma forma, foi ao perder Cami, ele tocou fundo, justo em meu coração e fiz o que pude para ajudá-lo. Por isso o mandei embora.

Uma noite, dois dias depois de enterrar Cami, escutei ruídos estranhos em minha varanda da frente. Coloquei o robe e fui olhar, preocupada. Encontrei este menino, que desde então vivia comigo, porque não podia suportar deixá-lo sozinho. Ele estava ali, bêbado, atirado no chão, com seu rosto inchado e sujo de sangue. Colocou-se em uma briga e Alex Castillo jamais fez algo como isso. Mas eu entendia sua dor, sua ira para a vida. O vazio que ficou no peito, consumiu-o. Pouco a pouco, o Alex que encontrei roubando em um supermercado, para dar de





comer à sua irmã, desaparecia e eu devia trazê-lo de volta. Lembro de tê-lo ajudado a levantar e como pude, levei para um banho. Sentei no chão e o banhei. Enquanto me encarregava disso, ele deixou, lamentando e chorando. Nunca o vi chorar, nem sequer quando o caixão da pequena Cami baixou três metros abaixo, no cemitério. Esteve frio, grande parte dele seguia, sem entender o que aconteceu. Mas ali, nesse mesmo instante, Alex caiu na realidade. A crua e dura realidade. Chorei com ele, minha fachada de mulher dura desabou a meus pés, então só fiquei sustentando-o e deixei que a água nos lavasse.

Alex foi meu bebê. E segue sendo. Possivelmente, não no sentido mais convencional. Tive sexo com ele, no princípio, poderia ter ido para a prisão por isso. Mas só foram negócios, só foi uma fase de aprendizagem. Uma transação. Com o tempo, vinculei-me a ele de uma forma diferente. Mais... Maternal, poderia dizer. Acabou sendo o filho que nunca quis trazer para o mundo, mas desejei ter, no fundo. Minha vida não era ideal para dar à luz, por isso, sempre cuidei para não fazê-lo. Sonhava com uma família, por dentro era meu mais profundo desejo, mas me conformei sendo um pilar para este menino de dezesseis anos, desesperado por dar o melhor à sua pequena irmã de treze.

— Passou um tempo. — digo, suspirando.





Assente, ainda surpreso. Entendo, faz uma década que não nos cruzamos. Por um momento, doeu essa brecha, mas superei. Sou uma mulher forte, além disso, nunca o perdi de vista, sempre me encarreguei de saber sobre sua vida e como fazia, por sua conta. Estou orgulhosa dele, sempre estive. Possivelmente, Alex não se sentia assim de si mesmo, mas eu fazia pelos dois.

— Sim. — sussurra, olhando nossas mãos juntas. Não quero me pôr sentimental, assim brinco, em seu lugar.

— Bom, estou segura de que detrás de toda essa máscara de ogro violeta, segue sendo uma beldade masculina. — Rio, pigarreando.

Ele nega, fazendo uma careta. É de domínio público que odeia que o considere um homem atraente. Mas, terá que reconhecer, é algo mais que atraente. É bonito, perfeito, por dentro e por fora, a mulher que conseguir seu coração será a cadela mais afortunada do mundo. Se é que já não há alguma rondando por aí, morro de curiosidade. Entretanto, isso não é ao que vim.

— Não esqueceu o que te disse, no dia que te joguei de minha casa, verdade? — Pergunto, procurando em seus olhos, que me esquivam.

Assente.





— Que se você se metesse em problemas, chamasse.

Virtualmente, expulsei-o, é verdade, mas não de uma maneira ruim. Só lhe disse que pegasse sua moto e fosse para longe, que não voltasse nunca mais. Que não se preocupasse comigo, nem com esta suja cidade, nem com seu passado. Que deixasse tudo para trás, enterrado e se encarregasse de criar um bom presente e promissor futuro. Funcionou, fez. Mas agora, algo saiu errado. E se não fosse por estar vigiando todos estes anos, pagando um investigador, não saberia que está na maldita prisão. Faz alguns dias, recebi a chamada, que me deixou gelada. Meu Alex não pode estar aqui encarcerado.

— Para que iria te chamar? — Pergunta, suspirando.

Está esgotado e odeio que esteja passando por esta merda. Ele é muito bom, para acabar em um lugar como este.

— Porque me preocupo com você. — digo, apertando sua mão.

— Estive te vigiando, bebê, alguma vez te deixei ir de tudo?

Agora consegui sua atenção. Sorrio, ante a ruga em seu cenho. Sei, sou uma perseguidora, mas funciono como uma mamãe pata, com seus patinhos. Alex é meu único patinho. Inclino e falo em tom baixo, para que ninguém escute.





— E porque, assim como me vê, posso ajudar. — Pisco os olhos e ele se mexe em seu lugar. — Posso tirar você daqui Alex.

Incredulidade cruza seus olhos machucados.

— Posso te dar um álibi e testemunhas. — murmuro com cuidado, para que ninguém nos ouça. — E com isso, ficaria, completamente, liberado de tudo.

Respira o brilho da ilusão cruzando em suas íris golpeadas.

— Como? — Pigarreia nervoso.

Suspiro, possivelmente não vai gostar, mas terá que aceitar, se quer sair desta enrascada.

— Uma festa privada. — com o objetivo de enfeitar com palavras, um pouco. Levanta as sobrancelhas até a linha de seu cabelo.

— Quer dizer: uma orgia.

Ponho os olhos em branco.

— Não. Alex, não uma orgia, podemos terminar todos no cárcere, em apenas dizer que estava ali. Isto pode ser um problema para mim. Entende que estou fazendo isso





por você — esclareço, de antemão. — Vai ter que confessar certas coisas, esclarecer que participava de bom grado... O que seja.

— Não me importa agora o passado, o que quero é sair. — Cospe, alisando o cabelo com a mão livre.

A outra está, firmemente, entrelaçada com as minhas, não quero soltar ainda.

— Lembra-se da mulher que apareceu chorando na porta da minha casa? — Prossigo, molhando os lábios com antecipação. — Contei-lhe isso uma vez, deitou-se várias vezes com ela.

— Sim, o que tem ela? — Quer saber. Sorrio torto, minha expressão voltando-se triunfante.

— É a mulher do juiz que tem seu caso, eu deitava com o filho da puta — cochicho, piscando os olhos. — Está disposta a nos ajudar. E de passagem, a afundar seu marido. Quer vingança e ela deporá em seu favor, como testemunha de que estava aquela tarde na festa. Entre nós duas, organizamos um plano, há muita gente que nos deve favores, Alex e eles vão ser testemunhas também... Além disso, têm muito que perder, se falharem, estou disposta a agarrar a muitos pelas bolas, para te tirar daqui...

Morde seu lábio e me olha fixamente, tratando de me ler.





— Por que está disposta a fazer tudo isso por mim? — Pergunta inseguro. Limpo a garganta, enterrando a umidade, que tenta acumular em meus olhos.

— Porque te amo, Alex — murmuro, respirando. — Amo-te muito. Não importa todo este tempo que estivemos longe, sempre será meu bebê. O bebê que descobri roubando um supermercado. O bebê que me rompeu o coração, a primeira vez que o convidei para jantar. — Sorrio, entre lágrimas, diante da lembrança dele colocando a mão no interior de um pão, para tirar o miolo, porque era sua parte favorita. Golpeei-o com um jornal enrolado, dizendo que isso era falta de educação.

"— Por que faz isso? — Quis saber, ofendida, pondo um prato de macarrão com molho, frente a ele.

— Porque é a parte boa — diz, como se fosse a lógica do mundo."

Tive que correr para o banheiro, trancar-me e ter um momento a sós, sentei na tampa do vaso sanitário e chorei. Chorei, porque esse menino, em minha cozinha, acabava de romper meu coração. Toda sua vida comendo pão duro e velho, morrendo de fome, tudo, para ceder sua comida aos irmãos. Amei-o então e o amo agora.

Alex não olha, aceito, está tendo um momento intenso, diante de minha confissão. Mas ele deveria saber





o carinho que sinto por ele. Quão orgulhosa estou do homem que se transformou.

— Vou tirá-lo daqui — insisto, limpando meu nariz com um lenço, disfarçando como me afeta. — Dê-me um par de semanas e será livre. Prometo.

Nosso tempo termina e ficamos de pé, ali, frente a frente, dou um passo a ele e me estiro sobre as pontas de meus saltos, para beijá-lo na bochecha machucada. Sussurro um adeus e o deixo ser levado à sua cela. Ele dá um olhar para mim, enquanto caminha até porta, ali é quando vejo quão agradecido sente-se. E com isso, alcança-me.

Agora tenho que pôr mãos à obra.

Ema

Já está tudo decidido e arrumado. Ontem à noite foi a última, neste hotel, junto aos Leões e Adela. Passei sem dormir, chorando mares de lágrimas, pelo pouco que durou minha aventura, quando acreditei que podia ter meu felizes para sempre. O pensamento de Alex sendo livre consola-me, mas derruba saber que nunca mais voltarei a tê-lo ao





meu lado. Na cama, cada dia de minha vida. Não sei como vou viver sem seu calor, seus beijos ou seu toque. Sua voz, sua respiração ao dormir profundamente.

Agora estou sentada na beira da cama, aguentando o pranto, acariciando, inconscientemente, o edredom com dedos trêmulos. Uma dor em minhas têmporas se assentou, desde que estive acordada faz umas horas. Mantenho quieta em meu lugar, fisicamente, porque no interior sou um caos de deprimentes pensamentos e terríveis sentimentos. Não posso imaginar meus dias, ao lado de um homem tão horrível como David, entretanto, esse é meu destino. Aceitei ontem à tarde, depois da chamada que fiz a meus pais. Ao final, caí, quando jurei que não o faria. Mas, uma vez que a pessoa que amamos corre perigo, as decisões mudam, para fazer o bem por eles. Entreguei por uma causa, ao menos sei que, quando Alex sair, parte do peso insustentável, em meu peito, liberar-se-á. Serei infeliz para sempre, sendo dobrada por gente sem coração, a que não importo nada. Nem sequer a meus pais, eles me venderam como um pedaço de carne, deixaram que um homem como David se apropriasse de mim.

Batem à porta e sobressalto, vou abrir, para deixar que as empregadas comecem sua limpeza, avisei que podiam vir às dez. Esse é meu sinal de partida. Assim, tomo minha bengala e a mochila, não sem antes perguntar a uma das empregadas, se pode me guiar até a saída dos fundos do pequeno edifício. Amavelmente o faz, deixa que eu





segure no seu cotovelo, enquanto tagarela e me leva escada abaixo. Não a escuto, só finjo que faço, com um sorriso amarelo em meu rosto. Avisa que a entrada dos fundos é só para uso do pessoal, mas para mim fará uma exceção. Isso é o que inspiro nas pessoas, posso obter coisas que as demais pessoas não.

Chegamos à cozinha e atravessamos, ela saúda todas as pessoas que estão ali e me apresenta, como se estivesse dando um tour. Rio e me mantenho calada e amável, parecendo tímida, em vez de triste. Como se não estivesse indo em linha reta e direto para minha desgraça. Estamos quase chegando à saída, longe do calor e o ruído insistente de panelas chocando, quando ouço alguém me chamar do outro lado.

Adela.

O pânico chega, supõe-se que ela e Santiago dormem até tarde, como é que está me seguindo? Grita meu nome de novo e me agito, começo a avançar com rapidez até meu objetivo. A empregada de limpeza está confusa, mas parece perceber meu apuro e me leva rápido, até a parte traseira do edifício. Adela fica atrapalhada na cozinha, entre tanta gente trabalhando e isso nos dá tempo de chegar fora. A luz do sol esquenta meu rosto e começo a suar, não pelo calor, mas sim pelo terror de que Adela acabe com meus planos.





— Obrigada — digo, agitada, soltando-me da garota. — Posso seguir daqui.

Não espero que responda, só afasto, caminhando com rapidez ao longo da rua e respirando com dificuldade, tropeço um par de vezes, mas sigo meu caminho.

— Ema! — Grita Adela, tentando me alcançar.

Está amaldiçoando a garota que me acompanhou antes, porque parece não querer deixá-la chegar para mim, pensa que estou fugindo por alguma causa. E Adela pode parecer perigosa para outros, por isso acredita que pode ser uma ameaça.

— Ema, fique onde está, caralho! — Grita, zangada.

Um braço rodeia a cintura e grito, no instante em que me eleva do chão. Esperneio e a bengala cai das minhas mãos, enquanto arrastam para trás, longe. Escuto o barulho de um motor ligado e sei que é o carro onde me levarão. Adela corre para nós, suas botas soando contra a calçada e o tipo que me carrega saca e destrava uma pistola. Dispara. O som é afogado pelo silenciador e mesmo assim, forma ecos em meus ouvidos.

— Adela! — Grito em pânico, retorcendo, para que me deixem ir com ela.





Oh, Por Deus! O que foi que eu fiz? Mais pessoas correndo e reconheço as vozes de alguns dos meninos, Max é um deles. Reconheço, por que sua maneira de xingar é inconfundível. Não podem devolver os tiros, porque estou no meio, mais homens me rodeiam, afastando-me e atirando contra eles. O que aconteceu com Adela? Está ferida? Atingiram os disparos? Grito seu nome, esperando que, ao menos, grite de volta. Não o faz e começo a chorar.

— Solte! — Agora estou arrependida, não posso ir com eles, dispararam contra meus amigos. — Deixe-me ir!

Dobram-me, como uma boneca de pano, empurrando dentro do automóvel sobre o assento traseiro, luto, mas uma vez ali, é muito mais fácil me dominar, tenho dois gigantes de cada lado. Golpeio a quem consigo alcançar, à medida que o carro segue seu caminho, distanciando do hotel.

— Fica quieta! — Ordena a voz fria do assento do passageiro.

É David. Não permito que sua voz me paralise, entretanto, não tenho opção, dois homens sustentam-me e ele se atira sobre mim entre as poltronas, não passa despercebido a espetada leve, que perfura o interior de meu braço.

— Não. — Choramingo, sabendo o que isso significa.





Não quero perder a consciência, preciso estar segura do que ocorre ao redor e do que vai acontecer comigo a seguir. Mas, com o passar do tempo, não importam meus desejos. Meu sistema se abranda e uma forçada respiração dorme no interior de minha garganta, formando uma lenta e trabalhosa respiração, como consequência de meus pulmões entorpecidos, em reação à droga. Engulo, minha boca seca e choramingo, inquieta. Um par de piscadas depois, o medo que sinto paralisa, está ali, sinto sua presença, mas meu corpo não reage a ele. Passa a um segundo plano. Flutuo no ar, enquanto David fala com seus homens. Não entendo nenhuma só palavra do que lhes diz. Estou perdida, indo à deriva.

Um segundo depois, perco toda a percepção de meu entorno, caio em um poço cego e ali fico, pelo que parece uma eternidade.

Volto, de maneira lenta e confusa. O primeiro que noto é um colchão debaixo de mim. Suspiro, levando as mãos às têmporas, que pulsam com brutalidade. Não tenho ideia de onde estou e isso me assusta da pior maneira que existe. Nunca tive tanto medo como agora, nem sequer, quando me perdi no meio do bosque. De algum jeito havia aceitado morrer congelada ali, na escuridão. Agora? Não posso suportar o que o destino tem preparado para mim.





Depois de descobrir o que David é capaz de fazer, como vou sobreviver sob seu controle?

Duas mãos seguram meus tornozelos e me arrastam para baixo, aos pés da cama, pânico se assenta entre minhas costelas e trago um gemido apavorado. Fico calada, tentando tranquilizar, não obstante, é algo completamente impossível, tendo a alguém tentando despir-me. Sinto mãos grossas cravar em minhas coxas, enquanto sobem a saia de meu vestido e quero vomitar. Lágrimas mudas caem pelo meu rosto, molhando o cabelo. Mordo o interior das bochechas e quando o sinto olhar de cima abaixo, o desejo sexual vindo em ondas feitas até mim, paralisa-me, inclusive acredito que sou capaz de tocá-lo.

— Sabe. — Diz David. — Por mais que morra de vontade de abrir suas pernas e conseguir o que sempre foi meu, vamos ter que deixar para mais tarde.

Lamenta e me eleva sentada, para terminar de tirar o vestido. Respiro pelo nariz, não posso mover com precisão, sigo atordoada, mas o sentimento de degradação instala-se, profundamente, dentro de mim. E sei que não se vai em muito, muito tempo. Para não dizer que ficará aqui por toda vida. Não sei se poderei passar por isto com elegância, não é o mesmo, quando meus pais me mantinham dentro de seu casulo de veludo, em forma de cárcere. David quer coisas de mim e não estou disposta a dar, mesmo assim,





estou segura de que não importará o mínimo minha permissão. Possui-me, em corpo e alma. A seus olhos, sou sua para desfrutar.

Escondo um estremecimento, enquanto aprecia meus seios, então, em seguida, coloca outro vestido por cima de minha cabeça. Sinto a textura do tecido cobrir meu corpo, imediatamente, inclusive descubro que tem adornos. É luxuoso e delicado. Obriga-me a ficar em pé e o desliza abaixo, a saia cai, até cobrir minhas pernas e tocar o chão.

— Preciosa. — comenta e coloca os sapatos.

O que está planejando?

— Onde estou? — Pergunto, uma vez que minha língua destrava.

Cambaleio e me sustenta firme, à altura de meus braços. Aproxima, até que seu rosto roça o meu e não me permite dar um passo atrás, apertando os dedos, em seu agarre.

— Isso não importa — responde. — Está em um lugar onde ninguém pode te encontrar. E não fique confiante, esses brincos não puderam me enganar...

Franzo o cenho e toco os lóbulos das orelhas, há pérolas, em lugar de meus brincos de flores.





— Era um presente — murmuro.

Ele me sacode.

— Era um maldito rastreador, não sou um estúpido, querida. — Grita zangado e rouco, perto de perder a cabeça. — Faz anos que estou nisto, nenhum truque sujo funciona comigo — Ri depreciativo. — Espero que seus amigos se divirtam, seguindo a indigente a quem os dei de presente.

Inteirar de que Adela e os Leões se encarregaram de dar uma possibilidade de salvação, golpeia-me duro na cara. Esse poderia ter sido a segunda salvação desta vida, minha sorte é uma droga, ultimamente.

David suspira e acaricia o lado do meu pescoço.

— Bem, eram horríveis — diz, rindo com ódio. — Não combinava em nada com nosso estilo.

Engulo, quando desce até meu decote. Divaga sobre quão formosos meus peitos estão neste vestido e em que nível adora saber que não uso sutiã. Mordo a língua, antes de cometer uma estupidez. Os restos da droga mantêm-me tonta, espero que não por muito tempo. Odeio não poder lutar, não conseguir ser eu, inteiramente. Inclusive, com isso conseguirei um inferno mais de infelicidade e intimidação, de sua parte. Vou lutar, se não fizesse, não seria eu.





— Por que levo um vestido comprido? — Pergunto.

Ele suspira e pega meu rosto em suas mãos grandes e frias, fala, muito perto de mim, chego a sentir seu hálito no meu rosto. Quero saltar para trás, longe de tudo o que ele significa.

— É seu vestido de noiva — explica. — Será rápido, não haverá uma cerimônia como a que sua mãe queria. Mas insistiu no vestido branco. Não importa, é o de menos, assinaremos os documentos indicados e iremos direto tomar o avião...

Congelo, detendo minha respiração.

— Av... Um avião? — Minha voz treme, insegura e débil.

— Um avião — confirma, tira-me da cama e me puxa, para que o siga, meus sapatos caros soam no piso, que é de madeira. — Uma vez casados, sairemos do país. Todos. Sua família também. Vamos a seu país natal.

— O quê? — Chio, parando.

Isto não pode ser verdade. Nego-me a acreditar.

— O que, o que, Ema? — Perde a paciência. — Vamos, não há opções. Já está tudo decidido. França será nosso novo lar. — Agora, vamos te tornar minha mulher.





Reboca-me, por compridos corredores, que soam ocos, nossos passos estabelecendo ecos em meus ouvidos. Morro por saber onde estamos, odeio esta ignorância. Preciso ter, uma pequena perspicácia de onde me encontro parada, todo o tempo, essa é a maneira de nivelar o medo diário, dentro de mim. Agora tudo é negro, inclusive onde coloco meus pés, em minha imaginação, um diante do outro. Não há janelas e se há, estão fechadas, impedindo correntes de ar. Paramos em frente a uma porta e espero que ele a abra.

Terminamos dentro de um salão, também com piso de madeira, aí é onde estão meus pais e as testemunhas, junto com o juiz, que nos converterá em marido e mulher. Está tudo preparado, para que me torne a senhora de David Ferro e o fato de estar aqui, justo a dois passos de tudo acontecer, golpeia-me totalmente, como um balde de água fria no rosto. Respiro, concentrando nisso e assim não desmaiar. Entre os resíduos da droga em meu sangue, o nervosismo e resignação, estou tendo um momento difícil, apenas à beira de um ataque de pânico.

Aproximo, ereta, junto ao meu carrasco, segurando minhas mãos e com meu queixo erguido. Imediatamente, alcança meu nariz o perfume forte e adocicado de Anastásia, que, imediatamente, aproxima-se, tomando minha mão.

— Emaline. — chama, em um murmúrio tranquilo.





Puxo, para recuperar minha mão, da maneira mais insultante e abrupta, meu rosto, geralmente doce e paciente, torna uma feia careta de ressentimento.

— Vais deixar que me façam isto? — grito. — Você, entre todas estas pessoas? É minha mãe! Supõe que me compreende e quer o melhor para mim.

Empurro-a longe de mim e ela, surpreendida, tropeça e fica chorando em silêncio. Não importa seu pranto, ou o que sinta, ela nem sequer se preocupa com a felicidade da única filha que tem. Fui paciente, boa e amorosa, quase toda minha vida, considero que fui uma excelente filha. Somente decidi que queria ter minha própria vida, escrever e seguir minhas regras, não as dos outros. Não as deles. E só por isso, tratam-me assim. Vendem-me a este homem cruel, que vai me destruir.

— Está destruindo a única filha que fica — digo, possuída. — Eva queria liberdade, morreu tentando. Eu queria liberdade e estão me castigando por isso. Vocês não nos mereceram. Nem a Eva nem a mim. São frios, calculistas, más pessoas. Não há amor em seus corações! E saibam que, se assinar esse maldito papel, irão me perder, estão me matando. Estão assassinando a sua outra filha.

Ela deixa de chorar e se adianta, só para me dar uma bofetada. Meu rosto arde e ferroa, fico sem respirar. Por vários segundos, não sou capaz de





levantar o rosto de novo, enterrando dentro as insistentes lágrimas que suplicam por sair. Engulo-as e recomponho, não vou lhes dar o gosto de me quebrar.

— Não vou permitir que minha filha me fale assim — disse ela soluçando, dramática. — Não têm nem ideia do que nos fez passar! A insensível aqui é você, ingrata. Demos de tudo, encarregamo-nos de que sua vida fosse o mais fácil e suportável, diante sua incapacidade, com o melhor do melhor. E assim nos paga. Juntando-se com esses sujos motoqueiros...

Arrepio, a raiva correndo em minhas veias, fazendo meu coração se encher em meu peito, com a força necessária para defender minha gente.

— Esses sujos motoqueiros me ensinaram o verdadeiro significado do amor, o companheirismo e família. — cuspo venenosa. — Ao lado de vocês, mafiosos traficantes de mulheres...

Meu pai não deixa terminar, enchi sua paciência e falei de seus negócios clandestinos. Golpeia-me, mas esta vez não é uma bofetada picando em meu rosto, masr um punho fechado e duro como o ferro. Cambaleio e acabo no chão, minha mão sobre a maçã do rosto ardendo. Ninguém faz nada, nem sequer se movem.





— Fabrice — mamãe estremece. — Do que está falando?— Pergunta ao final, tensa.

— De nada, é só uma jovem zangada que quer criar problemas.

Vem e me levanta, sem muitos olhares e entrega de novo a David, que coloca uma mão possessiva em minhas costas.

— Deixa de fazer as coisas tão difíceis, Ema... Só consegue machucar a você mesma.

Não abro a boca para dizer nada mais, estou derrotada. Não tenho que pensar muito, para descobrir minha situação e o que me convém. Aqui sou eu, contra todos eles. Sento em minha cadeira, com David a meu lado. As testemunhas nas pontas, nem sequer sei quem são e não interessa seus nomes. O juiz, que posso imaginar, é outro personagem corrupto e sem escrúpulos e que não lhe preocupa, absolutamente, casar a alguém contra sua vontade, começa dizendo algumas palavras que não escuto. Já que ainda sigo aturdida, pelo trato depreciativo de minha própria família, eles jamais me bateram. Agora que revelei suas sujeiras, tiveram que recorrer a isso, para me amansar. Entretanto, eles deveriam considerar que não vou ser uma filha e uma esposa fácil, a partir de agora. Têm-me, mas não vão me dobrar por completo.





Prometo isso mesmo, quando o homem sentado a centímetros de minha cadeira coloca sua assinatura e depois assinala com seu dedo onde devo encaixar a minha. Tomo uma profunda respiração e uma lágrima escapa, minha mão treme, mas isso não me impede de continuar. Faço, finalmente, aceito, legalmente, ser a esposa de David.

E, ao mesmo tempo em que levanto da cadeira e afasto de todos para um canto, penso que ao menos Alex terá o que merece, ante meu sacrifício. Será livre, obterá sua vida de novo. E gradualmente, esquecerá de mim, com o passar do tempo. A dor é insuportável, nem sequer posso respirar. Um rogo salta em minha cabeça, instantâneo, poderoso. É a esperança falando.

"Busca-me, Alex. Encontre-me. Resgate-me de novo".

David vem e pergunta se estou bem, assinto, ignorando a maior parte de suas palavras. Então comunica algo que me surpreende.

— Seu pai decidiu recontratar Aída, para que viaje conosco a França — empurra meu queixo para cima com os dedos. — É a única que sabe como te aguentar e conhece suas rotinas. Além disso, será uma boa companhia e é sua amiga. Não temos nem o tempo nem a paciência para começar do zero, com outra empregada. O que te parece?





Inspiro pelo nariz, encolhendo os ombros, embora a notícia faça pulsar meu coração, com ilusão de que nem tudo será um suplício. Ao menos terei meus momentos com Aída, minha melhor amiga. Ela será um apoio incondicional, como foi há anos. Isso me apazigua, um pouco.

— O quê? — Solto, desdenhosa. — Tenho que estar agradecida por isso, oh tão piedoso?

David estala a língua, negativamente, ante meu veneno saltando na cara.

— Suponho — diz, aproximando. — Podemos ser desumanos, mas não tão desumanos — sorri.

Calor sobe por meu pescoço a meu rosto, um forte sentimento de ira comendo-me por dentro. Não replico nada, ante isso, permaneço calada, corroendo por dentro.

— Agora, terá que ir se trocar — lembra, com seu odioso tom cheio de duplas intenções. — Vou te dar tempo, por agora, até que estejamos assentados em nossa casa na França. Então será minha, em todos os sentidos...

Endireito e desta vez, não me consigo conter.

— Poderá me tocar e tomar de todas as maneiras que queira, mas isso não me fará sua. — coloco meus punhos apertados na cintura. — Faça o que faça, não vai significar nada para mim. Eu já tenho um amor, já entreguei





meu corpo a quem amo. E ele me marcou. Assim, não se esqueça, nem por um segundo, que só estará avançando em terreno emprestado, porque nunca, nunca, em sua existência, poderá apagar os rastros que Alex Castillo deixou em minha pele...

"Não lhe chegará nem às solas das suas botas, verme", continuo por dentro. E com isso, marco a fogo meu tormentoso futuro como esposa de David Ferro.





Capítulo 19

Alex

Passo pela porta da sala de visita, depois de uns dias longos e tensos. Aqui, sempre durmo, mantendo um olho aberto e outro fechado, nunca confiando em nada. Os guardas são piores do que os presos, pelo menos no meu caso, é mais ameaçador do que qualquer outro. Eles têm ordens para fazer da minha vida um inferno, o que é muito fácil para eles.

Suspiro, um pouco aliviado de ver Max e Leon sentados, esperando-me. Fazem um gesto para mim, a raiva brilhando em ambos os pares de olhos. Sim, os espancamentos são menos frequentes, mas igualmente intensos. Não vão me deixar tranquilo, até que eu saia. Se isso acontecer um dia. Por agora, decidi confiar em Miranda e seu plano, não tenho muitas opções, certo? Tenho que explicar o novo plano.





Acomodo em frente a eles e balanço a cabeça, numa saudação tensa. Estou esgotado. Logo noto suas posturas duras e em alerta, o que transmite uma inquietação. Movo meus olhos de um a outro, tentando ler seus olhares. Cautela, tristeza, irritação e outros sentimentos, que não consigo reconhecer. Algo aconteceu e é realmente mau.

— O que aconteceu? — Pergunto tenso. — Como está Ema?

O ambiente fica mais tenso, com a última pergunta. Salto de minha cadeira, derrubando a no chão e fazendo um barulho na sala lotada.

— Diga.

Max apoia um cotovelo na mesa e olha para o chão, passando a mão no cabelo, o arrependimento nos olhos dele faz que tudo dentro de mim grite, como um animal ferido. Esfrego o rosto machucado e minha respiração acelera, fico em pânico. Isto não pode estar acontecendo.

— Ela se rendeu — Leon diz. — Tentamos detê-la, inclusive colocamos rastreadores nela, mas foi inútil. Eles são inteligentes, descobriram o que fizemos. Suspeitávamos que ela fosse fazer algo como isso. Estávamos em um beco sem saída, agiu por desespero, foi pela parte traseira do hotel, Adela a perseguiu, e não pôde ir muito longe. Atiraram nela, graças a Deus estava de colete, mesmo assim foi





ferida. Agora está bem. Estamos procurando Ema, fazendo tudo o que está em nossas mãos, inclusive há helicópteros ajudando. Mas parece que sumiu da face da terra.

Detém sua boca a ponto de dizer algo, mas para, pensando melhor. Eu, pelo contrário, necessito toda a maldita informação que tenham. Levanto da minha cadeira, ignorando o guarda, que vigia meu ataque de fúria. Estou tremendo, quando sento, levo as mãos à cabeça. Amaldiçoo, por dentro e por fora. Poderia estar no limite de uma parada cardíaca, meu coração indo mais rápido do que o normal.

— O quê? — Insisto que diga o que parou anteriormente. Leon trava os dentes, soltando o ar ruidosamente pelo nariz.

— Suspeitamos que a tiraram do país — murmura.

Preciso sair. Fico de pé e caminho, desesperando. Tenho que sair e procurar eu mesmo, não aguento a ideia de permanecer neste buraco de merda, enquanto estão com ela.

Os malditos estão com ela. David conseguirá acabar com ela E agora... O que vai fazer? O mesmo que fez para Cami? Não. Não. Não. NÃO.

— CARALHO! — Uivo, perdendo o controle.

Antes que o guarda venha acabar comigo, Max se aproxima de mim e me obriga a sentar em meu lugar, mantendo minha cabeça baixa. Sussurra coisas, firme e





duramente, algumas promessas raivosas, mas não registro nenhuma só palavra.

Isso me enfurece.

— Vai quebrá-la, como fez com Cami, vai quebrá-la, até não sobrar nada...

— De que merda está falando? — Pergunta Leon.

— Eu matei os irmãos de David, porque estupraram minha irmã de quatorze anos. — conto e falar faz tudo mais real e perigosamente doloroso. — David era o último, em minha lista, mas nunca tive oportunidade de encontrá-lo, até recentemente, na festa. Agora tirou Ema, sempre a quis, mas agora é mais forte, que só um desejo de ter, porque sabe que isso me machuca. Ele sabe que tem algo precioso para mim. Ele quer me destruir... — Inalo.

Max soca meu ombro, tentando chamar a atenção, começo a falar novamente.

— Justo agora que tenho uma oportunidade de sair? — Murmuro para mim mesmo, como se Ema pudesse me escutar. — Por que, Ema? Por que fez essa loucura de merda? Por que, caralho, não esperou?

Só mais uns dias, só um par mais e ela saberia que tinha outras opções. Novas esperanças de liberdade.





— Oportunidade de sair, você disse? — Max pergunta, voltando para seu lugar — Qual? Porque você já teria apodrecido, se fosse pelo Álvarez, é um inútil, muito fodido.

— Pode ser muito bom em outro tipo de papelada, mas isto? Foi um fracasso total. — explica Leon— Vai fugir?

Nego.

— Uma velha amiga conseguirá um álibi perfeito.

Se o plano de Miranda não funcionar, estarei morto. Agora, mais do que nunca, preciso sair e procurar em todo maldito lugar por Ema, por toda porra do mundo. Não suporto saber que está presa, nas mãos do David. E imagino o que está fazendo e só em pensar é insuportável. E neste lugar tenho tempo livre suficiente, para a mente vagar por águas turvas. Acabarei ficando louco.

— Uma velha amiga? — Max me olha, cerrando os olhos.

Não tenho escolha, a não ser abrir as portas de meu passado. Ou, pelo menos, parte dele, quando Miranda entra em cena na minha vida. No final, enquanto conto o plano, vejo seus olhares clareando, entusiasmando-se e com esperança de que possa funcionar. Meus amigos assentem, muito confiantes, de repente. Entendo, sinto da mesma forma, o aparecimento de Miranda dá-nos um sopro de ar fresco, limpando nossas mentes um pouco. Sabemos que, se





der certo, estarei livre. Rezo para que isso aconteça, há um motivo grande e pesado, que pressiona mais. Antes, era só voltar para Ema. Agora é encontrá-la.

Encontrar, antes que David a danifique de forma irreparável.

Digo adeus aos caras, quando vejo o guarda aproximando-se, para avisar que nosso tempo acabou. Levanto, antes que peça e caminho para longe. Agora preciso de solidão, acalmar meu sangue fervendo como lava, correndo em minhas veias.

Estou inquieto e preocupado, mas isso é um eufemismo. Explodirei, se não tiver respostas, dentro dos próximos dois dias. Não suportarei passar mais, nesta prisão. No entanto, Miranda disse duas semanas, no mínimo. E foi apenas alguns dias, desde sua visita. Estou perdendo a porra da cabeça.

Entro na cela, sem importar com o empurrão mal intencionado do policial, que olha intrigado. Ele sabe que não reagirei, não demonstrei meu temperamento explosivo, desde que estou aqui. Não se engane, já que tenho a porra de um temperamento e estou acumulando todas estas merdas. Hoje não é um bom dia para chutar minha bolas, isso pode acabar em catástrofe. Não estou com bom humor. Sento-me ali, olhando como anda de um lado a outro, dizendo coisas aos outros criminosos. O cara é





um valentão, adora mostrar que está no comando e não tem medo dos presos. Mas, claro, qualquer um ficaria seguro armado e com grades separando dos criminosos. Aposto minha mão que, se o colocassem no mesmo local, sem armas e grades, mijaria nas calças.

Fico na cama, olhando o teto por horas e horas. Não escuto o barulho nos corredores e nas celas, perdido nos pensamentos cheios de medo, preocupações, maus presságios, inquietações. Não há nada bom para pensar. Talvez, só a possibilidade de a Miranda ajudar.

O barulho do cassetete nas grades assusta-me e o mesmo guarda de antes joga umas cópias no chão.

— O chefe quer que veja isso — só o som daquela risada estupida já me deixa com raiva — Vai querer enviar os parabéns ou possivelmente um presente.

Demoro em levantar e ir ver as fotos. Por mais que não queira, faço. A curiosidade matou o gato. E acabo sendo a porra do gato. Abro e leio o jornal. Com a cabeça cheia de coisas, não consigo entender o conteúdo com clareza, embora seja bastante claro. É uma certidão de casamento registrada e tudo. Há mais algumas informações, que vejo por cima, mais não tenho que pensar muito, já que abaixo assinam... David Ferro e Emaline Fontaine.





Fecho minhas mãos em punho, formando uma bola apertada. A mandíbula contrai, até que dói, mas não me importa. Não reajo, só estou ali, de pé, olhando o chão, não vendo nada. Calor intenso sobe em meu corpo, até chegar na garganta e expulso para fora, em um grunhido comprimido e gutural, que se converte em ecos intermináveis, ao longo dos corredores ocos e escuros.

Ema casou-se com ele.

As provocações do filho de puta, apoiado nas grades, trazem-me de volta à realidade, escapo do transe e jogo os papéis contra a parede, chega! Em uma explosão, fico cego e meu temperamento esquenta, vou até ele, que, casualmente, está dando as costas, achando que sou um pobre coitado desamparado, que vai se sentar e chorar, porque sua garota concordou em ser esposa de outro. Sob pressão e ameaça, tenho certeza. Estico minhas mãos em cada lado dele, entre as grades e as fecho em sua garganta. Puxo-o contra mim, sem dar tempo de se mover. Seguro, até que seu rosto está roxo e suas pernas sacodem, começando a cair.

Consegue gritar, por isso, mais guardas vêm em sua defesa. Tentam soltá-lo mim, mas minha raiva é colossal e poderosa, fazia tempo que não reagia com tanta força como agora e disposto a matar. Em minha mente, é David quem estou sufocando e não posso parar. Quero vê-lo se contorcer, sangrar pouco a pouco a meus pés, chorando e pedindo





misericórdia. Escuto o barulho das chaves na fechadura e o rangido da porta sendo aberta e sou separado de minha vítima e empurrado no chão. Recebo pontapés, porradas e pancadas com o cassetete, em todo meu corpo, mas a dor não me impede. Saio debaixo dos dois policiais e ataco de volta. Estou possuído, meus ouvidos não funcionam, perdi o controle.

O guarda que quase desmaiou nos meus braços, recupera-se, vê o que está acontecendo dentro da cela, seus amigos não conseguem dominar-me. Sou um cara grande e estou furioso, eles terão que fazer mais que usar golpes e cassetete. Grito, atacando com punhos de aço, quebrando seus rostos barbeados, tirando sangue de seus narizes. Ele se levanta, precariamente, sobre suas botas e tira a arma do cinto. Aponta para mim, vejo e de nenhuma forma consigo parar. Por mais que minha mente peça-me isso, sentindo o perigo e sabendo o que está a ponto de acontecer. Sabe que não custaria nada matar, porque tem ordens de me apagar do mapa, com apenas um estalo de dedos.

Os olhos irritados do guarda olham-me, fixamente e agora não sorri, arrogantemente, enquanto destrava a pistola. Só está furioso e com raiva.

Um segundo depois o disparo soa alto e profundo, em cada uma das celas. Ali mesmo, desabo no chão.





Ema

Perdi a noção do tempo. Nem sequer sei quantos dias fazem que chegamos à França. Estou retraída em mim mesma, convencendo, a cada segundo, o quão estupida fui. Dei a meu pai e David o que queriam, estão jogando comigo. Não sei nada do Alex e os Leões há bastante tempo. Ao mesmo tempo, estou ficando louca, também me sinto vazia. Não há quase nada dentro de mim, lentamente, volto a ser a prisioneira de antigamente. E pergunto, para que me queriam de volta? Se eu estou apenas aqui, isolada, levando a mesma vida de antes de escapar. Quase nada mudou. Bem, exceto que sou esposa de David, dormimos em quartos separados e ele não fez nenhum movimento comigo. Acho que, por trás de toda essa crueldade, o orgulho também conta, suponho que as fortes palavras que disse, no dia que nos casamos, atingiram-no de alguma forma.

Dizer que está com raiva é um eufemismo. Ele perdeu a linha completamente, pegou-me pelo braço e me arrastou para dentro do quarto, onde me vesti antes, arrancou todas minhas roupas, até que fiquei completamente nua, diante de seus olhos. Olhou para mim e





angústia se formou em nós no meu estômago, senti muito nojo, nada comparável a qualquer sensação desagradável, que senti antes. Puxou meu queixo, apertando com seus dedos, obrigou-me a manter a cabeça erguida, à sua disposição. Beijou-me de forma rude, exigente e dolorosa. Obrigou a tomar sua língua em minha boca, machucou meus lábios. Reclamei, esquivando, batendo nos lugares de seu corpo, que estavam ao meu alcance. Então, soltou-me, abruptamente.

— Posso sentir o cheiro dele em você — gritou furioso e louco.

Pegou-me pela nuca, enroscando em meus cachos, empurrando com violência, à medida que lutávamos, até o banheiro e me jogou de joelhos na banheira. Água gelada correu por meu corpo, gritei e sacudi e ele me manteve, firmemente, de joelhos, prendendo meu cabelo. Encharquei dos pés a cabeça, até que meus dentes batiam de frio.

Jogou um sabão, que bateu nos meus dedos dos pés.

— Lave-se — ordenou, dando um puxão no meu couro cabelo — Lave-se bem.

Eu queria bater nele e manda-lo para o inferno, mas o frio e a água gelada, percorrendo meu corpo, deixaram meus dentes batendo tão forte, que não podia falar. Então fiz o que me disse, para acabar com isso logo, lavei,





bloqueando sua forte respiração excitada em meus ouvidos. Sabia que estava vendo cada pedacinho de mim, para sua diversão. Tive medo de que tentasse algo mais, que quisesse ele mesmo apagar o cheiro de Alex de minha pele, de uma maneira mais desumana e horrivel. Entretanto, estava ali, desfrutando meus tremores. Enxaguei-me e logo deixei que me tirasse dali, arrastada.

Não deu uma toalha, deixou-me de pé, em um canto, pingando, afastou-se e escutei umas garrafas tilintarem, percebi que estava se servindo de um copo.

— Aprenderá a fechar a boca e será uma boa menina. — Comentou e se recostou na cama, observando, como se tivesse um momento de relaxamento, assistindo a TV.

Não nos movemos, até que eu estava mais ou menos seca e deu permissão para me vestir. Queria machucá-lo, realmente, mais percebi que tinha poucas chances de ganhar. Ele é forte, tem-me aonde quer e nesse momento soube que, cada vez que o incomodasse, torturar-me-ia, sem um traço de pena. Só então percebi o terrível erro que fiz, por render-me. Quão estúpida fui, por me deixar levar pelo desespero. Agora é muito tarde para lamentar, arruinei tudo. Acreditei que estava salvando Alex, no entanto, piorei sua situação, condenando-nos a algo muito pior.

— O que vou fazer? — Ofego, olhando pela janela do quarto.





Fecho os olhos, lamentando. Não há sol hoje, o dia está nublado e o vidro está frio. Tão frio como eu. Aída vai daqui para lá, dando ordens. Já deve estar muito cansada da minha depressão, aproxima-se com cuidado, encostando-se em meu ouvido, porque acreditamos que há microfones ou qualquer outro aparelho do tipo. Temos que ter cuidado.

— Fique atenta em qualquer oportunidade. — aconselha, sussurrando, alisando meus cachos.

Segue sendo minha melhor amiga e empregada. Isso não mudou e leva seu trabalho muito a sério, porque não está pronta para se demitir. Deixou tudo, para ir para a França comigo e isso não sei como fazer para agradecer. Em todo este tempo que tivemos juntas, novamente, falou de muitas coisas. Por exemplo, do dia que Alex e Santiago saíram em busca da Greta e encontraram o rastreador, no seu colar. E que se assustou, diante da intimidação de Santiago. Não voltou a se acalmar, depois disso, embora ele tenha jogado o dispositivo pelos canos da pia da sua cozinha. Assumiu que meu pai e David apareceriam, depois disso e sentiu mais medo ainda. Quase desmaiei, quando apareceram, mas foi só para contratá-la novamente. Eles perguntaram, "casualmente", pela gata e ela disse a verdade, que vieram procurar e a levaram sob ameaça. Fingiu não saber nada sobre nenhum rastreador e eles não comentaram o tema também. Tudo ficou ali.





— Seu pai e David quase me fizeram molhar as calças, mas estou aqui por você, Ema. — disse, ao nos reencontrar, quando o avião privado estava a ponto de decolar. — Não quero que esteja sozinha.

Voltando para o presente, ela se afasta e segue com seu trabalho. Suspiro e me afasto da janela. Não posso deixar de pensar nos Leões, em Adela e se ficou muito ferida, por tentar salvar-me da minha estupidez. Penso em Bianca, nos bebês de Francesca e Lucre. Em Leon, inclusive no Santiago e Jorge, que logo se deram bem comigo, em tudo o que perdi e me fazia tão feliz. Os inesquecíveis momentos com Bianca e Adela, o trio que nos tornamos, tão unidas e divertidas. Com elas, não existia a palavra aborrecimento. Sinto falta da lealdade e carinho dessa grande família, a maneira em que me deixaram entrar e cederam um lugar. Fui parte deles, desde o primeiro dia, e agora não há nada, apenas meu caminho de volta para a solidão. Só que esta vez, é pior, muito pior, insuportável. Porque agora sei o que é sair da bolha e pertencer a um lugar com forte atração. Sim, sei o que é amar tão profundamente a alguém, que sente que não respira sem ele. Descobri o que pode ser minha vida com todas essas pessoas, estava no céu. E eles me pegaram e tenho toda culpa.

Deus, meu Alex. Eu não posso sair desta sensação de que não conseguirei viver sem ele. Não posso fazer parar esta culpa, que me corroí por dentro,





suspeito que ainda esteja na cadeia.

— Você se deu conta de que é uma prisioneira igual a mim? — Digo, olhando o redor.

Ela ri, tentando minimizar a importância do que digo.

— Ema, estou aqui por escolha própria. — insiste, parando frente a mim. — Não suporto a ideia de que esteja aqui sozinha, isolada outra vez. Deram a oportunidade de estar aqui e te ajudar, não hesitei... Você é minha melhor amiga, eu me importo.

Assinto, não muito convencida. Eles precisam pagar muito, muito dinheiro mesmo, para concordar em deixar de lado sua vida própria, em troca de ser minha sombra. Ela pode dizer que me estima e quer o melhor para mim, mas não posso acreditar que com tudo, é feliz estando presa comigo, apenas vivendo. Não pode ser verdade.

— Vou para a lavanderia. — anuncia, levanta do chão a bola de lençóis, que acaba de trocar da cama. — Volto em seguida.

Eu a deixo, ouvindo-a sair e ando por aí, suspirando. Minha frustração é tão poderosa, que tenho vontade de arrancar os cabelos. E de certo modo faço, passo meus dedos pelas mechas das laterais de minha cabeça e puxo, fechando meus olhos com força. No caminho do meu passeio,





tropeço em algo, paro e abaixo para pegar. Uma fronha, Aída deve ter perdido, quando saiu. Chamo-a, saindo pela porta. Não há sinais de que esteja perto, ela é rápida com seus afazeres domésticos. Decido levar para ela na lavanderia, antes que coloque a máquina de lavar roupas para funcionar.

Aprendi mais ou menos a planta da casa, é gigantesca e funciona como duas mini mansões ligadas e conectadas entre si, dei conta que não percorri uma das alas e não acredito que vá, já que nessa parte vivem meus pais. Não pensei nem dois segundos em ficar perto de Fabrice e Anastasia. Já aguento muito com meus almoços e jantares a sós com David, quase todo dia. Sou obrigada a sentir sua presença, mas não falo com ele. Cada vez que tenta tirar alguma conversa, deixo-o falando sozinho, ignoro-o, porque sei que isso o deixa louco. O que faço melhor é demonstrar o quanto é tão invisível para mim. Irônico, não?

Chego à cozinha e desvio para as escadas do porão, logo abaixo, que funciona como lavanderia da casa, ou pelo menos a nossa parte da casa. Estou quase chegando nos últimos degraus, quando noto um par de vozes tendo uma conversa aquecida. Aguço meus ouvidos e paro ali, detendo a respiração, para não perder nada que é falado.

— Não. — o grito vem da Aída e percebo que está se mexendo — Eu disse que não. Estou ocupada.





Um homem ri baixo e um som um pouco parecido com uma luta, Aída ri e tudo indica que está se pegando com o homem. Agora, o mais importante: quem é ele?

— Sua esposa vai aparecer. — fala um tom sério — Não brinque com fogo.

Ouço um beijo, mas Aída está sussurrando, ele deve estar no seu pescoço ou algo assim. Um grunhido vem e os dois ofegam, no segundo seguinte.

— Anastásia? — Ele ronrona, meu sangue gela nas veias. — Anastásia na lavanderia? — Gargalha, como se fosse uma boa piada.

É meu pai.

Aída está dormindo com a porra do meu pai. Tropeço no meu lugar, com perigo de descer a escada rolando. Eles não podem me ver, estão no fundo do porão, eu ainda estou de pé no corredor. Posso escutar tudo. Levo minha mão à boca, para abafar um gemido ferido. Isto não está acontecendo. Absolutamente, de todas as pessoas, Aída tinha que ter um caso com Fabrice? Será que mentiu todo este tempo, dizendo que estava aqui por mim? *"Claro, baby",* respondo, claro que sim. Essa cadela é uma mentirosa de merda. Traiu-me e está dormindo com o inimigo. Não está aqui por amor à sua amiga, como disse, ultimamente. Está aqui por... Por meu pai.





O sentimento de traição é muito grande, para se esconder dentro.

O barulho de roupas se segue e sou testemunha do instante exato que Aída rende-se ao feitiço de Fabrice. Um zíper desce, uma saia é levantada. Logo vêm os poderosos sons produzidos pelo sexo desenfreado, Aída chora o nome do meu pai e ele bate mais forte, suas carnes soando por todo o porão.

Ela o recebe em êxtase.

— Fabrice, quero mais forte, mais fundo. OH, Deus.

Suor frio percorre minha coluna, meus músculos se contraem com raiva e nojo.

— Ah, vou gozar... — Aída perde o controle de suas palavras. — Ohhhhh.

Vou vomitar, nem sequer foi cuidadosa, o último grito poderia ser ouvido em toda maldita casa. Um momento depois, meu pai rosna e o efeito é como se os alicerces da casa tremessem. Embora, na realidade, a que treme sou eu, de raiva, indignação, ódio, ressentimento, mas o pior é a raiva de mim mesma, atacando-me em intermináveis ondas. Por confiar tanto, tão inocente. Tão fácil de enganar. Eu não deveria ter contado com ninguém. Bem, aprendi a lição. E da maneira mais horrível que existe.





Em um impulso de calor intenso, desço os degraus que faltam. E enfrento, cara a cara com os ofegos, em recuperação pós-orgasmos. Engulo a bílis o e fico lá, até que me notem.

— Bem... — Digo, deixando cair a capa do travesseiro no chão. — Parece que, na verdade, não sou a razão pelo qual veio para França com a gente. — comento, fria, estável, cheia de controle, que procuro não perder até acabar com isto.— Por um momento, acreditei que era por um bom salário, porque imagino que Fontaine deve pagar bem pela atenção à sua filhinha inválida, não?

— E-Ema... — diz ela, sua voz afetada e assustada. — Deixe expli...

— Mas não... Está aqui pelo pênis do meu pai. — rio, seca e sem humor algum. — Agora entendo muitas coisas.

— Emaline...

— Cale a boca! — grito a Fabrice, elétrico e tenso! Viro-me, para voltar pelo mesmo caminho.

— Ema... — Chama Aída, tentando aproximar-se de mim.

— Não me toque! — grito ficando sem ar. — Sua puta.





Corro para cima, deixando esses dois seres miseráveis e indesejáveis. Depois disto, estou completamente sozinha, já não fica ninguém em quem confiar, neste lugar. Minhas esperanças vão morrendo, à medida que chego ao único abrigo que tenho, meu quarto. Um pequeno quarto, que não tem chave na fechadura. Fecho a porta com todas minhas forças e o golpe retumba em toda casa. A metáfora da explosão de dor em meu peito.

Com a primeira lágrima, desmorono.





Capítulo 20

Alex

Desperto, gradualmente, por causa de zumbidos insistentes no meu ouvido. Um após o outro, foram me trazendo de volta e estão deixando de ser distantes, com o tempo que toma para abrir meus olhos. De repente, tornam-se insuportáveis e mal posso aceitar. Pisco e recebo uma dolorosa luz branca, justo em cima de minha cabeça. Acho difícil adaptar a ela, no entanto, fico parado, olhando-a fixamente.

Onde diabos estou?

Movo e uma dor violenta ataca o lado direito de meu peito, engulo um gemido, que ferroa o fundo de minha garganta. Paro a respiração, quando milhões de pontos negros nublam minha visão. A dor é dilaceradora e levo uma mão aberta na área. Alguém com a mão gelada, mas suave, detém, antes de chegar lá. Procuro com os olhos,





encontro outro par turquesas, com sombra prata, em um meio sorriso, com um pouco de preocupação.

— Olá, dorminhoco. — Diz, um sorriso de lado torce seus lábios carnudos.

Adela. Seu nome vem, imediatamente e franzo a testa, absorvendo tudo ao redor. Um quarto impessoal e chato, estou sobre uma cama de lençóis e acolchoados de cor branca. Isso me diz que estou em um hospital, claramente. Minha boca está ressecada e cheia de um intenso gosto de ferrugem e sal.

— As enfermeiras estão trazendo o medicamento. — Explica, seus olhos, habitualmente frios, são amáveis agora e parecem felizes por alguma coisa. — Dói, não?

Não respondo, não posso nem mover, meu corpo queimando por dentro. Relaxo nos travesseiros e fecho os olhos. Tento lembrar. E, imediatamente depois de obter respostas, arrependo em procurar por elas, em minha cabeça.

Minha detenção. Intermináveis dias de prisão. Ema. Entregando-se, para me tirar de lá. Ema casando-se com ele. David, o homem que quero matar, desde que tinha dezessete anos. Minha fúria incontrolável e a necessidade de vingar. O medo do perigo que ela corre a seu lado. O cego ataque aos guardas. A surra. Minha defesa. O disparo.





O disparo, que foi direto em meu peito.

Como é que estou vivo?

— Quase te perdemos. — Aparece Leon, do outro lado da cama, com um só olho, pálido e esgotado. — A bala atingiu de raspão o pulmão, por sorte, não perfurou. Teve sorte que o turno estava trocando, quando atacaram e os que entraram não eram corruptos. Mandaram-te para o hospital, imediatamente, no caminho, quase te perdemos duas vezes...

Max anda até o pé da cama como rato, não fala. Nem sequer olha para cama.

— Quanto tempo dormi? — Murmuro afônico.

— Quinze dias — diz Adela, deixando-se cair na cadeira ao lado.

— QUINZE? — Cuspo.

Tento levantar da cama, mas a dor me derruba, rosno, esmagando nos travesseiros, novamente. Sinto a cânula fazer cócegas no nariz e a tiro. Quinze fodidos dias! Meio mês! Preciso procurar Ema. Agito, sem poder colocar todo o ar que quero em meus pulmões e Adela levanta, para me ordenar que fique quieto, severa, coloca o respirador no lugar.

— Fica nessa porra de lugar! — Grita Max, ficando louco e apontando o dedo, duramente.





— Quieto. — também insiste Leon. — Temos boas notícias. Algumas, não todas as que queríamos, mas já é um começo... Um muito bom.

Ele suspira, esfregando o rosto. Mordo o interior das bochechas e agarro os lençóis. Não posso estar aqui, sem saber onde ela está. Eu vou procurá-la e a trazer de volta, onde pertence. Ao meu lado, em minha vida. Aquela não é sua família, a verdadeira somos nós. Leon vai seguir, mas para, quando duas enfermeiras entram e caminham direto a mim, pedindo um momento. Todos saem. Verificam, removem e trocam o soro. Olham a ferida, substituem as gazes. Falam comigo, mas não posso responder, minha língua não responde e, em questão de segundos sinto os remédios fazerem um excelente trabalho em mim. Um momento depois, meus irmãos voltam a entrar. Desta vez, Santiago entra também, ficando apoiado na parede, com os braços cruzados e olhando com olhos indiferentes. Mas sei que é tudo, menos indiferente.

— Você saiu chefe. — Observo-o, com as pálpebras quase fechando. — Sua velha amiga fez o trabalho. No mesmo dia que te derrubaram, o juiz arquivou o processo, ele aceitou o álibi e a declaração das testemunhas. Imediatamente, deixou-te livre. E até pediu desculpas. Parece simples, certo? — Sorri.





Dizendo, suponho que sim... Mas tenho certeza de que Miranda pode se complicar. E depois disto, vai ter que se cuidar, ganhou vários inimigos.

— O juiz corrupto que Ferro comprou e colocou em sua manga, foi chantageado por sua esposa, que tinha sérias provas de suas atividades ilegais. O cara tinha que ficar longe disto, de qualquer jeito. Embora, acredito que a mulher esteja disposta a denunciá-lo, de qualquer maneira, odeia-o até a morte. Nessa guerra não entramos. Enfim, não sei o que Miranda fez, guardou os detalhes, mas sem dúvida, estaremos agradecidos pelo resto da vida. Foi valente e vamos cuidar bem dela.

Aceno fraco, quando acaba. Tenho que ver Miranda e agradecer por tudo, absolutamente tudo o que tem feito por mim. Não só agora, mas também em minha vida, desde que a conheci e a deixei entrar. Pelo menos agora, consegui o alívio de estar fora da prisão. E é o primeiro passo para avançar para a direção que, realmente, quero ir, ou seja, correr atrás da Ema. O segundo passo é sair desta cama de merda e me recuperar. E como estou me sentindo, deduzo que vai levar um pouco de tempo. Nem sequer posso levantar.

O problema? Tempo é o que não tenho.

— Quanto a Ema... — Começa Adela, desta vez.





Olho para ela, prendendo a respiração, na expectativa de um raio de esperança, porém desisto com resignação, ao ler a mensagem angustiada no seu olhar. Negativo. Meu coração contorce-se no peito e concentro em respirar e não ficar chateado. Isso não ajudaria na minha recuperação.

— Continuamos sem saber nada dela, nem nacional nem internacionalmente. — Segue Leon, entristecido. — Estou cuidando em ampliar meus contatos, não é fácil e leva tempo, mesmo assim, confio, plenamente, que vamos encontrá-la.

O cansaço drena minha consciência de novo, fiquei em coma por 15 dias, mas isso não fez nada para me dar energia. Estou cansado e sem um pingo de força. Pouco a pouco irei me recuperar, antes de acabar fora de jogo por completo, abro meus olhos e olho para Leon entre as pequenas frestas.

— França— solto um suspiro.

— O quê? — Todos inclinam-se sobre meu espaço.

— França. — Repito, mais estável. — É apenas uma intuição. A verdade é que podem estar em qualquer lugar do mundo, é a realidade que mais dói. Mas, relacionando com o passado da sua família naquele país, não faria mal ir nessa direção. — Adela balança a cabeça satisfeita, Ela se levanta e começa a andar, pensando.





— Pelo que entendi, a família vem de lá. Instalaram-se aqui, quando Ema era pequena. Não é ruim tentar se aprofundar nesse país...

— Temos que conseguir um investigador particular. — León passa a mão sobre barba. — Sobre tudo de reputação internacional.

Bem, eles seguem falando, mas meus ouvidos se desconectam, como a minha mente e cada um dos meus sentidos. Entrego aos efeitos das drogas, dando saudação ao sono. Talvez seja muito pedir para ter respostas, quando acordar? Eu acho, mesmo assim, não perco a fé.

Ema

Estou dormindo profundamente, como poucas vezes consegui, no último mês. Minha guarda tão baixa, quando os sonhos começam. Tão reais e até posso senti-los na pele. Primeiro, noto como minha camisola está levantada por minhas coxas e estômago, suspiro, ante as frias pontas dos dedos que roçam minha pele, suaves, mas consistentes de uma vez. Os movimentos são seguros, de alguém que sabe o que está fazendo e está decidido a ter-me. Mexo, procurando seu toque sem poder escapar de toda névoa de sono.





Preciso que siga tocando-me. Tanto, como o ar que respiro. Uma boca sobe a partir do cós da minha calcinha na minha cintura, para cima e para baixo a minha respiração é rápida, quero chorar. Quero tê-lo, mais que qualquer coisa ou pessoa.

Perco o controle, totalmente, quando para em meus seios, dentes apertam minha carne, provocando dor, em seguida sendo acalmados por uma sedosa língua. Suspiro, tremo, tirando meus quadris da cama, fazendo-os dançar no ar. Minhas calcinhas se vão com facilidade. E logo, grandes mãos acariciam e apertam meus seios. Vacilei com a sensação tão direta, muito real, para ser um sonho.

— Deus, como é possível que seus seios tenham crescido tanto? — A voz rouca penetra em meus ouvidos.

É tão baixa, que não é suficiente para acordar e longos dedos mergulham em minha umidade, é incrível que me encontre assim, em tão pouco tempo. Meu coração acelera, soando como tambores em meus ouvidos. Penetram-me, de uma só vez e ofego.

— Alex? — Chamo, quase chorando.

Os dedos entrando em mim, deixam de ser caricias, transformando em ásperos e descuidados. Já não há intenção de dar prazer, mas sim de me machucar. O aperto em meu peito esquerdo é doloroso e os dedos





batem com violência dentro de mim, ferindo-me. Reclamo e acordo, dando conta de que, na realidade, isto não é parte de um lindo sonho. Mas sim um pesadelo real, acima de mim. E leva o nome de David Ferro.

— Tudo estava indo bem, até que teve que chamá-lo. — Grunhe, enfurecido.

Grito, quando sinto estocadas dentro de mim, meu corpo passa de quente a frio, em um instante. Luto, golpeio, enquanto posso, David esmaga-me, pondo todo seu peso sobre mim.

— Não. — Perco o fôlego. — NÃO.

Tento fechar as pernas, mas ele está entre elas e é impossível. O pânico deixa perceber que, realmente, estou indefesa e à sua mercê. Agora entendo melhor todo este tempo sem se aproximar de mim, foi estratégia friamente calculada, para me pegar de guarda baixa. E eu fiz, caí. Como uma tola, acreditei que ele parou de exigir coisas de mim, porque renunciará ou, possivelmente, esqueceu. Ou porque era só um cão latindo e não mordendo. Como estava errada! Mais uma vez, tola e inutilmente, caí no poço que minha própria ingenuidade cavou para mim.

Cravo minhas unhas em seu rosto, ele ri com diversão. Sua excitação ficando maior, mais exigente e necessitada de mim. Cerro meus dentes e engulo a náusea. Ele volta a





enterrar, duramente, seus dedos em mim e grito. Grito tão forte, que minhas cordas vocais ardem, não porque dói, mas sim porque não resisto. Abusa sexualmente de mim e gosta do que faz, esfregando-se e ofegando em meu ouvido. Mexo meus braços, puxo seu cabelo forte, que até poderia ter arrancado mechas entre os dedos, chutando e sacudindo as pernas, nunca ficando quieta. Tento, com todas minhas forças livrar-me dele e por um momento as lágrimas enchem meus olhos, porque parece impossível pará-lo.

Até que coloca seu rosto perto o suficiente para me levantar um pouco, num impulso desesperado. E o mordo. Fecho meus dentes no seu nariz e os travo lá, observando como seu corpo grande enrijece e um uivo de dor quebra sua garganta. Solta-me, tira seus sujos dedos de meu interior, rapidamente agarro a ambos os lados de sua cabeça, ansiosa para o machucar. Seu sangue enche minha boca e desejo cuspir e vomitar. Deixo-o ir, sem mais opções, quando dá um soco no lateral da minha cabeça, caio mole e grogue contra os travesseiros desordenados. Confusão enche minha cabeça. David salta fora de meu corpo, jorrando gotas de sangue da ferida que fiz.

Enrolo feito bola, no meio da cama, cobrindo, tremendo e recuperando o fôlego. David deixa meu quarto, fechando a porta com um baque, assustando-me. Não sei calcular quanto tempo mantenho-me ali imóvel, deixando o sangue desse monstro secar em meus lábios,





descendo junto com minha saliva, através da garganta. Limpo com o dorso da mão e me obrigo a respirar lenta e profundamente. Meu corpo vai acalmando dos tremores. Quando me sinto mais estável, arrasto para fora da cama, caminho, cambaleante, até o banheiro. Inclino no vaso sanitário e como se tivessem esperando por esse processo, as náuseas voltam a subir novamente e vomito o jantar. Inclusive, quando não fica nada mais em meu estômago, as ânsias continuam. Sons horríveis vêm de dentro de mim e meus olhos lacrimejam e lagrimas descem por meu rosto.

Estou ciente dos fluidos entre minhas pernas, tenho raiva. Fecho os olhos e choro, tudo ao mesmo tempo. Quando consigo acalmar um pouco, ligo o chuveiro, para entrar embaixo. Lavo-me como uma louca possuída, até a pele arder. Levanto a cabeça e abro a boca, deixando a água entrar e assim, enxaguar-me. Uma vez que os calafrios se vão, que o cheiro de David é substituído pelo do sabão e a sensação de seu toque quase some, minha alma despedaça. Choro com mais força, desejando ter os braços do Alex ao meu redor, embalando. Desejando seu tom baixo e grave, sussurrando em meu ouvido palavras bonitas, que me façam sentir melhor por dentro. No entanto, não há nada, só água muito quente, queimando minha pele.

Inspiro e procuro me tranquilizar.

— Já se foi. — Sussurro — Estou sozinha de novo.





Continuo a ouvir a voz pessimista em minha cabeça que diz que vai voltar. Ele quer vingança, pela ferida que deixei em seu rosto e quer meu corpo. Isso não vai parar, até eu ceder e me entregar, ou que me pegue à força. David não tem escrúpulos e não se importa se o quero ou não. O que ele quer, ele alcança.

Uma vez fora do chuveiro, seco-me e procuro roupa limpa, com cheiro suave. Eu não volto para a cama, mas procuro um canto afastado e sento ali, no chão, abraçando meus joelhos contra o peito. Choro um pouco mais, porque, recentemente, é tudo o que faço. Não sei o que está errado, nunca fui um bebê chorão. No entanto, nestas últimas semanas, foi como se estivesse cheia de emoções que deprimem e parece que a única forma de desabafar é chorar lágrimas grossas e constantes. Nunca me senti a ponto de explodir. Meu nariz escorre e limpo com os dedos e ele pinga um pouco mais.

Sei que vou superar isto, sou forte. O medo vai continuar, mas o choque de perder o controle da situação e estar à mercê do David, irá desaparecer aos poucos. A sensação dele me penetrando profundamente com seus dedos ásperos , também. Não deixarei que me governem. Só rezo para que isso não aconteça novamente, mesmo sabendo que é muito provável que ocorra. Ferro me quer e não vai parar, até conseguir, por bem ou por mal.





Gostaria de dar uma olhada onde mordi David no nariz, há algumas noites atrás. Para meu azar, tenho que me conformar imaginando, enquanto entro na sala de jantar.

Não deveria ter vindo tomar o café da manhã, queria aguentar, até que os homens da casa saíssem, como vinha fazendo há um tempo. Mas meu estômago doía de fome, jamais estive desesperada por comida, mas não pude aguentar, antes inclusive de chegar, noto que minha mãe está na mesa, não hesitei em sentar mais perto dela, que de meu marido, claro. Não que queira ou sinta segura por isso, só imagino que não vai deixar que ele arraste longe sua filha, para estuprá-la. Por mais que me odeie tanto, como faz. Apego-me a esse pensamento, porque é a única coisa que me resta, para passar esta meia hora de café da manhã em paz. Não quero me sentir mal, como vem acontecendo, há um par de dias atrás.

Sinto os olhos do David fulminar-me, enquanto passo manteiga em minhas torradas e me sirvo de chá, tomando cuidando para não derrubar nada. Já faz um tempo, venho evitando o café da manhã. Eu o ignoro, por mais que sei que só aumenta seu ódio e suas





intenções sombrias para mim multiplicam-se. O que mais posso fazer? Trancar e ficar tremendo no quarto? Já fiz e estou cansada disso. Por mais náuseas que me provoque a possibilidade de encontrar com ele, quando sair do quarto, preciso levar a minha vida da maneira mais normal possível. Senão, ficarei louca.

Tomo meu chá, mastigo minhas torradas. Agradeço que meu pai não dê sinais de vida, porque não suportaria estar com dois monstros no mesmo tempo. Como cheguei a isto? Como passei de ter pais obsessivamente protetores a pais que me vendem, obrigando a um casamento arrumado? Realmente não entendo, toda a vida foram assim e eu não sabia? Tinham estes planos desde que era criança? Desde que David veio à minha casa pela primeira vez?

— Depois seu pai vai te trazer uns papéis que tem que assinar. — solta ele, da ponta da mesa.

Pego a xicara do pires e bebo o chá em um gole só e me queimo.

— Não vou assinar merda nenhuma. — falo — Não vou fazer parte de nenhum negócio sujo...

Ninguém diz qualquer coisa, ignorando-me. Por dentro, até posso ouvir seus pensamentos sobre ser uma criança imatura. Não importa. Antes morta, do que assinar um documento, que possa ter relação com os sequestros ou





estupro de meninas inocentes. Ou qualquer outra coisa ilegal.

Vejo quais eram as outras intenções e porque queriam me casar com David. Camuflagem, possivelmente? Por isso, também viajamos à França? Será que eles estavam sendo vigiados na Argentina? Morro de vontade de saber por que acabamos no nosso velho país, novamente.

O celular de David toca e atende no terceiro toque. Só solta uma saudação e escuta tudo o que a pessoa do outro lado fala.

— Como? — Rosna, seu nível de irritação subindo.

Segue escutando, inclusive consigo ouvir o outro homem falando, mais não consigo entender nenhuma palavra.

— Porra! — Golpeia a mesa com sua palma aberta e salto, derrubando café em meus dedos.— Eu disse que queria no mínimo 2 meses.

Bebo o café, enrijeço, a minha intuição grita que sabemos com certeza de quem estão falando. Alex saiu? Minha respiração acelera e tenho que colocar a xicara na mesa, antes de derramar tudo. Pego um suco gelado e bebo, fechando os olhos, desejando fortemente que isto não seja só uma ilusão sem sentido.





— Só para irritá-lo, para que sofresse um pouco. — Diz frustrado. — Não, não me interessa uma merda, já consegui o que queria.

Ele levanta e se afasta, impedindo que eu consiga mais informação. Meus ombros caem, com a derrota. Mas isso não impede que um pequeno sorriso escape em meus lábios.

— Você fica feliz que seu amante saiu da prisão? — Anastásia fala comigo pela primeira vez.

Meu sorriso desaparece, embora meu coração siga pulando com força.

— O que você acha? — Solto, franzindo a testa. — A única coisa que esteve em minha mente, todo este tempo, foi sua liberdade...

— Seu pai e David iriam cumprir a promessa...

— Não pareciam dizer a verdade. — digo em tom baixo e irritado — Não parece suspeito tudo o que fizeram, para me trazer de volta? Que tivessem tantas autoridades compradas?

— Esse homem matou os irmãos de David. — retruca — Você tem que agradecer que ele estivesse disposto a retirar as acusações.

Bufo.

— São bons homens.





— Seu nível de cegueira assusta-me. — Digo, derrubo uma torrada, nervosa. — Viu o ferimento no rosto de David? — não contenho e pergunto.

Ela limpa a garganta e se vira na sua cadeira.

— Sim?

— Eu o fiz. — detém o fôlego.— Ele entrou, faz algumas noites, em meu quarto e tentou me estuprar.

Não ia dizer a ninguém, mas preciso falar. Para que? Não sei. Suponho que preciso que minha mãe veja a classe de gente, que ela chama de boas pessoas. Os homens desta casa são delinquentes da pior espécie, merecem a prisão para o resto de suas vidas, mais que Alex. Meu pai é um jogador sujo e seu sócio é ainda pior que ele, já que cuida do trabalho sujo.

— Então... Você não vai dizer nada sobre isso? — Pergunto, segurando o fôlego.

Ela fica de pé e dá uns passos longe da mesa, quando acho que vai me deixar sozinha, com o que confessei... E para piorar, diz:

— Não posso culpar o homem, por ir em busca de seus direitos como marido. — diz fria.





Meus olhos se enchem de lágrimas, com o que me diz, isso dói. Foi outro golpe direto no meu coração, o fato de que minha mãe nem pisca um olho, sobre o que falei. Seu sangue. Respiro devagar e me esforço em não deixar que as lágrimas caiam. Já sei o que estava procurando, quando confessei, dou-me conta. Procurava uma aliada, proteção. E falhei, miseravelmente.

Ela começa a se afastar de novo e não posso evitar abrir minha boca, para feri-la.

— Bom. — Seus saltos param. — Então, você não se importa do papai transar com a empregada. Ele é um homem, afinal, certo? E na sua idade, é compreensível que procure carne nova... Suponho.

Os batimentos do meu peito aceleram, com uma pontada de culpa, mas a onda de raiva cegou-me. Ela não sentia nada com o que David tentou fazer comigo. Merece a dor de saber que seu amado marido a está traindo. E ainda mais.





Capítulo 21

Alex

Os médicos dão as últimas observações e conselhos antes de sair, que são bastante básicos, Só cuidar da ferida, que já quase está curada. E quando, por fim, estou sozinho, saio da cama devagar, para tirar este horrível pijama de hospital e substituir pela roupa nova que Adela deixou na cadeira do canto. Com cuidado, ao passar a roupa pela ferida, visto-me, ansioso por deixar o quarto e retomar minha vida novamente. Minha busca. A verdade é que estou apavorado, mas em meu coração, tenho certeza que, cedo ou tarde, descobrirei o paradeiro de Ema e a trarei para casa. O pensamento de continuar sem ela não entra na cabeça, não aceito. Cada vez que penso no futuro, minha mulher sempre está na cena. Ela e meus irmãos. Minha família.

Não há outra possibilidade, a não ser essa.

Ema, ou nada.





Uma vez pronto, sento-me, para esperar que algum dos meninos venha por mim, assim saímos e assino a alta, antes de ir. Em realidade, estou subindo pelas paredes. Muita energia acumulada. Não sinto fraqueza, por estar tanto tempo em uma cama, dentro de um coma induzido e ferido quase de morte. Perdi peso, também. Mas estou forte como um carvalho, só com um pouco de dor no peito. É ansiedade, a loucura, por começar a missão que tenho pela frente.

Não estamos perto de saber algo sobre Ema, essa é a desesperadora realidade. De fato, não temos absolutamente nada. Mas o fato de sair da cama e ajudar, deixar de me sentir um inútil imobilizado e contribuir, embora seja com consternação, far-me-á sentir melhor. Ou pelo menos, ocupado. Porque melhor?

Imaginando milhares de situações catastróficas que, possivelmente, vive, como esposa de um monstro como Ferro. Às vezes, amaldiçoo por dentro, não posso tirar da cabeça esses pensamentos tão pessimistas, que me deixam louco. É mais forte que qualquer outra coisa. A angústia me corrói por dentro e tenho que fazer uso de todo meu maldito controle, para tranquilizar e pensar calmamente. Mesmo assim, não há nem um segundo de paz para mim.

Paro, quando noto alguém aparecendo na porta, pela extremidade do olho, impulsionado pela pressa de ir. Seguro o peito, ao mesmo tempo em que faço uma careta e





vou até a saída, só para paralisar a meio caminho. Não é nenhum de meus irmãos, de fato, é alguém que não vejo, desde que tinha treze anos.

— Emilio? — Murmuro surpreso.

O tipo, já bem mais velho, apoia no vão e olha, com suas mãos escondidas nos bolsos das bermudas. Seu cabelo desalinhado está muito comprido e grisalho nas têmporas, a barba escura e abundante dá a seus olhos escuros uma aparência mais negra e melancólica. Não há brilho neles. De fato, o homem grande e forte que lembrava, desapareceu, deixando um perdido. E... Afogado em álcool. Porque não me passa despercebido a avermelhada irritação em seus olhos, observando-me.

— Olá, garoto. — pigarreia, sem emoção.

Pisco, sem ter nem ideia do que dizer.

— Soube que estava aqui e decidi passar para vê-lo. – limpa a garganta e coça o peito com nervosismo. — Soube que esteve na prisão, alegro-me de que tenha saído rápido...

Agito a cabeça, acenando e olhando em silêncio. Faz muito tempo que não o vejo e... Ele me faz recordar tudo o que passou, depois que nos deixou sozinhos. Não é que seja ressentimento... É dor. Uma dor que levarei comigo, arrastando por toda vida.





— Quando... — Engole em seco — Quando saiu?

— Faz um par de anos...

Baixa o olhar ao chão

— Eu... Só passava e queria pedir perdão...

Abro a boca e ele não me deixa falar.

— Por deixá-los — Tosse, ainda não pode me olhar diretamente, sua culpa o mantém olhando para baixo. — Fui descuidado e estúpido... Pegaram-me, isso é algo que nunca vou me perdoar.

Caminho mais próximo da janela, passando a mão no cabelo. Jogo um suspiro no ar, inquieto. Não esperava isto, acreditei que nunca mais voltaria a ver o pai de meus irmãos. E mais, pensei que estava morto. Não é que não o quisesse, ele não significava muito em minha vida, para ser sincero. Só era o namorado de mamãe a princípio, depois o pai de Cami e Pablito. Nunca houve uma conexão entre nós. Embora não seria estranho, se houvesse, ele me viu crescer, entrou em minha vida, quando tinha quase três anos. Tranquilamente poderia ser uma figura paterna para mim também.

— Não se culpe... — É o que digo.

Eu não o culpo. Acredito. Não estou seguro do que acontece comigo, quando se refere a ele. Disfarça e entra no





quarto, encarando-me um pouco mais de frente, nos olhos. Sou mais alto e largo que ele, ficou franzino, quando, no passado, era um homem forte e viril. De novo, relaciono com o álcool ou, talvez, com a fome. Vive na rua? Tem, ao menos, com que se manter?

— Eu devia ser mais responsável — continua, com tom mais forte. — Tinha três meninos sob minha responsabilidade. E você gostasse ou não, que te chamasse assim, também era. Treze anos, menino. Treze. E te deixei só com meus filhos... E pior — pausa, tenso e com angustia — sabia que faria todo o trabalho. Estava seguro de que assumiria a responsabilidade, porque era amadurecido e forte, para sua idade. Confiei cegamente.

Aspiro, bruscamente, pelo nariz, evitando esses poços castanhos tão vazios. E tão iguais aos de meu irmãozinho pequeno. Olho para fora, entrecerrando os olhos ante o sol, vendo as pessoas chegarem e abandonarem o hospital, no térreo.

— Bom. — solto, minha garganta apertada. — Já sabe como o fiz...

Fecho os olhos e, inesperadamente, escapa uma lágrima pelo olho. Volto mais longe dele, para que não a veja. Limpo-a, disfarçadamente. Que caralho?





— Estou seguro de que o fez bem. — dá um passo e continuo mantendo a distância. — Fez tudo por eles, não resta dúvida.

Encaro em um ataque de fúria, pondo meu rosto muito perto do dele, gritando.

— E onde estão agora? — Cuspo. — ONDE ESTÃO?

Nem sequer pisca e sinto vontade de socá-lo. E me socar. Forte.

— Se o fiz tão bem... — Respiro o ar, agitado — Por que não pude detê-los? Por que não estão agora comigo? Heim? Mentiroso. Não acredito em nada do que acaba de dizer. Veio me atormentar...

Nega, seus olhos caídos, como se sonhasse. Ou não. Como se estivesse cansado e entregue.

— Acredito e vim te dizer obrigado também — segue.

Nego com violência, empurro-o para trás e cambaleia.

— Por quê? — grito — Onde estão seus filhos agora? Viu-os? Por acaso cresceram? Têm uma vida?

Não se move, nem pisca, nem sequer quando responde, sua voz sai difícil de dentro, quase sem articular.





— Essa raiva, essa culpa, essa dor... Têm que ser só meus, garoto. — Suspira e estremece. — Tudo o que passou é por minha causa, eu a desencadeei. Abandonei meus filhos, fui o irresponsável que pôs o peso em seus ombros. Meus filhos morreram por minha culpa. Não sua.

Minha vista se desfoca, umidade nublando-a. Ocupo-me em afastá-la, fazendo um chamado desesperado à fortaleza. Porque, se deixo ir neste instante, jamais poderei parar.

— Porque veio? — Pergunto.

Abre as mãos a seu lado, como se fosse evidente.

— Para isto, dizer obrigado e pedir perdão. — Dou as costas — E... E... Que me diga, por favor, o lugar onde se encontram. Preciso encontrá-los. Procurei, durante estes dois anos e tudo é muito grande... Não os pude encontrar.

Meu peito dói e fecho os olhos, lamentando. Isso é porque não há lápides, nunca pude pagá-las. E quando fui capaz de me permitir isso, deixei para trás, já que nunca voltei para cidade. Mas me envergonha, deveria ter feito. Dar-lhes um descanso digno, eu os abandonei ali. Sem um nome, como se fossem nada. Quando foram tudo para mim. Tento tranquilizar durante um momento, para voltar a enfrentá-lo.

— Vou te levar. — sussurro baixo.





— Como? — Pergunta, porque não soei claro. Fico calado e ao fim, consigo olhar direto em seus olhos outra vez. Sem vacilar.

— Eu te levarei...

Assente, suspirando. Desvia o olhar, entretanto, noto que se emociona com tristeza e agradecimento. Meu coração se aperta.

— Obrigado, garoto. — responde, olhando seus pés.

Puxo o ar e concordo, tocando meu lado, porque começou a doer, por culpa de minha exaltação.

— Não há problema. — asseguro, em voz baixa.

Meus amigos não se atrasam em chegar. Max, Leon, Santiago e Adela passam a porta e se alinham, notando Emilio com reservas. Apresento-os e digo que é meu padrasto. Instantaneamente o aceitam e, pelo olhar que Leon lhe dá, parece que sabe muito mais coisas sobre ele, que qualquer de nós.

— Preparado para partir? — Pergunta, virando para mim.

Assinto e sou o primeiro em seguir para a saída. Assino os papéis que a enfermeira estende e sou livre de qualquer instituição. Primeiro o cárcere, depois o hospital. E





parece que passou uma eternidade, desde que vi o exterior, o sol, as ruidosas ruas, as pessoas caminhando de um lado para outro. É entristecedor e me faz querer voltar o quanto antes, para um lugar mais tranquilo. Mas, quando retornar à casa, será com Ema em meus braços.

Vamos para o estacionamento e nos dividimos em dois veículos. Leon ao volante do nosso. Antes de nos separarmos, pergunto se poderia nos levar ao cemitério, aceita, então os outros se desviam para o hotel, para seguir trabalhando na busca e seguimos uma viagem de vinte minutos, para nosso destino. No assento de trás, um silencioso Emilio recosta-se e olha tudo com olhos aborrecidos. Leon tenta começar uma agradável conversa, sem muito êxito, já que o homem só tem monossílabos para oferecer. O chefe me olha e não precisa procurar muito por uma explicação. Ele entende. E sabe que esta pequena visita ao cemitério, significará um fechamento definitivo com meu passado, para, por fim, curar e estar em paz comigo mesmo. Devo deixar ir tudo, se quiser um futuro promissor.

Leon estaciona nos subúrbios e saímos.

— Tomem todo o tempo que necessitem. — oferece, acendendo um cigarro, apoiado no capô do carro — Não se preocupe comigo, esperarei.

Dá uma piscada de olhos e respondo com um aceno de cabeça, como agradecimento. Então oriento





Emilio para a entrada de altas grades negras, com aspecto gótico. Meu coração ameaça paralisar, à medida que ando pelo caminho. Anos, muitos anos passaram, desde a última vez que fiz isto. Foi, virtualmente, em outra vida. Movo-me primeiro até o túmulo de Cami, rodeando uns quantos pinheiros e pisando na grama, para cortar caminho. O homem, em completo silêncio, segue-me. Trato de ir devagar, sem saber se ele o faz porque está afetado, ou porque suas pernas não podem ir mais rápido.

Chego ao lugar correto e me surpreendo, ao encontrar um túmulo cuidado, com flores bastante novas. E uma pedra, com descrição gravada. Seu nome me olha de frente e me esqueço de respirar por vários segundos, a dor, forte o suficiente para me derrubar sobre as costas. Emilio fica ao meu lado, também lendo, como preso em algum transe.

— Alguém colocou tudo isto. — digo, franzindo o cenho.

É um lugar pequeno e foram pouco a pouco tirando espaço, por isso Emilio não pôde encontrar, está quase escondida. Isto é o que acontece na cidade, não há suficiente lugar para todos. Penso em quem poderia ter tirado a erva daninha e colocado flores. E não me ocorre outra pessoa, além de Miranda. Um nó áspero forma-se em minha garganta. Já devo muito a essa mulher.

— Por quê? — Pergunta meu padrasto, entrecortado. — Por que o fez?





Leva uma mão ao lado esquerdo do peito. E sei, sei que lhe dói o coração, ao ver o nome de sua filha aí abaixo. Ainda mais que há anos já descansa, por própria vontade.

— Não suportou a perda de Pablito. — sussurro.

É uma meia verdade, mas não vou lhe dar a inteira. Porque não vai ser bom que se inteire de tudo o que sua filha teve que viver, depois de perder nosso irmão menor. Já da perda de mamãe ela se apagou, triste, o único que a manteve forte, foi o amor e responsabilidade que tomou com o novo bebê, mesmo sendo uma garotinha. O golpe foi duro para todos, mas mais para ela. Tanto Emilio como eu demo-nos conta disso, de sua alma destroçada e irreparável. Com certeza que sim, mas não fizemos nada a respeito. Então sua vida só foi ladeira abaixo, entendo que não tenha suportado mais.

Como disse Ema uma vez: Cami estava viva, mas não vivia, realmente. Por isso tenho que deixá-la ir, porque está onde quer estar.

Dou um passo atrás, quando Emilio se ajoelha no pequeno recanto, para chorar. Apoia a palma na pedra, risca com seus dedos o nome. Treme e tremo em resposta. Afasto-me mais, porque este é seu momento. Seu adeus definitivo. Dou-lhe as costas, tragando um soluço, toco meu peito, aplacando-o.





Não sei quem lhe deu a notícia da morte de Pablito. Nem eu, nem Cami pudemos, recebemos sua ordem de não procurar contato, a menos que quiséssemos ser rastreados pelos serviços sociais. E nesse momento, sem Pablito, Cami e eu só tínhamos um ao outro, que nos separassem não era uma opção. Nenhum de nós suportaria aquilo. Entretanto, quando Cami faleceu, enviei uma carta, com a notícia. Esse foi o único contato que tive com ele na prisão.

Giro, quando ele se levanta com muita dificuldade e se afasta um pouco. Volto para seu lado e apoio uma mão na lápide. Falo com minha irmã, na minha cabeça.

"Deixo-te ir enfim, Cami. Não gostei da forma que decidiu deixar-me, mas te permito partir. Porque te amo e sei que queria a paz com tanto desespero, que escolheu encontrá-la sozinha.

"Nunca te culpei, sabe bem. Possivelmente, agora, lá em cima, olhando-me, entende melhor. Não te culpei, foi só um acidente. A vida queria nos dar um golpe e contra isso nada podíamos fazer. Passei muito tempo retendo-te, em minha dor e ressentimento, na ideia de vingança. Hoje, agora, aqui mesmo, solto sua mão Cami. Possivelmente, algum dia, voltemos a nos encontrar. Mas, se não acontecer, ao menos estarei seguro de que permanece no lugar que merece. Com mamãe e Pablito, talvez. Isso é o que importa, certo? Amo-te. Sempre te vou amar.

Adeus."





Beijo meus dedos e selo minhas palavras, apoiando-os em seu nome. Sabendo que já não ganho nada mais que sofrimento, ao retê-la. Espero que, a partir de agora, as lembranças não venham com a pesada e rachada alma dolorida de Cami. A dor de perdê-la é grande, mas confio em que, a partir de agora, suportarei melhor.

— Cami se culpava, não é verdade? — Fala Emilio a meu lado, olhando-me fixamente. — Culpava-se da mesma forma que você por eles...

Não respondo.

— E não acredita que ela foi responsável, estou enganado? — Insiste.

Nego.

— Não, ela não teve culpa de nada. — digo, com a voz tensa. — Jamais a culparia, era só uma menina e amava Pablito mais que a ninguém.

Assente, secando os olhos lacrimosos.

— Aí está a chave, menino – limpa a garganta — Se não a culpou, por que se culpa? É similar, Alex. A mesma situação. Só tira essa merda fora, não é saudável. Já viu o que fez à sua irmã.





Franzo o cenho, mas assinto uma única e rígida vez. Continuando, dou a volta e chamo por gestos, ele volta a ficar atrás de mim, para que o leve a se despedir de seu outro filho, Pablito. A perda foi dura, igual à de Cami. E foi tão de repente, tão inesperada. Brutal. E tão injusta. Três anos. Três. Uma criatura inocente e cheia de alegria. Uma vida inteira pela frente. Se hoje estivesse comigo, se ambos o fizessem, estou seguro de que teríamos seguido em frente juntos. Como o fiz só, encantar-me-ia estar junto com eles. Ter-lhes-ia dado tudo, tudo. Mereciam mais que ninguém. Felicidade e nada mais.

Encontramos, está cuidada, exatamente igual à de Cami. A mesma pedra, as mesmas flores. E esta é, inclusive, menor. Emilio procede exatamente igual, ajoelhando e olhando, fixamente, o nome do bebê. Só que esta vez pergunta.

— Como foi? — Quer saber, desespero em sua voz.

Não quero reviver os detalhes daquele fatídico dia. Perdi meu irmãozinho e grande parte de minha irmã também. Não anseio recordar o desespero de Cami, seu ataque de histeria, os olhos chorando, os gritos, chamando Pablito. Entretanto, agacho a seu lado e conto. Não sei por que, penso que é melhor não dar detalhes, mas se os necessita, darei.





— A chuva torrencial começou a cair uma hora antes que meu horário de trabalho acabasse, nem bem o fez, comecei a desesperar. Sempre alagava tudo na região onde vivíamos. Mantive-me esperando um momento, mas caía muita água, um toró pesado, imparável. Não era como em outras ocasiões. Tive que correr e avisar que ia embora, que, por favor, deixassem sair antes, porque era urgente. Insisti, até que me deram okay. Assim, não demorei e fui, mas apenas se podia ver um metro por diante e demorei mais do que pretendia chegar à vila.

— À medida que avançava, a água nas ruas, fazia-se mais profunda. Até que me chegou por cima dos joelhos. Havia gente gritando por todos os lados, chamando seus familiares, tratando de salvar os poucos pertences que tinham. Esforcei em chegar em casa e quanto mais entrava no bairro, mais me cobria a água. O pânico capturou meu peito e a corrente começou a me empurrar. Isto não era nada parecido às vezes anteriores, quando a água não subiu mais do que nossos tornozelos.

Ouvi o grito de Cami, antes que sequer visse nossa casa. Segurei aos postes, para que o barro não me





arrastasse, lutei e lutei para chegar a ela. Vi-a perto da porta de entrada, no exterior, encharcando sob a chuva, olhando em todas as direções. Seu corpinho pequeno e fraco sacudindo-se de frio, a corrente quase a levando. Peguei um de seus braços e a atraí para mim, envolvendo-a.

— Pablito! — Gemeu desesperada.

— O que aconteceu? — Falei por cima do som da chuva.

Cuspiu água e arfou, o cabelo loiro escuro pegando em suas bochechas pálidas. Sabia que havia lágrimas mesclando com as gotas que caíam do céu. Mais medo encheu-me o peito.

— A água começou a entrar rápido — gaguejou chorando — Pus Pablito de pé, sobre uma cadeira e lhe disse que ficasse quieto, enquanto eu guardava um pouco de roupa nas bolsas...

Soltou-se e rompeu nosso contato, afastando-se.

— Pablito! Pablito! — Chamou, uivando ao céu cheio de nuvens cinzas — PABLITO!

Persegui-a e a agarrei, antes que caísse, sendo arrastada e acabaria ferida. Elevei-a, pondo-a frente a mim, procurando seus olhos.





— Quando estava de volta, já não estava! — Sacudiu-se, gritando, até ficar sem voz. — Foi procurar o cão, Alex. Saiu da casa. — suas pernas se afrouxam e mantenho-a erguida — Foi! Foi! A água o levou!

Cobriu o rosto e por um momento, não pude falar, o pânico me roubando todas as palavras e a capacidade de pensar. Agarrei forte sua mão na minha, entrelaçando nossos dedos e começamos a rodear a casa, indo um pouco mais longe. A água seguia, por cima de nossos joelhos. Era rápida e podíamos nos sustentar. Mas um menino de três anos, definitivamente não.

— Temos que encontra-lo, Alex. — insistiu ela, entrando na loucura.

— Vamos achá-lo. — prometi. — Vamos encontrá-lo.

Meia hora depois, seguíamos sem respostas. Um par de pessoas mais uniram-se à busca e o nome de nosso irmãozinho foi gritado ao céu, enquanto a noite chegava. Estávamos molhados até os ossos, tremendo e já sem forças. Não pudemos ir mais longe, porque mais à frente a água era mais profunda. Voltamos para os arredores de nossa casa, Cami a ponto de desmaiar, não parava de repetir uma e outra vez, que foi sua culpa, por perdê-lo de vista. Por quanto? Um segundo? Conhecia-a, sabia que não teria





deixado de olhar Pablito com frequência. Não é sua culpa, o menino queria sua mascote de volta e saiu para buscar.

O tempo corria e o desespero se apropriava de tudo. Camila não parou de gritar por nosso irmão, já sem forças e a ponto de cair derrotada. A chuva parou, a água começou a baixar, mas seguiu sendo perigosa, por muito mais tempo. Os ratos, a imundície, o barro, tudo flutuava ao redor. Nossa casa fez um ruído horrível, quase ameaçando cair em cima de nossas cabeças. E estávamos longe de ser retirados e, embora viessem nos ajudar, não iríamos, sem encontrar Pablito. Voltamos a sair ao exterior, para seguir procurando e como se Deus elegeu o instante, o corpo de meu irmão ressurgiu justo frente a nossos olhos, uns metros além da casa. Cami e eu corremos, gritando, chorando, quebrando-nos.

Demoramos uns dez minutos em desenganchá-lo de um ramo, o que deduzi, tinha-o mantido embaixo, sem que o víssemos. Por Deus, muito tempo aí embaixo. Muito.

— Isto não é verdade — gemeu Cami, a meu lado — Pablito!

Elevei-o nos braços e como pudemos entramos na casa de novo, coloquei-o na mesa, endireitando, colocamos-lhe peso em cima, para que deixasse de mover pela água. Deitei Pablito ali e minha irmã desintegrou-se ante minha vista. Fiquei gelado por uns minutos, até que reagi e comecei a apertar seu peito, como





tínhamos visto nos filmes. Repeti e repeti por muito tempo, sem ter resposta. Havia barro em sua boca e nariz. E eu, simplesmente, soube que o perdemos, ninguém sobrevive mais de uma hora sob a água.

— É minha culpa. — Cami disse afônica. — É minha culpa. Deixei que saísse. É minha culpa .— agarrou a cabeça, balançando-se como uma louca. — É minha culpa.

— Basta de dizer isso! — pedi, gritando. — Basta! Não é culpa de ninguém...

Caiu de joelhos ao chão, salpicando água e começou um pranto estrangulado e dilacerador. Com isso, veio tudo em cima e me dobrei na mesa, de tanto sofrimento. Choramos ao mesmo tempo. Gente entrou pela porta, dava conta de que eram paramédicos e bombeiros. Atenderam meu irmão, tendo o mesmo resultado que eu. Falaram, mas não entendi nenhuma só palavra. Envolveram-nos em mantas e nos guiaram para fora. Tiveram que dar um tranquilizante a Cami e deitá-la. Perdi de vista meu irmão, alguém o levou e o colocou em uma bolsa, a mulher que o fez olhou-nos com olhos esgotados e tristes. Compaixão pelos dois irmãos que ficavam.

Acabamos no hospital, sendo examinados. Alguém preencheu os papéis de falecimento de Pablito, pediram-me alguns dados. Perguntaram por mamãe e papai, encolhi os ombros. Pensaram que estavam





aí fora, em algum lugar no caos, não os corrigi. Cami despertou e a obriguei a vestir-se. Tínhamos que sair correndo dali, antes que descobrissem que estávamos por nossa conta. Que não havia adultos responsáveis por nós.

Em choque nos dois, corremos longe. Não, não tão longe. Estivemos ali, nas sombras, esperando. Tratando de saber o que aconteceria a nosso irmãozinho. Consegui a informação sobre o lugar onde seria enterrado e ali estivemos, observando às pessoas enviadas pelo estado, que se responsabilizou de tudo. Não puseram um nome na tumba, mas sabíamos onde se encontrava e isso bastava.

Depois disso, nunca mais voltamos para casa, nunca mais voltamos a ser os mesmos. Acabamos distantes umas quatro cidades, em uma vila em crescimento, em terrenos tomados. E oxalá o inferno tivesse ficado para trás, mas nos perseguiu por muito tempo. Até que minha irmã se rendeu.



Retorno à realidade e dou conta de que ambos, Emilio e eu, estamos chorando. Ponho uma mão em seu ombro e lhe permito desabafar. Deixar sair a dor dali





de dentro, que esteve guardando por anos. Enquanto o acompanho, vou me sentindo, gradualmente, vazio. E isso é porque também necessitava disto, justo com ele. Não sabia, antes que aparecesse em meu quarto de hospital, mas agora o entendo. Eu tinha que fazer as pazes com o passado, se queria seguir meu caminho em paz.

Levanto e beijo a lápide de Pablito, dando um passo para trás, dou uma respiração profunda, para limpar por dentro. Seco o rosto e relaxo, então uma mão fria e delicada envolve a minha e olho ao lado, para encontrar os olhos escuros de Miranda. Olha com carinho e dor, mas também com orgulho. Devolvo o apertão e observamos Emilio, que se levanta com lentidão.

— Emilio — digo, ele nos enfrenta, esfregando os olhos — Ela é Miranda. Ajudou muito. A mim e a Cami.

Assentem e se apertam as mãos. Os lábios vermelhos de Miranda sorriem, amáveis e ele pisca e olha para longe, incomodado.

— Chamei seus amigos e disseram que estava aqui — conta ela.

— Sim, Emilio queria dizer adeus a seus filhos. — explico, vendo-o separar-se um pouco de nós — Tenho que te dizer obrigado, Miranda. Por tudo. Fez mais do que qualquer pessoa fez, alguma vez, por mim... Estou... —





aponto a pedra esculpida — Não tenho palavras.

Seu sorriso se alarga.

— Nosso começo foi estranho, Alex. — começa, segurando-me a mão novamente. — Sei que ninguém o entenderia nunca. Mas com o tempo, foi se tornando alguém muito importante para mim. Considero-o um filho, amo-te, por isso tenho feito tudo isto. Não necessito nada em troca, foi desinteressado. Fazê-lo deu-me muito no que pensar sobre a vida. Sobre minha vida. Sobre mim, em geral. Nós. Eu só quero que seja feliz.

Assinto, sem desviar nossos olhares.

— Fiz o melhor que pude. — continua, sorrindo. — Não fui convencional, possivelmente, não te ajudei da melhor maneira... Mas o fiz com o coração.

— Éu sei. — Abraço-a apertada contra meu lado são. — Sei. E me ajudou Miranda. Muito. E não fui suficientemente agradecido. Perdão.

Ri, empurrando-me para trás, brandamente.

— Perdoo. — suspira, e dirige sua atenção a Emilio, ao longe. — Parece que ele também necessita de alguma ajuda, não?

Entrecerra os olhos pelo sol, mas vejo um brilho de convicção neles.





— Isso parece... — sorrio fracamente — Está...

— Quebrado. — interrompe, completando minha frase.

Concordo, curiosidade aparecendo pouco a pouco em minha cabeça.

— Vai ajudá-lo? — pergunto.

Ela dá um passo, rodeando-me, para caminhar até ele.

— Vou fazer o que estiver ao meu alcance. — sorrimos — Vamos ver quão disposto está em receber ajuda.





Capítulo 22

Ema

Salto o café da manhã, ficando fechada no quarto toda a manhã. As energias me foram drenadas, estou cansada todo o tempo e o sono é constante. Qualquer um poderia dizer que é depressão, mas isto está longe de ser. À hora do almoço desço e alegra saber que não há ninguém que me acompanhe. Sento à mesa e espero que a cozinheira sirva o prato, enquanto tomo suco. O silêncio é bem-vindo e nunca estive mais feliz de estar tão sozinha. Ocupo, arduamente, em colocar a carne na boca e acompanhá-la com purê, com cuidado de não me engasgar, por causa da fome, que fez que meu estômago grunhir, mas não fui capaz de ingerir nada até esta hora.

Alguém entra da sala de estar e ignoro. Embora saiba que é Aída, reconheço sua forma de caminhar e como soam suas sapatilhas de empregada.

Evito soltar um bufo. *"Aí está a empregada que abre as pernas*





para meu pai, sem nenhum remorso." Não posso soltar o forte ressentimento que se instala em meu peito, é tão intenso, que sinto o calor subindo até minha face. Coloco a comida em minha boca e continuo, como se ainda estivesse sozinha.

— Ema. — para justo a meu lado. — Ema, por favor...

Mastigo, engulo, pego meu copo e bebo o suco. Repito o processo de novo e de novo, esperando que se canse e se vá.

— Está bem. — suspira, resignada. — Aceito que não queira falar comigo, entendo. Sei que agora mesmo te caio mal. Mas isso não faz que deixe de me preocupar, Ema. — inclina-se e baixa a voz. — Tem que ir a um médico.

Engulo, fico tensa, imediatamente. O momento de insegurança dura muito pouco, porque me recomponho e reitero meu papel silencioso. Como se ela não estivesse ao meu lado, tentando ter uma conversa importante comigo.

— Ema, — fala-me, como se fosse uma menina pequena zangada. — Ema sabe que não está bem...

— Estou perfeita, obrigada. — Limpo a boca com um guardanapo. — Agora, por favor, quero continuar com meu almoço. Sozinha.

Ela não se move e chega o som de um suspiro nervoso.





— Eu sei que me transformou em sua inimiga por... Pelo outro dia. — suspira, sem ter a valentia de referir com sucesso por seu nome. — Estou envergonhada, e me odeio também, sabe? Porque, por essa estupidez, perdi minha melhor amiga. Sinto muito, já não sei como te pedir perdão...

Termino a refeição e empurro o prato para o centro da mesa, sentindo uma nova náusea e cobrindo a boca com a mão. Em meu lado, sinto Aída firme em sua posição, observando com olhos suplicantes, que não tenho capacidade de ver. Mas posso ouvir como inspira pelo nariz, através de um começo de pranto.

— Como espera que acredite em você, que te perdoe? — Cuspo secamente. — Sinto muito, não posso fazer. Viu a situação em que estou, não? Não posso acreditar que quem diz ser minha melhor amiga, esteja se deitando com meu pai. Que ameaçou prender o homem que amo, por toda a vida. Que me tem aqui como uma prisioneira, impedindo que viva como desejo. O mesmo que sequestra jovenzinhas, para drogá-las e prostituir...

— Como disse? — Salta, surpreendida.

Nego. Levanto da mesa, de repente, o movimento faz que perca um pouco o equilíbrio, por causa de um enjoo e sustento na borda da mesa, até estabilizar. Aída





me segura os braços e uma vez recuperada, afasto-me dela, como se me queimasse.

— Ema. — murmura doída. — Diga o que posso fazer para arrumar.

Sacudo a cabeça, ao mesmo tempo em que avanço para a sala, em busca das escadas.

— Para arrumar? Nada. — Respondo. — Não acredito que possa voltar a confiar em você. Mas ao menos, já que temos que seguir vendo-nos todos os dias, poderia acordar uma oferenda de paz.

— Está bem — segue de perto, enquanto subo. — O quê?

Paro e ela estanca em um degrau mais abaixo. Sem sequer dar a volta para enfrenta-la, falo.

— Quero a chave de meu quarto.

Não estou dormindo bem, não há descanso profundo. Sinto como meu corpo está esgotado todo o dia e cada noite. Ao fechar os olhos, não posso deixar de sentir a sensação de David em cima de mim, tocando-me. Não sei quanto durmo por dia, mas estou segura de que não chego nem a quatro horas e nem sequer profundamente. Acordo muitas vezes, sobressaltada. Seja por pesadelos ou o medo de acabar dormindo profundamente. Vou ficar louca,





se não conseguir ao menos duas horas de sono seguido.

A porta de meu quarto é uma porta maciça, forte, ninguém seria capaz de abrir de uma só vez, se David decide me visitar no meio da noite, terá que lutar com ela, para entrar. Ao menos despertarei e não me encontrará despreparada, como aquela vez. Não sou tola, sei que uma porta fechada não é um impedimento, mas a única coisa que estou pedindo é não voltar a ser tomada com a guarda baixa.

E que seja o que Deus quiser.

— Está bem. — sussurra incerta. — Não sei como vou fazer, mas a conseguirei.

— Bem. — continuo meu caminho de novo.

Aída segue sobre minhas costas até que chego a meu quarto e, quando estou a ponto de lhe fechar a porta na cara, detém-me.

— Mesmo assim, deveria ir a um médico. — volta para o tema, seu tom mais preocupado.

— Não. — Digo insensível — Não vou a nenhum médico.

— Nós duas sabemos o que está se passando, Ema. — aperta.





Enrijeço inteira, minha coluna reta e rígida, endurecendo-me por dentro também.

— Não quero um médico que confirme oficialmente. — Anuncio com raiva. — Não vou deixar que ninguém nesta casa saiba, manterei assim, até que seja evidente e já não possa esconder mais.

Bato a porta fechada em seu nariz e apoio nela, tremendo e a ponto de cair ao chão. Pequenos gemidos e soluços abandonam-me, mantenho-os baixo, para que ninguém possa escutar. Esta solidão fria está-me matando, penso em Alex, em seus braços grandes e fortes, abraçando-me. Revivo uma e outra vez seus beijos, seu toque, sua voz. Tudo está em minha cabeça e é ao que me apego, para não cair. Quando consigo dormir, inclusive seu aroma rodeia-me, em sonhos, é uma tortura despertar e voltar para a realidade.

Mas é o que mereço, por ter sido tão estúpida, por me deixar levar pelo pânico cego e entregar tão fácil a estes monstros. Fui tola, não pensei, só fiz por Alex, porque não podia suportar que estivesse preso, por procurar justiça. Que o privassem de sua liberdade, tão injustamente. Só espero que me perdoe com o tempo, tudo o que fiz foi em busca de seu bem-estar.

O problema é que agora há outros fatores no meio, que só apareceram muito tarde. E já não só tenho que cuidar de mim neste lugar. Já não é só a vida





do Alex que importa, por cima de todo o resto.

Alex

Salto da cama com um grunhido descontrolado e caminho até a janela, suando. Apoio no peitoral e olho para fora, vendo a noite tranquila da madrugada. Limpo com meu antebraço o suor da testa. Já não posso suportar mais, estes meses sem pistas têm-me no limite. Justo aí, a ponto de explodir. Quero quebrar coisas, virar cada maldito móvel, nesta habitação de hotel. Mas isso não a trará de volta. Suspiro, tremendo e dirijo à mesinha do canto, encho um copo de uísque e bebo de uma só vez. Queima minha garganta e sinto como se fosse a única coisa que está bem, neste fodido buraco negro. Saí do cárcere faz um par de meses, mas sigo, sentindo-me um prisioneiro. Não há liberdade para mim. Volto para a janela e a abro, acendendo um cigarro. A segunda rodada de álcool tomo com calma, saboreando, ardendo. Deixei os remédios para a dor há muitos dias atrás, posso permitir-me uma bebedeira. Só que não quero me embriagar, unicamente necessito que minha cabeça se nuble um pouco e meu coração se acalme.





Retorno à cama, quando me sinto capaz de voltar a dormir sem pensar em Ema e quão longe se encontra de mim. Sem ter pesadelos de todo o dano que David pode fazer. Penso que estão vivendo na França, não sei por quê, nem como explicar. Somente sinto, se pudesse tomar um fodido avião e percorrer o país por minha conta, mas não saberia por onde começar. Tenho que seguir as ideias de Leon, encontrar com nossos investigadores particulares. E com aquelas pessoas que rondam o mesmo círculo, do lado escuro da lei. Eles são os que podem saber algo. Inclusive rastreamos gente que trabalhou nas redes do Fontaine e Ferro, torturamos as tripas fora deles e não nos deram nada.

Voltei a dormir, quando minha porta é esmurrada com violenta força e logo vou abrir. Leon está ali, um pouco despenteado, com olheiras sob o olhar e um rosto cinzento. Certo que me encontro igual ou pior, estamos esgotados. Mas distingo algo novo em seus olhos: esperança.

Deixo-o passar, ele eleva seu celular na mão.

— Recebi uma mensagem. — Dá o aparelho. — Um pouco estranho, mas acredito que é confiável. Ou possivelmente, por ser a primeira pista, sinto assim...

Passando o dedo pela tela tátil, para ativar, encontro com a janela de mensagens aberta. A mensagem é curta e direta. Não há nem apresentação, nem despedida. É impessoal, anônimo. E tem uma direção.





Uma direção que pertence à França. E ao final diz: "Não retorne resposta". Elevo os olhos para o chefe, prendendo o fôlego. É inteligente iludir-se? Poderia ser uma armadilha, um jogo, para desorientar-nos. O que seja. Mas no fundo de meu coração, sinto que é certo, que é correto. Que têm a Ema nesse lugar.

Quem caralho enviou a mensagem? A direção de correio eletrônico tem números, é como se não fosse de ninguém. Mas alguém acaba de usá-la, para nos dar um aviso. Lanço o telefone na cama e consigo minha bolsa de roupa, começo a guardar meus objetos, sem nem mesmo ter o cuidado para que não amassem. Tenho que tomar o primeiro avião para a França. Que um raio me parta, se não o fizer já. Hoje mesmo. E se for mentira, se essa pista for falsa, ao menos terei tentado.

— Para, para, homem — Leon se aproxima e me dá tapas no ombro — Faremos, iremos. Mas antes, terá milhares de detalhes para acertar. Têm que vir mais Leões, para nos ajudar. E não vamos tirar passagem nas linhas comuns, deixe-me conseguir um privado. Tenha isto em mente, não podemos fazer nada com a cabeça quente.

Respiro fundo e solto a bolsa, abandonando-a na cama. Observo Leon, voltando a colocar prudência em minha cabeça, sabendo que tem razão. Esfrego o rosto e a cabeça, soltando um suspiro longo e pesado.





— Sei quão difícil é isto para você. — Fala paciente — Estaria igual, Cão. Se alguém levasse a Fran ou a qualquer um dos bebês, estaria disposto a fazer arder o mundo inteiro. Por isso estou aqui e trato de ser a voz da razão, porque sei que, em seu lugar, também a necessitaria. Não estou pedindo que se aguente muito, tudo bem? Dê-nos um dia, no máximo dois.

Concordo, com uma agitação de cabeça e por dentro, estou a um passo de cair. Um dia, dois. Qualquer destas alternativas parece uma eternidade. Filho da puta, tenho que ir correndo para ela. Comprovar que está sã e salva. Um tempo mais sem abraçá-la e esmagá-la contra meu peito, irá me enviar direto ao hospício. Leon pega seu celular e parte, fechando a porta com um assentimento, em apoio. Engulo o nó na garganta e sento na cama, segurando as laterais da cabeça. Paciência é uma virtude. Não me sinto muito virtuoso agora, mas refreio meus impulsos, coloco ar, lentamente, em meus pulmões e ordeno a meu ritmo cardíaco, que baixe os níveis de exaltação.

Deixo-me cair para trás, enterrando as costas no colchão e olho o teto, pelo que poderiam ser horas. Concentro em minha respiração, acalmando-a, então as pálpebras começam a pesar e pouco a pouco, retorno ao sono. Deixo ir, porque sei que, se me esforço em ficar acordado, nada ajudará a acalmar a ansiedade. Descansar é a melhor opção. Antes de dormir profundamente, uma imagem da





Ema sorrindo, irradia em minha mente. Prometo encontrá-la, custe o que custar, leve o tempo que levar.

Ema voltará a ser minha, cedo ou tarde.

Ema

Sou obrigada a passar o jantar em companhia de todos e no processo, tentam obrigar-me a assinar não sei quantos documentos, que não tenho ideia do que são. Não têm êxito, mas sei que se tentassem mais duro, obteriam, cedo ou tarde. Suponho que logo se tornarão mais venenosos. Já tiveram muita paciência comigo, concordo, sei que não falta muito, para que comecem a deixar de me ignorar e usar mão mais dura.

Conversam entre eles, quase como uma família, entretanto, aqui, sabemos que nada é normal. Estou rodeada de delinquentes, de más pessoas, que não se importariam em me causar dano e não sei o que fazer, para escapar. Assim, atuo como melhor aprendi, este último tempo, retraio em minha mente, sonhando acordada, ou falando comigo mesma. Mamãe ri, por alguma coisa que David diz, papai finge ser amoroso com ela e a idiota parece acreditar.





Sinto os olhos de cada um em mim, pois não me uno a nenhum jogo deles.

Termino a refeição e, sem dizer nenhuma palavra, levanto e não me movo, porque meu pai fala.

— Alguém te deu permissão para que se levante? — Pergunta direto.

Não digo nada, não posso, estou muito atordoada. Meus dedos tremem de raiva, sobre a mesa. Sem querer, roço o cabo da faca que acabei de usar. Sinto consciência dela, movo-a dentro da mão, o problema é que não poderia usar da maneira que quero. É nisso que me transformei, não sou feita de nada mais que ressentimento, maldade e raiva. Sempre imaginando formas de feri-los. Quero faze-los pagar pelo que nos fizeram. Quero vingança.

Estou tão zangada, porque Deus me deu esta família. Porque tive que nascer desta horrível mulher insensível e ser gerada pelo mafioso número um do mundo? E ainda por cima, como se isso fosse pouco, ser obrigada a ser esposa de um tipo, que é capaz de qualquer coisa suja.

Solto a faca e giro, seguindo meu caminho para o único lugar da casa onde, ao menos, sinto um pouco mais segura. Antes de sair escuto mamãe reclamar.





— Educamos melhor que isto. — Solta. — Tanto tempo com esses obscenos motoqueiros tornaram-na uma pobre garota comum e sem maneiras.

Engulo, elevo meu queixo e sigo meu caminho. Ignoro. Ignoro. Tratando que nada que eles digam ou façam, afete-me. Enquanto subo as escadas, dirijo uma mão a meu estômago, está volumoso, não muito, mas é notável. Até agora meus vestidos soltos o dissimularam, mas logo deixarão de funcionar. Se não calculo mal, é possível que já tenha quatro meses. E sou magra, agora ainda mais, o estresse faz-me ingerir menos alimentos do que deveria ser saudável, embora tenha fome, só não consigo reter o suficiente. Por isso o ventre já se nota.

Entro no quarto, no instante em que ouço passos pesados e firmes seguindo-me. Apresso, tentando entrar e fechar com chave. Alcanço a porta e a empurro, está quase perto do click final, mas nunca chega. David a abre tão, violentamente, que lança meu corpo para trás e quase acabo no chão. Fecha-a de um golpe seco e tranca. Tento, com todas as forças, não entrar em pânico. Minha respiração acelera, sai em forma de assobios abatidos. Dou passos para trás, até que uma parede me detém. Ele fica a uns metros, olhando. Meu corpo esfria, de repente, sei que estou em graves problemas, dos quais não poderei correr.

— Tire o vestido. — ordena duro.





— Não. — devolvo, com voz segura.

Não vou ceder a ele, por mais rude que seja comigo. Colérico, lança-se contra mim e agarra meu braço, leva-me para a porta de novo. Abre e arrasta meus pés pelo largo corredor atapetado. Retorço, tentando afastar-me de sua apertada mão de aço, ele usa a outra para me aquietar, colocando-a em meu alvoroçado cabelo e fechando-a em um punho. Meu couro cabeludo começa a arder e, quanto mais luto, mais me maltrata. Acabamos em outro lugar, outro quarto, para ser mais exata. Joga-me dentro e volta a fechar a porta, da mesma forma que antes. Todo o imenso lugar cheira a ele e, imediatamente, dou conta de que estamos em seu quarto. Gira a chave e meu peito se enche de mais terror.

Agora encontro-me em um lugar que não conheço.

— O vestido. — Ruge. — Agora.

Nego de novo. Então não necessita de nada mais, para acabar com a distância e fazê-lo por si mesmo. Grito e o empurro, sem êxito algum. Baixa as mangas curtas e abaixa o tecido, meu sutiã aparece, ante sua vista e o destroça, para liberar meus pesados seios. Dói, há muita sensibilidade ali. Grunhe e segue com seu trabalho, dificulto, mas não tanto como pretendo, de verdade. O vestido cai a meus pés e se afasta, detendo o fôlego. Respiro agitada, não me cubro, deixo que veja, não importa. Já perdi todo meu orgulho faz tempo.





— Sabia. — Pigarreia — Sabia.

Dizer que está zangado é pouco. Nunca o percebi assim e agora sei que é capaz de fazer qualquer coisa comigo. Sua paciência acabou. Meu descanso também.

— Está grávida. — Sibila, com os dentes apertados — Você, puta de merda, ficou grávida! DELE!

O último grito sobressalta-me, jogando-me para trás. Aproxima-se como um animal a ponto de atacar, apertando seu forte agarre em minha mandíbula, apertando, até que parece que vai rompê-la. Embora não queira, um grito de dor me escapa e um gemido o segue. Desejaria ter roubado a faca na mesa, fatiá-lo em pedacinhos. Mas não seria uma manobra limpa, teriam descoberto. Retira minha roupa interior, depois me solta e junta todos os objetos a meus pés. Afasta-se, embora não saia do quarto. Percebo mover-se, andar de um lado para outro, maquinando. Abruptamente, escuta-se uma música, rock pesado, de alguma banda metal, que não reconheço. Sai de algum equipamento, em algum canto e os alto falantes parecem estar por todos os lados, ao meu redor. Minha pele se umedece com um suor frio, quando sobe tanto o volume, que meus ouvidos doem. Engasgo e tampo os ouvidos com minhas mãos, nada sossega o insistente som, retumbando por todos os lados. Tremo sem parar.





Agora não sei onde está, se longe ou perto. Se me olha ou não. Meus nervos se eletrificam e minhas pernas ameaçam ceder. Perco minha tão necessitada percepção, não há maneira de sentir-me no controle de nada. Grito, os olhos fechados e as mãos nos ouvidos. Grito, até ficar rouca. Como se alguém fosse me escutar. Sei, mas isso não me faz parar. Onde está? Está se movendo? Está me vigiando? Quando cairá sobre mim? Encharco em suor, mal posso respirar. Estou tendo um ataque de pânico, justo frente a seus olhos. E aposto que o desfruta. Sinto intensa vontade de vomitar. Caminho para trás, com cuidado de não cair ou me chocar com nada, chego ao fim de uma parede e abaixo sobre ela, sento no chão. Formo um novelo com meu corpo, com minhas orelhas tampadas. Nada funciona, acredito que vou desmaiar.

Minutos avançam, convertem-se em horas. Ou, possivelmente, é só meu desespero contando. Parece eterno, a música nunca para, quando uma canção acaba, passando à seguinte, só tenho dois segundos de silêncio, que não me alcançam, para saber se estou sozinha ou David está muito perto. Náuseas vêm, engulo-as, minha boca secando. Meu rosto molhado de lágrimas, que nem sequer sou consciente de derramar.

Abruptamente, se detém tudo, parece que o CD acabou, ou ele o deteve? Estou me escutando choramingar e soluçar, movo no piso e junto meus





joelhos contra meu peito. Estou tomando ar, como se levasse meu corpo ao limite físico, durante a última hora. E, de certo modo, fiz, esticando até termos inimagináveis. Jamais estive presa em tanto pânico, para roçar a linha final e quase perder a consciência.

A porta abre e fecha, a chave gira, novamente. E agora entendo que estive sozinha todo este tempo, David deixou-me assim. Para quê? Não sei. Está doente, poucas vezes alguém entende os loucos. Sem vacilar, aproxima-se e crava os dedos em meus braços, levantando-me. Toca-me e estou tão paralisada pelo choque, que apenas percebo ser rude. Amassa meus peitos, minhas nádegas, inclusive empurra contra a parede e me força a abrir as pernas, tenho-o colocando seus dedos em mim, no segundo seguinte. Movo, caindo de novo na realidade, não sei como consigo energia, mas levanto um punho e o golpeio na cara. Grunhe, soltando-me e tento correr, aonde? Não importa. Retém-me de novo. Tropeço e me deixa cair no chão, para acabar sobre mim.

— Vamos nos desfazer desse feto. — Cospe, empurrando minhas pernas abertas com seus joelhos. — Mas antes, conseguirei o que é meu, há meses.

— É tarde — digo, retorcendo, voltando a mim pouco a pouco. — É tarde para um aborto.

Puxa meu cabelo e engasgo.





— Acaso pensa que me importa? — Ri, esmagando-me. — Vai embora, agora ou mais adiante, não vou cuidar desse verme.

Empurro meu joelho acima, com a intenção de golpeá-lo na virilha, reagindo, ante sua referência a meu bebê. Meu precioso bebê. Não tem direito de chamá-lo assim. Aqui, o único verme asqueroso é ele. Não obtenho meu objetivo e ele ri, encantado. E depois percebo o som do zíper de sua calça abrindo. Arrasto-me longe, ele consegue segurar meu tornozelo, acabo debaixo dele de novo. Libera-se, sinto sua asquerosa masculinidade roçar minha coxa. Desta vez não se mantém perto de meu rosto, aprendeu a lição. Não posso mordê-lo, nem sequer beliscá-lo ou chutá-lo. É muito forte.

Está a um milímetro de entrar em mim e fecho os olhos com força, esperando a dor. Não chega. Em troca, consigo todo o peso morto de David, em cima de mim, esmagando-me até quase arrebentar meus pulmões. O que acaba de ocorrer? Ele geme de dor, semiconsciente. Trato de empurrá-lo longe de mim e assim, ficar livre. Alguém me ajuda e o empurra fora. Pauso, ali estendida no piso atapetado, sem ser capaz de me mover ainda.

— Acabou esta merda — fala uma mulher, seu tom grave, pela força e raiva. — Cinco anos é muito tempo, terminei com estes filhos da puta.

O quê?





— Aída? — Soa como ela, mas tão severo, que é quase irreconhecível.

Ela o chuta, ou isso é o que acredito, por causa dos golpes que enchem o lugar. Depois fala, mas não comigo.

— Necessito reforços. — pede para alguém — Não me importa que vocês acreditem que não têm suficientes provas, caralho, vou prender a todos! Esperei cinco fodidos anos, para colocá-los para apodrecer na prisão. Não importam as provas, tenho suficientes, caralho!

Engulo, levantando.

— Está bem? — Pergunta, agora parece calma, quase maternal. A velha Aída no controle.

— O que está acontecendo? — Quero saber.

Suspira e me ajuda a levantar. Depois traz roupa, para me cobrir. David se move no piso e ela me abandona, para voltar a golpeá-lo. O tipo cai, queixando-se.

— O que sente, ao estar algemado? Heim? — Chuta-o de novo. — Já vai ter o que merece, filho da puta. Você e o imbecil esquentadinho de seu chefe. Cansei dos dois, oxalá pudesse lhes colocar uma bala na testa. Mas não, já quebrei muitas regras hoje.





Passeia nervosa, zangada, agitada. Não reconheço a esta garota, quem é?

— Aída...

— Kátia. — Cospe bruta. — Kátia Moronta. Não sou Aída... Nunca fui a maldita Aída, está bem? Essa porcaria acabou agora.

Estremeço.

— É polícia? — Solto, muito surpreendida, para soar segura. Ri.

— Agente infiltrada. — corrige, andando de um lado para outro, como se tivesse vontade de quebrar coisas.

Passos soam no piso abaixo, pesados, incontáveis. Muitas pessoas juntas, começam a subir as escadas, gritando ordens. Estalam pistolas, botas pesadas retumbam, inclusive no tapete.

— Rápidos né? — diz Aída. Ou Kátia. Não sei como chamá-la agora.

— Que porra aconteceu aqui? — Grita um homem da porta. Sobressalto, porque reconheço bem esse timbre de voz. Leon.

— OH, bom, estes não são meus reforços. — diz Kátia, mal humorada

— Mas são os teus. — logo sorri,





parecendo a mesma garota doce de antigamente. — Já era a maldita hora.

Solto um soluço, o alívio faz que minhas pernas virarem gelatina e quase desabo no chão, alguém me segura e me aperta contra o peito. Uma respiração pesada e desesperada pronuncia meu nome, em meu ouvido. Lágrimas caem por minhas bochechas e sem dizer nenhuma palavra, procuro os lábios de Alex e o beijo, porque é a única coisa que me importa agora mesmo.





Capítulo 23

Alex

Ema se estica, instantaneamente, para me beijar e inclino, para encontrá-la no meio do caminho. No instante em que nossos lábios se unem, algo explode em meu peito. Aperto-a mais contra mim, uma mão em sua nuca, a outra em suas costas. A suavidade, ao senti-la, leva-me ao princípio de tudo. Já posso respirar tranquilo, ficou para trás o sufoco, a pressão, que não me permitia avançar, saudavelmente. Ela é como meu combustível, estava morrendo, transitando na vida, com as poucas reservas que restaram, um passo de cada vez, tão esgotado e quase derrotado, então volta a estar em meus braços e volto a ser eu. Ema é minha fortaleza. Suas lágrimas silenciosas molham nossas bochechas e quase segui seu exemplo e chorar como um bebê.

Separo nossas bocas, sedentas e necessitadas, com a minha testa a acaricio, depois suas bochechas, nariz, sobrancelhas. Beijo-a de todas





as formas, o sabor salgado das lágrimas escorre entre meus lábios. Observo-a, não perco nem um detalhe de seu rosto. Está mais magra, engulo um nó amargo de desgosto. Sua palidez não vai embora, nem com minha proximidade. Passo meu polegar pela maçã do rosto, bochecha, cantos. E ela sobe suas mãos, para esfregar meu rosto, eu as pego nas minhas e as viro, até que seus dedos me tocam. Fecho os olhos, perdido em uma realidade paralela, sem estar, verdadeiramente, consciente do lugar onde estamos e nem com quem. Ela faz seu reconhecimento, quase desaparecendo, suas pernas cedem, o alívio é visível. Alívio, porque estamos juntos de novo.

— Perdão — murmura, engasgada com seu choro. — Estraguei tudo. Perdão. — Nego, enrugando a testa.

— Shhh — Sossego-a, beijando-a de novo.

— Estava desesperada, acreditei que nunca conseguiria sair — Seco, suas lágrimas. — Eu... Precisava te ajudar... Não pude suportar a ideia de que ficasse mais um dia preso... Sinto muito, deveria ter esperado que o clã resolvesse. Agora, estou segura de que teriam feito.

— Esquece tudo, já ficou para trás — peço, obstinado.

Para de falar e treme em meus braços, aperto-a em meu peito, sustentando-a. Parece a ponto de desmaiar. Respiro em seu abundante cabelo, que está despenteado,





respiro, profundamente e por fim, percorro a sala com os olhos. Leões se espalharam e sei que, do outro lado da mansão, estão Fontaine e sua esposa. David está caído no chão, vindo ao redor, lentamente, move-se e Aída, a garota pequena que aterrorizamos, quando fomos procurar a Greta? Putz! Seu olhar está fulminante nele e está pronta para chutar seu rosto. Há uma arma em sua mão e um rádio pequeno. Alta tecnologia. Que porra é essa? Caminha ao redor, mal-humorada e toda a expressão de simpatia e inocência que conheci, aquela vez, brilha por sua ausência, está no controle agora. E há um inferno de decisão e poder, que emana dela, transmitidos a todos os que estão na sala.

Meus olhos se movem ao redor de novo e surpreendo, pela primeira vez, o vestido atirado no chão. Não pode ser da Aída, está vestida com seu perfeito uniforme de empregada. E Ema? Ela usa um vestido amarrotado e desalinhado. Agora percebo seu estado e o que pode ter acontecido cai sobre meu pescoço, como o fio de uma guilhotina. Separo Ema de mim e seguro seu rosto em minhas mãos, olhando-a diretamente.

— Ele te tocou? — A pergunta sai estrangulada. — Tocou? — Repito, sacudindo-a, pela falta de resposta.

Nega e solta um soluço.

— Não. — Ela diz. — Tentou. Duas vezes, mas...





Não escuto mais, solto-a e me enchendo com ira violenta, caminho para o sujeito no chão. Estou disposto a chutá-lo, com um rosnado animal limpando minha garganta. Quero-o morto, lentamente, dolorosamente. Que caia em seu próprio sangue, afogando-se nele, a meus pés. Estou a alguns passos, quando um duende me para, apoiando sua pistola em meu peito. Olho para baixo e encontro com dois olhos castanhos, brilhando com advertência.

— Para trás. — Encosta a boca de sua arma, empurrando-me.

— Vou matá-lo — rosno, um momento antes de empurrá-la e tirá-la do caminho.

Aída levanta uma sobrancelha, em uma expressão clara, que diz: *"Sério? De maneira nenhuma, imbecil".*

— Não perdi cinco anos de minha vida, para que venha um estúpido gigante e leve minha recompensa — diz, com os dentes apertados. — Não vou deixar que ninguém interfira no meu trabalho, ok? Agora, dê um passo atrás, porque não dou a mínima se Ema o ama, vou atirar em você.

Mas que diabo está acontecendo? David tem que ser meu, esperei uma vida inteira, para me encarregar disso. Quero-o amarrado e disposto a lhe arrancar cada pedaço de pele.





— Alex? — Ema chama-me, Leon a está segurando e parece pálida.

Fulmino Aída e afasto, apertando os dentes. Essa anã não pode me negar o que quis por tanto tempo, ou pode? Chego a Ema, ao mesmo tempo em que um batalhão de homens de uniformes azul escuro entra e nos rodeia.

— Até que enfim! — Grita Aída, furiosa.

Os policiais a olham de soslaio e depois ao Ferro, levantando-o sobre seus pés instáveis. Um tipo alto, moreno e com olhos azuis elétricos entra, imponente, como se estivesse a cargo da operação e vai direto a Aída, com olhos perigosos.

— René? — Exclama Leon, ao meu lado, com olhos exagerados.

O cara olha para ele e passa de furioso a surpreso, em um segundo, com Leon apenas observando.

— Ei, Navarro — diz com tristeza. — Olha onde estamos...

Ele não me é estranho, René Sousa é um policial da aldeia. Mas, a julgar por sua aparência atual, de simples policial não tem nada. Ergue uma mão ao chefe, pedindo um momento e volta a pôr toda sua atenção na garota, que





parece uma louca, defendendo suas capturas.

— Eu te disse que não havia provas suficientes para que os prendessem. — Diz rude, ele a repreende na frente de todos. — Que diabos está errado com você? Huh?

Aída não parece muito feliz, digamos, além disso, o fato de que lhe fale assim na frente dos outros, deixa-a muito mais. Se antes parecia uma louca, agora está demente.

— Tráfico de mulheres brancas. Lavagem de dinheiro. Tráfico de drogas — enumera com as mãos. — Sequestro — mira a Ema, depois assinala ao Ferro. — Tentativa de estupro. O que mais você quer? — Rosna no final.

René aperta a mandíbula, outros agentes levam Ferro e ele se afasta do duende, como se estivesse resistindo a sacudi-la. Vem para nós, observa Ema com preocupação, presa a mim.

Como se ela o sentisse, diz.

— Se Aída ou Katia, não tivesse chegado a tempo, teria me violentado. — Diz, defendendo.

Endureço por dentro. Os olhos da agente, mais à frente, abrandam-se um pouco ao escutá-la, observa-a com atenção, um momento antes de ir, seguindo os que levaram David. René acena com a cabeça, suspirando com resignação.





— Depressa — disse, sem ter se dado conta que não deveria falar disso conosco. — Mas, se analisar, ela o fez perfeitamente. Cinco anos sacrificados, ela teve que lhes dar o final. Tendo em conta que estas pessoas, raramente, fazem negócios em casa, tenho que reconhecer que encontrou o suficiente, enquanto eu acreditava que não devia se meter nisso.

Percorre a sala com olhos insistentes, um brilho de raiva atravessando seu olhar.

— Mas não lhe digam isso — sorri. — Iria atiçar sua arrogância. Tem muita, para ser tão pequena, a cadela.

Leon e eu concordamos, embora saibamos que ninguém vai falar disto com ninguém. Nem com ela.

— Isso é porque é muito boa em atuar. — Ema fala com orgulho. — Enganou a todos.— Insípida, solta uma seca gargalhada, não se sabe se foi genuína diversão ou sarcasmo.

— Disfarça bem. Bom, vamos. Vocês deveriam fazer o mesmo, já que meu pessoal vai revirar cada maldita telha deste luxuoso palácio.

Saímos, seguindo-o, Ema tropeça e aperto, firmemente, meus braços a seu redor. Descemos as escadas e dou uma olhada no chefe, que não diz uma só palavra faz tempo, seus olhos fixos em René Sousa.

Surpresos. Aposto que nunca





imaginou que ele seria o cara por aqui e menos ainda em um cargo tão alto. Agente, não é? Todo este tempo, fingiu ser polícia do povo? Aposto que era tudo parte do plano contra Ferro e Fontaine. Também sei que está pensando em ficar longe dele ou qualquer um da sua família, para que não seja seu próximo alvo. Esmagar-nos-ia como a uma formiga.

Saímos da casa, depois de acomodar Ema e passamos pela porta principal. Ali, batemos de frente com mais barulho e uma operação, em todo seu esplendor. Nós, os Leões, rodeamos a cena no centro, enquanto oficiais arrastam Fontaine para os enormes carros blindados.

Um gemido me desvia e olho sobre a que suponho, é a mãe de Ema, sendo presa, junto com seu marido. Ela está no meio de um colapso nervoso, enquanto Fontaine tem o rosto duro como pedra. Olho-os de longe, enquanto me alegro que tenham caído. Porque assim, não poderão incomodar mais Ema e fazê-la infeliz, com sua frieza e demandas. Colocam a mulher em um veículo e o fecham, enquanto que o homem é levado em outro, onde Aída o espera. Ou Katia, como é que se chame. Ela está de braços cruzados, aguardando, com um sorriso perigoso no rosto atraente. Vejo como Fontaine crava seus olhos nela. Se olhares derretessem... A garota não se afeta, ao contrário, sorri mais largamente. Então, quando ele está bem na sua frente, fica na ponta dos pés e lhe cospe na cara, com vontade.





— Isso é por todas as vezes que chupei você.

Depois o pega pelo cabelo e o empurra dentro, com violência indisfarçável. Aposto que um agente não deveria proceder assim em uma detenção, mas nenhum de seus companheiros parece surpreso ou zangado. Apenas Sousa, ele sim a observa, como se quisesse fazê-la desaparecer.

— Deixa essa prepotência de lado, Moronta — ele ordena tenso. — Já fez seu trabalho, vão pagar...

Ela encolhe os ombros e se afasta, não sem antes lhe mostrar o dedo do meio. Bom, está claro para todos que essa não é a pobre e pequena empregada e companheira de Ema. Apesar de que não me deixou nem sequer tocar em Ferro, caiu bem. Cai bem a todos nós. Mas continuo insatisfeito, meu sangue pede vingança, com desespero. Nego e enterro o assunto em um canto da minha mente, agora Ema é o centro de tudo.

— Você está bem? — Pergunto, notando que está muito pálida. Nega.

— Acho que vou desmaiar.

Não termina a frase, antes de cair e a sustento, enchendo de pânico, novamente. Pego-a em meus braços, sua cabeça cai pesada para trás e me escapa um protesto quase louco. Katia aproxima-se correndo, guardando a arma,





ordena a alguém que chame uma ambulância e entra. Uma vez na sala da mansão, recosto Ema em um dos enormes sofás. Parece tão pequena ali, imóvel, que em meu peito cresce um mal estar insuportável.

Todo mundo nos dá espaço, quando Katia exige, embora eu permaneça, observando suas ações, enquanto a examina. Ela abre as pálpebras, para dar uma olhada em suas pupilas e depois coloca uma mão em seu estômago, pressionando-o levemente com os dedos.

— Você bebeu? O que está fazendo?

— Está tudo bem. — Diz, olhando direto em meus olhos. — Acho que foi o choque de tudo o que está acontecendo.

Enrugo a testa e inclino sobre Ema, minha mão querendo fazer o que a garota fez antes. Não me demoro, apoio a mão aberta em seu ventre e meu queixo cai. Paro de respirar. Percorro-o, lentamente, de acima a abaixo, dos lados, minha mão é grande e com dedos largos, quase alcanço tudo. Vê-se uma pequena elevação, mas muito notável ao tato. Minha boca seca e levanto os olhos incrédulos a quem se senta em minha frente, Leon. Seu olhar está cheio de perguntas, que não sou capaz de responder, mas não posso falar. Estou sem palavras.

Os médicos interrompem o momento, carregam Ema em uma maca e os acompanho de perto, como um





robô. Entro na ambulância com eles, não me impedem, porque alguém lhes diz que sou seu companheiro. Entrelaço meus dedos com os de Ema, que estão frios, mas não é preocupante. Acredito. As enfermeiras a auxiliam, levantam seu vestido e o ventre pálido aparece, ante minha perspectiva. Eu tremo, assobiando baixinho, como se estivesse morto de frio, mas em realidade, estou morto de... Confusão? Surpresa? As mulheres falam comigo em francês e sorriem, não entendo merda nenhuma. Observo-as, sem sequer piscar, antes de voltar a pousar meus olhos no estômago arredondado. Como? Quando? Minha mente está cheia de perguntas.

No hospital, eles nos colocaram em um quarto e Ema é deitada no centro do leito macio. Parece em paz, adormecida. Ele não acha que alguma coisa está errada. Um médico vem, dois enfermeiros trazem um aparelho estranho, que suponho ser o ultrassom. Ou não? Não sei, não tenho nenhuma ideia. Começam a me perguntar coisas e eu levanto o dedo, pedindo uma pausa. Preciso de alguém para traduzir. Paro na porta, vejo chegar meus amigos e sei que nenhum deles fala francês o suficiente, para entender os médicos. Katia se adianta e sem dizer uma só palavra, empurra a porta e entra. Bom, pelo visto, agora é líder.

Saúda com um movimento de cabeça, soltando palavras enroscadas. Os médicos a recebem com um sorriso. Agora está vestida com um uniforme azul, como os





de seus companheiros e cruza os braços em um canto, não querendo perturbar. Sento junto à cama e vigio Ema. Seu vestido está erguido de novo e não consigo entender por que reajo em choque, cada vez que vejo o abdômen. Seu ventre. Com um... Bebê. Agito a cabeça, limpando a neblina, estou parecendo um tolo. Aída, Katia, ou quem é ela, sorri, com um brilho estranho em seus olhos escuros. Os médicos falam entre eles, preparam-se para uma Ecografia, deduzo.

— Vão fazer uma Eco — avisa, dando um passo adiante com curiosidade.

Concordo. Ela franze a testa e fala com eles. Conversam, o médico para o que está fazendo, em dúvida. Para o gesto, com pesar. E minhas palpitações aumentam.

— Perguntei se podem espera-la acordar primeiro. — explica Katia, alertando minha loucura crescente. — Vai ser a primeira... Seria lindo, se estivesse consciente para assistir.

Nossa, isto realmente está acontecendo.

— Não podem, eles têm que saber se o bebê está bem, quanto antes, melhor.

Bebê. Bebê. Bebê. A palavra dá um puxão em cada um de meus órgãos internos. Vejo-os pôr uma substância estranha e gelatinosa sob o umbigo e logo o aparelho está apoiado em sua pele, sendo conduzido pela mão enluvada do





doutor. Pulo em meu lugar, com a primeira batida. Não acredito que tenham percebido, só sinto assim por dentro. Em estado de alerta. Minha garganta fecha-se e não posso respirar. Nem sequer estou consciente das vozes que falam, não posso tirar os olhos da tela.

— Dezesseis semanas — diz a garota no canto.

Endureço e olho para ela, com olhos desfocados. Parece que seu rosto pequeno se esforça para não cair na risada, por causa de meu estado de choque.

— Dezesseis — sussurro arranhando o peito.

Continuam falando em francês, então não estou preocupado. Mas continuo sem entender, absolutamente, nada. Minha mente coberta de nevoeiros.

— Ele é saudável. Perfeito — continua dizendo minha tradutora pessoal. — Ainda não se pode ver o sexo.

Os médicos e enfermeiros separam-se, limpam-na. Arrumam tudo e saem. Fico de pé, sem fala. Sem reação ainda. De repente, temos que sair e tenho Katia a meu lado, olhando-me, fixamente. Severa, começa a dar ordens, tanto faz se escuto, ou não. É exigente e em outro momento incomodaria, mas agora, não sou eu mesmo. Não sei quem é este que tomou meu corpo.





— Ema tem que descansar. — Toca no meu braço, para que eu preste atenção nela. — Muito. Não o tem feito como deveria, estes meses. Alimentar-se bem, não reteve o suficiente do que ingeriu, nos últimos dias. E necessita paz, acima de tudo.

Afasto-me e caminho ao redor, sem parar.

— Por isso os contatei — muda de assunto — Eu enviei esse e-mail, apesar do risco envolvido. A operação já estava me derrubando, pelo dano que Ema sofria, descobrir sua gravidez fez-me duvidar de tudo ainda mais. E encontrar David em cima dela, esta noite, terminou de me convencer. Não podia mais esperar. Pela primeira vez em minha vida, coloquei alguém acima de mim e meu trabalho.

Finalmente a olho com consciência, compreendendo tudo. Concordo, num agradecimento silencioso, porque sigo sem palavras. Nota-se que é, intimamente, ligada a seu trabalho, outro não tomaria cinco anos de sua vida, para fingir ser outra pessoa. Mas se vê apaixonada por pegar os bandidos e fazê-los pagar, generosamente.

— Sei que vai cuidar dela, não tenho dúvidas disso — sorri e agora sim, parece a doce garota que vi pela primeira vez. — Contou muito sobre vocês — troca para uma expressão de completa malícia. — Bastante.





Calor sobe no meu rosto, droga. Desde quando ruborizo por alguma coisa? Ema e ela são amigas há anos, claro que devem ter falado sobre questões de meninas. E certos detalhes sujos. O ideal seria que Katia fingisse não saber nenhuma merda mas demonstra não ser uma mulher muito sutil.

— Bom, parece que precisa um momento a sós — pisca os olhos, dirigindo-se para a saída. — Vemo-nos mais tarde.

Fico parado ali de pé, forçando a ligar de uma vez por todas. Aproximo de Ema, que segue adormecida entre os travesseiros e a observo por vários minutos. Lentamente, ergo um lado dos lençóis e subo a saia do vestido, descansando a palma da mão na ligeira redondeza. Linda, tenho que acrescentar. Perfeita, suave e minha. Acaricio-a, minha pele arrepiando-se, com cada curva.

O que vou fazer com um bebê? Pergunto-me. Depois de tudo o que passamos, serei bom, cuidando dele? Estou preparado para ser pai? A última vez que estive no comando de uma família, tudo foi para o inferno. E se destruo esta também? Fecho os olhos e meu toque vacila. Volto a cobrir Ema e retrocedo alguns passos para longe. Apoio minhas mãos na parede, tentando colocar ar em meus pulmões, a um segundo de entrar em colapso. O pânico toma conta. Por um momento não posso parar de repetir possibilidades negativas em minha mente.

Que não vai funcionar. Que tudo





vai se arruinar. Que, se não fui capaz antes, agora tampouco. Que foderei todo, porque não estou pronto para isto.

Simplesmente, enlouqueço.

Estou assim por um intervalo longo de tempo, até que minha menina se mexe, acordada. A primeira palavra que sai de sua boca, apenas audível, é meu nome.

— Alex?

E só assim, respiro, normalmente, de novo. Recupero o controle e vou com ela. Sou testemunha de como esses olhos de caramelo piscam, depois do sonho, a cor rosada voltando para as bochechas. E minha vista desfoca, enchendo de lágrimas. *"Olhe para ela, olhe para ela também",* digo a mim mesmo, *"olhe bem o que têm em frente. A mulher mais bonita e especial do mundo. Ela te ama. Você a* ama. Que maldita coisa pode dar errado, a partir de agora?".

Abaixo e a beijo na testa, engolindo um soluço baixo. Entretanto, as lágrimas voltam a cair, porque as estive segurando por muito tempo. Meses e meses de tensão, dor, inquietação, angústia. E agora, dúvida e pavor. Deixo tudo isso, obrigo-me a fazer, porque quero abraçar o que a vida está me dando.

— Amo-te, Ema — digo a ela.





Imediatamente, busco seus lábios com os meus.

Ema

Volto à realidade e só o que sou capaz de fazer é chamar Alex. A um passo de entrar em angústia, acreditando que tudo o que passou, nas últimas horas, foi parte de um cruel sonho. Mas não, em seguida, percebo sua presença ao meu lado e seu calor abraçando-me. Inclina-se sobre mim e toca seus lábios fechados na minha testa, fecho os olhos, enquanto permaneço ali parada. Um intenso soluço entrecortado explode contra minha pele e meus olhos se enchem de lágrimas, ao mesmo tempo.

— Eu te amo, Ema — sussurra ele, engasgando com as lágrimas.

E cai em minha boca, beija-me e o recebo encantada e cheia de emoção transbordante, que nem sequer consigo embalar, em meu interior. Seguro seu rosto barbudo em minhas mãos e lhe dou tudo, também chorando. Suas lágrimas se misturam com as minhas e estamos ali, abraçados, pelo que parece uma eternidade.

Meu peito se enche de alívio, porque, finalmente, estou de novo em





seus braços. Estive sonhando com isso, por intermináveis meses.

— Também te amo — digo, a um centímetro de separação. — Não posso viver sem você. — E é uma verdade absoluta que assusta. Mesmo assim, ocupo em enterrar o medo.

Limpo suas lágrimas com meus dedos e levanto dos travesseiros, para beijá-las, bebe-las com meus lábios entreabertos. O sal se dissolve em minha língua e ele estremece. Está tão cansado. Mesmo que não posso vê-lo, sei. Noto. Está esgotado e igual a mim, precisa recuperar as energias. E paz. Temos que voltar a estar seguros de nossas vidas, do amor e do futuro. Nosso futuro. Estes meses foram uma amostra do que pode chegar a ser o inferno, lá embaixo. Não sei como sobrevivi, ou o bebê, com tanto estresse. Mas agora estamos aqui, ou não? Tudo volta a estar certo.

— Alex. — ele se afasta, recuperando-se. — Preciso te dizer algo...

Sem pensar, uma das minhas mãos acaba em meu ventre, imediatamente, ele a persegue e enrosca nossos dedos. Seguro o fôlego.

— Sei. — diz, com voz congestionada pelo pranto, que já parou. — O bebê... Vamos ter um bebê.





Eu mordo meu lábio inferior, nervosa.

— Pegou-me de surpresa...

Ele me corta.

— Oh — Solta um suspiro, meio dramático, meia verdade — e a mim, nem conto. Deveria te perguntar como é que estou aqui de pé e não no chão, inconsciente. Até recentemente, estava em choque, sem conseguir processar.

Sorri e não posso evitar tomar seu exemplo. É um peso a menos em meu coração, que ele encare com humor, embora ambos saibamos que está apavorado. Não tenho medo da minha gravidez, já não. No começo, quando dei conta que minha menstruação estava atrasada e comecei a sentir náuseas, fiquei paralisada por alguns dias. Não por causa de meu bebê, mas sim do dano que poderia sofrer, se fosse descoberto por meus pais e David. Agora? Posso respirar tranquila, sei que Alex está assustado, que está se acostumando com a ideia de que vai ser pai. E eu o vou apoiar e ajudar. Vamos seguir em frente.

— Fizeram uma ecografia. — senta na beira da cama e passa seu polegar por minha bochecha, letárgico. — Tudo está bem. Tem dezesseis semanas. Mais tarde, vamos pedir outra, para que você o veja. Foi... Não conseguiria descrever com exatidão. Seus batimentos cardíacos soavam tão fortes, firmes, constantes. Como gritando: *"aqui estou e vou*





destruir tudo" — ri e volta a pousar seus lábios úmidos em meu sorriso — Tenho medo. Merda, muito. Não sei o que vou fazer com ele — exala, tenso. — Mas já o amo e descobrirei como ser um bom pai...

Nego.

— Você vai ser um pai perfeito — insisto, tentando que ele acredite de verdade. — E tudo vai ser incrível.

Aperto sua mão, segurando com força na minha, menor e suave. Sinto como me enche sua proximidade, substituindo esse buraco vazio, que cresceu dia a dia, nos meses que estivemos separados. Ele dá tudo para minha vida, não preciso de mais nada.

— Vai ser um menino duro, como seu pai. — digo risonha — Será corajoso e gentil, como ele. Com esses mesmos fortes e puros valores, que o tornam o homem mais bonito do mundo para mim.

Não responde nada, por um longo momento, somente apoia sua cabeça em meu estômago e descansa imóvel. Suas pálpebras fecham, ante as massagens que faço em seu cabelo. Sua respiração se acalma, como quando se está próximo ao sonho.

— Um menino, heim? — Murmura, arrastando as sílabas. — E se for uma doce ruiva, com a mesma falta de





vergonha que a mãe?

— Há! — Solto, acompanhando com uma risada estridente. — Não. Vai ser menino. E vai ter os mesmos olhos de lobo do pai.

Coloca uma mão entre meu ventre e sua bochecha e a deixa ali, aberta, seus dedos acariciando o ponto justo, onde está nosso filho. Por Deus, meu coração nunca esteve mais acelerado e feliz como agora. Não quero me apressar, mas em minha cabeça há uma voz que grita sem parar, por causa da euforia, que significa realizar meus sonhos mais profundos. Os que acreditei que não teria nunca a possibilidade de viver. Aventura, amor, paixão. Uma família. E tudo isso encontro no homem, que agora me cobre, tal como uma coberta quente e suave de tocar.

Ficamos assim, em silêncio, só nos apreciando um ao outro, já que não fazem falta as palavras. Evitamos o tema de que agora meus pais e David estão na prisão e deduzo, será por décadas. Não me importa, eles já não significam nada para mim. Dói sim, que tive que cortar relação com meus pais assim, mas não há mais opções. E já não vou dedicar-lhes mais pensamentos. Eles não me querem e eu encontrei meu lugar no mundo. E o verdadeiro sentido de minha existência.

A porta se abre, quando estamos a uns minutos de adormecer, Alex sai de cima de mim e se alonga,





respirando fundo, cansado. Os médicos falam comigo, perguntam como me sinto, respondo em francês. Avisam que logo me trarão algo para comer e que devo descansar. Que vou permanecer em observação por vinte e quatro horas e, se tudo sair bem, poderei ir para casa. A meu lado, Alex interrompe, quer que lhes pergunte se poderei viajar nos próximos dias de volta a Argentina, ou se terei que ficar mais tempo em repouso.

Eu traduzo o que ele diz, esperando como ele, por uma boa resposta, porque também estou morrendo de vontade de voltar para casa.

Temos sorte, é muito provável que possamos voltar dentro dos próximos três dias.

Quando, finalmente saem, nós dois voltamos para uma posição similar à anterior, mas antes disso, tenho certeza de conseguir a informação que quis, desde que soube que lhe deram a liberdade novamente.

— Como foi que saiu? — Começo. — Conforme entendi, David não deu a ordem de te soltar, queria você preso por mais tempo.

Ou, possivelmente, por toda a vida. Vindo desse bastardo, é o mais crível. E eu, como uma estúpida, acreditei que me entregando, solucionaria tudo.





— Alguma vez te contei sobre Miranda? — Boceja. Digo que não. Acredito que jamais escutei esse nome sair de sua boca.

— Não. — Enterro meus dedos nas sedosas mechas de cabelo curto no topo de sua cabeça. — Quem é Miranda?

Sorri e me dá um beijo na boca. Então começa a interessante tarefa de falar sobre isso, desde o início. E do que significou sua aparição em sua vida.





Capítulo 24

Alex

Ema entra na cozinha e tampa o nariz, fazendo uma careta. Seguro para não rir, ao mesmo momento que Bianca mexe a sopa na panela.

— O que é isso? — pergunta Ema, enojada.

Bianca se vira para ela com os olhos muito abertos. Faz três dias que voltamos para casa e a garota se ofereceu para cozinhar para sua muito grávida e delicada amiga. Pouco funcionou, tudo provoca vômitos. Exceto as saladas, verduras e carnes cozidas com simplicidade. E quase sem temperos. É divertido para mim, mas para a cozinheira nem tanto, está ficando sem ideias. E para Ema menos ainda, tem que alimentar-se e suportar a situação. Dizer que é uma gravidez difícil, é pouco.

— É só sopa! — Bianca grita, corando com entusiasmo.





Rio, sinto muito, não aguento. Ver a expressão das duas é muito, para me segurar.

— Não, o outro — esclarece Ema.

Franziu a testa e olha diretamente para o que estive preparando, junto com Bianca. Arroz, atum, ovos. A cozinheira suspira e me dá um olhar, não preciso olhá-la diretamente, para saber que me culpa.

— Atum. — me dá uma cotovelada.

Ema se encolhe.

— Eca, dá para sentir lá do quarto. — Estremece, ainda com o nariz apertado em seus dedos. — Tira, tira. Nem pense em colocar na sopa.

Bianca levanta uma sobrancelha.

— É minha comida, não vai em sua sopa. — Tranquilizo, terminando de abrir a lata.

Ema aperta os olhos e sorrio. Aproxima-se de nós, tocando meu braço com uma expressão de inocência fingida, em seu rosto ruborizado.

— Eu não beijarei você, mais tarde, sabendo que colocou isso em sua boca. — adverte, franzindo os lábios.





Observo-os, fixamente e por reflexo, lambo os meus. Esqueço, completamente, que Bianca está na nossa frente, mexendo a sopa. Eu riria do seu desconforto, se não estivesse sendo enfeitiçado por minha menina.

— Não me importa. — Encolho meus ombros e inclino minha boca em seu ouvido.— Poderei te beijar em outro lugar — pisco os olhos, embora saiba que ela não me vê.

Seus lábios formam um sorriso torto, cheio de maldade.

— Escutei isso. — solta a cozinheira, nos olhando de soslaio. — Vocês poderiam esperar que eu terminasse isto, não? Não é pedir muito.

Ema solta uma gargalhada, afastando-se do atum, com tudo o que é capaz. Acaba na outra ponta da cozinha, perto da janela.

— No final vai ser verdade o que diz sua cunhada. — começa, cruzando os braços com malicia. — Você é uma hipócrita, sabe como se cura isso?

Bianca levanta o dedo do meio e tenho que rir, não tenho outro jeito. O que fazer?

— Estou mostrando o dedo do meio para seu garanhão, já que não é capaz de vê-lo. — sussurra, negando. — E é sua culpa que eu seja uma degenerada.





Ema e eu explodimos em gargalhadas.

— Vou embora. — desliga o fogão, a sopa já está preparada. — Terminei. Desfrutem dessa sopa, o atum e o que venha depois, como sobremesa.

Acena uma mão, simpática e vai buscar seu casaco. Ema vai atrás dela, perseguindo-a. Bianca vai passando por várias cores, enquanto não pode prender os botões com a rapidez que deseja.

— OH, mmm — geme Ema, afugentando-a. — OH, Alex, você é tãão bom. Mmm. Continue fazendo isso.

Engulo bruscamente.

— Não vou bater em você, porque você é cega. — rosna Bianca, chegando à porta. Ema engole uma risada e continua mais alto e claro.

Tanto, que até eu me inquieto, parece que a gravidez a fez mais descarada ainda. Os hormônio, tenho que admitir, não nos dão pausa. Não que me queixe.

— Ahhhh — suspira longamente Ema, em sua simulação, enfiando a cabeça pela porta. — Eu tenho um bom pênis, Bianca. Vai te fazer bem.

— Ema. — advirto, tentando soar severo.





Fracasso enormemente.

— Cachorra. — grita a outra, afastando-se. — Quem te diz que não consegui um?

— O quê? — Grita minha garota. — Bianca, volte aqui! Agora quero saber tudo...

Uma risada se ouve ao longe, quase a ponto de desaparecer. Ema esperneia, embora esteja rindo.

— OH, não, agora deixa-me com vontade e me mata de calor assim.

A porta se fecha e Ema senta-se à mesa já preparada para o almoço, silenciosa. Procuro pelos pratos fundos, sirvo a sopa quase até a borda e a levo. Coloco na frente dela e entrego uma colher.

— Sabe, todos esses gemidos de mentirinhas deixaram-me quente. — Solta.

Sangue circula rapidamente ao redor da minha virilha, exercendo uma doce pressão.

— Sopa. — é só o que consigo dizer, minha voz enrouquecendo.

Ela gira na cadeira para me encarar, seus olhos são grandes e ansiosos e tem as bochechas e lábios avermelhados. Está quente, posso ver claramente. Mas,





primeiro o correto, o que necessita mais e é comida. Entretanto, não parece ter as mesmas prioridades que eu, porque ergue uma mão e levanta minha camiseta, depois se estica e beija com a boca aberta as elevações de meus abdominais. Endureço, instantaneamente. Estou a ponto de recuar, quando revela a língua e a arrasta por minha pele, lambendo tão lentamente, que não fica outra opção, que me arquear mais perto. Rosno, fico sem ar e estou a um segundo de sucumbir, mas nos paro e a obrigo a comer.

— Depois. — respiro finalmente.

Zangada, faz o que digo e vou em busca de meu prato. Comemos em um silêncio tranquilo, até que terminamos a sopa e trago sua carne com salada e meu arroz. Não parece notar que o atum se encontra justo frente a ela, misturado em minha comida e é um alívio. Corta seu bife e o mastiga.

— Não queria acabar, justamente com isto, em minha boca. — diz, com a boca cheia.

Olho para ela, não digo nada, porque minha boca saliva, mas não quero deixar que me manipule, isso é o que está tentando fazer. Termina sua comida e empurra o prato para o centro, lambendo os lábios. Eu reviro meus olhos e não tem nada que ver com uma brincadeira ou algo do estilo, a não ser com o que está doendo na minha virilha.





— Agora posso te comer? — Enche uma bochecha com a língua. Engasgo.

— Não. — respondo terminante.

Começo a juntar tudo e o levo para a pia, disposto a lavar. Ignoro que ela me segue, ansiosa. Espero que pare sua perseguição. Sorrio por dentro e faço tudo mais lento, embora esteja tão duro, que não possa nem caminhar. Cantarolo, simulando estar alheio, enquanto perambula por aí. Adoro levá-la ao limite, dois podem jogar o jogo. Termino e seco as mãos com um pano, só então eu a chamo.

— Ema?

— Sim? — Agita-se.

— Vem aqui! — Meu tom mandão faz brilhar seus olhos de caramelo fundido, obedece e vem para o lugar onde estou. — De joelhos — ordeno.

Não duvida. Tão fácil, que poderia explorar minha cueca. Está entre meu corpo e a parede, apoio-me com uma mão, enquanto com a outra abro os botões da calça. Ema tem um sorriso diabólico, no rosto faminto. Tiro meu pênis, este golpeia na abertura de seus lábios cheios. Nem sequer espera que me adapte à imagem, toma em uma mão e o introduz em sua boca, de uma só vez. Fico tenso, em reação, enquanto suga, como se não houvesse um amanhã. Geme comigo





em sua boca, suas pálpebras fechadas, saboreando. E sei que não vou durar muito. Vira-se, mais ousada, para me ouvir amaldiçoar e queixar em voz alta, minha garganta retorcendo-se em grunhidos seguidos e profundos, empurra-me mais fundo em sua garganta. Nunca tinha feito isso e me escapa um grito grave, sem meu consentimento, rouco e estrangulado, ao que ela responde com um som agudo e interminável, as vibrações se enroscam na cabeça de meu pênis e tremo. Sem querer, empurro meus quadris, enterrando mais nela.

Não se amedronta, termina de baixar minhas calças, até que caem ao redor de meus tornozelos e acaricia a coxa nua com uma mão e com a outra aperta a minha base, como se quisesse ordenhar com força. E é muito possível que essa seja sua intenção.

— Estou quase. — Aviso, sem poder falar em tom claro.

Assente e me leva mais fundo, seus dentes raspam um pouco e acabo. Apoio na parede e enterro a mão livre em seus cabelos bagunçados, fecho em um punho e a mantenho ali, enquanto me derramo, correntes descendo por sua garganta. Retiro uns centímetros ao notar que quase engasga, suga a espessa semente e me limpa, deixando reluzente, com a língua.

— Merda. — murmuro apertado, minhas pernas se afrouxam.





Deixa-me ir com um som oco e, agitada, agarra a meus quadris, para não perder o equilibro. Levanto-a no ar e movo, precariamente, até a mesa, com minhas calças presas nos pés. Deposito-a ali sentada e abro suas pernas. Faço voar seu vestido, longe de seu corpo cheio por todos os lados e, antes que seus seios monopolizem toda minha atenção, desço e rasgo suas calcinhas ao meio. Ela puxa meu cabelo e a dor faz tudo melhor. Minha língua está em cima de seu clitóris, em um piscar e seus quadris quase se levantam da mesa. Como uma possessa, recebe meus carinhos, empurra seus quadris contra minha boca e a devoro com a mesma vontade que ela me chupou antes. Desfaz-se rápido, sem me permitir fazer melhor o trabalho, mas assim foi, desde que voltamos. Uma montanha russa intensa, com um apetite sexual, que engole tudo, em um tempo surpreendente. Com o levantar de suas costas, bate a cabeça nos armários, sem aviso. Levanto-a, impedindo que repita, levando da cozinha direto para a cama. Ainda está convulsionando, quando a deposito sobre as costas e começo a beijar, até chegar em seus seios. Coloco os mamilos em minha boca, um de cada vez e de um só fôlego, enterro em sua vagina apertada.

Fecho os olhos, acalmando um pouco, isto fica cada vez melhor. Morde o lábio inferior e seu rosto torcido e suado deixa-me a mil, novamente. Levo-a duro, como esteve pedindo aos gritos, nas últimas vezes. Coloco minhas mãos nos lados de sua cabeça e empurro bruscamente.





Golpe a golpe, grito a grito. Nossa união ecoa em todo o apartamento. Sua voz cortada e tensa e sei que vamos chegar ao mesmo tempo.

Com a primeira sucção de suas paredes internas, ela grita:

— Em meus seios — cada músculo de seu corpo agitado de tensão.

Sorrio, em meio a um estremecimento e saio de dentro dela, apertando-me em uma mão. Subo ao longo dela e gozo neles. Em seus seios grandes e bonitos. Como se ela soubesse que eu estava louco para fazer isso.

— Caralho — minha voz soa como se estivesse sem fôlego. — A puta...

Não tenho palavras, ao mesmo tempo em que ela se acaricia com as mãos nas escorregadias elevações, espalhando meu sêmen. Uma respiração e estou entrando em colapso.





Perto da hora do jantar, Ema e eu acabamos de nos vestir, depois de uma ducha e nos agasalhamos para sair e ir ao bar. Agora que já estamos todos unidos de novo e que o mal parece ter se rendido, deixando-nos finalmente em paz, Leon quer que desfrutemos de um jantar íntimo, entre os Leões mais próximos. A família completa. Obrigo Ema a colocar uns jeans, camisetas e suéter porque já faz muito frio para andar por aí em vestidos. Na realidade, esta não é uma zona de vestidos, não sei o que lhe atrai andar por aí congelando. Tenta discutir e brigar, até chantagear com sexo, mas não ganha. Custou, mas aprendi a ser firme em minhas convicções com ela, não posso deixar que ganhe algumas. Ainda mais quando está impulsiva e irracional, o que é normal, ultimamente. Não sabia que as mulheres ficam tão difíceis, quando estão grávidas.

Caminhamos de mãos dadas e se aperta contra mim, esquecendo o episódio. Passo um braço por seus ombros e descemos as escadas, porque meu apartamento fica na parte de acima do apartamento do Jorge. Estamos nos últimos degraus, quando a porta se abre e Tony sai correndo, levando um casaco quase o dobro do seu tamanho. Eu rio, enquanto assisto como se perde, apressado, para sair do prédio e entrar no bar. Uma briga virá depois e cruzo com Jorge, olhando seu filho desaparecer ao longe. Sai e, surpresa, Bianca o segue por trás, em meio de uma risada, ela é quem fecha a porta com chave. Aperto os olhos e Ema os abre, notando





suas presenças, em seguida. Ela para, obrigando-me a parar também.

— Shhh — sorri maliciosamente, cruzando o dedo em seus lábios.

Eu presto atenção, porque também tenho curiosidade e estamos bem em cima deles, que começam a caminhar, afastando-se. Bianca se adianta e Jorge fica bem atrás e não perco o momento em que sua mão penetra debaixo de sua saia e lhe acaricia o traseiro, ao mesmo tempo em que ambos olham para todos os lados, para ter certeza que ninguém está olhando.

— O que eles estão fazendo? — Pergunta Ema.

— Veja. — Digo e seguimos caminho. — Acredito que estão bastante íntimos. — Sussurro.

Ela ri.

— Sabia — sorri, sabichona.

Seguimos os passos do casal adiante, que quase está chegando ao limite gradeado, então se dão conta de que estamos atrás e nos esperam. Distanciam-se um do outro agora, tentando disfarçar. Além disso, a atitude dos dois esfria, como pedras de gelo. Cumprimentamos e continuamos, as mulheres se juntam e vão à frente e nós levamos isso fácil.





— Alegro de que Ema tenha voltado. — diz ele, um pouco incômodo.

Nunca falamos muito, não fomos próximos. Na realidade, ele não se adaptou ao grupo ainda e parece que não tem a intenção de fazê-lo, planeja ir embora, uma vez que seu caminho esteja longe de serpentes venenosas. Um trabalho árduo o de exterminá-las, mas está decidido, porque essa é a única forma de encontrar uma vida em paz. Suponho que teremos que ajudá-lo. Não sei nada dele, é fechado e o pouco que descobri vem da boca cheia de ódio de Max. Odeia-o. Ou o odiava. Agora, é como se o tolerasse um pouco mais. Ao menos não ficam tensos como pedra, cada vez que estão na mesma sala.

— Obrigado — digo, apreciando suas palavras. — Agora podemos respirar de novo. — Ri.

Concorda, como se entendesse muito bem o que senti, estando separado da garota que amo, por tanto tempo. Olha para o chão e se fecha, de qualquer jeito a conversação acaba, antes de sequer começar. Chegamos ao bar e entramos, encontrando com quase todos. Lucre e Francesca estão reunidas no canto, com seus bebês nos braços. Bom, Lucre tem um de seus gêmeos, o outro deve estar nos braços de seu pai. Fran segura sua filha, Esperança. Tony e Abel brincam de correr por aí, tomando conta do lugar. Esses dois amam estar aqui e imagino, no futuro, tendo toda a





merda de motocicletas.

Vamos para o bar e deixo que Ema fique com as outras mulheres. Ali, Leon não dá pausa e me dá um copo de cerveja. Olho e estão todos em volta, sorrindo.

— Eu adoro fazer isto — começa o chefe. — Levantem, estamos todos juntos e comemoramos, sempre tem que haver uma razão para isso.

Levanta sua bebida e todos uivamos, imitando-o. O líquido frio desce pela minha garganta e cada emoção está de novo no lugar certo. Família é isso. Calor me invade, no conhecimento de estar rodeado de amigos e amando o momento.

Mais à frente, presto atenção em Ema e está esticando-se, para pegar o gêmeo de Lucre em seus braços. Segura-o dormindo contra seu peito e em seu rosto se forma um gesto enternecido, enquanto se derrete por ele. Seu olhar fixo em nada brilha e tenho que engolir, diante a picada aguda no peito. Deus, poderia morrer de amor agora mesmo, cair redondo, no meio do círculo. Uma mão forte bate no meu ombro e viro, para encontrar os olhos faiscantes de Max, ele bate sua garrafa na minha.

— Muito para processar? — Pergunta, fixando-se na Ema e seu filho. — Foi um susto no começo. — Assegura. — Depois, quando têm seu próprio sangue nos braços, o





medo desaparece... E o mundo também. Não existe, absolutamente, nada mais, que a família que criou. Quero parabenizá-lo homem e sei que vai fazer grande.

Aceno em gratidão, pelo apoio, não digo nada, não sou capaz. Ultimamente, vivo sem palavras, mudo. Jamais acreditei que as coisas podiam ser assim tão boas para mim, agora que tenho uma ideia, não posso deixar escapar esta alegria. A felicidade, que me dá segurança de que estou onde tenho que estar e é isso o que importa. Antes estava bem, sendo parte da família, sendo um irmão a mais, rodeado de amigos e caras que me respeitavam e apreciavam. Nunca imaginei que podia ter mais. Que podia ser melhor.

Sentamos à mesa, meia hora depois, para desfrutar de uma comida caseira, singela, como a que sempre nos caracteriza. Sento junto a Ema e noto que nada lhe dá náuseas, felizmente, prende-se às tortas de carne e perco a conta de quantas come. É assim, quando encontra algo que vai bem e gosta. Só come tudo. Logo depois do jantar, todos se espalham rápido, conseguem as mais variadas bebidas no bar e as mesas de bilhar são rodeadas por tipos, que estão com muita vontade de apostar. As mulheres se amontoam em uma mesa e desfrutam, antes que se vejam obrigadas a levar as crianças para dormir.

Bianca fica atrás do bar, ajudando Adela, complementam-se bem e têm aos solteiros embevecidos. Em





especial a irmã de Santiago. Veste uma saia plissada, preta e um Top, que deixa descoberto um firme estômago e piercing no umbigo incluído. A imagem é mais que atrativa, poderia prender fogo nas virilhas de todos. E Jorge... Simplesmente, fica ali, bebendo sozinho, no final do bar, comendo-a com os olhos. Não sei se alguém mais nota ou só eu, ao saber a natureza da relação entre eles. Eu tremo e esqueço, aceitando um uísque e uma piscada de Adela.

Estou vagando aqui e ali, passando o tempo em cada grupo, indo para Ema, de vez em quando, para saber se por acaso precisa de alguma coisa, ou quer ir para cama. Parece fantástica, em companhia das meninas e está calma, faz-lhe bem ter esses momentos com elas. Suas amigas. Alegra-me que se integre assim tão fácil, não ficam dúvidas de que é uma a mais da família. Volto para o bar e não tem ninguém, então decido reabastecer meu copo, entrando do outro lado do balcão.

Sou um dos que têm permissão de Adela, assim não é um problema. Faço isso e antes de sair, olho a mulher na cozinha, que está de joelhos embaixo da mesa, procurando algo. Parece precisar de ajuda, assim entro para socorrê-la.

— Hey — digo.

Adela olha e sorri para mim.





— Meu herói — suspira. — Preciso de panos e grades novas, para secar os copos que acabo de lavar, está inundando tudo e os que tinha, estão encharcados. Tem lá no depósito de limpeza, vamos. Mandei Bianca, mas ela está demorando, provavelmente, a tonta não encontrou.

Ela é uma perfeccionista, que a condenem, se esses copos são secos com manchas de gotas, marcadas no cristal. Antes de virar, não perco a quantidade de água que tem em cima da mesa, pela perda que sai da torneira.

— Entendido, já vou. — digo, saindo.

— E avise o Leon. — pede, secando a testa com a manga de sua camiseta. — Não posso fechar a maldita torneira aqui embaixo, está trancada.

Faço o que pede, procuro Leon e lhe comunico, ele não se atrasa em ir ao caminho. Enquanto isso, subo as escadas, direto para o depósito de limpeza, que sempre está cheio, com tudo o que se possa imaginar. Chego ali e abro o trinco, demoro um pouco para abrir, parece trancado. Empurro e olho para o chão, procurando o culpado. O salto de um sapato. Enrugo a testa com estranheza e agacho, para desfazer dele e destravar. Não abro mais do que uns centímetros, quando a cena bate em cheio na minha cara.

Sexo. Sexo duro e desenfreado. Justo frente a meus olhos. A primeira coisa que deveria fazer é fechar e voltar





sobre meus passos, mas fico imóvel. Tão surpreso, que nem pisco. Jorge tem seu jeans torcido nos tornozelos, o traseiro fibroso ao ar, que se retesa, com cada batida brusca de quadris. Empurra Bianca contra a parede, enquanto lhe sussurra coisas no ouvido. Coisas que imagino muito sujas. A garota se agarra a ele com as pernas a seu redor e uma de suas mãos cravando as unhas em seu pescoço. As respirações entrecortadas enchem a sala escura. Nenhum dos dois nota-me. Reajo, quando ela geme alto e pulo para trás, nunca tive tanta pressa para fechar uma porta. Embora não perca a parte em que ela estava tensa, rolando seus olhos em êxtase. O começo de um guincho ensurdecedor sai de seus lábios e Jorge o afoga, cobrindo a boca com uma mão, violentamente, investindo ainda mais duro. Bem, já vi suficiente, mais do que deveria. Fecho a porta, tentando ser silencioso, mas estou certo que, mesmo se batesse, eles nem notariam.

— O que tem aí? — Pergunta uma voz suspeita, vindo do meu lado.

Adela. Definitivamente, não é uma boa ideia que ela veja isto, mas que merda invento? Nada. Não faz mal, porque aparece e assim como o faz, arrepende-se e volta a fechar. Muitas pessoas vendo a intimidade de um casal. Um casal muito secreto. Porque estou seguro de que ninguém, além de nós dois e Ema, sabe.





— Isso é uma ideia muito ruim — murmura, apertando os dentes.

Está preocupada.

— Por quê? — Encontro minha fala.

— Santiago — responde seca.

Nós nos olhamos e não precisa intermediar palavras, chegamos à conclusão de fechar nossas bocas e não dizer nenhuma merda disto. Descemos as escadas e Adela se conforma que terá que lavar seus preciosos copos de novo, mais tarde. Bianca e Jorge demoram perto de vinte minutos para descer e dou risada por dentro, quando uma muito brava Adela fulmina-os com o olhar, sem que a notem e foge para obter seus panos. Balanço a cabeça, divertido.

— Jogamos um truco? — pergunta Gusto, distraindo-me.

Tremo, já que não é má ideia. Passamos a hora seguinte trocando de duplas, as ganhadoras permanecem, as perdedoras saem. Em um momento, Santiago combina com sua irmã e constroem uma muito boa dupla. Ambos são excelentes jogadores. Fica difícil ganhar. Jorge e eu decidimos pôr à prova essa certeza. Acomodamo-nos, os integrantes de cada equipe enfrentados. Já é tarde e poucas pessoas ficam, as mulheres querem ir dormir e agora, Ema está com





Adela na cozinha, ajudando-a, certamente. Leon se ocupa em deixar em ordem o bar. Digo a mim mesmo que esta será minha última partida e depois iremos dormir.

Começa a guerra de gestos e estratégias. A mão fica boa, confio que não vamos ser mortos pelos irmãos Godoy. Bianca parece estar em seu elemento, ainda um pouco ruborizada, por seu encontro com Jorge às escondidas. Disfarço um sorriso, porque agora somos três na mesa, com a lista secreta. Estou a ponto de fazer um truque, encantado com minhas cartas, quando a mesa voa e Santiago, selvagem, fica de pé. Seu braço se estica com uma rapidez quase desumana e fecha o punho de pedra no grosso pescoço do Jorge.

Foda-se tudo.

— Pare de tocá-la sob a mesa. — ele rosna, os dentes serrados e seu rosto duro, imóvel. — Acredita que sou estúpido o suficiente, para não me dar conta?

O bar fica em silêncio, a música baixa, que chega a nossos ouvidos de algum lugar, fica fora do palco. Muito mal. Adela quase salta o bar, para chegar rápido a nós. Bianca se levanta, pálida.

E Jorge? Fica ali, quieto. Pouco a pouco, seus olhos dourados ficam risonhos. E acaba dando de presente um meio sorriso tão arrogante, que me faz querer negar em aviso. Passo em falso. E todos nós já sabemos: Santiago





vai apagar o choque. Tanto, que até não vai reconhecer a si mesmo no espelho. Que ousadia a do cara! Ninguém sorri assim para ele.

— Chega! — Bianca tenta separá-los. Em vão.

— Santiago. — Adela chama insistente.

Normalmente, ela tem poder sobre ele. Agora, ele nem sequer parece reconhecer sua presença.

— Vou moer você, filho de puta — Santiago aperta mais, as veias de suas mãos tatuadas se sobressaindo. — Vou te matar.

Quando ele dá uma declaração como essa, geralmente, está falando a verdade. Bianca, ao ver que não tem efeito sobre seu irmão, mete-se e senta seu traseiro no colo de Jorge, olhando de frente nos olhos vazios, parecidos com os dela.

— Qual é o seu problema? — Pergunta ele, irritado.

Ela põe as mãos em seu peito e o empurra, consegue o que quer e Jorge se engasga, quando se vê livre. A Máquina, vaga ao redor, muito nervoso para acalmar-se. Nunca ninguém o viu assim, ele é a personificação do controle absoluto. Mas sua irmã parece o ter no limite. E isso é... Porque se importa.





— Vai arrumar suas malas — aponta com o dedo indicador. — Quero você longe daqui, amanhã de manhã.

Os olhos azuis claro da Bianca se abrem gigantes e engrossa ligeiramente. Suas palavras machucam.

— Não. — Responde, segura de si mesmo.

Santiago se atira sobre ela e puxa seu delicado braço, separando-a de Jorge. Bianca escapa, raiva cruzando seu rosto bonito e mais dor. Seu irmão a está jogando, diante de todos.

— Vai! — Ele grita, como poucas vezes faz. — Nunca deveria ter vindo, Bianca. Volte para onde pertence, este não é o seu maldito lugar.

A garota engole. E um Jorge furioso se levanta, vai até ela, ignorando-o. Adela puxa o braço de seu homem, quando ele tenta alcança-lo e destruí-lo a pauladas porque está tocando em sua irmã mais nova. Não sei o que fazer, estou aqui, como o resto. Não me sinto com permissão de intrometer. Nem sequer Leon, que observa do bar, com olhos não surpresos, mas especuladores. O olhar de Adela é triste, enquanto segura Santiago e observa sua cunhada. Bianca é delimitada pelos braços fortes de Jorge, que a consola como pode, porque não é muito familiarizado com essa ação. Afasta-a, leva-a embora, enquanto todos nós assistimos como os olhos de Santiago se tornarem mais assassinos.





Entretanto, não os detém.

Pegam Tony já cansado, quase dormindo em um canto e nos deixam. Depois, Santiago afasta-se de Adela e sai pela porta de trás. Ema vem para mim, igualmente afetada.

E penso que é muito provável, que todos queiram esquecer este desastroso final de noite.

Ema

Bianca não sai da sala e isso não me surpreende, já esperava por isso. Não vai deixar seu irmão dirigir sua vida, ela se sente bem neste lugar e ficará o tempo que quiser. Chega à cozinha perto do meio-dia seguinte e age como se nada tivesse acontecido. Tento falar com ela sobre isso, perguntar-lhe se está bem e se tem onde ficar. Bianca interrompe-me, só o que conta é que Leon a deixou ficar no sótão, acima do bar. Não fala de seus sentimentos, nem do que significou para ela que seu irmão a tratasse assim. Tampouco se refere a Jorge e tenho a impressão que também teve alguma discussão com ele. Imagino que é doloroso e admiro sua atitude de "tudo segue igual e espetacular para mim", com seu sorriso e seu





entusiasmo aceso. Ela é forte, possivelmente, os outros pensam que é fraca, mas eu encontro mais nela, que qualquer outra pessoa. Por mais que não seja capaz de aprofundar em seus olhos. Bianca não se quebra facilmente, não é uma bonequinha de cristal.

Desta vez Alex foi à oficina, para retocar sua moto e nos deixa sozinhas, para preparar o almoço. Enquanto Bianca corta as verduras e me passa, para que as corte em pequenas partes, alguém bate na porta. Sabendo que está aberta, convido a entrar, quem quer que seja.

Adela recebe minhas boas vindas e responde, vacilando no caminho para a cozinha. Sei que está avaliando a reação de Bianca que, a meu lado, saúda-a com o tom agradável de sempre, convidando, para nos ajudar com a comida.

— Obrigada — diz Adela, aproximando. — Mas passo. — Bianca e eu rimos, já sabíamos que diria algo desse estilo. — Quanto a ontem à noite...

A garota a meu lado fica muito quieta, parando o que está fazendo. E até posso imaginar o olhar que está dando à sua cunhada.

— Não me importa. — Afirma, removendo o drama.

Adela suspira, longe de resignar a acabar com isto tão rápido.





— Não estou contente com sua maneira de te tratar, Bianca — insiste — Concordo que foi horrível e já falei com ele sobre isso. Mas estou do seu lado, no resto.

Bianca retoma, com um descascador de batatas. E eu, no meio, não sei o que dizer, para que a tensão se vá, então fico quieta, deixando-lhes um momento.

— Eu não estou ressentida — diz Bianca, apagada. — Eu te entendo, é seu homem e...

— Não é por isso que o apoio nisto e você sabe. — Diz Adela, abafando sua irritação. — É porque ele tem razão. Estar com Jorge vai te arruinar...

Agora, sim. Bianca soltou bruscamente e caminha até ela, frente a frente, bem de perto.

— Acho que a pessoa menos indicada para dizer isso é você, Adela. — está zangada, mesmo assim parece tranquila. — Está com meu irmão, não? Além disso, só estava passando o tempo, não era como se quisesse casar e ter filhos...

Ri secamente, mas seu tom de voz treme um pouco. Nós duas notamos bem.

— Seu irmão não está em meio de um plano macabro — diz Adela, sua voz moderada, tratando de ser paciente. — Sabe de onde Jorge vem? O que planeja?

Quem são seus inimigos? O que ele é





capaz de fazer?

Bianca volta para sua posição, suspirando.

— Eu sei o que pode fazer com a língua... — E com isso fico em silêncio e sufoco uma risada, porque seria inapropriada, ambas estão chateadas. — Mas, de qualquer jeito, não importa... Já não deveriam preocupar-se mais, ele também me jogou...

Engole e fecha os olhos, lamentando. Ela parece tão ferida agora.

— Não estamos mais juntos, se é que alguma vez estivemos, — dá uma risada fraca, ouço-a engolir um nó, tensamente — só foram alguns momentos. Sexo e nada mais.

Ninguém mais adiciona nada, Bianca segue com seu trabalho a meu lado e Adela passeia pela cozinha. Ambas, ela e eu, notamos a dor da garota. E minha sensibilidade quer me obrigar a choramingar como um bebê, justo agora, embora não sejam minhas lágrimas, para derramar. É como se Bianca me transmitisse a tristeza que está sentindo e guardando com esforço, bem dentro. Sem sequer pensar, movo meu braço para o lado e procuro sua mão, apertando-a com a minha. Simplesmente, porque quero que saiba que estou do seu lado. Que a entendo. Ela me devolve o aperto.





— Obrigada. — sussurra tão baixinho, que ninguém mais pode ouvir, nem sequer uma silenciosa e pensativa Adela.

Permanecemos as três ali, mudamos de assunto e elas engatam o ritmo, em seguida. A discussão anterior fica para trás, enterrada. E, pouco a pouco, voltamos a ser o trio de antes, zero drama acrescentado. E nenhuma loucura sobre homens no meio. Só três garotas, que conseguiram ficar muito próximas, com o tempo. Quando Bianca coloca a panela no fogo, Adela se despede, sem antes concordar em nos encontrarmos pela tarde no bar.

Alex chega, quando estamos preparando a mesa e pergunta se tem tempo de tomar um banho. Dou-lhe um beijo longo, transmitindo todo meu amor, como se tivéssemos separados por dias e não só um par de horas. Dou a certeza que pode tomar seu banho e depois disso, Bianca vai direto pegar seu casaco.

— Não quer ficar? — Pergunto, seguindo- a de perto. Inspira profundo.

— Não, quero ficar sozinha por um tempo. — sorri, um sorriso triste vindo.

Entendo o que ela quer dizer, quer estar sozinha e chorar, sem que ninguém veja. Meu coração se aquece por ela. Está sozinha, seu irmão deixou claro que não a quer por





perto e parece que Jorge entrou para a mesma equipe, também. Outra pessoa já teria ido com o rabo entre as pernas, mas não Bianca. Ela, agora mais que nunca, vai ficar e insistir.

Estou a ponto de despedir, quando chega à porta, corta-me antes do tempo, olhando. Estou sentindo que vai deixar vir algo muito profundo.

— Todo mundo em volta de mim tem uma vida, Ema. — e com isso meus olhos se enchem de lágrimas, por suas palavras apertadas. — Inclusive minha mãe. — Continuou. Só eu que fiquei parada no mesmo lugar por anos, não progredi. Vir aqui deu-me algo em que acreditar. Só queria meu irmão de volta e parece que ele também prefere seguir sem mim...

— Bianca... — Engulo.

Quero corrigi-la, não acredito que Santiago pense assim. Todos sabemos que ele só quer protegê-la, nada mais. Bianca é a única que não parece se dar conta e entende como uma forma de machucá-la.

— Shhh — ri e esfrega meu braço, quase encurralada pelo pranto. — Supere isso, eu sempre faço...

Abraçamo-nos por um momento e escuto a porta abrir, mas antes que ela saia, detenho-a com uma pergunta.





— Você o quer?

Sinto que me olha direto nos olhos.

— É claro que o quero, é meu irmão. — responde, suavemente, mas segura. — Amo-o.

Concordo, mas não referia a ele.

— Ao Jorge. — Corrijo.

Não responde, mas noto que está pensando em sua resposta. Seguro o fôlego, esperando. Meu instinto diz que sim, mas não sei se ela será honesta sobre isso.

— Isso não importa. — decidiu finalmente. — Em sua vida também não tem lugar para mim. O que eu tenho que fazer agora é... Fazer meu próprio caminho, baseada em mim mesma e não nos outros.

Ela sai, deixando-me ali. Mas sinto mais triste pela sua situação, confio, plenamente, em que irá adiante, por si mesma. Sem mais depender de ninguém.





Capítulo 25

Alex

Os dias avançam rápidos e já é fim-de-semana, só quero ficar em casa com Ema. Nós dois descansando. Inclusive, liberamos Bianca, por mais que insista, ela já fez muito por nós, é hora de deixar de ser dependente dos outros. Prometemos que da próxima vez, nós vamos cozinhar para ela. Algo vai ocorrer, suponho.

Na manhã de sábado, abro os olhos, com a claridade e tenho uma despenteada ruiva ao meu lado, dormindo profundamente. Seu cabelo está por todos os lados, sorrio embevecido. É isto que quero, a cada começo do dia, em minha vida, estou seguro de que não vivo sem isso. Deixamos a persiana aberta, porque Ema gosta de sentir o sol no rosto, ao despertar, geralmente fica assim por um momento, antes de acordar realmente. Mas o pior do inverno está aproximando e daqui a pouco não poderemos mantê-la aberta, devido ao frio, poucas vezes teremos um





sol quente entrando no quarto.

Espreguiço, esticando cada um dos músculos de meu corpo e chuto Greta da cama, que cai no chão em pé. Fico preocupado, por vê-la aparecer com uma expressão chateada em sua cara plana, então tem o trabalho de voltar para seu lugar e deitar-se contra as pernas de Ema, o mais longe possível de mim. Começo a ri baixo, negando para mim mesmo.

De novo volto minha atenção para a garota, dormindo ao meu lado e desembaraço o cabelo avermelhado de seu rosto pacífico. Depois passeio uma mão para baixo, tirando os lençóis, para descobrir seu corpo. A camisola que veste é curta, por si só e fica menor ainda com a gravidez. Isso não muda o fato de ser sexy e meu pênis reage, dando um coice. Desejo-a tanto, que estou perto da loucura. Estudo-a fixamente, acariciando-a em círculos, despindo-a. A barriga cresceu muito, tenho que lembrar, nosso filho está a ponto de nascer. Estremeço. Não sei o que será de nós dois, quando isso acontecer. Escondo esse detalhe no fundo de minha mente, deixando para depois, quando vierem os pensamentos insistentes, que tenta me convencer de que serei um bom pai. Tenho que acreditar em mim mesmo.

Ajoelho junto a ela e encontro sua calcinha, disposto a tirar o mais rápido possível, puxo os lençóis e Greta fica presa debaixo. Dou um amável empurrãozinho, para ir para a





sua própria cama, no quarto, meus objetivos não precisam de seu olhar. Vai com raiva, mas ela vive zangada. Sai do quarto e esqueço dela. Agora tenho Ema só para mim, coloco-me entre suas pernas, minha boca se enche de água, quando lanço ao chão sua calcinha.

Num piscar, apoio minha boca aberta em seus lábios externos e lambo, lubrifico e trabalho, para que desperte bem brincalhona. Antes que sua cabeça esteja inclusive limpa do sonho, seus quadris começam a dançar ao ritmo de meus cuidados e seus sucos são tomados em minha língua. Isso foi rápido. Uma mão tremente agarra-se a meu cabelo e puxa forte, gemo, com seus clitóris em minha boca, chupo e afasto, ela me persegue, procurando mais. Introduzo dois dedos à equação e a levo a loucura. Não demora em contrair e pulsar, gemendo, enquanto seu ventre enrijece, com as últimas contrações. Por Deus, é tão formosa, mostrando esse volumoso ventre, que me esqueço de respirar.

Subo e procuro sua boca, ela me recebe, obtendo um gosto de seu próprio sabor. Estamos em meio de tudo isso, quando seus olhos param fixos em meu rosto, como se me enxergasse seriamente. Espero.

— Tenho que fazer xixi. — solta, mexendo-se.

Elevo as sobrancelhas, um pouco divertido.
Meu pênis, nem tanto.





— Sério? — Pergunto, baixando a boca.

Entretenho um pouco mais, até que já não pode ignorar a situação.

— Sério, preciso ir. — sai da cama.

Cambaleia um pouco, o rubor do sexo em suas bochechas e seus olhos brilham com desejo. Levanto e a acompanho, porque ainda está um pouco atordoada pelo sono e meu ataque. Volto para quarto e estou procurando meu jeans, entre a roupa amontoada no guarda roupas, justo no instante que meu celular toca.

— Sim Leon — respondo, diretamente.

— Bom dia — fala do outro lado — Tem um carro entrando nos limites, os meninos chamaram. Visita para vocês...

Enrugo a testa, sento na beira da cama, esfregando o rosto.

— Sim? Quem? — Pergunto.

— Katia Moronta — solta. Abro os olhos, surpreso. — O que digo? — Quer saber.

Olho em direção ao banheiro, os ruídos diz que Ema está escovando os dentes. Penso que gostaria de recebê-la.





— Que não a parem, deixem-na vir. — digo.

Leon concorda e interrompe a comunicação. Ema volta e se senta ao meu lado, acariciando meus peitorais e tomando um rápido caminho ao sul, direto ao cós de minha cueca, entre os botões abertos da calça.

— Onde estávamos? Devo...

— Não me deve nada. — corto, dou-lhe um beijo nos lábios. — Sua amiga está a caminho daqui.

Não para o toque e suspira entre dentes, quando pega meu pênis em sua mão.

— Que amiga?— ronrona, jogando.

— A agente especial. — sorrio e ela se detém.

Sua expressão torna-se prudente, mas ansiosa. Fica de pé e procura alguma roupa para vestir. Começo a rir de seu afobamento, enquanto coloco um vestido em suas mãos e seus sapatos perto. Deixo-a se vestindo e vou para a cozinha, coloco uma camiseta, para preparar o café. A agente Katia parece que gosta de visitar muito cedo, no fim-de-semana. Chega justo para o café da manhã.

Estou servindo xícaras, quando ouço bater na porta. Vou abrir e a encontro ali. Não Aída, mais Katia. E tenho que dizer, é água e azeite, apesar de ser a mesma pessoa. Os





faiscantes olhos castanhos olham, ao levantar seus óculos de sol e me deixam um pouco incomodado, quando me percorre dos pés à cabeça, avaliando. Quando volta a olhar em meu rosto, pisca os olhos e estende a mão, como saudação.

— Bom dia, senhor símbolo sexual. — não preciso convidá-la a entrar, faz por si só. — Cheguei na hora do café da manhã.

Cruza os braços e estuda minha casa. Eu a estudo, tão cheia de si e sua atitude liberal. Não aceita merda de ninguém. Está vestida de azul-escuro, mas não parece uniforme de trabalho. Seu cabelo liso e marrom brilhante cai um pouco mais abaixo dos ombros. Seus modos são prepotentes e seguros de si.

Ema percorre todo o corredor, com uma expressão de felicidade e vejo o momento exato que os olhos da Katia brilham, com reconhecimento, abrandando tanto, que parece voltar a ser a vulnerável Aída. Ema a abraça e a mulher ri, devolvendo o aperto. A única coisa que posso fazer é rir com elas. À Ema não importa ter sido enganada durante cinco anos, entende que ela estava fazendo seu trabalho. E a salvou de David. Além disso, é claro que essa amizade é real e pura. Permito-lhes ter seu momento e saio, para preparar o café. Quando volto, estão sentadas à mesa e não podem parar de falar.





— Obrigada — diz Katia, ao receber o café. — Agora, como está esse bebê? — Pergunta, olhando-nos.

Ema dá um sorriso brilhante.

— Está perfeito — respondo, dando um suspiro.

Katia me dá um sorriso suave, de covinhas. Estamos assim por um momento e parte da manhã se foi, quando ela se endireita na cadeira e seus modos de agente voltam, cortando qualquer conversa amigável. Agora sei que o que está a ponto de falar, não será nem um pouco agradável.

— Não vou mentir, minha visita não é de todo amistosa, é um pouco formal.

Nós ficamos tensos, porque sabemos que dirá algo que tem a ver com seus pais e Ferro.

— O julgamento é daqui a dois meses, mais ou menos. — começa e observa Ema, em busca de uma reação. — Perguntávamos se está disposta a testemunhar.

Transformo-me em pedra fria, meu humor afunda no lodo. Estou a um segundo de me queixar e enviá-la de volta, mas Ema fala.

— Claro — diz pensativa e segura. — Vou testemunhar.





Não sei o que dizer, olho-a fixamente por um momento, tratando de pensar com clareza sobre isto. Descubro, pela extremidade do olho, que Katia olha-me com atenção, esperando que eu negue e não lhe permita fazer. Mas não vou intrometer, é sua decisão, se Ema quiser, meu apoio terá. O problema é que temo que tudo isto lhe cause pressão e embaraço, quero que ela esteja tranquila.

— Tudo para que apodreçam na cadeia. — adiciona.

Katia assente, completamente de acordo.

— Vão enfrentar vários anos, até quatro décadas, ou perpétua. — Informa com toda a fúria. — Tudo depende de que sejam bem massacrados, no julgamento.

— Por isso vou testemunhar, não quero que saiam nunca mais. — fala Ema, sua voz cheia de ressentimento pela primeira vez, desde que a conheço.

Não necessitamos mais disso em nossas vidas, já tenho muito dentro e pelo que vejo, terei que viver com ele. Apagá-lo com o tempo, porque já não há probabilidades de que possa dar ao David seu castigo, como sempre quis.

— Vão pagar Ema — Katia segura sua mão. — Por todas essas garotas que sequestraram, por tudo o que lhe fizeram... Vão pagar com acréscimo.





Ema sorri e assente, acredita profundamente nas palavras de sua amiga. E me surpreendo, ao fazê-lo também, Katia é segura e confiável. É sincera e vai em frente.

Convidamos para almoçar, mas não aceita, porque tem que partir e seguir com seu trabalho, promete estar em contato, por amizade e pelo julgamento também. Vai nos manter informados a respeito. Assegura que voltará, quando sua cabeça estiver um pouco menos afundada nos arquivos do escritório. Antes de ir, despede-se longamente, de Ema e lhe acaricia o ventre. Ela está ansiosa para que nasça, pode cheirar a distância. Sente algo especial por esse bebê, relaciono-o com o amor que tem a Ema e os meses que passaram juntas, na França. Katia foi a primeira pessoa a saber. E passou, através de incontrolável preocupação por sua amiga.

Obrigo-me escoltá-la a seu carro, enquanto Ema volta a entrar no banheiro, devido aos importunos da gravidez. Não faço mais que sair e acendo um cigarro e caminhamos, ao mesmo tempo. Um momento em silêncio, até que Katia suspira e rompe a calma.

— Falava com Ema sobre vocês — disse, surpreendendo-me. — A garota era uma mariposa em um frasco, agitando suas asas, mas nunca elevando o voo. Ansiava liberdade, aventura, intensidade. E por estes lados, os Leões são o verdadeiro reflexo do interessante e da emoção. Assim





eu descrevia, as vezes que os via cruzar o povoado, com suas motos, seus couros e presença intimidantes... Não há ninguém, neste lugar, que não deseje ter o passe livre do clã. Todos os admiram e querem fazer parte.

— Inclusive a eficaz agente Moronta? — Pergunto, brincando.

Ri, olhando adiante.

— Inclusive isso. — responde, olhando-me com cumplicidade. — Foi uma bela coincidência que vocês a encontrassem.

Sorrio. Também acredito. Ema foi meu milagre, além disso. Ajudou a me abrir, viu tal como eu sou, sem primeiras impressões no meio. Aprofundou, no mais íntimo de mim, entrou com uma facilidade incrível. Só ela é capaz de obter isso. E sobre tudo, ensinou a me amar, com meu passado e enganos incluídos. Todo isso me levou por este caminho. Posso dizer que sou feliz, que ao fim, sei o que é sentir o coração pulsando por emoções tão fortes e vertiginosas, que quase nem acredito. Nunca aconteceu comigo, a felicidade sempre foi ofuscada pela constante preocupação ou dor. Tive minha primeira faísca de luz, quando Leon deixou-me andar, ao final de sua caravana, a primeira vez. Agora estou rodeado, sou afortunado.





— Deixa te fazer uma pergunta, Castillo? — Katia parou junto à porta de seu carro.

Coloco uma de minhas mãos no bolso e com a outra, separo o cigarro de meus lábios. Com olhos entrecerrados, dou-lhe um assentimento, por dentro estou preocupado, o que será que quer saber agora? Noto-a curiosa e muito perspicaz, para o bem dos maus.

— Há algo pessoal entre Ferro e você, não é? — Começa, olhando diretamente. — Você foi preso por matar seus irmãos, escapou. Mas nós dois sabemos porque o fez, estou certa?

Fico tenso, sinto meu coração acelerar. Estou ali, de pé, como se aproximasse um terremoto, em ponto de destroçar o lugar, até não deixar nada.

— Tenha calma, isto não é um interrogatório. — Bate no meu braço levemente. — É curiosidade pessoal, não tem nada a ver com meu trabalho. Não é minha intenção colocar na prisão, o pai do bebê da minha amiga. — ri divertida, mas não pode acabar com minha inquietação. — Eu só... Quando me enfrentou, para chegar a ele, lá na França, pressenti que seu ressentimento vinha de um longo tempo, mesmo antes que levasse sua garota...

Engulo a bola de sentimentos contraditórios, que me invade. Lanço a bituca ao chão e a esmago com a





sola de minha bota. Estou dividido entre soltar tudo ou, simplesmente, seguir guardando. Tudo na Katia indica que não seria um problema confiar nela... Mas, não sei... É difícil voltar a falar do passado e mais com um desconhecido.

— O que foi o que Ferro te fez? — Insiste, esperando com atenção.

Ela adivinha minha dúvida e crava, porque sabe que está perto de conseguir. Observo-a um momento longo, avaliando minhas possibilidades. Resolvo dar-lhe uma oportunidade. Depois de tudo, o que pode acontecer? Ferro vai apodrecer na prisão de segurança máxima.

— Fomos vizinhos na capital, em uma vila em crescimento. — olho para todos os lados, menos para ela. — Vivia em uma casinha de chapas com minha irmã menor, Cami. Ela tinha quatorze, eu dezessete. David e seus irmãos a abordaram, uma tarde, ao chegar em casa da escola, eu não estava perto... Arrastaram-na longe, a um pequeno monte abandonado, nos subúrbios...

Jogo uma olhada de soslaio a Katia e agora seu rosto está pálido, parece que está doente. Como acontece comigo, cada vez que lembro isso. Sinto-me mal com o fato de dar vida, em minha cabeça, ao que aconteceu com Cami, imaginar sua experiência desfaz-me. Mas, apesar de saber que me deixa louco, não posso parar, uma vez que começo.





— Drogaram-na, — falo — levaram para longe, eu não estava por perto. David injetou um paralisante, isso eu deduzo, pelo que ela pôde contar, em meio a seus ataques... Pela forma com disse que seu corpo deixou de se mover e responder... Violaram-na. Ferro deixou que seus irmãos violassem uma menina de quatorze anos, enquanto olhava e depois deixaram-na ali, como lixo...

Engulo, tomo uma pausa profunda, tratando de acalmar a rapidez com que meu coração bate, devido ao sofrimento.

— Cami não estava bem, sempre com problemas. Agora que sou mais velho, entendo e posso dizer que era depressiva, os sinais estavam ali na minha frente... O que eles lhe fizeram foi a gota que transbordou o copo, não suportou mais e depois de fazer quinze anos, suicidou-se...

Saio fora do passado, quando Katia puxa o ar pelo nariz, fixo minha atenção nela. Não está chorando, mas posso dizer que está segurando com todas suas forças. Para continuar com essa aparência de garota segura e forte? Vai saber. Dá um passo perto de mim e me esfrega o braço, agora seus olhos observam com um respeito novo. Mais sólido.

— Matei seus irmãos — digo, observando seus olhos escuros afetados — e não me arrependo. Soa desumano, mas o faria uma e outra vez, se tivesse oportunidade. E jurei também me vingar de David, salvou-se, porque nunca mais





o vi de novo, até agora.

— Não te julgo. — murmura, afastando. — Não posso fazer... Quem pode? Eram monstros... — Uma seca gargalhada abandona seus lábios, nega. — Posso ter uma revelação de moral dupla agora, ao te dizer isto, ao apoiar sua decisão. Capacitaram-me para cumprir a lei, para ser honesta e viver por ela, o que fez não é correto... Mas, além de agente, sou humana e não posso julgar este ato em particular, com a frieza com que me ensinaram. Só posso me perguntar: o que faria se estivesse em seu lugar?

Caminha em direção a seu carro. Seus olhos limpam, já não estão úmidos, agora são frescos, serenos. Volta a ser a agente Moronta, novamente. Dá um aceno de cabeça, como despedida e abre sua porta.

— O que faria, então? — Pergunto apressadamente, antes que se sente ao volante.

Agora preciso saber. Ela vira e me olha nos olhos.

— O mesmo, Castillo. — responde firme. — Se machucassem assim a alguém que amo, acredito que faria exatamente o mesmo.

Assinto com um nó na garganta, de alguma forma é libertador, que alguém como ela entenda. Entra em seu carro, liga e a vejo se afastar, sem dar um segundo olhar. Fico ali,





pensando. Inclusive, uma pessoa preparada para fazer o correto aos olhos da lei entende que, às vezes, os princípios não têm nada que fazer, frente aos impulsos e instinto humano.

Ema

Sento em torno da mesa no meio da tarde, pensativa. Consigo o pacote de biscoito, abro de um puxão, depois abro o pote de doce de leite. Passo no biscoito e como, ficando melada. O apartamento está silencioso, Alex acaba de sair da ducha e está se trocando no quarto. Greta se esfrega em meus tornozelos, formando um oito e sua suavidade me conforta. Estou entrando no sexto mês de gravidez e me sinto gorda, redonda e torcida em todos os lados, incluindo os dedos dos pés. Bom, como se importasse, se fosse assim deixaria este pote de doce em seu lugar. Sorrio e vou para minha segunda porção. Estou comendo, quando Alex vem, sinto-o me observar com diversão.

— Esses são biscoito de queijo? — Pergunta.

Encolho.





— Pode ser. — digo, sorrindo.

Ele senta do meu lado e rouba um biscoito do pacote, ouço-o mastigar, a sensação de seu escrutínio sobre mim, não para. Estamos assim por um tempo, calmos, tendo um momento de silêncio. Não insiste mais sobre meu lanche. Até que se estica, beija meu pescoço e fala.

— O que se passa? — Pergunta, levando meu cabelo para as costas. — Está muito calada hoje.

Faço um biquinho com os lábios colados.

— É... Que quero minhas amigas de volta. — suspiro, mordiscando.

Aproxima-se, atraído pelo meu pobre estado de ânimo. É um sol. Meu sol particular, não importa que o inverno já esteja na porta, nem que os dias estejam tão gelados, que apenas não pode sair, tenho o verão em casa. Quando ele me abraça, não há frio, tudo está bem e no seu lugar.

— Estão distantes e embora neguem, todo este assunto do Santiago e Jorge, separou-as. — falo, acariciando o topo do ventre, sentindo a tensão.

Sinto falta de estarmos às três juntas e fazer loucuras... Passei tempo com elas, mas em separado. Não as três juntas. Insistem que tudo está bem entre as duas, mas sabemos que o drama separou-as um pouco.





Possivelmente, não intencionalmente, mas agora, Adela está mais próxima a Santiago, do que antes. E Bianca? Não sei, não conta nada. Mas parece que voltou com Jorge. Faz uns dias, Alex e eu subimos ao sótão, para vê-la e Jorge abriu a porta, deixou-nos entrar e partiu. Suponho que agora, por isso, não há acordo entre Bianca e Santiago.

— Adela está trabalhando, para acalmar Santiago. — assegura, massageando minha nuca. — Conversamos ontem e me disse. Bianca concordou em ir, só se ambos a levarem para casa e encontrar com o resto da família. Santiago recusou-se a ir.

Imagino. O homem enterrou sua família faz muito, muito tempo, não quer ter nada a ver com eles. Ao contrário do que todos acreditam saber, penso que ele o fez para protegê-los. A vida que leva agora, não é a mesma de antes. Sei, pelas piadas que Bianca contou de quando eram meninos, nota-se, rapidamente, que Santiago não é nem de perto, aquele menino doce e aberto. O jovem, que sua irmã recorda, morreu. É um conflito que ele nunca esperou que acontecesse, já que imaginavam que estava morto. Mas as mentiras têm pernas curtas, Bianca descobriu e veio buscá-lo. A história é tensa.

— Tenho uma ideia... — Salta Alex de sua cadeira. — Vamos dar uma volta de moto...





— Não está muito frio? — Pergunto, tratando de não pular como uma menina entusiasmada.

— É só nos proteger.

Oh! Sim, quero fazer isso. O vento frio, em meu rosto, enquanto aumentamos a velocidade, não se compara com nada. Minha ansiedade leva-me a esquecer do doce de leite e correr ao quarto para vestir, já que, ultimamente, passo muito tempo de pijamas. Tiro a camisola e as pantufas, mas não chego ao guarda-roupa, a bola em minha barriga faz uma confusão e tenho que me sentar, de repente na beira da cama para sentir. Cada vez que acontece, preciso me deter, para não perder isso. Nua, apoio as mãos abertas na barriga e sinto.

— Alex! — Grito, chamando.

— O quê? — Corre para mim, agitado e entra.

— Olhe para isso. — peço, sorrindo.

Acalma-se e senta ao meu lado. Ele pode ver nosso filho se movendo, enquanto o sinto. Em um momento, mexe-se com brutalidade e ofego, sorrindo. Alex permanece imóvel, retendo o fôlego, sempre reage assim, quando nosso filho se mexe.





— Isso tem que doer. — sussurra, vendo como meu ventre se deforma. — Não está mentindo, não é?

Sorrio, e pego sua mão e a apoio, para que sinta.

— Impressionante. — murmura, falta-lhe o ar.

No último ultrassom, soubemos que é um menino. Não tenho que esclarecer que o clã brindou por isso, ou sim? Embora esteja segura de que teriam feito igual, se fosse menina, não há machismo nesta comunidade. Mas não se pode negar que eles sonham com a próxima geração de Leões. E eu adoro e me encho de orgulho, que meu filho faça parte desta grande família. Não importo se para alguns, sou uma mãe ruim, por isso. O lugar mudou minha vida para melhor, sou feliz e amo, profundamente, estas pessoas. Em especial o homem que atualmente está ao meu lado, hipnotizado pelo movimento de meu estômago. Inclino e encontro seu queixo áspero com meus lábios, beijo com sentimento.

Nesse momento, alguém golpeia nossa porta e rompe nosso feitiço. Antes de ir atender, ele me empurra para trás e ataca minha boca com a sua, solta, quando começa a me faltar o fôlego e surge vontade de mais. Maldito.

Estou deitada, ficando sonolenta, quando as vozes de Adela e Bianca trazem-me de volta à realidade, em um golpe de exaltação. Não perco mais tempo, consigo algo para me cobrir e saio correndo para elas. Aperto a ambas em





um abraço forte e quase poderia chorar, por todo o tempo perdido, enquanto não estávamos juntas. Não o faço, mas dou pequenos pulos, sem largá-las.

O celular de Alex toca, no meio do alvoroço e sai, perdendo-se pelo corredor, para atender a chamada. Estou muito emocionada e convido às garotas para sentarem. Elas atacam o pacote de biscoito que ficou do meu lanche improvisado e conversamos como loucas, como de costume. Fico feliz em saber que tudo voltou ao normal entre elas. Ou talvez, só fosse minha imaginação? Quem sabe. Bianca levanta-se para ferver água e fazer chá. Estou confortável. E sinto um pouco de culpa, quando Alex inclina-se sobre mim, lembrando que íamos dar uma volta de moto. Abro a boca para desculpar, mas me corta.

— Leon precisa de mim — disse. Percebo a preocupação em sua voz. — Fique com as garotas, desfrute. Volto logo.

Beija minha testa e sai pela porta, não sem antes confirmar que elas ficarão comigo, até que volte.

Alex





O golpe de ar frio, ao sair do apartamento, não faz nada para me tranquilizar, sigo em estado de choque. Desesperado, rapidamente corro para o bar, certificando de conferir que cada sentinela esteja em seu lugar. Ao passar pela porta, encontro Leon em uma das mesas, com o Max e Santiago. Todos preocupados.

— Quando escapou? — Pergunto, tratando de recuperar o folego. Sinto perto de um ataque do coração e não é exagero.

— Na noite passada — responde Leon, sombrio. — Meu contato conseguiu avisar agora.

Ando de lá para cá, não posso sentar e ficar calmo, estou ficando louco. Minha cabeça dá voltas e voltas. Não pode ser, acreditava que tudo já tinha terminado, que podíamos viver em paz. Não vamos poder, se David Ferro não voltar para a prisão, ou o encontro e o mato. Sim, o filho de puta escapou. Ele será executado. Como, diabo pôde fugir?

Acredito que tinha mais contatos do que acreditávamos. Levo as mãos à cabeça, suspirando, com os olhos fechados.

— Calma — diz Max — O complexo está cercado, é impossível que chegue a nós, Ema está a salvo...

Assinto, mas isso não tira o desconforto que me provoca, em saber que saiu e anda por aí. Escondendo-se, mas livre.





Necessito dele fora de toda equação, para viver tranquilo de uma vez. Será que isso não vai acabar nunca? Se não vai ficar na prisão, então tenho que fazer o que sempre quis: matá-lo. Apagar do mapa. Agora, as autoridades devem estar buscando-o por todos os lados, se não o encontrarem rápido, perderei a calma. Preciso concentrar-me, se não quero que Ema saiba disto, nego-me a deixar que fique preocupada. Dirijo para o balcão e sirvo um uísque carregado, volto para a mesa.

— Vão encontrar — Leon tenta ser positivo. — Escapou ontem à noite, nesse momento pode estar fora do país, quem sabe aonde. — Falou, lamentando.

Não posso evitar temer e esperar o pior.

— Não vai ser tão estúpido de vir para cá, não é? — Adiciona Max.

Esse não é o verdadeiro problema de tudo isto. Sei que não vai arriscar nos buscar nem a entrar no complexo, por agora. Seu principal objetivo é se esconder bem. E se nunca o apanham? Essa é minha maior preocupação, ter que viver, sabendo que está em algum lugar. Não o quero criando sombras em meu futuro. Já tive suficiente escuridão, atrapalhando minha vida, minha família merece mais do que viver com incerteza e medo.





Fico ali por um momento, sem saber o que fazer comigo mesmo, até que meu celular soa pela segunda vez, no último par de horas. Não reconheço o número na tela, entretanto, aceito a chamada. Pode ser que sejam novas notícias. Espero que boas.

— Castillo — diz uma voz de mulher, inclusive, antes que coloque o aparelho em minha orelha, não tenho tempo de dizer "olá".

— Quem fala? — Franzo o cenho. Do outro lado, ela ri secamente.

— Katia — fala com segurança. — Estou chegando ao complexo, espere no estacionamento.

Desliga, antes que possa responder. Fico parado, sem pensar, meus irmãos estão com olhares cheios de interrogação. Levanto e acabo a bebida de uma só vez. Os meninos seguem-me para o exterior. Esperamos, o vento frio nos açoitando. Agora, noto que sair e dar uma volta de moto com Ema, não era uma boa ideia. Mas a vi tão triste, que quis anima-la e como adora passeios e velocidade...

Deixo de pensar, quando o carro negro entra no estacionamento, a pequena garota no volante. Corro para ela, quase a derrubando, quando desce.





— Sabemos que o bastardo escapou — digo, nervoso, ela tem que saber o que está acontecendo. — Já o têm? Onde está?

Levanta uma sobrancelha arrogante e sua expressão serena e sem preocupações arrasta-me para a beira do desastre.

— Está perto. — É a única coisa que diz.

Os meninos formam filas nas minhas costas e ela vira, para rodear o carro. Sigo-a, ansioso. Eleva sua chave e aperta um botão com o polegar, o porta mala destrava, com um seco "click" e a tampa levanta. Katia encaixa os dedos e empurra. Minha boca abre, na primeira olhada ao interior.

David Ferro está ali, dobrado em posição fetal, suas mãos amarradas nas costas e seus pés imobilizados. Encontra-se levemente acordado, com uma faixa na boca, afogando qualquer som que tente emitir. Seus olhos negros piscam, param em meu rosto e se abrem, de repente, quando me reconhece.

— O que é isto? — Falo bem baixo.

Nem sequer consigo piscar.

— É sua vingança, Castillo. — Responde ela.





Cruza os braços à altura do peito e aguarda que a surpresa me abandone.





Capítulo 26

Alex

— Você é como um cara. — Diz Max, olhando fixamente Katia.

Ela encolhe os ombros, nunca tira seu olhar de mim. Está lendo-me, quer saber se vou aproveitar a oportunidade que está me servindo em bandeja de prata. Não posso falar, nem sequer pensar. Nem deixar de cravar meus olhos surpreendidos no Ferro. Não gosto que ela o trouxe até mim. Posso ver o entendimento, em seu rosto, sabe que destino o espera, se o abandonam aqui. Meus amigos e eu rodeamos o porta malas do carro de Katia, avaliando a situação.

— Sabe a quantidade de problemas que te pode trazer, fazendo isto? — Pergunto em choque.

Katia enfrenta-me, sua expressão demonstra consciência e sentido.





— Estou a par de todas e cada uma das consequências que posso sofrer. — concorda, seriamente. — Mas não importa, ninguém nunca vai saber.

Estreito meus olhos. Muito confiante para seu bem, Deus me livre que a descubram, porque perderia seu trabalho. E não acredito que lei admite isso, ainda mais que é tão apaixonada e eficaz. Não seria justo perder uma agente como ela.

— Por que fez isto? — Pergunto, para entender seus motivos.

Por que fazer tudo isto e arriscar desse jeito? Suas pupilas vacilam, pela primeira vez, desde que a conheço como Katia Moronta. Um pouco de vulnerabilidade escapa, de todo esse controle de garota dura.

— Ficaria feliz se alguém fizesse por mim, sabe? — Diz, olhando-me por uma fresta, por causa da claridade da tarde. — Não houve ninguém ali, para me vingar. Quero que ele sofra, pelo que fez à sua irmã.

Permaneço imóvel em meu lugar, observando-a. Não demoro em dar uns passos atrás e ir para o porta mala. Os meninos procuram minha aprovação, antes de seguir, dou-lhes um assentimento, então tiram o Ferro do carro. Rapidamente, arrastam-no até os galpões de atrás e Katia fecha o porta malas.





— Como segue isto, Katia? — Pergunto, preocupado por ela e por tudo o que acontecerá, se David não aparece nunca mais. — O julgamento não vai demorar muito, o que acontecerá? Vão procurar, porque ele será fugitivo, os olhos de todos... Vai deixar que gastem tempo e uma fortuna nisto?

Sorri e se balança sobre os calcanhares, desviando e percorrendo com o olhar, os arredores do estacionamento.

— Tenho tudo arrumado. — para, volta a me prestar atenção. — Quando terminarem, entreguem-no e seguirei com o resto do plano.

— Qual é o cacete do plano?— Insisto, enlouquecendo.

— Escapou, procurou refúgio e foi assassinado, por um ajuste de contas — fala, parece que fez seus deveres à perfeição. — Fingirei encontrá-lo por aí, neste momento, acreditam que estou procurando por ele, como outros...

— Não posso acreditar, mulher — ando, afastando-me dela. — Está louca, arriscando-se assim. Mentindo aos seus...

Aproxima e me dá um empurrão no peito, enviando-me para trás, seus olhos severos.

— Não podem só agradecer? — Zanga-se. — "Obrigado, Katia te devo uma. Adeus."





Nego, soltando ar com frustração.

— Preocupo-me, está bem? Acredito que seria injusto que perdesse seu trabalho, por minha estúpida vingança. — Ataco, tratando de manter a voz mais baixa. — Pensei que ele apodreceria na prisão.

Seu bonito rosto delicado torna-se frio.

— Não o faço por você — fala — Faço por mim, quero que o mate. Não, sem antes fazê-lo sofrer. Homens como ele, não merecem um lugar neste mundo, nem sequer no maldito cárcere. Encarregue-se dele, Castillo, farei o resto, sou, suficientemente inteligente para não permitir que descubram...

É como se estivesse rogando, pedindo que não faça só por minha irmã e Ema, mas por ela também. Não posso negar nem a Katia, nem a mim mesmo. Porque também quero, ela se encarregou de dar o que desejei, desde que era um adolescente perdido, onde não restava nada.

— Ok — murmuro. — Está bem, vou aceitar seu presente. Obrigado. Não vou negar que me incomoda que tenha se arriscado assim, mas te agradeço muito. E lamento que ninguém esteve lá por você, quando lhe fizeram mal, Katia.





Dedica um único assentimento, automaticamente, sobe ao carro e parte. Não sei aonde vai ou em que lugar espera, para devolvermos o corpo. Por um momento, acreditei que ficaria ao redor, mas se nota que necessitava de um momento a sós. Além disso, não sei quanto tempo levará, para drenar todo meu ódio e ressentimento.

Só sei que não será rápido.

Entro no galpão com as costas tensas, com meu sangue começando a correr com expectativa e ansiedade. Abro e fecho meus punhos várias vezes, todo meu organismo pedindo sangue. Muito sangue. Encontro Max jogando com David, encostado na parede, o tiro ao alvo é o favorito dele. Ama suas facas bem afiadas e é letal, lançando-as a cada ponto, com estudada perfeição. A vítima já está banhada em suor e olha de esguelha, enquanto entro e fecho os portões.

— Estava jogando, mais nada — diz Max, dentro de seu papel. — Tirei um pouquinho de sangue aqui — caminha e para junto a David, toca a orelha. — Uma gotícula, espero que não se incomode.

Seus olhos trocaram o dourado e isso indica que está desfrutando, sorrio. E não de lado, ou fechado. Sorrio grande, mostrando bem meus dentes. Porque, finalmente, tenho-o, onde quero. De uma vez por todas, fecharei esta ferida, esta greta, que arde sem parar. Sim, estava disposto a aceitar a ideia de que morresse atrás das grades,





mas não vou negar que isto é mais doce. Sinto-me, imensamente, melhor.

David nos olha a todos e não pode fazer nada, para ocultar o terror. Vai de mim a Max e depois a Santiago. Por agora ficaremos os três, jogaremos e quando chegar a hora, sei que, se pedir, meus amigos sairão pela porta, para me dar privacidade.

Toda a fanfarrice de Ferro esfumou-se, deixando o que sempre teve dentro de si. Covardia, porcaria desumana. Katia tem razão, ele já não pode roubar mais ar deste mundo. No inferno, deve prosseguir sua próxima existência. Dirijo-me à famosa caixa de ferramentas e escolho a primeira que usarei, depois vou buscá-lo. Com ajuda dos meninos, o movo à cadeira de sempre, amarramos bem e o observamos, fixamente, enquanto o pano de fundo esconde seus nervos e vai desmoronando, pouco a pouco.

— Não bastou você mexer com alguém que eu amava, — suspiro — não bastava. Teve que ir por mais uma...

Endireito, movendo, ligeiramente, à sua esquerda, nunca abandonando seu rosto pálido e doente. Não responde, não tem coragem.

— Trocamos de posições, desta vez é você quem está amarrado e à minha mercê — sorrio. — Mas a diferença é que vai implorar, para que





seja rápido.

Sua expressão dura desmorona, como se estivesse a ponto de dizer algo. O que seja foi abafado por um grito descomunal, saindo do fundo de sua garganta. Levanto a pinça em minhas mãos e olho com atenção, a unha que acabo de arrancar de seu dedo médio. Agora Ferro está tremendo, gemendo muito, totalmente fora de controle. E olha seu dedo ensanguentado com horror. Não dou um segundo para recuperar, arranco a do dedo indicador e se retorce, cuspindo saliva e sangue, por morder a língua. Rio dele, sendo o mais cruel filho da puta, algo que demonstro com pouca frequência. Tanto, que Max observa-me com aprovação e assombro.

Geralmente, procedemos com este tipo de tortura, quando queremos que a vítima solte a língua. Hoje, não há nada que queiramos lhe tirar, só espremer sua dor, até que já não se possa tirar nenhuma gota mais. Porque provocou sofrimento a Cami, machucou-a da pior maneira em que se machuca uma mulher. Fez com que seus irmãos a violassem e sei que doeu, que a romperam por dentro, tanto física, como mentalmente. Então, o que que posso fazer agora, para recompensar essa dor? Não tenho ideia, porque nem sequer posso imaginar o que sentiu Cami. Só farei meu melhor esforço.





Arranco cada uma das unhas, de ambas as mãos, quando desmaia, porque já não pode suportar tanto. Os meninos trazem-no de volta, jogando um balde de água gelada. Agacho, para estar à altura de seu rosto e bato em suas bochechas, enquanto volta a si. Pisca, gemendo, como um pequeno menino perdido e assustado. Uma vez que me reconhece, endurece o gesto. Não quer demonstrar fraqueza, mas falha, miseravelmente, ao ver de novo as mãos ensanguentadas.

— Fazer isto não devolverá sua irmã. — Fala, agitado e rouco. Encolho por dentro, meu peito arde, ante sua menção.

— Claro que não — tendo novas ferramentas nas mãos. — Mas estou seguro de que ela e o mundo estarão em paz, uma vez que vá para o inferno.

Ri, rachado e débil. Esconde a dor e o medo, que lhe provoca a aceitação, de que seu final está próximo, atrás de um novo jogo de arrogância.

— Deveria ter visto como Pancho desfrutou, quando estalou sua cereja — o ardor sobe até minha garganta, automaticamente. — O filho da puta ficou encan...

Levanto minhas mãos e enterro as duas facas nos dorsos de suas mãos, prendendo-as nos braços da cadeira. Grita, grita e grita. Sua boca e olhos bem abertos, seu rosto vermelho e inchado pela dor. O branco de seu olhar tinge-





se de carmesim, a mesma cor que banha suas mãos estacadas.

— Seus irmãos tiveram um final rápido — cuspo em cima dele, tão furioso que minha respiração parece com a de um touro agitado. — Era jovem e queria que morressem logo. Mas vou fazer em você cada maldita coisa que não fiz neles.

Parto-lhe a cara com um murro poderoso, seu pescoço soa enquanto dobra a cabeça. Suspira e roucos latidos saem de sua boca entreaberta, que jorra sangue. Golpeio de novo e de novo. Uma vez que começo, não consigo parar, até que Max me detém e sussurra para me acalmar. Mas isto é muito para mim, é impossível que mantenha frio.

Ele machucou minha irmã, minha pequena Cami. Ele tirou isso para sempre.

Afasto, com desespero e apoio minhas mãos abertas contra uma parede, aperto as pálpebras com força enquanto tremo e empurro ar fresco em meus pulmões. Outros tratam de despertá-lo, desfigurado, na cadeira.

"Vou fazê-lo pagar Cami. Pagará. Doerá tanto, como o que te fez, juro."

Dou a volta, para vê-lo retornar à vida, agora Santiago, em sua posição frente a ele. Esquenta algo com um maçarico pequeno, está em silêncio e sua expressão é pensativa,





como sempre, quando está a ponto de atuar. Não fala, inclina-se, nem sequer olha a vítima. David, pelo contrário, observa-o com desconfiança, seus tremores piorando. Está a um passo do estado de choque. As facas já não estão atravessando as mãos e agora, Santiago fecha cada ferida, com aquela peça de ferro quente que tem na mão e acaba de esquentar tanto, que está em carne viva. Mais dilaceradores uivos renascem, Ferro grita tanto, que perde a voz. E volta a desmaiar, com o intenso e insuportável aroma de carne queimada.

Quanto mais é capaz de sobreviver, alguém que desmaia, a cada dez minutos? Estou perdendo a paciência.

— Maricas — diz Max, impaciente como eu.

Cortamos suas roupas, para deixá-lo totalmente nu e voltamos a jogar água em seu rosto, para acordá-lo novamente. Cospe e se engasga, piscando, com a claridade dos furos do teto. Nota que está nu e seu desespero é grande. Solta fracos gemidos, tratando de ser silencioso. Inclino-me, sussurrando em seu ouvido.

— Vou arrancar seus testículos. — Congela. — Um por cada irmão e depois arrancarei seu pênis, porque sobra, na anatomia de alguém tão pouco homem como você...





— Pergunta à sua puta grávida, o pouco homem que sou — lança cuspe em minha direção e me esquivo facilmente.

Santiago bate o martelo, com violência, em seu dedo gordo do pé, arrebentando-o. E a sombra de homem choraminga, como não parou de fazer, desde que o trouxemos para dentro. Coloco um soco inglês na mão direita e assim, estou preparado para destroçar sua cara novamente, desta vez de forma mais eficaz. O punho de aço corta sua pele, inclusive quebra a maçã do rosto e tenho que ser parado de novo, para não matá-lo. Detenho e saio do caminho, enxaguando o sangue da minha mão.

— Coloque-o lá fora — ordeno aos meninos. — As mãos atadas nas costas, de pé, em um banco — dirijo meu olhar ao Max. — Uma corda em seu pescoço.

Suspiro, quando ele aceita, com um só movimento de cabeça. Desatam-no e está tão fraco que, quando consegue sustentar sua cabeça sobre os ombros, jorros e jorros de sangue caem de seu nariz, boca e feridas. Suas feições são irreconhecíveis. Levam para fora e montam a cena, tal qual pedi. Uma corda grossa, pendurada no galho mais firme de uma das árvores, prendem no pescoço de David e é colocado de pé sobre um banco. Treme, mas mantém o equilíbrio, os meninos não o deixam cair, nem muito menos saltar por sua conta. Ele vai morrer, quando eu quiser.





Quando saio, consigo uma barra pesada e maciça, parecida com a que usei com seus irmãos. Caminho direto ao objetivo e começo a bater no torso, coxas, costas, panturrilhas. Com cada baque, vai desinflando, seus pulmões perdendo a batalha. Logo, não há mais gritos, sua energia quase drenada. Vê-lo ali, destroçado, nu e na corda frouxa, libera algo entre minhas costelas. Os batimentos do meu coração já não têm esse peso extra que levei comigo todos por estes anos, afogando-me. Agora, cada batimento parece-se com o bater das asas de uma mariposa. Leve, suave.

Mentiroso. Mentiroso aquele que disse que a vingança sempre é em vão.

Estou liberando, deixando a dor e a raiva ir embora. Já não há tanta carga em meus ombros e minha irmã pode descansar em paz lá em cima, enquanto aceito e desfruto do amor e da família, que meus irmãos e Ema irão dar-me.

Trago o ar, fecho os olhos e faço uma lenta pausa. Depois, dou a penúltima paulada em um de seus joelhos, dobrando, no ângulo contrário. Gritos rompem a noite, o equilíbrio de David falha, estrangula a si mesmo com a corda, enquanto tenta sustentar-se sobre a perna, que ficou sã. Max e Santiago correm a agarrá-lo, porque não é momento de morrer. Falta algo. Lanço a barra ao chão, provocando um ruído seco contra o barro úmido e a grama curta. Estiro o braço, não faz falta nenhuma ordem ou pedido, Max





coloca a ferramenta que necessito em minha palma. Uma de suas facas.

— Agora — anuncio, quando os gritos se detêm e David respira, erraticamente, através de sua boca aberta, está nas últimas. — O que prometi.

Tomo seu testículo com a mão livre, seus olhos injetados em sangue se abrem, através das bolsas inchadas, que estão em lugar das pálpebras. Um único e perfeito corte e tenho suas bolas ensanguentadas em minhas mãos. Deixo-as cair ao chão, o olho na cara, enquanto a dor chega junto com o entendimento do que acabo de fazer. Max dá um empurrão, quase me lançando ao chão, antes que o vômito de David banhe o chão e seu próprio torso. Líquido espesso, entre amarelado e esverdeado, misturado com sangue. Enrugamos o nariz, até que termina, então Santiago traz a mangueira e o banha, enquanto sangra sem parar.

Posiciono novamente, para o próximo corte.

— Por favor — murmura, quase não entendo entre dentes frouxos e bochechas estilhaçadas. — Por favor, já teve o que queria... Só me mate de uma vez...

Estudo-o, fixamente, de perto. Tenho que esforçar em encontrar o velho Ferro, atrás de todas essas tiras soltas de pele e maçãs do rosto amassadas e quebradas. Empunho seu membro e se encolhe, gemendo e





choramingando muito. Lágrimas caem por suas bochechas, mesclando-se com seu sangue. Não permito me afetar.

O pranto daquela pequena menina de quatorze anos nunca o parou.

Uma única incisão e seu pênis ganha o mesmo destino que as bolas. Direto ao pó, desprezado. Não o olho nenhuma só vez, nem sequer jogo uma mínima mirada, ao que acabo de fazer pela primeira vez em minha vida, a alguém. Afasto vários passos e o vejo derrubar-se, frente a meus olhos, um atoleiro de sangue rodeando-o. Antes que afrouxe e morra, mexo mais uma vez e recupero a barra. Bato no seu outro joelho, dando-lhe o mesmo certeiro golpe que o outro. Em uma expulsão de oxigênio, seu corpo afrouxa e pendura na corda.

Não deslocou a cabeça, como ocorreu a Cami, mas sim fica ali, suspenso. Asfixiando-se lentamente. Balançando, em reação, retorce e luta. Então a morte o abraça, finalmente.

E David Ferro deixa de pertencer a este mundo.

Uma hora depois de entregar o corpo de David a uma Katia, completamente, decidida a seguir sozinha com ele e o resto do assunto, retorno a casa. Tenho a mente em um milhão de lugares, girando. O que acabo de fazer está retumbando sem parar, as lembranças mais recentes ocupam tudo. Não é culpa, de maneira nenhuma. Embora, sim,





seja uma sensação estranha e não sei que nome dar.

Abro a porta de casa, já notando que tudo está silencioso. Bianca está ali, no sofá, com Greta em seu colo... Jorge a seu lado, aguentando o peso da garota, que descansa em seu ombro. Ele me olha, por um momento, acredito ver preocupação em seu rosto duro como granito, mas lhe dou um assentimento como saudação, aceitando-o ali. Não tem por que ficar nervoso por estar em minha casa, aceito-o. Na minha forma de ver, é mais um de nós.

— Perdoem a demora — sussurro.

Bianca se sobressalta e Greta se separa dela, baixando ao chão e desfilando para o corredor, certamente, para deitar na cama com Ema. Olha Jorge, com olhos meio dormindo e depois a mim e sorri.

— Dormiu faz uma hora mais ou menos, estava muito cansada. Não quisemos deixá-la sozinha.

Sorrio, ignorando o olhar que dão á minhas roupas enrugadas e salpicadas.

— Obrigado, devo-lhes uma — adianto-me, quando ficam de pé.

Estico um braço para Jorge, para apertar sua mão. Devolve, sem duvidar, mesmo que tenha a possibilidade de que esteja suja, por tudo que acabo de fazer. Que é





bastante óbvio, por certo. Lavei-me de tudo o melhor que pude, no galpão, antes de ir beber um copo rápido com os meninos, para baixar o nível de adrenalina que causou a morte de David. Sim, até sinto a coceira nas veias. Suponho que logo irá, gradualmente.

Jorge dirige Bianca para a saída e lhes deixo espaço, enquanto a abraça, para ir.

— Onde está Tony? — pergunto, logo notando sua ausência, custa-me acreditar que o tenham deixado sozinho.

Jorge sorri de lado, seus olhos brandos pela primeira vez, desde que o conheço.

— Com Abel — responde Bianca, antes dele. — Noite de pijamas. Esses dois não podem viver separados.

Ri e é adorável, com seu rosto cansado e o cabelo revolto, recém-acordada de uma curta cochilada. Não perco a maneira em que os olhos de Jorge a olham fixamente, os olhos dourados refletindo, como líquido fundido, como se fosse seu mundo inteiro. Então, aí mesmo descubro: ama-a. Amam-se. É tão evidente, tendo os dois em minha frente, que acho difícil Santiago não ter notado até agora. Ou, talvez, não lhe dá vontade de fazer. Acredito que vou ter umas pequenas palavras com ele, a respeito, ignorando o decoro e me colocando, pela primeira vez, em assuntos alheios.





Fecho com chave, uma vez que desaparecem da vista. Apago as luzes e caminho, esgotado, para o quarto. Pego roupa limpa e uma toalha de passagem e jogo uma olhada em Ema, que nem sequer nota que ando ao redor. Dorme profundamente. Tranquila. Sem medo. Engulo um nó enorme e demoro ao seu lado, enrolando um cacho avermelhado nos dedos, observo, fixamente, seu rosto angélico. "Assim será toda a vida", prometo. Assim, pacífico e seguro. Sem perigo, de agora em diante, só nós dois, amando a família que queremos.

Já sei que viver com os Leões não é fácil, ela é minha mulher. Será a que me irá esperar em casa com um menino, durante duros meses de ausência. Mas é forte, somos fortes. E, pode ser errado, mas não vejo um lugar mais perfeito que este para viver. Perto dos meus irmãos tudo é melhor, além dos perigos e o puxão constante contra a lei. Seremos imensamente felizes neste lugar.

Entro no chuveiro bem quente e me lavo dos pés a cabeça, limpando o sangue de meu último inimigo. É a despedida final, a partir de amanhã não haverá mais sombras, espreitando o futuro. Só ficam as do meu passado e confio que, pouco a pouco, irão sumir, vou parar de tentar manter. Estremeço, só de imaginar que estejam bem onde meus irmãos estão, bem e felizes comigo. Com esta vida, que custou, mas consegui através de toda a dor que vivi, para superar suas perdas. Como é óbvio, o desejo





incansável de tê-los comigo crescendo e ao meu lado, como planejamos, persiste e sempre o fará. Mas, continuarei acreditando que, a cada dia, estão aqui, presentes. Que não me abandonaram de tudo.

Lágrimas silenciosas misturam-se nos jatos de água, que caem direto em meu rosto e pálpebras fechadas. Não sou alguém que chora com facilidade, entretanto, este é um momento digno, em meio à solidão, ao fazer as pazes com tudo o que considerei mal em minha vida. E por fim, fecho a porta, avanço, com os olhos abertos para frente. Em frente sempre, os ombros retos. Fortaleza intacta. E cabe esclarecer que toda esta aceitação e superação devem-se à mulher bela, que dorme em minha cama, levando nosso bebê em seu ventre.

Ema me salvou, sarou minhas feridas. Fez-me cada dia mais forte.

Deito entre as cobertas da cama, ela sente e aconchega suas costas em meu peito. Eu amo que se encoste, até o ponto de não deixar nem um mínimo espaço entre nossos corpos e suspire. Procura minha mão, instantaneamente e a arrasta para sua barriga, para que a abrace. Vira o rosto, seus olhos fechados, embora esteja meio acordada.

— Está de volta — murmura.

Beijo-a na boca.





— Sim, perdoe — digo no seu ouvido.

Sorri fracamente.

— Não importa. — Volta a acomodar-se e acaricio a curva de seu estômago. — Tudo está bem.

Assim é. Tudo está mais que bem. Finalmente.





Epilogo

Bem-vindo

Alex

— Tragam a peridural! — Grito a todo pulmão, meu coração quase saindo pela boca.

Ema se retorce na cama, banhada em suor. Ao escutar, fica tensa pela décima vez e franze a testa, que já está enrugada há mais de duas horas, só se aprofundando.

— NÃO! — Diz gritando.

Nestes últimos meses de gravidez, conheci toda sua teimosia. Não há ninguém com mais vontade que minha mulher, não há quem ganhe. De verdade. Depois de tudo o que passou, no último momento, acho que deveria fazer





uma pausa. Acredito que a peridural é uma boa opção, para trazer Franco ao mundo com tranquilidade, sem tanta dor. Mas não, ela quer a dor. Quer sentir tudo.

Perderei a razão a qualquer momento, se continuar a se contorcer, novamente.

Resumindo, nossa vida tem sido uma verdadeira montanha russa, ultimamente. Depois da morte de David, as coisas estavam longe de acabar. A notícia de seu fim percorreu, inclusive, os meios internacionais. Não sei como Katia conseguiu que sua versão fosse crível, mas já não importa, estarei em dívida com ela por isso, pelo resto da vida. Não sei de que maneira pagarei. Foi incrível e suponho que é bem-amada e respeitada entre seu povo, porque ninguém duvidou de sua credibilidade. É que, sinceramente, ela é impressionante em tudo o que faz. Agora está em outra missão, de vez em quando envia e-mails e exige fotos de Franco, assim que nascer. Quase esteve a ponto de me convencer, de que gravasse o parto para ela. Felizmente, não foi tão insistente sobre isso, agora é impossível que eu consiga segurar uma câmera, nesse quarto.

Duas semanas depois de tudo isso, veio o julgamento. Resumindo, Fabrice Fontaine está em uma prisão de segurança máxima, enfrentando uma sentença de prisão perpétua. Anastásia?





Livre, desligou-se de tudo. A mãe de Ema não sabia, absolutamente, nada sobre os negócios do seu marido, era boa em ignorar os sinais e gastar o dinheiro sujo. Foi para França, depois de enfrentar o estado e dizer que estava humilhada era pouco. Perdemos seu rastro, a última vez que soubemos dela, estava escondida em uma casa de campo de uns amigos do passado, enfrentando o fato de que já não é uma milionária e que acabaram seus luxos. Despediu-se de Ema e até pediu perdão e agradeceu, por não tê-la processado, quando a levaram para fora do país sem o seu consentimento. Mesmo assim, ela não parece interessada em manter contato com sua única filha. Nem com seu neto. Sei que em Ema doeu sua atitude, por mais que não esperasse mais da mulher, mas saiu do poço com rapidez, porque agora sim, tem uma grande e verdadeira família, que a trata como merece. Não precisa dessa mãe fria e frustrada, que só pode trazer maus presságios.

No último dia de julgamento, Ema, definitivamente, deixou para trás a família Fontaine.

Ela teve que esperar, para ter acesso à sua abandonada e esquecida herança, os pertences de seu "marido", David Ferro, junto com o dinheiro que ele e Fontaine puseram em uma conta em seu nome, como camuflagem. Milhões incontáveis. Tudo sujo e indesejável. Ema e eu fizemos todos os trâmites necessários, para doá-lo a uma boa causa: investimento. O valor total foi para um fundo





especial, para financiar a busca e resgate de cada mulher desaparecida, vítima do tráfico de pessoas. Katia ficou muito orgulhosa disso, inclusive chorou, dando graças. Nesse momento, realmente, demo-nos conta do que seu trabalho significa para ela e se nota que há uma história muito pessoal detrás de todo o caso, o que a faz ser mil vezes mais intensa, na hora de tomar suas missões.

Foram meses difíceis e sobrecarregados de pressão e emoções, mas não vou negar que foram necessários, para fechar todas as portas que faltavam. Tudo foi bem, dali em adiante. Tudo correu bem, nos últimos trinta dias, tudo em seu lugar e nós, cada vez mais conscientes de que logo seríamos pais.

O inverno chegou forte, ficamos presos por duas semanas inteiras, sem poder sair ou receber visitas. Quando o tempo melhorou, recebemos a visita de Miranda e Emilio. Sim, eles estão aqui agora mesmo, na cozinha, perambulando. Esperando que Franco decida nascer.

Quando chegaram, fiquei nervoso, porque, finalmente, Ema e Miranda se conheceriam. Eu não escondi de Ema nada que tivesse a ver com a mulher. Ema sabe de tudo, desde o começo. Pensei que seria desconfortável, mas estava errado. Uma vez mais, a mente aberta e amável de minha garota, deixou-me sem palavras e senti-me estúpido, por ainda deixar que isso me afete. Embora saiba que não era





o único, Miranda também tinha suas reservas. O medo de ser rejeitada brilhava em seus olhos, ao entrar em minha casa. Até que viu Ema de pé a meu lado, que deu a ela um sorriso largo, dando, alegremente, boas-vindas. Ema apertou Miranda e lhe sussurrou no ouvido, agradecendo por tudo o que fez por mim. Por nós.

E engoli as lágrimas. Miranda não era tão forte, chorou de gratidão e alívio, por não ser julgada, nem o nosso relacionamento.

— OH, por Deus — disse, uma vez a sós na cozinha, enquanto eu preparava café quente e um chá para Ema. — Ela é perfeita, Alex. Tão perfeita. De onde saiu tanta beleza e bondade? Huh? Estou apaixonada — disse, secando as lágrimas, apertei seu ombro para reconfortá-la. — Desculpe, estou sensível, é porque estou ficando velha .

Sorriu e tomou um gole de café.

— Estou apaixonada por vocês dois, Alex, pela família que terão juntos. Tudo isto é como um sonho. — aproximou-se e me tocou no peito, olhando em meus olhos e disse: — É tudo o que sempre quis para você... A verdade é que nunca duvidei de que você iria conseguir. Por isso te tirei de minha vida e da cidade e ordenei que fosse embora.





Um nó cresceu na minha garganta e tentei afastar meu olhar do seu, mas fixei nela e a escutei com atenção.

— Se ficasse aqui, nunca progrediria. Sempre seria empurrado abaixo, por seu passado na cidade... Quando dei conta, soube bem. Foi feito para coisas grandes, para ser forte... E feliz. Estou muito orgulhosa, Alex.

Limpei a garganta e falei.

— Não teria feito nada sem seu empurrão, Miranda. — Dava-lhe crédito, porque era verdade. — Obrigado por tudo. Nunca conseguirei te pagar pelo que fez por mim. Embora eu gostasse de saber com detalhes, o que fez, para me tirar da prisão. — Sugeri ao final.

Ela estalou a língua e se afastou, dando-me uma expressão severa. A verdade é que há muito que não foi contado e, certamente nunca será. Gostaria de saber como armou todo o plano para me ajudar a sair de uma vez da prisão, mas só sabia o essencial: expôs o juiz e fez que outro, um respeitável, ficasse no seu lugar. Nada mais. Bom, talvez seja melhor que o assunto se encerre e fique enterrado no passado. Só ela saberá o que aconteceu.

Não foi nenhuma surpresa que ela e Emilio viessem juntos. São um casal, não confirmaram, nem seria necessário, vi a quilômetros de distância. O que surpreendeu foi a aparência dele. Mudou radicalmente. O cabelo





comprido e oleoso, a barba descuidada e as roupas esfarrapadas, foram-se. É um homem diferente, mais parecido com o pai dos meus irmãos. Sua pele bronzeada parece mais saudável, seus olhos mais vivos e até ganhou peso. Miranda o endireitou, é claro. Ela se propôs a ajudá-lo, na primeira vez que o viu e está cumprindo. Eles parecem muito apaixonados, também. Ficaram na casa de hóspedes que Jorge ocupou. Eles não ficariam, mas Ema insistiu em que esperassem o nascimento.

E os batizou como avós.

O lugar esteve um pouco vazio, ultimamente, Santiago e Adela partiram para cidade, arrastados por Bianca, que por fim, conseguiu que seu irmão enfrentasse sua família de sangue. Ele concordou, porque se deu conta de que já não podia continuar resistindo. Jorge também se foi e deixou Tony aos cuidados de Lucre e Max. E o menor deles, a Léon e Fran, é muito querido e aceite, cuidamos dele todos juntos. Seu pai não o queria perto, metido em seus planos perigosos e teve que deixá-lo, por um tempo curto. Por segurança.

Assim, só eles que estão faltando em nossa sala. Léon está ali, Max e Lucre também. Fran dá uma olhada, às vezes, não querendo perturbar. Miranda e Emilio vão daqui para lá, preparando bebidas e matando um pouco a ansiedade. E eu estou aqui, na sala, amaldiçoando ter ouvido e apoiado Ema, em todas suas decisões. Pensei que a mãe tinha





o direito de escolher como seria tudo, no final das contas, ela sofreria toda a dor e faria o esforço de trazer nosso filho ao mundo.

E estou lamentando ter feito isso.

Porque quis ter o bebê em casa. Deveria ter ouvido os alarmes na minha mente, entretanto, permiti que decidisse, sobretudo porque já estava tomada de medo e pressão, por causa da data aproximando-se rapidamente. Aceitei sua decisão. Isso nos traz para este momento. Luzia, enfermeira e velha amiga, está sobre ela, acariciando o topo de sua barriga, que parece que vai explodir, confortando-a e a animando. E os médicos, ao redor da cama, estão cuidando de tudo. E eu estou na lateral da cama, segurando as mãos de Ema nas minhas, tremendo de nervoso e me sentindo um inútil.

O que posso fazer, além de tremer, com cada grunhido e contração? Porra nenhuma, caralho. Estou orando pela peridural, pois não quero vê-la sofrer mais. Está pálida, cansada, suada e a ponto de desmaiar. Ela é tão teimosa, quer sentir, absolutamente, toda a dor e cada sensação, que significa trazer um filho ao mundo. Bem por ela e por mim? Já disse, estou a um passo de ficar louco.

— Ema, por favor — sussurro, controlando, para não gaguejar. — – Aceite a anestesia, isto é...





Ela aperta minha mão com muita força, não sei se para me calar ou porque está tendo uma contração. Possivelmente ambas.

— NÃO! — Solta em um grito estrangulado — Não-ão-ão-ão!

A palavra em si parece lhe dar forças. Merda, não há problema em querer sofrer, mas, e eu? Estou morrendo aqui! Odeio isso.

— Então usasse camisinha — fala, em meio de outra contração e me dou conta de que falei em voz alta.

Sim, exato. Agora estou pensando, seriamente, nisso. Encherei as gavetas desta casa com camisinhas. Uma quantidade infinita. Sem mais gritos, lamentos e quase paradas cardíacas. Não haverá mais bebês cabeçudos, tentando rasgar minha garota ao meio.

— Lição aprendida — digo, fechando os olhos, quando ela se queixa mais uma vez.

Respirando profundamente, com seus olhos fechados e os cílios molhados fazendo sombra em suas bochechas ruborizadas. Ela morde o lábio e parece que vai tirar sangue, assim, inclino-me e aperto minha boca na sua, dando um beijo lento e suave.





— Mmm — suspira, seu rosto suavizando lentamente. — Obrigada, lindo — murmura, respirando profundamente.

Retiro os pequenos cachos que se grudam na testa e seco com uma toalha, que Luzia me dá, sorrindo com seus olhos verdes suaves. Ela já passou por isso, duas vezes. Sua filha nasceu há pouco tempo, só uns três meses. Na verdade, ela não está trabalhando agora, porque quer dedicar algum tempo a seus bebês. No entanto, está aqui como a boa amiga que é, dando-nos uma mão. Eu, realmente a queria conosco neste dia. Assim que Ema entrou em trabalho de parto, foi a primeira que chamei e logo em seguida, os médicos. Todos chegaram o mais rápido que puderam.

— Já posso empurrar? — Pergunta ela, esperançosa. — Não aguento mais, quero que nasça.

Os médicos sorriem, olhando-a com ternura.

— Bem, Ema — diz a obstetra. — Vamos pela ordem, ok?

Ela assente com energia e na contagem de três, empurra, soltando um grito rouco, que me faz estremecer. Por que ninguém disse que era tão horrível e desesperador? Max é um mentiroso, não pode ter sido tão bom, Lucre teve gêmeos, gêmeos, pelo amor de Deus!





Ema enche os pulmões e fica tensa, espremendo meus dedos. Uma gota de suor desliza por minha testa e a seco com a manga da camisa. Grita uma vez. Duas. Três vezes. Já perdi a conta, quando os médicos começam a se mexer, com antecipação. Estou vendo tudo, como se estivesse atrás de uma janela, então Ema solta um grito final e todos gritam, com a chegada.

Assim, do nada, a pediatra levanta uma massa viscosa e meio roxa em suas mãos e meu queixo cai. Não é uma bola de massa, é meu filho! É pequeno e enrugado. Como um velhinho. Luzia o segura e o coloca deitado de bruços sobre Ema que, imediatamente, toca-o por todos os lugares e o enche de beijos, memorizando cada centímetro dele. Fico sem reação, quando os vejo forjar o vínculo, de uma maneira espetacular. Levaram-no para limpá-lo e então, é nesse momento que começa a chorar. Agudo, alto e insistente.

E é perfeito.

Como se acordasse de um transe, meus movimentos voltam. Quando retornam com ele, é colocado em meus braços. Fico preso nesse segundo, em que meus olhos se chocam com os seus. Não sei se ele me vê, mas é glorioso. Lindo. Suave. Terno. E não posso parar de olhá-lo.

— É lindo — diz Ema, esticando a mão, para nos tocar. — Precioso. E é nosso.





— Sim — sussurro, hipnotizado. — Desculpe por te chamar de bebê cabeçudo — rio, murmurando, beijando sua testa — Minha bola de massa viscosa.

Ele responde com um ruído estranho, vindo dos seus pequenos lábios e fechando os olhos, como se não se importasse com nada mais do que dormir. Retiro tudo o que disse antes, nada disto é horrível. Nem o odeio. Esqueci que faz apenas um segundo estava quase chorando pelo sofrimento de Ema. Agora, vejo-a ser limpa e trocada, com ajuda de Luzia, que se esforça para deixá-la confortável.

— Vá levá-lo, para que os outros o vejam, estão frenéticos — murmura Ema, atrapalhando-se com as palavras. — Depois vou querê-lo só para mim — sorri, piscando lentamente.

Saio da cadeira e vou para a porta, abrindo e fechando. Vou até o fim do corredor e aí estão todos de pé, com os olhos curiosos e bem abertos, em choque. Apresento-os a Franco, alguns choram, outros riem, com emoção. León assobia, com triunfo.

— Damos boas-vindas a outro Leão, gente — fala orgulhoso, levantando Abel no ar e o colocando sentado sobre seus ombros, para que possa ver bem ao recém-nascido. — A segunda geração já está aqui! — Diz ele, batendo as mãos.





E nós rimos. Max infla o peito e sorri de lado, com seu olhar verde dourado, brilhante de orgulho, sustentando um de seus filhos, enquanto que Lucre o olha com felicidade, a seu lado, com o outro bebê contra seu peito.

Claro que sim homem, teremos leões por muito tempo.

Uma jornada de autodescoberta

— Papai? — Chama a ruiva, sem olhar para cima.

Está de pé, junto à sua motocicleta sendo revisada, com as roupas engorduradas e jeans rasgados. As botas de couro gastas, suportando seu peso leve, reto e elegante. Embora, se a olhassem com atenção, pensariam o contrário. Suas mãos não são as de uma garota delicada, a não ser as de uma que gosta muito de motos. Não são limpas como as do resto de suas amigas. É a única que sonha montar em uma viagem e vai conseguir o que quer. Não é à toa que é igual à sua mãe.





— Sim? — Pergunta o homem agachado do outro lado, recolocando certas peças no motor.

Ela sorri, quando seu pai levanta o olhar para o seu, sempre com atenção. Ama-o muito... Bom, ama muito a todo mundo, para falar a verdade. Mas se seu pai é sua fraqueza e sua mãe? Sua loucura. Franco e ela fariam o que fosse por eles, não poderia haver melhores pais. Especiais. Mas, pensando bem, não poderia haver melhor vida. Viver em um lugar rodeados com toda a fúria dos Leões, tinha uma faísca de aventura. Faísca? Não, muito pequena. É um incêndio, grande, poderoso e incontrolável.

Sofia se inclina e apoia os cotovelos no assento da moto.

— Como você acabou com os leões? — Perguntou, com seus olhos castanhos maiores do que o normal, esperando com antecipação.

Ele nunca contou essa história e nem pensou em perguntar. Mas agora, ela considerava seu futuro e queria pertencer. Não que fosse excluída, claro que não, só precisava sair em viagens, como os outros, de uma vez. E precisava saber a história. Todos os mais velhos tinham seu passado, com os acontecimentos que marcaram um caminho sem retorno ao clã. Os que chegaram, nunca suportaram a ideia de partir, era uma enorme massa grudenta, uma vez unida, durava eternamente, nunca se separando.





Alex apertou os olhos, seu olhar inteligente mostrou à sua filha que revivia o momento. Sorriu e continuou a apertar a porca que ajustava.

— Era uma tarde quente, um calor úmido, que o suor já fazia parte de mim — começou, sem vacilar e sem perder o sorriso. — Estava em uma estação de serviço, junto a um hotel decadente, à beira da estrada. No meio do nada. Parei para abastecer e pedir um quarto, havia uma tempestade aproximando-se rápido. Considerei ser inteligente e ficar. Era nosso momento de descanso.

Sofia adora as rugas ao redor dos olhos, quando sorri, demonstra sua personalidade. Sua experiência. Mesmo com a idade, seu pai segue sendo grande, consistente, com seus ombros largos e sua barba abundante, que deixou crescer, com o tempo. E bonito. Ha! Só ela sabe o que passou, em todos os anos de ensino médio, com suas colegas babando por ele. E todos os outros, sendo realista. Os comentários que teve que escutar... Nojento. Agora, há um montão de admiradoras para a nova geração de caras durões, que passeiam pelo povo, como se fossem parte deles. Os meninos levam muito a serio a ideia de serem motociclistas, começaram a montar, inclusive, antes de andar sem cair, endureceram desde meninos e adoram a impressão que causam. Arrogantes e chocando o mundo afora. Não são nada como os mais velhos, que eram mais humildes, sensatos e mais sérios. Embora isso não signifique que





eles façam um trabalho ruim, isso é o que importa e o fazem perfeito. E ela quer tomar parte disso.

Não no segundo grupo, nem o terceiro. Nem ao final do primeiro. Tampouco no meio. Quer um lugar na frente, esquerda ou direita do chefe. Porque, se você desejar algo, que seja grande ou então nada. Mas, embora não foram criados com tendências machistas e que cada moça tenha seu respectivo colete, ainda há reservas que uma mulher se una ao grupo. Mesmo assim, Sofia Castillo, aliás, "Fire", está preparada para enfrentar o que vier.

— E o que aconteceu? — Pergunta ela, desesperada para saber.

— Na manhã seguinte, saí do quarto e fui deixar a chave com o recepcionista. Fui buscar minha moto e escutei um estrondo ensurdecedor, vindo da estrada. Virei-me e ali estavam todos. Um enorme e ruidoso grupo, chegando à estação. O cara que ia adiante chamou tanto minha atenção, que fiquei paralisado, vendo cada um de seus movimentos.

Deu ordens firmes, enquanto outros estacionavam as motocicletas, uma ao lado da outra. Enviou o primeiro grupo por sua carga, então, apoiou-se, despreocupado, em sua monstruosa e preciosa moto, acendeu um charuto e ficou brincando com alguns dos outros, enquanto esperavam sua vez.





Sofia se ajeita, mordendo o lábio com entusiasmo.

— Deixe adivinhar — sorri com picardia. – Você soube, naquele momento, que queria ser parte deles...

Alex ri, assentindo enfaticamente.

— Com certeza, desejei com todo o coração — fala rude e divertido, depois fica sério e pensativo. — Eu perdi tudo, não tinha nada me segurando. Miranda me mandou embora, porque queria que procurasse uma nova razão de existir.

A expressão da garota cai um pouco, está bem a par da história de seu pai. De sua dor, suas guerras internas, suas vitórias e derrotas.

— Os leões significaram isso para mim, pode se dizer que foi amor à primeira vista. Foi uma loucura. Seus coletes, seus portes, os monstros que conduziam. Com apenas um olhar, transmitiam força, temperamento, sangue quente, que corria por essas veias cheias de coragem e tenacidade. Qualquer um pensaria como eu, qualquer um se esforçaria por chegar ali e entrar no círculo...

— Você buscou sua chance — completa Sofia, pegando uma chave. Alex bufa e nega, rindo de si mesmo.





— Nem de longe — ri. — Fiquei ali não sei por quanto tempo, até que León notou-me. Literalmente. Ele girou um pouco o rosto, como uma chicotada e cravou seus olhos entrecerrados pelo sol, em mim. Saí do transe e me movi. Longe. Fui procurar minha moto, com o coração acelerado, não sei por quê. Acho que me assustei, pela intensidade de seu olhar. Estava a ponto de montar, quando falou em minhas costas, aproximando-se. Disse: "*ei, menino, boa máquina a que têm aí"* eu neguei e ruborizei. Os dois sabíamos que era uma sucata, ao menos em comparação com as que eles tinham, uns metros mais à frente. Eram todas Harleys, a minha não era nada, em comparação a elas. Mas a amava, foi meu primeiro pertence na vida. O primeiro que pude pagar com esforço e chamar de meu.

Sofia engoliu um nó apertado em sua garganta e assentiu, envolvida na história. Imaginou aquele momento e o jovem que devia ser seu pai. Ela e Franco tiveram de tudo na vida, ao contrário do homem. Mas sempre trataram de merecer, porque sabiam, através das experiências dele, o que era nascer sem ter absolutamente nada e passar a vida quase descalço.

— Eu disse: "*é*", porque meu amor e orgulho por ela não me deixariam negar o comentário. León sorriu e assentiu, olhando, genuinamente, a moto. Senti-me envergonhado por um momento, mas, em seguida, endureci, porque não havia razão para estar. *"Leva-me a*





todos os lugares, faz centenas e centenas de quilômetros e não se rende", prossegui, *"é minha fiel companheira".* Os olhos azuis se abrandaram com simpatia, mas, embora eu estivesse tenso e desconfiado, agora sei que era impossível que ele me olhasse mal ou se aproximasse com más intenções. León era sincero de verdade. Sem querer me escapou: *"é tudo o que tenho, que não me abandona".* Até hoje em dia, eu não entendo o porquê disse aquilo, eu não gostava de falar sobre mim e muito menos com um estranho. E acabava de soltar algo importante, que podia fazer-me vulnerável, não me dei nem conta do que fiz. Baixei a guarda...

— Leon tem esse dom, pai — diz ela, sorrindo com simpatia e doçura. — É especial.

Alex concorda.

— Não há na terra outro homem como ele, tenho certeza — confirma, olhando nos olhos de sua filha, tão parecida com Ema.

— Ele convidou você a participar?— Insiste a garota.

— Conversamos durante um tempo, fui me abrindo como um livro e, sem dar conta, ele leu e compreendeu. Então, quis saber para onde me dirigia... "*A algum lugar"* respondi, olhando para longe. *"Está em uma viagem de autodescobrimento, não é?"* ele sorriu, cruzou os braços, demonstrando interesse em mim. Assenti, *"na realidade*





vou em busca de um novo futuro, uma nova essência. Irei aonde a vida faça meu coração bater mais forte" anunciei e nunca fui mais sincero, do que nesse momento. Realmente, acreditava. Ali, de pé, junto à minha moto, conversando com um completo estranho, tive esperança de que encontraria meu lugar.

Sofia limpa uma lágrima às escondidas, a maldita acaba de escapar pelo canto do olho. Ela suspira em silêncio, sem perder o olhar profundo de seu pai, que é sugado pela lembrança.

— *"Seu coração bateu mais forte, quando nos viu chegar?"* Quis saber a sério. Quase ri, um pouco sem graça, porque era uma pergunta estranha para se fazer. No entanto, como acabei de revelar uma boa parte de mim, aceitei seu interesse e não me senti enganado, nem pressionado. Só confirmei, sacudindo a cabeça firme, com decisão. E olhando em seus olhos. Porque, realmente, meu coração saltou, com a primeira impressão. Ele me perguntou quantos anos tinha e se surpreendeu, quando disse que tinha quase dezoito. *"Tem o tanque cheio, verdade, menino?"* Perguntou, esperou e assenti. *"Quando formos embora, você tem permissão para se unir ao grupo. Isso, se ainda sentir essa faísca no peito".* Ele piscou para mim, sorridente e se virou, para retornar e abastecer, com o resto de seus companheiros. Não duvidei em unir a eles, mesmo que minha moto não conseguisse seguir as deles. Segui-os, todos me permitindo





ficar em último lugar, sentindo-me bem-vindo. Nem sequer perguntei aonde terminaria a viagem, fui às cegas e estava emocionado, pela primeira vez na vida.

A moça sorriu, com os olhos úmidos, piscando, para ver melhor o rosto de seu pai.

— E te levaram até fim do mundo — sussurra.

Alex fica de pé e a enfrenta, com um sorriso em seus lábios e os olhos emocionados.

— E me levaram até o fim do mundo...

Um vislumbre do futuro

A garota entra em casa, deixando para trás o cortante frio do exterior. Dentro, encontra sua mãe junto à janela, com os olhos fechados, sentindo um pouco do sol da quase primavera, entrando através do vidro.

— Ma — fala e a beija na testa.

Ema sorri, levantando a mão ao rosto de sua filha, para notar seu sorriso. Na mesa, Franco está concentrado, copiando um romance para o sistema braile. Sofia





aproxima-se e bate um punho com o seu seu irmão dando-lhe um sorriso. Não importa que já esteja quase com vinte e cinco anos, grande e desajeitado, nessa sala e cumprindo essa tarefa, segue fiel à rotina dos sábados. Passar tempo com a mãe. Desde pequenos, os dois se revezam, para transcrever os romances que acreditam que sua mãe gostaria, ao sistema de pontos, para que tenha a possibilidade de ler. Mesmo passando pelas cenas quentes, que deixavam suas bochechas vermelhas de vergonha.

— Em qual parte está? — Pergunta, sentando-se de frente a ele. Franco a olha.

— Cheguei à parte em que lorde Holloway mata o conde e fica com sua esposa — levanta uma sobrancelha — Já não ouvimos esta história?

Sofia sorri e, mais à frente, Ema levanta-se e vem a eles, interessada.

— Um herói, lorde Holloway — ela suspira, e seus filhos riem — Agora, estou com vontade de lê-la...

— Não falta muito para o final, ma — disse Sofia, saindo da cadeira. — Esta noite vou traduzir o epílogo, juro... Isso, se Franco terminar os últimos dois capítulos — cerra os olhos para ele, desafiando-o.

Franco pisca o olho, prometendo fazê-lo.





— Aonde vai? — Pergunta Ema, sentindo que sua filha vai para o corredor.

— Chuveiro, vou ao bar — avisa, parando. — Despedida. Os meninos vão embora pela manhã.

Ema assente e toma o lugar, que acaba de deixar livre. Sofia entra em seu quarto e procura por roupa limpa. Apesar de já ter vinte anos, segue vivendo com seus pais, poderia se mudar e ter mais privacidade em um apartamento, mas quer passar mais tempo com eles. Se conseguir ganhar um lugar no grupo, haverá épocas nas quais não os veria com tanta frequência. Não, em realidade, vai conseguir um lugar, o "se" é muito longo.

Escuta seu irmão vir e ficar olhando para ela, a porta aberta é todo o incentivo que precisa. Apoiando o ombro no arco da porta, cruza os braços e a observa com desconfiança.

— Você vai falar com Abel? — Pergunta, interessado.

Sofia dá de ombros, ainda sem saber o que fazer. A verdade é que enfrentar Abel é um pouco complicado para ela. O cara continua vendo-a como uma menina de dez anos. É lógico, viu-a crescer, há quase sete ou oito anos. A resposta para montar vai ser um sonoro não.

— Talvez — responde, procurando um sutiã limpo.





— É hora de que o enfrente e diga que quer ir. — disse firme. — Eu não farei isso por você...

Ela para e o enfrenta, amigável, mas firme, ante as palavras de seu irmão mais velho.

— Eu nunca te pedi que fizesse isso por mim. — lança, franzindo a testa. — Sou forte o suficiente e capaz...

Ele põe cara de pôquer e ela suspira, voltando para sua tarefa anterior, depois consegue uma toalha e espera que seu irmão saia, para passar, em direção ao banheiro.

— O quê? — ele olha sorrindo, como o gato da Alice no País das Maravilhas.

— Vá e se ponha linda, para falar com ele, mostre seus encantos. — Inclina a cabeça para o lado e com suas mãos, forma bolas na frente de seu peito.

Embora pareça impossível, ela ruboriza e reage, usando a toalha como um chicote, atingindo seu irmão na cara. Franco solta uma gargalhada.

— O que te faz pensar isso? Huh? — Ela fala.

Ele assinala a cama a suas costas com o polegar, onde ela colocou a roupa que vai usar.





— Escolheu a camisa mais decotada que têm. — disse, erguendo as sobrancelhas, insinuante.

Ela nega, revirando os olhos em branco e entra no banheiro. Logo depois da ducha, troca-se, seca o cabelo comprido, vermelho e encaracolado. Isso faz que ele fique mais encaracolado e cheio. Suspira e deixa de lado vai direto colocar o colete. Enquanto o faz, sonha acordada com um bom patch bordado na frente. Dá um sorriso torto.

Na sala, despede-se de sua mãe, que agora está sozinha, esperando que Alex retorne da oficina. Decide aguardar um momento por ele, ficando com ela. Sentam-se à mesa, e conversam sem parar. Até que Ema, muito intuitiva, traz à tona o tema que vem rondando a cabeça por algum tempo. Suspeita o que é que Sofia está procurando.

— Então... Você vai montar? — Pergunta.

— Se o líder deixar — comenta a garota.

Ema ri.

— Oh, não acredito que negue — diz sua mãe, segura da capacidade de sua filha. — Seu pai te contou como conheceu o grupo?

— Sim, esta tarde, enquanto consertávamos minha moto — responde a jovem, sorrindo.





Ema assente, pronta para dar conselhos por causa disso.

— Ganhe seu espaço, como ele fez — esticou a mão e pegou na sua. — Começou montando na parte de trás e foi subindo de posição, até que estava muito perto de León...

— Por que diz isso? Não acredita que quero começar de baixo? — Disse Sofia, surpreendida.

Ema ri, como se acabasse de contar uma piada de mau gosto.

— Filha, eu te conheço, não vai pela última posição. — Dá-lhe um tapinha na mão. – Quer estar à frente e não duvido de que seja capaz. Só te aconselho que seja menos impulsiva, mais humilde e aceite ganhar, pouco a pouco, seu lugar. Não tenha tanta ambição.

Bom, claro que sua mãe a conhecia. Eram iguais. E faz sentido que a aconselhe seguir o caminho de seu pai, que começou montando no último da fila. Esforço, batalha, realização. Ela poderia, claro que sim. Era forte, decidida e a maior parte das vezes, conseguia o que queria.

A porta se abre, Alex entra e tira o casaco. Sofia salta de sua cadeira, beija a bochecha de sua mãe e, antes de sair, ataca a seu pai, com um abraço de urso. Ela pergunta se ele vai para a despedida e ele responde que não, que irá





cumprimentar os meninos amanhã cedo. A garota sorri, porque sabe que ele prefere mil vezes ficar em casa, com a mulher que ama.

Antes de entrar no bar, escuta o barulho e tem um sorriso gigante, ao abrir a porta para entrar. Em seguida, vê os meninos por todos os lados, Adela e Esperanza estão no bar preparando as bebidas. Hoje, nada de álcool para os que viajarão amanhã, é melhor não arriscar. Um pouco antes de fechar, Esperanza a vê e levanta uma mão, para que fique aí. Sofia ergue uma sobrancelha, esperando. A música para.

— Espera, espera aí — pede frenética. — Temos sua música.

Move um dedo sobre o som e começa "I am the fire" do Halestorm. A ruiva solta uma gargalhada alta e começa a mover os quadris, embainhados em um jeans justo, fazendo a entrada de sua vida. No refrão, levanta os braços e indo, ao mesmo tempo dos gritos do Lzzy Hale. Dobra os braços para cima, como avultando os bíceps e as garotas fazem a festa, do bar. De repente, é levantada no ar, encaixada nas costas de um dos gêmeos, que a leva de cavalinho até o bar, onde estão suas amigas. Sofia se agarra a ele, enquanto grita e ri, rodeando-o com as pernas, para não cair. Seu irmão, Franco, está mais à frente, divertido com a festa e a olhando com adoração. O outro gêmeo se dobra pela cintura, ficando sem ar, pela risada que causa o espetáculo. Abel observa





tudo com sua expressão inteligente e amadurecida, embora sorria, parece estar aborrecido. Ugh, quando se tornou tão chato?

Sofia o ignora, enquanto pensa em tomar um par de tequilas, antes de enfrentá-lo.

É deixada sobre seus pés, junto ao bar e não perde tempo, pede a primeira bebida. Enquanto o álbum inteiro de sua banda favorita toca, nos autofalantes, a toda fúria. Isso lhe dá força e para a hora, é o que precisa, para ter coragem de procurar o líder. Abel Navarro, aliás, "Ice". E é toda uma contradição, que tenha que enfrentá-lo. Mas espera, o fogo sempre derrete o gelo. Foda-se!

Sacode a cabeça, para clarear as ideias e o busca com o olhar. Encontra-o na ronda, entre Medina e seus dois irmãos, Julián e Elías. Endireita-se e caminha para ele, pisando firme, fazendo dançar seu cabelo encaracolado, comprido e despenteado.

— Quero falar com você — entra na ronda e aponta com o dedo.

O tipo é toda perfeição, com seu cabelo negro grosso agarrado em um nó descuidado na nuca e olhos turquesa espelhados. Olhou-a, levantando uma sobrancelha com arrogância. Bem, não é por menos que lhe chamam de Ice. Seus olhos podem ser frios como o mais rigoroso inverno no





fim do mundo, inclusive mais. Com os olhos, dá uma ordem em silêncio e os homens saem. Deixam-nos sozinhos. É como se todo mundo soubesse o que ela quer, menos Abel. Sofia suspeita que a ignore de propósito.

— O que quer, vermelha? — Pergunta ele, levando uma garrafa de água aos lábios.

Seus lábios... Sofia pisca e se enrijece, recompondo seus neurônios.

— Quero ir amanhã — traga, nunca abandonando seus olhos. — Preciso de você, para me deixar tomar o último lugar no grupo.

Ele sorri e a olha, fixamente, no rosto. Quem sabe o que pensa...

— Sério? — Deixando escapar uma risadinha. — Por acaso, chegou aos dezoito?

Sofia abre a boca, em choque, um rubor poderoso e quente a invade, do pescoço até o couro cabeludo. Nem sequer sabe sua idade! A raiva a consome, em um piscar de olhos e vai à frente. Agarra-o pela frente da camisa e o empurra contra a parede.

— Tenho vinte anos — sibila em sua cara, ficando nas pontas dos pés, para estar mais perto de sua altura. — Vinte — repete.





Retrocedeu um passo e com o indicador tocou a têmpora, dando pequenos golpes.

— Grave isso.

Saiu dali, um pouco deslocada e com raiva. Ele a menosprezou, é um idiota monumental, não sabia quando ficou assim. Não vale a pena perder seu tempo com ele. Melhor usar o plano B. Agarrando o braço de Nicolas Medina, levou-o acima, pelas escadas.

— Algum problema, fogosa? — Pergunta, jamais vai levar algo a sério.

Sofia se aproxima, decidida.

— Quero montar — diz agitada.

O homem fica com a boca aberta por um par de segundos e depois lhe dá um sorriso cheio de segundas intenções.

— Quer montar, é? — estuda-a, olhando de modo apreciativo seu corpo. — Mas aqui não podemos, vão nos ver...

Ela põe os olhos em branco e lhe dá uma bofetada do lado da cabeça.

— Fique sério, Medina — grunhe, suspirando com frustração.





Ele limpa a garganta, abandonando seu decote e trocando a expressão, para uma concentrada.

— O que posso fazer por você? — Quer saber.

Finalmente, ele fica sério e deixa de paquerar e brincar.

— Quero que me dê aquele líquido, que uma vez usou com meu irmão, naquela brincadeira...

Ele inclina a cabeça a um lado, tentando lê-la, com seus olhos castanhos dourados. Finge pensar por um momento, mas não muito.

— Bom, em um momento dou-lhe — concorda facilmente, surpreendendo-a. — Não deveria, mas estou curioso para saber em que cagada vai se meter, desta vez.

Nicolas dá um tapinha carinhoso na sua bochecha e a deixa sozinha. Antes de descer as escadas, ela adiciona:

— Oh, eu não serei a cagada — ri, maliciosamente.

Na manhã seguinte, é a primeira a chegar ao bar e preparar café para todos, para que se esquentem, antes de sair para estrada, enquanto se despedem das famílias e do resto que fica. Os viajantes começam a aparecer e logo o bar está lotado. Distribui os cafés junto com beijos na bochecha, como bom dia, recebe elogios de alguns, com galanteria e simpatia. Sua expressão doce, em realidade,





significa resolução. Entrega uma xícara a um sonolento Nicolas, que tem marca de travesseiro na bochecha, ele a agarra, sem sequer olhá-la e começa a tomar.

O plano macabro está em marcha.

Estão todos se acomodando e fazendo rugir os motores, para esquentar as motos, quando o gêmeo vem em sua direção correndo, direto para atacá-la.

— Desgraçada, vou te matar — ruge, quase sem voz.

Tem o rosto vermelho e cerra a mandíbula com força. Sofia lhe dá um tapinha no peito largo com a mão, fingindo inocência.

— Usou as gotas em mim — ofega ele, suando e quase pulando em seu lugar. — Vai me pagar por isso.

— Considere um pagamento, pelo dia que meu irmão passou preso no banheiro — ela pisca radiante, ele solta ar, violentamente, pelo nariz. — Tudo volta. Agora... Diga as palavras mágicas.

Ela pede, estalando os dedos, sorrindo, como se ganhasse dez loterias juntas. Nicolas não quer dizer, mas um grunhido escapa por sua garganta, à medida que o suor escorre pela testa, em forma de gordas gotas, que começam a escorrer abaixo.





— Pode tomar meu lugar, harpia — cospe, depois sai correndo para longe de todos.

A garota corre para o esconderijo, onde deixou sua bolsa de viagem e a pendura no ombro. Sua moto já está pronta, no estacionamento. Deixará o primeiro grupo ir, com Abel à frente e ela os seguirá, com uns minutos de diferença, até alcançá-los e entrar, exatamente, no espaço vazio de Medina, que falta. Mas isso tem que dizer, é bem perto do topo.

O primeiro grupo se vai, com todos a bordo e ela se despede de sua família, dizendo a verdade. Nicolas lhe cedeu seu lugar, porque se sentia mal, ninguém tem que saber os motivos, não é? Encontra sua moto vermelha, faz rugir o motor, como bem sabe. Orgulhosa, monta e coloca o capacete. E parte, para alcançar os outros. Não demora muito em fazê-lo, está chegando ao final da fila, quando os últimos começam a notá-la e ela sorri com glória. Eles a aceitam, sem hesitação, acenando com a cabeça, em boas-vindas. E ela devolve o gesto, agradecida.

Mas isto não é o suficiente, seu ingresso tem que ser mais dramático e inesquecível.

A arrogância não tem limites e hoje está cheia dela, por sua vitória. Sabe que quebrou as regras e falhou com o líder, mas depois da estúpida conversa que tiveram na noite anterior, ele passou a ser o menos importante. Ela sai da fila e acelera, passando por cada





integrante. Ao deixar para trás seu irmão, dá uma olhada e distingue seus olhos de lobo cerrando, dentro do capacete. Está rindo, porque ela conseguiu e ele sabe bem que realizou alguma manobra duvidosa e não muito legal, para estar ali. Mostra-lhe o polegar enluvado e segue adiante, acelerando.

Ela fica lado a lado com Abel e espera que a note. Não sem antes soltar a correia do capacete e tirá-lo, deixando seus cachos voar ao vento. Agita a cabeça e sorri, quando nota que ele fica boquiaberto. Seus olhos arregalados e brilhando com surpresa. O enorme sorriso que lhe dedica obriga-o a franzir o cenho.

Não ignora o fato de que a irmãzinha de Franco acaba de jogar de uma maneira espetacular, colocando-o à prova e o enfrentando, como se não fosse nada. Entretanto, não exige que ninguém pare, nem ordena que ela volte. Decide testá-la e, ao final da viagem, dará seu veredicto final.

Pouco a pouco, Sofia instala-se no lugar que pertence a Nicolas, junto a seu gêmeo, que a olha divertido. Sente-se radiante. Vitoriosa. Poderosa. Imbatível. Agora encontra-se no lugar correto, porque foi para isto que sua mãe a trouxe ao mundo e nunca esteve mais segura de algo.

E, além disso, como era de esperar, o fogo venceu o gelo. ´





Fim

Furia de los Leones MC #4





Por favor, não publique nossos arquivos no Facebook

Se você viu algum arquivo do PL no facebook, sem a nossa autorização,
converse com a moderação.
Se você gosta dos livros do PL ajude!!
Quem gosta, respeita nosso grupo!
Não publique diretamente no Face,
não expondo o grupo de
forma desnecessária.

Não aceitamos reclamações sobre as traduções do grupo!

Se não gostou, leia o livro no idioma original

Equipe Pegasus Lançamentos